

Bibliothek

RELIGIONSGEMEINSCHAFTEN

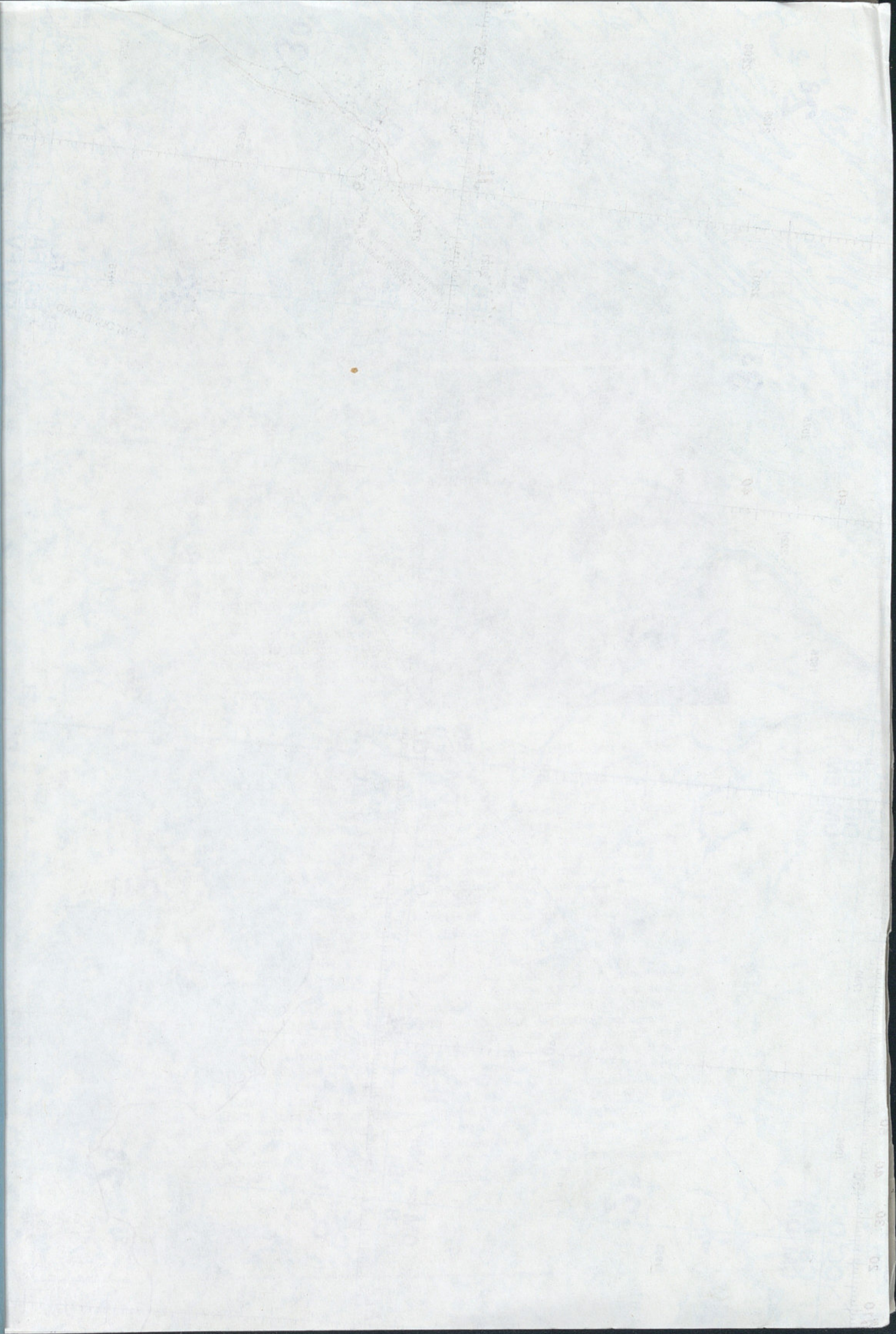
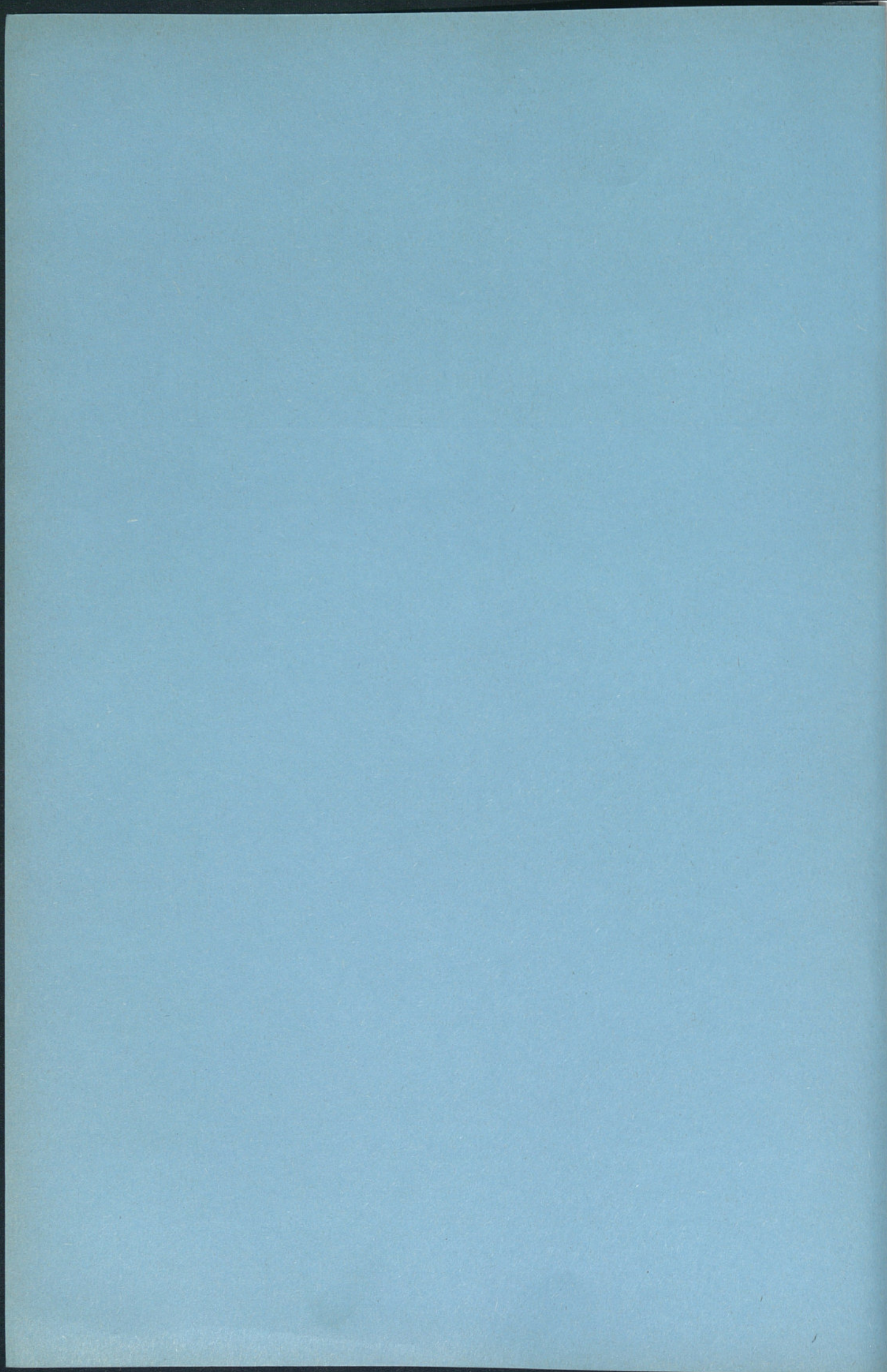
1971

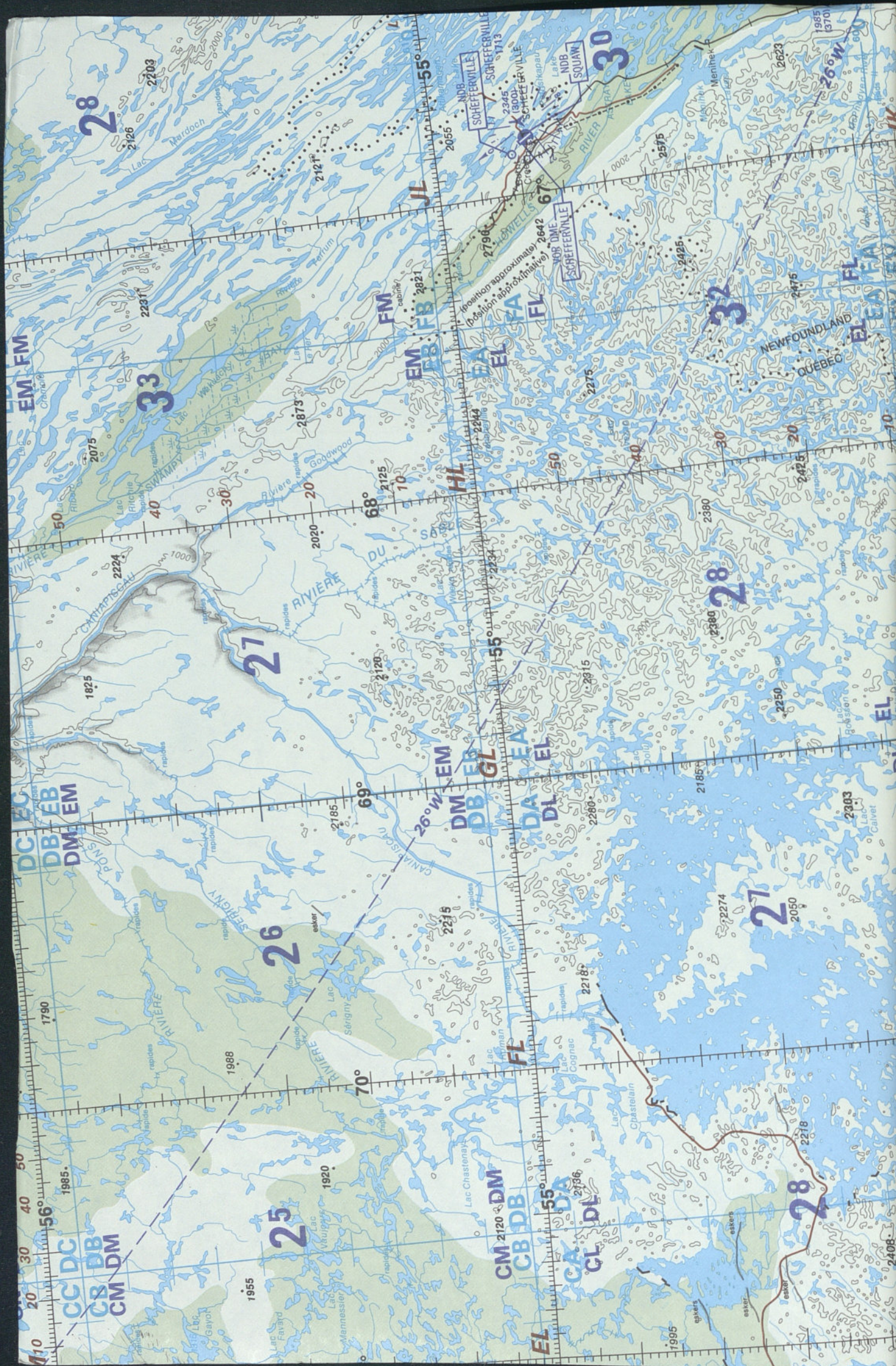
Institut für Brasilienkunde

RE 69.13

Bibliothek

16.06.11





O festival: gente séria na platéia...

Budismo brasileiro

O clima sugeria um animado happening tropicalista. No grande palco do Parque Anhembi, em São Paulo, índios com feições orientais esbarravam num Pedro Álvares Cabral que não dissimulava sua origem nipônica. Em sucessivos quadros de dança, foi feita a louvação tanto da princesa Isabel (com os cabelos cuidadosamente oxigenados e cercada por solícitos escravos amarelos) como do desenvolvimento industrial brasileiro, culminando com a aparição de uma óbvia escola de samba. Mas nem mesmo o passo em falso do bailarino principal de um dos quadros alterou o comportamento dos 12 000 espectadores, que durante todo o tempo aplaudiram educadamente os esforçados atores do 3.º Festival Cultural da Paz, promovido nos dias 16 e 17 pela seita budista Nitiren Shoshu.

Nem poderia ser diferente. Afinal, quase todos os 870 artistas eram amadores precariamente amparados por uma verba de 150 000 cruzeiros reunida pela seita — e entre a platéia apenas duzentas pessoas não eram budistas. "Os festivais culturais não têm conotações religiosas muito profundas", explica Nelson Honda, 36 anos, um ascético dirigente da seita. "Mas esta nossa alegria", ressalva, "evidencia a força vital que a prática do budismo dá a seus seguidores." De fato, nem a chuva fina e fria que voltou à fisionomia paulistana na semana passada conseguiu abalar o entusiasmo dos participantes do encontro.

Doença e vestibular — Atrelado ao tema "Brasil, Terra da Esperança", o festival procurou homenagear, segundo seus organizadores, um país que só perde, em número de adeptos (25 000 famílias), para o Japão (7 milhões de famílias) e os Estados Unidos (100 000) — isso apesar de a seita haver chegado ao Brasil há somente quinze anos. "A Nitiren Shoshu", informa Honda, "foi fundada no Japão em 1930 e é uma das 30 000 ramificações do budismo."



...e índios-japoneses no palco

Ele mesmo faz questão de esclarecer, entretanto, que as fronteiras entre a maioria de suas ramificações são quase imperceptíveis. "No fundo", diz, "todas aceitam sem restrições o principal mandamento do budismo: devotar a vida a uma causa nobre." E também professam a tese segundo a qual a felicidade ou infelicidade de um indivíduo depende de acertos e erros cometidos em vidas passadas — o que transforma uma existência na purificadora preparação para os próximos retornos a este mundo.

Para alguns dos seus seguidores, no entanto, a filiação à Nitiren Shoshu é também capaz de eliminar incômodos tormentos terrenos. O promotor público Carlos Kaimoto, por exemplo, aproveitou os intervalos do festival para comunicar a dezenas de curiosos interlocutores sua singular receita pessoal. "Basta recitar e praticar", diz ele, "os preceitos do Gohonzon" — um pergaminho que sintetiza os preceitos formulados por Buda há 3 000 anos. E Kaimoto conclui: "Isso permite que se encontre a energia vital cósmica capaz de garantir tanto a cura de doenças como a aprovação nos vestibulares das universidades".

Os pecados patrióticos

Parciam pequenos profetas da desordem, a pregar costumes desconhecidos. No Grupo Escolar Cidade dos Meninos, em Santo André, São Paulo, aqueles excêntricos alunos começaram a falar de culpas jamais imaginadas pelos seus colegas — como o pecado de cantar o Hino Nacional, de compor uma oração em homenagem à bandeira brasileira, ou de marchar nos ensaios para o mês de Setembro.

A primeira explicação do estranho comportamento veio de Raquel de Sousa, oito anos, segundo primário, que,

considerado um subversivo. Estamos vivendo a redenção do Brasil com a Revolução de 1964 e é preciso ensinar a amar a pátria". Por isso, sempre que entra numa sala de aula, ela convida: "Crianças, vamos dar um viva ao Brasil".

Mas as testemunhas não atendem ao convite: o nacionalismo nada lhes significa. "Como Cristo, somos cidadãos do mundo", dizem. E o tempo é pouco para tudo que não seja a pregação do reino de Deus: elas acham que a atual ordem mundial está no fim. Logo virá um mun-



As testemunhas tentam converter os descrentes para levá-los ao Paraíso (no desenho, como é imaginado por "Sentinela", a revista da seita)



olhando firme através das lentes grossas de seus óculos, disse: "Oração eu só faço para Jeová. Eu sou testemunha de Jeová. E não canto: todo hino que não seja uma prece a Jeová é profano". Os 21 colegas de fé de Raquel que estudam em Cidade dos Meninos acrescentam que também não podem repetir o verso do Hino Nacional "Pátria amada, idolatrada, salve, salve". Amar assim a pátria, as próprias palavras dizem, é idolatria — e uma testemunha de Jeová não pode adorar ídolos (o que sem dúvida é levar ao exagêro as recomendações de Deus ao povo judeu).

O conflito — Mas as convicções religiosas dos pequenos discípulos encontraram sério adversário nos conceitos que a diretora Olga Brandão formou sobre patriotismo, desde "a escola de 1944, quando o ensino de moral e civismo era rígido". Na sua opinião, qualquer diretor que negligencie a matéria "pode ser

do sem divisões políticas ou ideológicas, sem ódios e sem a morte, governado por Cristo. Isso deverá acontecer dentro de poucos anos — precisamente, em 1975. Por isso as testemunhas de Jeová entregam-se inteiramente à pregação do Evangelho, sem participar da política e recusando-se a prestar o serviço militar. (No Brasil, todos os anos, dezenas de adeptos da seita, em idade de servir o Exército, negam-se a fazê-lo e têm seus direitos civis cassados.)

Toda testemunha é de fato ou potencialmente um ministro. Recebe treinamento intensivo nos seus "salões do Reino" (os templos), estudando principalmente a Bíblia, e sai de porta em porta fazendo sua pregação. A sua tenacidade pode ser sentida em números. Em 1969, seus 1 336 112 "publicadores" pregaram durante 239 769 076 horas.

A conciliação impossível — Na reunião com os pais das pequenas testemu-

nhas, convocada pela diretora Olga Brandão, não foi encontrado o caminho da conciliação após três horas de debates. Dona Olga começou falando da necessidade de se cultivar o espírito patriótico entre os alunos e esclareceu que as aulas de moral e civismo eram exigidas pelo Ministério da Educação e Cultura. Depois explicou, com o dicionário na mão, que, quando se diz "oração à bandeira", a palavra oração não tem significado religioso, mas quer dizer apenas "frase".

As testemunhas não cederam, apoiando inteiramente os filhos e aproveitando a reunião para pregar sua fé aos professores. Algumas mães haviam escrito anteriormente cartas, dizendo não se importar com as punições ou mesmo expulsão das crianças. "O importante", dizia uma delas, "é que minha filha continue testemunha de Jeová." E dona Olga, que se orgulha por ser sua escola a única a guardar em vigília cívica, no dia Sete de Setembro, o "fogo da pátria" aceso no paço municipal de Santo André, resolveu dispensar provisoriamente os alunos rebeldes do hasteamento da bandeira, de cantar o Hino e dos ensaios para o dia da Independência.

Segurança nacional — A ata da reunião, juntamente com um ofício, foi encaminhada à Secretaria da Educação do Estado. A secretária Esther Figueiredo Ferraz convocou uma representante da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, nome oficial da seita. O encontro durou quinze minutos, também sem resultado. Posteriormente, a Sociedade enviou ao MEC um longo requerimento expondo seus pontos de vista religiosos e pedindo que os alunos pertencentes à seita fossem dispensados das aulas de Educação Moral e Cívica quando assim o desejassem. E a Secretaria da Educação consultou, por escrito, o presidente da Comissão Nacional de Moral e Civismo, almirante Benjamim Sodré, e agora aguarda seu parecer.

Para a secretária, a insubordinação das pequenas testemunhas é mais grave do que parece. "A Educação Moral e Cívica", diz ela na consulta à Comissão, "constitui disciplina e prática educativa do currículo escolar. As superiores razões de ordem pública que a inspiram estão indissolúvelmente vinculadas à própria estabilidade da nação brasileira."

Enquanto a solução não chega de Brasília, algumas testemunhas de Jeová cogitam de fundar uma escola só delas, para evitar problemas semelhantes. Outras, cujos filhos estudam no grupo Cidade dos Meninos, pretendem transferi-los para escolas onde as exigências relacionadas com a matéria sejam mais amenas. Raquel de Sousa já saiu — está em outro grupo escolar, onde, por enquanto, não a mandaram cantar o Hino.

VEJA



Chico Xavier no centro do auditório silencioso: quase cinco horas de perguntas e respostas sobre tudo

29.12.71V

O astro incrível

A maior atração da televisão brasileira em 1971 contraria algumas das regras mais elementares do fascínio sobre grandes públicos. Tem voz monótona, efeminada. Demora-se mais que o necessário mesmo nas explicações mais simples. Usa uma linguagem empolada, povoada de metáforas óbvias e gastas. Praticamente não se movimenta em cena: sentado, balança-se o tempo todo na poltrona, de modo irritante. Seu único gesto, repetido desajeitadamente, é o de, às vezes, ajustar os óculos.

Tantas limitações, no entanto, não perturbaram nem diminuíram o sucesso do médium de Uberaba, Chico Xavier, no "Pinga-Fogo" especial de segunda-feira da semana passada. Durante quase cinco horas pesadas de perguntas e respostas sobre divórcio, hippies, pena de morte, censura, reencarnação e mais uma dezena de assuntos variados, ele prendeu a atenção de uma platéia na maioria idosa, que superlotou o auditório da TV Tupi de São Paulo (capacidade para quinhentas pessoas). O número de telespectadores ainda é incalculável: quatro emissoras transmitiram em cadeia e catorze outras haviam encomendado vídeo-tapes com urgência. (Esses tapes, mais os nove intervalos com dez comerciais cada um, devem ter rendido acima de 150 000 cruzeiros à Tupi.) Antes do programa, mais de cem perguntas já haviam chegado à estação por escrito ou por telefone; outras duzentas foram fei-

tas pelos três telefones que não pararam de chamar durante a entrevista. Na tarde de segunda-feira, o superintendente da Tupi, Orlando Negrão, entrou em pânico: os oitocentos convites existentes já estavam distribuídos e precisava conseguir um para dona Zilda Natel, mulher do governador paulista.

Pela quinta vez — Em julho, no mesmo auditório, Chico Xavier deu a sua primeira entrevista ao "Pinga-Fogo": audiência quase total (75%) e pedidos insistentes para reprises. Esses pedidos foram atendidos três vezes, sempre com audiência acima de 25% (muito alta para um programa que começa depois das 10 da noite e dura mais de quatro horas). A entrevista da última semana seria, portanto, a quinta aparição de Chico Xavier neste ano. E ele próprio, em



Xavier: surpreso sobremaneira

suas palavras iniciais, declarava-se surpreso com tanto interesse: "Sinceramente, devemos confessar que estamos aqui numa posição imerecida. Emprestou-se tamanha solenidade a este programa que, sinceramente, nos surpreendemos sobremaneira".

O plural majestático e o estilo retórico durariam até o final. Habilmente, Chico Xavier salientou seu respeito pelas autoridades ("... rogamos aos nossos benfeitores espirituais que nos assistissem, que nos inspirassem para que a palavra que eu possa dizer não venha a ofender os nossos governantes, as nossas leis, as nossas autoridades, porque nós sabemos que sem lei nós rolaríamos no caos"). Com isso, evitava problemas como o enfrentado há três meses por Sílvio Santos, Flávio Cavalcanti e Chacrinha, quando levaram aos seus programas a umbandista carioca que se apresenta como "Seu Sete da Lira". E o "Pinga-Fogo" seguiria em paz até o último ato: um poema de exaltação à pátria, psicografado diante das câmaras e do auditório silencioso. O poema, com o título de "Brasil", tem versos de rima nem sempre ricos ("Dos sonhos de Tiradentes/ Que se alteiam sempre mais/ Fizeste apóstolos, gênios/ Estadistas, generais", ou "Desde o dia em que nasceste/ Ao fórceps de Cabral/ O tempo se iluminou/ Na Bahia maternal") e é atribuído a Castro Alves.

Com casca e tudo — Almir Guima-

continua na página 66

VEJA

continuação da página 64

rões, apresentador do "Pinga-Fogo", procurou quebrar o clima solene de expectativa anunciando ao convidado que era chegada "a hora da onça beber água". O radialista Vicente Leporace, um dos cinco entrevistadores da noite, reforçou a quebra de clima: autorizado por Chico Xavier, tratou-o "de mineiro para mineiro, com casca e tudo". E fez a primeira pergunta: a morte trunca as pesquisas de um cientista ou "êle, depois de morto, pode continuar na evolução do espírito"? Segundo Chico Xavier, a morte não interrompe as pesquisas. O deputado e jornalista Freitas Nobre (MDB de São Paulo) fez a segunda pergunta: que significado tem o Natal para o espiritismo. Segundo Chico Xavier, o Natal é e continuará a ser importante. O parapsicólogo Ernani Guimarães Andrade apresentou a terceira pergunta: queria uma opinião sobre a reencarnação. Segundo Chico, as pesquisas sobre o assunto são da maior importância para os destinos da humanidade. O quarto entrevistador, repórter dos Diários Associados, Durval Monteiro, tinha uma dúvida séria: "...será que a máquina fria, calculista, violenta, vai conseguir estrangular o homem"? Segundo Chico Xavier, a pergunta era "muito válida" e sobre ela "precisamos estudar intensivamente". O quinto entrevistador, repórter da Tupi, Saulo Gomes, quis saber "o que pensam os chamados benfeitores espirituais quanto à posição do Brasil atual". Segundo Chico, "sem qualquer expressão eufemística, declaramos que a posição atual do Brasil é das mais encorajadoras e das mais dignas".

Glória a Deus nas alturas — Qualquer outro programa razoável de televisão tem mais atrativos que a entrevista de Chico Xavier. Sorriso por sorriso, o de Sílvia Santos é mais cativante. Simpatia por simpatia, a de Hebe Camargo é mais convincente. O gesto de ajustar os óculos tem mais charme executado pelas mãos de Flávio Cavalcanti. A voz afetada de "Norminha", personagem de Jô Soares, é mais espontânea.

Nenhum programa de televisão, por melhor que seja, terá no entanto os recursos de Chico Xavier. Qualquer problema do espírito, do corpo, dêste ou de outro mundo tem dele solução pronta e imediata — e isso nem os jurados destemidos jamais ousaram. E ninguém, a não ser o próprio Chico Xavier no programa de julho, teve até hoje, na televisão brasileira, condições de começar um programa transmitindo um recado de um espírito que, segundo êle, se encontrava ao seu lado, e terminar com um voto de "Glória a Deus nas alturas, Paz na Terra e Boa Vontade para com todos os homens. Feliz Natal a São Paulo e a todos. Muito obrigado".

RELIGIÃO



Josias entre seus fiéis na praia da Enseada: cansado "dessa cafonice toda"

FOTOS DE CARLOS NAMBA

O avanço dos pentecostais

Havia o pescador curado de câncer: "Eu sentia uma perturbação no estômago. A perturbação passou para o fígado e os rins, e os médicos não diziam o que era. Só podia ser câncer. E ele me curou".

Havia o alagoano, funcionário da Prefeitura de Santos, vítima de uma legião de "pretos-velhos" (entidades da umbanda): "Para onde eu ia, o preto-velho ia atrás. Cheguei a dar trombada com o carro da Prefeitura. Meu filho duvidou, saiu comigo e daí não foi um só: apareceram dois pretos-velhos, depois mais cinco e era um tal de preto-velho caindo de árvore, de edifício. Vim ao Josias e então ele contou: eram exatamente 2001".

Havia o motorista de táxi, de bigode e cavanhaque, insistindo em contar que Deus lhe aparecera em sonhos. Entre os homens, parecia ser compulsiva a necessidade de falar de suas curas e revelações; as mulheres, não — gastavam o tempo cantando em coro e batendo palmas. Assim esperavam a hora do batismo, sob a chuva e o vento da praia da Enseada, em Guarujá, São Paulo, na manhã do último dia de Finados. Estavam todos de branco, com maiôs e calções sob a roupa, quase duzentas pessoas, desde as 9 horas.

Mas Josias, o pregador pentecostal capaz de curar cânceres e afugentar temíveis pretos-velhos, revelou-se impotente para vencer a lentidão do trânsito em sentido São Paulo—Santos no feriado. E só chegou ao meio-dia. Foram todos para perto do mar. Ajoelhados em círculos, os que iam ser batizados renunciaram ao demônio, enquanto Josias lhes

contava suas curas mais recentes. Finalmente, formou homens e mulheres em duas alas e entraram todos na água, enquanto a chuva caía mais forte. Com um gorro branco mal cobrindo os cabelos enopados, o "missionário" de 26 anos parecia uma criança desajeitada brincando com água. Meninas sorridentes de pouco mais de dez anos ou velhas beatas de rostos crispados eram divididas entre ele e seu assistente. Josias colocava uma das mãos nas costas do "crente", a outra sobre o rosto, e o fazia mergulhar, quase caindo junto com os mais gordos.

Algumas mulheres, mal tocadas, começavam a falar as "línguas estranhas" que são uma das marcas registradas das seitas pentecostais. Outras ficavam estáticas, tomadas pela "presença do Espírito Santo". Josias, no entanto, franzia constantemente as sobrancelhas, parecia constrangido. Mais tarde, iria desabafar para Luís Nassif, de VEJA: "Estou cansado dessa cafonice toda".

Mais de 2 milhões — Cafonice ou não, aquela manhã na praia da Enseada rendeu para a União Cristã Sinos de Belém (ex-União Cristã Josias, ex-União Cristã do Brasil) mais de 150 fiéis, resultado de três meses de pregação. Vão engrossar um exército que cresce, no Brasil e no mundo, em velocidade assustadora. Em 1932, vinte anos depois da instalação da primeira igreja pentecostal no Brasil, eles representavam apenas 9,5% da população protestante do país. Atualmente (embora as igrejas e seitas sejam independentes umas das outras, impedindo a existência de estatísticas precisas) a porcentagem se elevou para

mais de 60%, ou seja, mais de 2 milhões de adeptos. Analisando a taxa anual de seu crescimento, o pastor presbiteriano William Read — autor de um dos poucos estudos sobre o desenvolvimento das igrejas protestantes no Brasil — calcula que, se o ritmo não se alterar, 20% dos brasileiros serão pentecostais no ano 2004.

Em sua essência, o pentecostalismo é a devoção ao Espírito Santo e sob essa forma ele existe inclusive na Igreja Católica. E a própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil está preparando uma pesquisa sobre as perspectivas e possibilidades do movimento no país, a ser submetida ao Conselho Episcopal Latino-Americano. Mas, fora da Igreja, o pentecostalismo assume a forma de uma religião quase primitiva, onde a devoção se confunde com o fanatismo.

A Bíblia literal — "Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo, e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem." (Atos dos Apóstolos, capítulo 2.)

Essa passagem da Bíblia é a origem e inspiração de todo o movimento pentecostal. Os nomes são diferentes — Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Brasil para Cristo, Maravilha de Jesus, Fonte de Água Viva — e os adeptos de cada Igreja vão desde

as de milhares até algumas poucas reunidas em torno da mesa particular de um único pregador. As características são as mesmas: em curas milagrosas, possibilidade de "receber" o Espírito Santo e, geralmente, ter o dom de falar as "línguas has", interpretação literal e frequentemente ingênua do texto da Bíblia. pregadores pentecostais (ao contrário das outras Igrejas protestantes, são geralmente leigos sem curso de teologia) prometem tudo, desde a libertação total do pecado à prosperidade material. Isso explica, em parte, o fenômeno de propagação principalmente nas camadas mais pobres da população. Diz o pastor Amaury Castanho, diretor do Departamento de Informações Eclesiásticas: "Uma das causas mais importantes da grande expansão das seitas pentecostais no Brasil é a inata e um tanto primitiva religiosidade do homem brasileiro. Isso e a influência africana em sua formação condicionam a sua conduta religiosa e explicam tanto a propagação do movimento pentecostal como a da magia e do espiritismo".

mo na TV — Os maiores ramos do pentecostismo no Brasil são a Assembleia de Deus, a Congregação Cristã do Brasil e o Brasil para Cristo. Mas, isoladamente, nenhum fenômeno revela a importância dos extremos à vulgarização do pentecostismo que o caso de Josias Joaze de Sousa. Há seis anos, o "missionário Josias" surgiu em São Paulo. Um homem de vinte anos, calças justas e camisas coloridas, cabelos alisados à custa de muita brilhantina e gestos extremamente afetados, ele começou a fazer curas milagrosas num cinema da cidade. "cultos" tinham muito do programa de auditório da televisão. A maioria dos fiéis era de moças que seguiam fielmente o modelo de comportamento das atrizes de Chacrinha e Sílvia San-Gritavam, chamavam Josias de "lin-lejavam-lhe flores no palco; apenas os órgãos e jingles comerciais eram substituídos por "aleluias" e "corinhos" evangélicos.

A grande atração eram as curas de "doenças tomadas pelo demônio": convulsões e espumando pela boca, os doentes eram levados ao palco para que Josias expulsasse o diabo de seus corpos. O primeiro culto acabou se transformando em programa de televisão, depois de encenado com algumas brincadeiras de palcos, mas durou pouco. Um inquérito policial e os ataques dos "inimigos que não me arrastam" acabaram por fazer desaparecer temporariamente. No entanto, a expansão, entretanto, a sua Igreja Evangélica Volta de Cristo chegou a ter oitenta templos.

na riqueza — O retiro de Josias na Bahia, no interior da Bahia,

durou apenas um ano. Um abaixo-assinado de 2 000 mulheres pediu a sua volta, e ele reapareceu este ano em São Paulo. As roupas são mais discretas, os cabelos estão sem brilhantina e ele, mais modesto: "Hoje sou apenas um irmão, não quero mais saber de ser missionário". Atribui a sua atuação passada na TV ao "demônio da vaidade" e à imaturidade: "Eu era criança e fazia as coisas muito adoidadamente". Mudou também seus conceitos sobre a religião: ela não deve encorajar o homem a se conformar com a pobreza.

"Descobri que o movimento pentecostal é bom espiritualmente, mas muito cafona. Então quero ver todo mundo melhorando de vida e eu mesmo me estabelecendo como comerciante e tenho a ousadia de pagar para pregar o Evangelho." (Ele é dono de um supermercado; em seus últimos sonhos sempre aparecia um anjo recomendando-lhe que "melhorasse a vida do povo".) Josias está começando tudo de novo. A sua Igreja União Cristã Sinos de Belém (nome inspirado num quadro do programa Sílvia Santos) mantém atualmente três templos. O maior custou 400 000 cruzeiros.

Mas, se a força de uma religião pode ser avaliada pelo custo de suas igrejas, o mais poderoso setor do pentecostalismo no país é o Brasil para Cristo, de Manuel de Mello. O seu templo — "o maior templo evangélico do mundo" —, no bairro da Pompéia, São Paulo, já devorou 3,6 milhões de cruzeiros e consumirá outro tanto até ficar pronto em 1975.

A visão de Manuel — Em 1956, um Templo da Congregação, em São Paulo



Concentração pentecostal no Recife: "como o espiritismo e a macumba"

Durante muito tempo, ele pregou em tendas de lona e no Teatro de Alumínio numa praça de São Paulo. Promovendo "curas divinas", orações pelos enfermos e com dotes de oratória capazes de levar seus ouvintes à histeria, Manuel conseguiu aumentar o número de seguidores e finalmente criou o Brasil para Cristo. O movimento tem mais de



Manuel de Mello: das visões ao templo

4 000 igrejas espalhadas pelo país, 152 programas de rádio e mais de 1,5 milhão de adeptos (segundo seus próprios cálculos).

Nos últimos anos Manuel de Mello vem se dedicando quase exclusivamente à conclusão do seu templo. Num terreno de 12 000 metros quadrados, está prevista a construção de um auditório para 25 000 pessoas — atualmente há lugar para 8 000 —, estacionamento para trezentos carros, berçário para trezentas crianças, quarenta salas para administração, etc. No prédio funcionarão uma agência dos Correios, uma agência bancária, restaurante, pronto-socorro, escolas para todos os graus, e um departamento de relações públicas com recepcionistas políglotas.

Atração turística — A necessidade das recepcionistas já existe hoje. Recentemente, um ônibus com uns trinta americanos parou na porta do templo — eram pentecostais da Igreja Cristã dos Discípulos de Cristo (americana) que queriam assistir ao culto da Sociedade de Senhoras do Movimento. Manuel de Mello os recebeu vestindo uma calça xadrez, camisa cor-de-abóbora, gravata larga e um guarda-pó branco. Voltou-se, orgulhoso, para os fiéis: “Nossa igreja, o maior templo evangélico do mundo, está servindo como atração turística”. “Aleluia”, responderam todos. Ele faz piadas e anuncia: “A irmã Elizabeth habla castelhano e a outra vai falar em speak english”. Depois de vários “aleluias”, comenta: “Essa velharada americana é um caso sério”.

A forma e a técnica empregada pelos oradores pentecostais para animar seus auditórios seguem geralmente esquemas padronizados. Na noite do mesmo dia em que recebeu os americanos, Manuel de Mello foi pregar numa pequena igreja de Itaquera, subúrbio de São Paulo. Era um pequeno salão com vasos de flores artificiais pendurados na parede e separando as frases: "Jesus batiza com o Espírito Santo/ Jesus cura/ Jesus salva/ Jesus em breve vem". Em outra parede, grandes letras de cartolina azul: "PBSPSGonçalves" e "SBMMM". O pastor Saulo, responsável pela igreja, expli-

ca as iniciais: a primeira, uma homenagem dos fiéis a ele próprio, pelo aniversário ("Parabéns, Pastor Saul Alves"); a segunda, "Seja Bem-vindo, Missionário Manuel de Mello".

Manuel brinca, primeiro pas-
desinibir o auditório e mostrar o
cristão é uma pessoa sempre
"Puxa, Saulo, você com abrevia-
rece a CMTC". Em seguida o
nhos", cantados por todos: "Palmas,
mas, palmas/ Bato palmas para
De repente, o pregador vira-se
mente para o auditório, levanta e
grita: "Quem entrou doente esqui-
se troço que Deus vai curar hoje
dos reagem instantaneamente: "A-
O salão está lotado, a animaça-
nua aumentando. Manuel de Mel-
cando, manda que os que estão o-
sentem no colo dos outros. Mas
"Aí, vai dar galho". A congrega-
meça a cantar: "Que calor é esse
ta do altar? É o poder de Deus
neste lugar". O fiel Anacleto A.
Sousa, um sergipano pequeno,
dois dentes da frente bem salien-
ticamente berra ao cantar o verso
esse povo Satanás não pode não
rapaz, suando dentro de seu ter-
marinho, pega um trombone, se
transtornado, e começa a tirar so-
finadíssimos. Num canto, irmã B.
pregada doméstica, não canta, mas
em voz baixa e contrita: "Amém,

Muitos imitam. Ostentando ló-
godes sob os óculos de lentes gro-
mão José chacoalha o ganzá,
nhando o ritmo com a cabecei-
suada. Pastor Saulo segue os movi-
empunhando duas rosas que gan-
repente Manuel de Mello inte-
“Agora, o corinho que estou esp-
pelo Brasil inteiro”. Todos cant-
tamos buscando um avivamento
mos pedindo que desça poder/ O
do Pai/ O poder do Filho/ O po-
Espírito Santo também”. Manuel
lo grita: “Quem está buscando e-
vamento levanta as mãos duran-
nuto. Um minuto, e quem já foi
do recebe o Espírito Santo”. Tod-
os olhos fechados, pálpebras bat-

continua na pág.

continuação da página 60

...idas, levantam os punhos cerrados. Analito se põe na ponta dos pés; irmã Nacionalista não pára de gritar aleluias; e irmã Luíza inicia uma oração longa e confusa. No lado do púlpito, pastor Saulo gesticular de olhos fechados e dá pulos. Marcelino de Mello, também de olhos fechados, procura encaixar o microfone no suporte enquanto vai dizendo "amém, amém..."

Ecumenismo — Na maioria das seitas pentecostais conservadoras, as mulheres não podem cortar o cabelo, vestir minisaias; na Congregação Cristã do Brasil, precisam cobrir a cabeça com um lenço para entrar no templo. O puritanismo exagerado, entretanto, não parece ser uma política para o crescimento. Sendo ecumênica, a Congregação — junto com a Assembléia de Deus, o ramo mais antigo do pentecostalismo no Brasil — tem 3 500 templos espalhados principalmente pelo sul do país; é muito pouco em relação aos 4 000 templos do Brasil para Cristo, levantados em menos de vinte anos. Manuel de Mello prega o ecumenismo. Diz com orgulho que até agora o único cardeal católico com o qual ainda não manteve contato, “por falta de oportunidade”, é dom Eugênio Salles, do Rio. Tem também uma idéia diferente do que seja ser pentecostal. “Uma pessoa pode ser católica, batista, presbiteriana, metodista e ser pentecostal”.

A política do Espírito Santo — Apesar dessas diferenças, e de outras como a maior ou menor intensidade emocional com que se dedicam às suas orações, a maior ou menor tolerância em relação aos costumes, o grande denominador comum dos pentecostais é a sua fanática dependência à vontade divina. Num conversa com um fiel é freqüente ouvir frases como "eu queria fazer assim, mas Deus mostrou-me outro caminho... Doenças, mortes e outros infortúnios são invariavelmente vistos como sinais ou advertências de Deus. "A doença é um alarme de Jesus pro bom caminho", diz um fiel da Igreja Evangélica Betel, de Porto Alegre.

Até hoje, a maioria das igrejas protestantes é contra uma atuação política direta. Entre os pentecostais, as tendências nesse sentido se dividem de um extremo a outro. A Congregação Cristã radicalmente contra. "Para entrar na política — diz o pastor Luciano Carboni de São Paulo — são precisos os partidos." O cristão está integrado na obra espiritual da Igreja e o corpo de Cristo nunca foi partido, nem na cruz."

Tais escrúpulos, entretanto, não são compartilhados pelos membros do movimento Brasil para Cristo. Quando seus dirigentes lançaram as candidaturas



Levy Tavares: a pregação em Brasília

Levy Tavares (eleito deputado federal por São Paulo em 1962 e 1966) e Geraldo dos Santos (deputado estadual em São Paulo desde 1966), sugeriam ostensivamente seus nomes aos fiéis durante os cultos. A socióloga Beatriz Muniz de Sousa, autora de uma tese de doutorado sobre o pentecostalismo, conta: "Em sermão proferido por ocasião de campanha eleitoral, ao qual assistimos, o missionário (Manuel de Mello) recomendava aos fiéis a necessidade de obter votação maciça dos candidatos por ele apresentados; o não cumprimento de suas determinações significaria 'desobediência às ordens divinas' recebidas 'por revelação'".

Expansão política — A utilização da Igreja como recurso de promoção eleitoral não é feita apenas pelo Brasil para a Cristo. No Recife, os 65 000 fiéis da conservadora Assembléia de Deus já levaram por três vezes à Câmara Municipal o vereador Odilon Bezerra de Oliveira, que agora sonha com uma vaga na Assembléia Legislativa. Enquanto isso, faz a campanha de seu sucessor João Silva, "único candidato evangélico aprovado por unanimidade pelo ministério da Assembléia de Deus".

O argumento é poderoso. A Assembleia de Deus tem uma longa tradição no Recife, onde foi fundada uma de suas primeiras igrejas no Brasil. As pregações começaram em 1918 com o casal sueco Joel e Signe Carlson. Signe ainda vive e, aos oitenta anos de idade, participa das reuniões administrativas na igreja matriz. No Brasil todo, a Assembleia de Deus possui mais de 600 000 membros batizados, e mais de 1 milhão de alunos frequentam suas escolas dominicais.



Signe Carlson: a mais velha pastora

A primeira igreja foi fundada no Pará por dois missionários suecos, Gunnar Vingren e Daniel Berg. Eles estavam nos Estados Unidos, hospedados na casa de um irmão de fé, quando o anfitrião, durante uma oração, começou a se comunicar em "línguas estranhas", repetindo incessantemente a palavra "pará-pará-pará". Os dois suecos concluíram que o Pará era o campo de pregação a eles reservado por Deus. E chegaram a Belém, em novembro de 1910, numa viagem acompanhada de muitos "avisos", "revelações" e "sinais" (inclusive com um enorme peixe pulando para dentro do barco quando faltou alimento).

Nos últimos anos, o enorme peixe do pentecostalismo não tem parado de crescer e de alimentar a fome ingênua de uma fé que busca a cura de todos os males nos "milagres" semanais de cada culto. Visto ainda com curiosidade pela Igreja Católica, o movimento já é encarado com preocupação crescente pelas denominações protestantes, que fornecem grande parte de seus fiéis e pastores, desiludidos com a incapacidade de suas igrejas em arregimentar seguidores nos níveis abaixo da classe média. (Com algumas exceções: o ex-deputado Levy Teixeira afirma que implantou em Brasília um núcleo de crentes que hoje reúne mais de quarenta deputados e senadores.)

Para muitos dirigentes protestantes o avanço dos pentecostais — com sua carga de misticismo fanático e condões inevitáveis de charlatanismo — encerra de qualquer maneira uma lição: “A Bíblia”, disse a VEJA um pastor metodista, “ensina que, se os cristãos não anunciarem o Evangelho, as próprias pedras clamarão. Talvez seja o que está acontecendo.”

VEJA

Páginas de um livreto de catequese: sempre, a interpretação literal dos ensinamentos da Bíblia

23.8.72 ✓



Roberto Mauro: em 1965, a disputa da bola pelo Atlético; em 1972, no púlpito da Igreja Batista, a luta por uma vaga na vida eterna

Artilheiro do céu

Os gols que marcou como artilheiro de cinco clubes de futebol não satisfizeram as ambições de Roberto Mauro de Oliveira. Agora ele quer fazer gols para a eternidade. No púlpito da Igreja Batista Central de Belo Horizonte, o ex-jogador costuma anunciar, meio patético: "Sou artilheiro do céu". Roberto Mauro, 31 anos, casado, filho de pais batistas, começou no América Mineiro em 1960. De lá foi para o Atlético e em 1965 já era ídolo da torcida. Participou diversas vezes da seleção mineira e usou camisa da CBD quando o Atlético representou o Brasil num jogo contra a Checoslováquia, no Mineirão. Depois passou pelo Vila Nova e pelo Bangu, do Rio, sempre como goleador. Sua fama levou-o até os Estados Unidos, onde defendeu o Washington Whips, mas voltou logo para não ter de lutar no Vietnã. Em 1968 foi eleito vereador com 20 000 votos, a maior votação de Belo Horizonte.

Sua decisão de jogar também nos gramados da eternidade foi tomada no ano passado, diante das palavras ameaçadoras de um pastor protestante ditas durante um culto: "Quem não tem certeza da vida eterna, tem certeza da morte eterna. Só Jesus Cristo pode nos dar a certeza da vida". Ao final do sermão, o pastor fez um convite: "Quem quiser aceitar Jesus como seu salvador, levante a mão". Roberto Mauro levantou a sua. "Foi o fim da minha solidão", diz ele. Hoje, ao mesmo tempo que dá suas aulas no Colégio Municipal Salgado Filho e cursa o último ano da Escola de Educação Física, prepara-se para frequentar o Seminário Teológico Evangélico Brasileiro de Belo Horizonte. Mas enquanto não se torna um pastor de fato — o que só acontecerá dentro de quatro anos —

ele trabalha em sua igreja como pregador.

E a julgar pelo testemunho de dona Maria do Carmo Aviz, uma fiel de cinquenta anos, Roberto Mauro usa o verbo tão bem quanto controla a bola: "Quando o 'pastor' Roberto prega até parece que é Jesus falando".

Os numerarii

Um descendente de samurais dedicado à pacífica ocupação de ensinar línguas, um matemático fugitivo da Alemanha comunista, um pintor mexicano com diversos prêmios e mostras individuais em seu país, são três dos novos sacerdotes que a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz — mais conhecida por Opus Dei — acaba de ordenar na Espanha. E com esse ato, espiritualmente mais dogmático do que os jesuítas, politicamente mais poderosa do que qualquer outra organização civil existente no país, a Opus Dei deu mais uma significativa demonstração de sua força.

Na semana passada, vestindo imaculadas batinas brancas, adornadas apenas por uma cruz peitoral, 25 membros da sociedade atravessaram lentamente a entrada da igreja barroca de São Miguel Arcanjo, em Madri, ao som de um hino gregoriano. E dentro da grande nave foram ordenados padres pelo arcebispo de Valência, monsenhor José Maria Lahiguera.

Apesar de sua extrema simplicidade, a cerimônia foi marcada por algumas peculiaridades: os novos sacerdotes não eram jovens ex-seminaristas, mas homens maduros entre trinta e 46 anos; e também não estavam passando diretamente dos bancos escolares para a carreira escolhida, mas todos já tinham uma profissão: médicos, professores, enge-

nheiros, economistas, jornalistas e administradores de empresas, por exemplo. No sussurro que quebrava de vez em quando o silêncio solene da nave, podia-se observar que a Opus Dei despertara as vocações em pontos muito distantes entre si: as preces dos candidatos, vindos de nove países, elevavam-se em japonês, inglês, alemão, italiano e espanhol.

Santidade — "A Opus Dei é uma organização essencialmente leiga e com fins estritamente espirituais." Essa definição vaga é possivelmente o máximo que uma pessoa apenas curiosa conseguiria obter de um membro da sociedade. Ou, quando muito, que ela também se propõe a promover "a busca da santidade no mundo" e a difundir "o verdadeiro cristianismo".

Acusada de controlar a política espanhola e a própria economia do país, a Opus Dei responde dizendo ser contra suas regras interferir na vida particular de seus membros (30 000 só na Espanha e outros 30 000 no resto do mundo). "Alguns se tornam ministros de Estado, outros engenheiros, outros professores. Alguns são de direita, enquanto outros são de esquerda. Mas nós apenas queremos fortalecer sua vida espiritual e permitir o livre desenvolvimento de sua personalidade."

As normas de disciplina entretanto são bastante severas. Os novos filiados não escolhem a Opus Dei, mas a Opus Dei é que os seleciona e os atrai para si. O preparo espiritual é rigoroso e seu princípio de pobreza obriga cada membro a entregar à sociedade todo seu ganho, ficando apenas com o mínimo indispensável a uma subsistência sem luxos. Embora seu fundador e atual presidente-geral, Josemaria Escrivá de Balaguer, classifique jocosamente a Opus Dei como uma "organização desorganizada", existe dentro dela uma rígida escala hierárquica que vai dos cooperadores (membros de categoria social mais humilde) até os numerarii, elite intelectual dedicada inteiramente à sociedade, com votos temporários de castidade, pobreza e obediência. Os numerarii passam por cursos de Filosofia e Teologia.

Desse último grupo saíram os sacerdotes ordenados em Madri. Nenhum pretende abandonar a profissão, mas apenas realizar "algo mais em favor da organização". Um deles, Marco Franzon, italiano, disse a VEJA que "quem se associa à Opus Dei recebe uma nova visão das coisas e alguns acabam querendo, como é muito natural, mudar o mundo e santificar sua própria posição na sociedade através de um encontro com Cristo".

E para atingir tal objetivo eles seguirão os ensinamentos de Balaguer contidos no manual "El Camino". Na Opus Dei, muitos o manuseiam mais do que a própria Bíblia.

VEJA

RELIGIÃO

Dinheiro no altar

Como a Igreja do Reino de Deus ergueu um império de empresas e emissoras de rádio e TV com doações dos fiéis

Um inquérito na polícia do Rio de Janeiro e a venda da mais antiga rede de televisão do país, a TV Record de São Paulo, chamaram a atenção, na semana passada, para as atividades de uma seita evangélica fundada há apenas treze anos, mas que conseguiu lotar o Estádio do Maracanã com 150 000 fiéis, no último feriado da Páscoa, e arrematar por 45 milhões de dólares a emissora paulista. A Igreja Universal do Reino de Deus, uma seita pentecostal de 500 000 seguidores que faz pregações em programas de rádio e televisão, virou também caso de polícia na semana passada, depois que a aposentada carioca Maria Pureza da Silva, de 70 anos, morreu de enfarte num culto gigantesco no Estádio do Maracanã. A polícia investiga a negligência no atendimento médico a Maria Pureza. Em vez de chamar uma ambulância e socorrer a aposentada, os líderes

da seita submeteram Maria Pureza a rituais religiosos — e há suspeita de que isso possa ter agravado seu quadro de saúde. “As circunstâncias desse episódio serão apuradas”, diz o diretor-geral da Polícia Federal, o delegado Romeu Tuma, que acompanha o trabalho da polícia fluminense.

A Igreja Universal do Reino de Deus pertence a uma categoria de seitas evangélicas, as pentecostais, que sobrevivem em meio aos estratos mais pobres da população e que promete curas milagrosas aos adeptos. Seus seguidores acreditam que o Espírito Santo é capaz de se manifestar nos cultos por intermédio dos fiéis, como aconteceu na passagem bíblica do Dia de Pentecostes. Por isso, as cerimônias das seitas são pontilhadas de crises de histeria e de rituais de exorcismo. O que diferencia a Igreja do Reino de Deus das demais seitas pentecostais, como a As-



O bispo Edir (acima) e os sacos de dinheiro arrecadados no culto do Maracanã: “A cura depende da doação dos fiéis”

sembléia de Deus, de 5 milhões de adeptos, é a sua fantástica capacidade de arrecadar fundos entre o rebanho. A Igreja foi fundada em 1977 pelo funcionário público Edir Macedo, um pastor evangélico que se desgarrou da seita da Casa da Bênção para fundar a própria Igreja.

UMBANDA — Hoje, a Igreja transformou-se num império de 700 templos espalhados pelo país, catorze emissoras de



a aposentada Maria da Pureza, foram arrecadados 30 milhões de cruzeiros — carregados em grandes sacos na saída do estádio. Nos cultos, os fiéis depositam doações sobre uma Bíblia no altar do templo e o pastor explica que a eficácia das curas depende da generosidade dos seguidores. “As doações dos fiéis são fundamentais para que possamos expandir a palavra de Deus. Por isso, a cura divina é eficaz na proporção do esforço pessoal em fazer uma doação”, explica o pastor Edir.

“As seitas pentecostais prometem aos humildes soluções divinas para seus males terrenos. Assim, conseguem crescer, sobretudo na periferia das grandes cidades”, diz o antropólogo Carlos Brandão, da Unicamp. Essas seitas não rivalizam com os evangélicos tradicionais, como os batistas e os luteranos. Elas fustigam sobretudo os umbandistas pela concorrência que esse tipo de religião exerce entre o rebanho mais pobre.

rádio, uma construtora no Rio de Janeiro, uma gráfica e, desde o início do mês, a TV Record de São Paulo. “Tudo este patrimônio é fruto do esforço coletivo dos milhares de fiéis”, diz o bispo Edir Macedo, de 45 anos, que hoje reside em Nova York, onde já construiu quatro templos de sua Igreja. O Reino de Deus possui uma máquina organizada para arrecadação de dinheiro. No culto do Maracanã no qual morreu

“Na umbanda, o diabo toma conta das pessoas”, diz o metalúrgico Antônio Sérgio Soares, 44 anos, um dos fiéis da Igreja do Reino de Deus em São Paulo. No Rio de Janeiro, o pastor Edir responde a um processo por incitamento à violência num de seus programas de rádio. Ele é acusado de mandar seus fiéis perseguir umbandistas.

A Igreja Católica, que mais perde adeptos para os evangélicos, também está na mira da Igreja Universal do Reino de Deus. A nova direção da Rede Record expulsou seis padres católicos que há anos participavam dos programas da emissora. “A Igreja Católica está coalhada de comunistas e não fará pregação em minha emissora”, diz o pastor Edir. A seita está investindo 8 milhões de dólares na nova fase da TV Record. Além de novos telejornais, a tônica da programação da emissora será calcada em programas religiosos e música sertaneja, para conquistar fiéis entre o público do interior do Estado. A Igreja Católica está preocupada com o avanço dos pentecostais na televisão e no rádio. Os bispos católicos irão discutir os perigos do avanço dos pentecostais na assembléia anual da CNBB, que começa nesta quarta-feira em Itaici, interior de São Paulo.

Religião

Um novo templo

Universal do Reino de Deus inaugura em Curitiba a primeira de dez megagregas

Daniel Nunes Gonçalves
e Roberta Paixão

A Igreja Universal do Reino de Deus está mudando de estratégia. Na semana passada, sem fazer alarde, a igreja do bispo Edir Macedo inaugurou em Curitiba um templo zero bala, bonito e bem-acabado, que promete ser o primeiro de uma série de dez megatemplos que serão erguidos até o ano 2000. A chamada Catedral da Fé de Curitiba possui berçário, estacionamento subterrâneo e sistema de isolamento acústico para não incomodar os vizinhos. Muito diferente dos outros 3 500 templos que a Universal tem no Brasil e no exterior, quase todos funcionando em cinemas falidos, galpões vazios, teatros velhos ou boates desativadas, o prédio do Paraná promete ser o início de uma nova era. Os dez prédios em projeto são construções luxuosas, com mármore e vidro fumê, iluminação controlada por computador e ar condicionado central. As três principais terão capacidade para cerca de 10 000 pessoas cada uma e representam investimento de

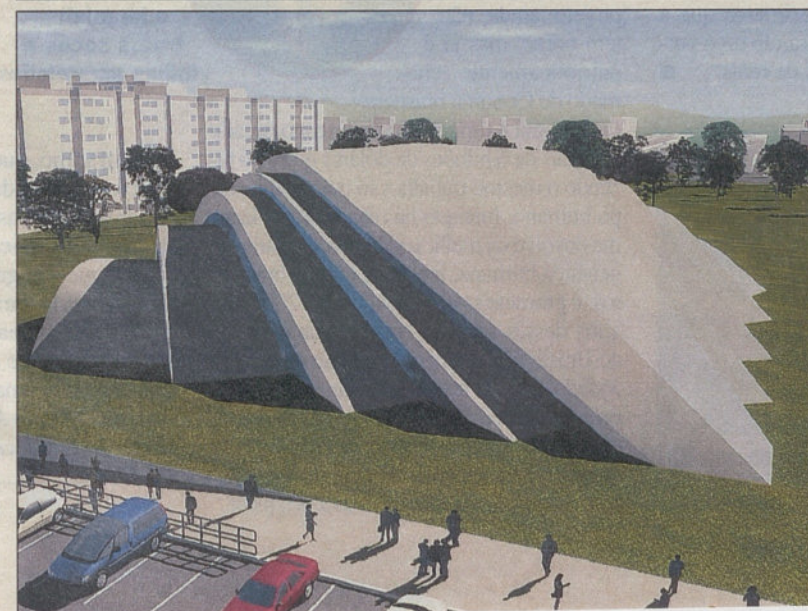
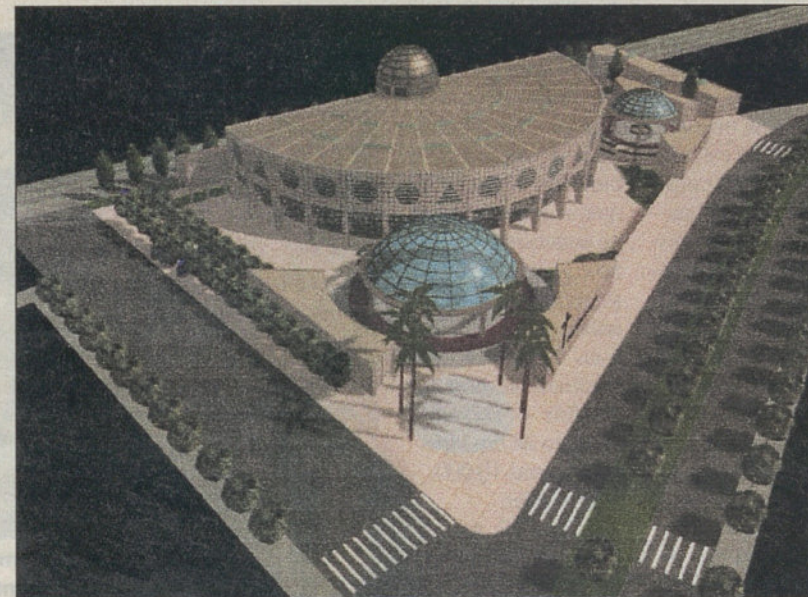
42 milhões de reais. "Não podemos ficar eternamente em cinemas poeirentos. Precisamos dar conforto aos fiéis", explica o bispo Carlos Rodrigues, coordenador político da Universal.

O projeto dos templos chama a atenção. No Rio de Janeiro, a igreja está erguendo o maior deles, com capacidade para 10 000 pessoas sentadas em cadeiras estofadas. A nave principal terá a altura de um prédio de oito andares e área de 52 000 metros quadrados. A

obra será cheia de referências bíblicas. No jardim haverá um caminho de pedras azuladas, uma alusão ao Rio Jordão. O muro imitará as Muralhas de Jericó. O revestimento do prédio será de pedra bege, como nas construções de Jerusalém. Para proteger os fiéis do calor do verão, haverá um sistema de ar condicionado automático que adaptará a temperatura ao tamanho do rebanho presente. Em volta do edifício será construído um pequeno shopping center. O preço final pode chegar a 30 milhões de reais.

Em São Paulo, a igreja construirá três templos, o primeiro dos quais a ser inaugurado no início de 1998. Diferentemente das igrejas comuns, ele terá estrutura apropriada para que os cultos possam ser transmitidos pela Rede Record, emissora da Universal. Nas paredes, como num estúdio de cinema, serão colocados trilhos para que as câmaras possam percorrer a igreja de um lado para o outro filmando.

Em Brasília, quem presta atenção às linhas do projeto do novo templo, feito pela firma RR Roberto, vê que ele foi inspirado na Opera House, que fica em Sydney, na Austrália. O templo terá uma cúpula de 70 metros de envergadura, forrada de mármore branco. A nave principal ficará no subsolo, e, do lado de fora, a altura aparente será de apenas 15 metros. Na porta de entrada, o slogan "Jesus Cristo é o Senhor" será projetado permanentemente por um canhão laser sobre a placa com o nome da igreja. A obra é tão grande que os fiscais do Patrimônio Histórico de Brasília pediram modificações da planta, alegando que ela supera o tamanho permitido pelas leis



Catedral do Rio, que deve custar 30 milhões de reais, e a de Brasília: obra comandada por firma da casa

municipais. Todos os templos terão estacionamento próprio, com a entrada de carros controlada por computador.

Firma da casa — Desde o início do cristianismo, sabe-se que somar pedra sobre pedra, construindo grandes monumentos, é uma forma de dar ao seguidor a idéia de solidez e segurança. Nos Estados Unidos, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, dos mórmons, começou como uma seita rural que se reunia em modestas casinhas de madeira. Quando cresceu, construiu imensos templos de mármore, como sua sede, no Estado de Utah, nos Estados Unidos. "A Universal vive um momento de consolidação", admite o pastor Caio Fábio D'Araújo Filho, presidente da Associação Evangélica Brasileira e adversário histórico do bispo Macedo. "Ela quer adquirir o respeito da sociedade, erguendo construções imponentes", analisa o sociólogo Ricardo Mariano, da USP, estudioso das igrejas evangélicas.

Os novos templos são bem maiores que a média das igrejas católicas e evangélicas do país. O templo carioca comporta dez vezes mais gente que a Catedral da Sé, em São Paulo, ou duas vezes mais que a Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, onde o papa João Paulo II foi recebido no início do mês. Mas o que chama a atenção mesmo é o luxo. Para fiscalizar as obras, Edir Macedo encarregou uma pessoa que é sua imagem e semelhança, o bispo Marcelo Crivela, seu sobrinho. Engenheiro, Crivela encomendou os projetos de arquitetura, pilotou a aquisição dos terrenos e contratou as empreiteiras. Fez isso por intermédio de uma empresa de engenharia de sua propriedade, a Unitemple. Estima-se que a Unitemple esteja administrando uma verba de cerca de 50 milhões de reais. ■



Templo de Curitiba: com berçário

116 15 de outubro, 1997 veja

Ciência

Grande passo

Começa o maior estudo genético já feito no país

Especialistas das principais universidades e laboratórios do país estão sendo convocados para o primeiro megaprojeto 100% nacional na área de biologia molecular. Ao longo dos próximos dois anos, os cientistas estarão decifrando o código genético de um ser vivo que produz grande prejuízo para a lavoura, a *Xylella fastidiosa*, uma bactéria que ataca as culturas de laranja, provocando uma doença conhecida como amarelinho. O objetivo é conhecê-la a fundo para depois destruí-la. O que os especialistas estarão fazendo é analisar o DNA da bactéria para desvendar a lógica do seu funcionamento. O DNA da *Xylella* contém 2 milhões de informações diferentes. Ao final do estudo se conhecerá cada uma de suas características físicas e mecânicas, e também as reações químicas que ocorrem no organismo. O desafio é grande e o projeto, monstro, porque o máximo que os cientistas brasileiros conseguiram até hoje foi decifrar o conteúdo genético de um vírus com apenas 10 000 informações.

Com 12 milhões de dólares de orçamento, o projeto ainda não tem nome, mas já é patrioticamente chamado de Genoma brasileiro.

O Genoma é um projeto americano orçado em mais de 6 bilhões de dólares que está fazendo o mesmo trabalho, só que com o corpo humano. Iniciado há oito anos, o Genoma envolve os melhores cérebros da área de genética humana, inclusive alguns brasileiros, e promete estar concluído em 2004. Alguns desses grandes nomes estarão vindo ao Brasil para dar consultoria ao projeto da *Xylella*. "Já era tempo de o Brasil ter o seu próprio Genoma", orgulha-se José Fernando Perez, diretor científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, órgão que está financiando a pesquisa.

Para a comunidade científica nacional, o projeto é muito importante. Como o Brasil tem experiência em biologia molecular, acaba ficando em segundo plano nas parcerias internacionais que assumiu. Quando vai estudar, juntamente com cientistas de outros países, a biodiversidade da Amazônia, por exemplo, resta aos brasileiros o papel de coletar os dados. A análise científica propriamente dita acaba ficando com os estrangeiros. O novo projeto pode melhorar a reputação da pesquisa brasileira na comunidade internacional.

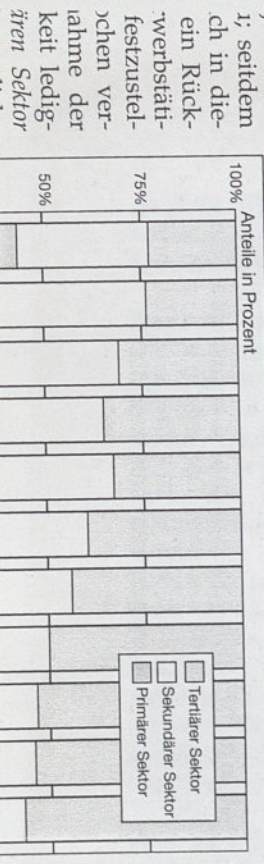
Os Estados de São Paulo e Minas Gerais produzem mais da metade do suco concentrado de laranja consumido no mundo. A cultura desse cítrico rende ao país cerca de 5 bilhões de dólares. O prejuízo dos produtores com o amarelinho só no ano passado, chegou a 100 milhões. Levada por uma cigarra, a bactéria contamina o laranjal que produz fr



Levada por uma cigarra, a bactéria contamina o laranjal: frutos secos e folhas amareladas

tos sem sumo, que não servem para o comércio. Inseticidas, remédios e medidas preventivas não são suficientes para detê-lo. A única esperança dos produtores é que a engenharia genética encontre uma saída para o problema, que é da vez mais ameaçador. "Nossas pesquisas apontam que a próxima cultura atacada pelo amarelinho é o café", afirma Antonio Juliano Ayres, engenheiro agrônomo do Fundecitrus.

Valéria Fra



Anteile in Prozent

100% 75% 50%

Primärer Sektor
Sekundärer Sektor
Tertiärer Sektor

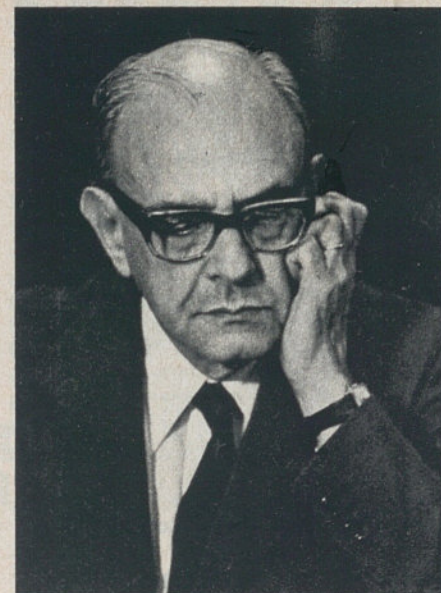
Strukturwandel des Strukturwandels sind die Ergebnisse, wie sie in der bekannten Hypothese (C. Clark, J. Fourastié) zum Ausdruck kommen. So ging in Deutschland der letzten hundert Jahre der Anteil der Erwerbstätigen im primären Sektor zurück, während der Anteil im sekundären Sektor (Waren produzierendes Gewerbe) bis Anfang der 1970er Jahre konstant blieb, während der Anteil im tertiären Sektor (Dienstleistungen) stark anwuchs.

Strukturwandel des Strukturwandels sind die Ergebnisse, wie sie in der bekannten Hypothese (C. Clark, J. Fourastié) zum Ausdruck kommen. So ging in Deutschland der letzten hundert Jahre der Anteil der Erwerbstätigen im primären Sektor zurück, während der Anteil im sekundären Sektor (Waren produzierendes Gewerbe) bis Anfang der 1970er Jahre konstant blieb, während der Anteil im tertiären Sektor (Dienstleistungen) stark anwuchs.

Strukturwandel des Strukturwandels sind die Ergebnisse, wie sie in der bekannten Hypothese (C. Clark, J. Fourastié) zum Ausdruck kommen. So ging in Deutschland der letzten hundert Jahre der Anteil der Erwerbstätigen im primären Sektor zurück, während der Anteil im sekundären Sektor (Waren produzierendes Gewerbe) bis Anfang der 1970er Jahre konstant blieb, während der Anteil im tertiären Sektor (Dienstleistungen) stark anwuchs.

JANABARA Bens declarados

Quando o agitado deputado arenista mar Palis pediu ao Tribunal Regional Eleitoral da Guanabara a decretação de nulidade da eleição do governador Erasmão de Pádua Chagas Freitas e do governador Erasmo Martins Pedro, não tiveram apresentado a indispensável declaração de bens para o registro das candidaturas, mereceu a desaprovação até mesmo de seus companheiros de partido. Em 1970, quando foram eleitos, a Arena tinha três representantes na mesa da Assembleia Legislativa, que atestaram a lisura dos documentos apresentados. Mas Palis insistiu, sozinho, na pergunta: "Onde está a declaração de bens do governador?" "Graças a Deus ela está dada e guardada num cofre forte", respondeu o emedebista Silbert Sobrinho, presidente da Assembleia no ano da eleição. E explicou seu cuidado: "Eu sidi a primeira comissão parlamentar de inquérito sobre tóxicos. Guardamos documentos no arquivo da Assembleia algum tempo depois, formada nova comissão, procurei os tais documentos e eles sumiram. Agora, pense bem: e se aparece a declaração de bens do governador?"



Freitas: declaração em crescimento

licitamente. Nem a honorabilidade do governador parece arranhada, embora fosse desejável que ao promover a drástica elevação do gabarito das edificações ele encontrasse uma fórmula de evitar benefícios diretos para suas propriedades. Com isso estaria a salvo dos benefícios da especulação imobiliária e de novas investidas dos que, como Palis, pretendem colher dos bens arrolados na sua declaração polpudos dividendos eleitorais.

MAÇONARIA

Cisão inevitável

Nem tudo está justo e perfeito entre as colunas da maçonaria brasileira. A crise que envolve seus 3 milhões de membros está retratada em dezesseis palavras a giz que, semana passada, apareceram escritas no quadro-negro do saguão de entrada do Palácio Maçônico, na rua do Lavradio, Guanabara: "Quem não estiver fiel ao Grande Oriente do Brasil nesta hora grave decididamente é antimaçônico. Decida-se".

Dez dos quinze orientes estaduais — que estatutariamente deveriam submeter-se ao órgão central do Rio — já se decidiram. Não são fiéis ao Grande Oriente e não se consideram afastados da maçonaria. Em consequência, a sociedade, em outros tempos bem mais discreta quanto mais secreta, está na iminência de uma cisão. E o descompasso entre seus membros é tal, que vai além de uma interpretação justa do que significa ser maçom ou antimaçônico, para sugerir que, nesta hora, até sua aritmética é imperfeita. Os temas da discórdia são mais velhos que os princípios da sociedade: votos e verbas. Dis-

cute-se, principalmente, em torno das eleições para grão-mestre, cujos resultados apresentam somas divergentes. Para a oposição, venceu seu candidato — o deputado federal da Arena Athos Vieira de Andrade —, com 7 171 votos, contra 3 820 do dentista Osmane Vieira de Rezende, também mineiro mas radicado no Rio, candidato da situação. Para esta, Rezende foi o vencedor, com 2 129 votos contra 1 107 de Vieira de Andrade — soma a que se chegou depois da anulação de cerca de 80% dos votos oposicionistas, sob a alegação de que suas lojas há dois anos não contribuíam para os cofres do Grande Oriente.

Sem saída — A posse de Rezende já está marcada para o próximo dia 24, no Rio, mas a ela não comparecerão os orientes estaduais de Minas, São Paulo, Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Rio de Janeiro, Pernambuco, Mato Grosso, Ceará e Rio Grande do Norte. Estes, que apoiaram a oposição, não se conformaram com os resultados, negam-se a aceitar a intervenção do governo central e, como anunciou o grão-mestre do Rio Grande do Sul, advogado Renato Mottola, preparam-se para declarar-se "potências autônomas e independentes", primeiro passo para a criação de uma sociedade com sede em Brasília e com Vieira de Andrade no cargo de grão-mestre geral, chefiando, no Planalto, certamente uma potência média. O deputado mineiro, um quase obscuro parlamentar, de bigodes bem aparados e cabelos fixados com brilhantina, admitia essa hipótese a VEJA na semana passada: "Não há outra saída senão a formação de uma outra entidade, de caráter federativo".

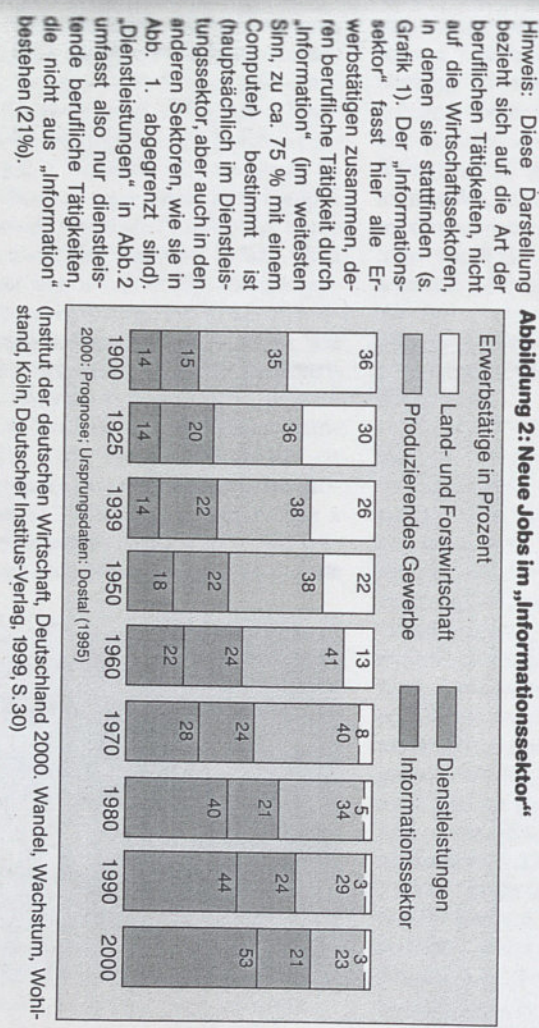
Mazorca subversiva — Essa inevitável cisão é definida pelo atual grão-mestre



Mottola: potência autônoma

Wandel in unserer Gesellschaft hervor. Aus einer Agrargesellschaft (sog. primäre Gesellschaft) heraus vollzog sich die Entwicklung zunächst hin zur Industriegesellschaft (sekundäre Gesellschaft). Aber auch dieses Stadium war nur vorübergehend, danach bewegte sich die "reife" Volkswirtschaften in Richtung einer Dienstleistungsgesellschaft (tertiäre Gesellschaft). Im internationalen Vergleich nimmt die Bundesrepublik Deutschland bei den Dienstleistungen mit einem Anteil von ca. 61 Prozent (für 1995) einen Platz im Mittelfeld ein. Dies gilt sowohl für den Beschäftigtenanteil im tertiären Sektor als auch dessen Beitrag zur Gesamtproduktion. An der Spitze liegen die USA, wo zurzeit rund 71 Prozent der Erwerbstätigen in Dienstleistungsbereichen arbeiten — diese Werte resultieren allerdings aus unterschiedlichen statistischen Erfassungsmethoden. In der jüngeren Vergangenheit besteht die Produktion von Waren und Dienstleistungen zunehmend aus Informationsleistungen. Hierzu zählen sämtliche Informationswaren (vom PC bis zur Zeitschrift) und Informationsdienstleistungen (vom Softwareberater bis zum Lehrer). Den immer größer werdenden Informationssektor bezeichnet man als „quartären“ Sektor (s. aber Hinweis zu Abb. 2). Schätzungen gehen davon aus, dass dieser Sektor in Deutschland inzwischen bereits gut 50 Prozent der Arbeitsplätze stellt. In diesem Sinne zeichnet sich eine Entwicklung der hochentwickelten Gesellschaften von der Dienstleistungsgesellschaft hin zur Informationsgesellschaft ab.

3. Die Entwicklung der Beschäftigung – Arbeitslosigkeit in der Bundesrepublik



Die Ursachen für die Veränderungen in der Zusammensetzung der Produktion werden sowohl durch Entwicklungen auf der Nachfrageseite als auch der Angebotsseite der Volkswirtschaft verursacht. Auf der Nachfrageseite sind Veränderungen der Nachfragestruktur und damit geänderte Bedürfnisse entscheidend. Sind die Grundbedürfnisse der Bevölkerung gedeckt (va. primärer Sektor), so entstehen zunehmend gehobene Bedürfnisse (va. sekundärer Sektor). Aber auch hier tritt einmal eine Sättigung ein, und es entstehen wach-



Rezende, Dinamarco e Vieira Andrade: nem mais um passo juntos

geral, Moacir Arbex Dinamarco, como subversão: "Eles perderam feio e criaram essa mazorca toda". Mas admite que seu sucessor terá problemas sérios na administração do Grande Oriente. Só em contribuições, segundo ele, os "subversivos" devem 800 000 cruzeiros, fruto de um movimento iniciado em São Paulo e que se espalhou pelos outros Estados. O grão-mestre de São Paulo, Danilo José Fernandes — na vida "profana" juiz de direito no bairro da Penha — nega dívida tão grande ("Só de São Paulo dizem que devemos 300 000, mas pelos meus cálculos nunca passou de 50 000") e afirma que faz oposição a Dinamarco porque ele nunca cumpriu a promessa de construir uma sede em Brasília, apesar de grande parte das contribuições estaduais ter esse propósito. Por isso, a crise se agrava e os maçons já não sabem quem são os seus dirigentes legítimos nem para quem devem ser enviadas as suas contribuições. Assim, a maçonaria é hoje um mistério maior para seus membros do que para os profanos.

SUBVERSÃO

28 Absolvidos

Quinta-feira da semana passada não houve missa na igreja do Carmo, em Belo Horizonte. Um cartaz pregado na porta comunicava que todas as atividades religiosas haviam sido suspensas por falta de padres, que estavam sendo julgados na Auditoria Militar de Juiz de Fora como subversivos. Mas, já no dia seguinte, o vigário Carlos Alves da Silva chegava a tempo de arrancar o aviso e celebrar a missa das 6. Ele, com mais 27 sacerdotes, fora absolvido da acusação de utilizar o púlpito para a pregação da violência e de "evangelizar à luz do marxismo ou ensinar o socialismo à luz do Evangelho".

O julgamento dos 28 dominicanos

(seis deles já abandonaram o sacerdócio) não foi somente rápido a ponto de frustrar as expectativas de que levaria três dias, como ofereceu muitas outras surpresas, das quais a absolvição não foi talvez a principal. A primeira delas ocorreu já na abertura dos trabalhos, às 8 da manhã, no pequeno tribunal da auditoria da IV Região Militar: não compareceu o promotor substituto José Simeão Filho, responsável pela condenação da maioria dos quinhentos réus que até hoje acusou e que, para cada um dos padres, pedira na denúncia a pena de quinze anos de reclusão. Em lugar de tão inclemente acusador, reaparecia o titular da promotoria, Paulo Duarte Fontes, que iniciou afirmando: "Aqui também se aplica a lei de Deus". E terminou pedindo a absolvição de todos, pois, segundo ele, "a denúncia é inepta e injusta, ninguém pretendeu incitar à guerra



Juiz de Fora: depois das surpresas, a festa pela sentença

revolucionária e nenhum destes tem passado subversivo". Condenado, então, seria "ridicularizar a segurança nacional".

Defesa facilitada — Os tenso-quiabertos assistentes — entre eles o arcebispo dom João Resende — os bispos dom Serafim Fernandes Araujo e dom Valdir Calheiros — ouviram o promotor voltar-se ao seu colega que ofereceu a denúncia: "pouco sabe de socialismo", afirmou, citar mais adiante a obra do revolucionário como identificadora da pregação da Igreja, quando ambos dem a "valorização da condição na".

Os nove defensores tiveram, em dis- disse, muito pouco trabalho. Morado foi o discurso do advogado Afonso Cruz (179 defesas e 70 acusações nessa auditoria). Ele chamou a atenção para a singular intenção do promotor Simeão Faria de condenar os réus a uma lei que só entrou em vigor depois. Em verdade, quando os padres em seus sermões de domingo mencionaram o documento de 370 palavras condenando a forma como foi morto no Rio, em março de 1968, o estudante Edson Lima Souto, a nova Lei de Segurança Nacional não estava em vigor. Por unanimidade da acusação de intei- gita, tais pronunciamentos eram dos e sua severa interpretação no máximo a uma condenação de meses.

"Ide com Deus" — Acusados e tentes ainda não estavam convencidos de ter, finalmente, absolvição quando um coronel, um tenente e o juiz civil, Carlos Augusto Rego, se reuniram para dar o veredicto. De

reitas e perigosas escadas da audiência comentava-se que, no ano passado, o promotor pedira igualmente a absolvição, mas o Conselho condenara assim. Às 20 horas, porém, a sessão aberta e o auditor leu a sentença: apenas quatro parágrafos, considera os acusados não tiveram "qualquer relação com indivíduos ou entidades de ideologia subversiva", e resolve, por unanimidade, julgar improcedente a denúncia e absolver os padres. A surpresa ocorreu pouco antes do encerramento da sessão. O presidente do Conselho, coronel Jorge Luongo, afirmou: "A exemplo do que os senhores com seus fiéis ao término da missa vos digo: ide com Deus e sede

QUADRÃO

1ª vitória?

Depois do julgamento, um dos policiais chorava, os outros riam e se abraçavam. E os quatro juntos foram tomar um café num bar a poucos metros do local, em Itaipicica da Serra, cidade de 10 000 habitantes, a 35 quilômetros de São Paulo. Festejavam a absolvição por unanimidade da acusação de inteligência assassinado a tiros, em dezembro de 1969, o marginal "Brucutu". Igualmente participavam da comemoração as de colegas investigadores da cidade da Grande São Paulo, que se reuniram convencidos de ter, finalmente, absolvição a um ato de justiça. Não foi nem mesmo necessário o cumprimento da promessa de um membro da delegacia escolta dos réus, que afirmara minutos antes da leitura da sentença pelo juiz: "Se eles forem condenados, rasgo minha carteira de identidade". Quanto isso, na área do Grande de Janeiro voltavam, depois de um longo recesso — que em nada contribuiu para alterações nas estatísticas de criminalidade —, a aparecer cadáveres de marginais à beira de estradas escuras e mal frequentadas: cinco na Baixada de Ninense e um na Guanabara. Um corpo, o de Tuca, inexpressivo tratado de entorpecentes, trazia pendurada na orelha um cartaz: "Eu não taro crianças e nem assalto bandeira 2". A assinatura, a palavra "Sombra" e a famosa EM, com a também reinante marca da caveira.

Entre casos no Rio — Em Itaipicica policiais acusados negaram perante o juiz qualquer vinculação com o "quadrão da morte". O investigador João Frade, 45 anos, encarregado da equipe 2 do Departamento Estadual de Investigações Criminais, DEIC, dis-

se saber da quadrilha de extermínio de marginais apenas pelos jornais e afirmou não ser autor da morte de Brucutu. Até estranhava o fato de ele ter sido morto por policiais, como dizia a denúncia. "Pra mim foi surpresa, porque era um elemento que não dava trabalho." No Rio, policiais de todas as categorias negam-se também a admitir que os seis cadáveres da semana passada sejam obra do "esquadrão", de cuja existência igualmente duvidam. Esta é a opinião do delegado de Homicídios da Guanabara, Ivan dos Santos Lima. Para ele, "isso de matar e assinar em baixo parece estar se tornando hábito entre os próprios marginais. Se há policial envolvido, está agindo isoladamente".

De qualquer forma, as vítimas do "esquadrão" já são vinte na Guanabara

da pequena cidade paulista (quatro comerciantes, um economista, um estudante e um proprietário de imóveis) considerado os policiais inocentes, essa foi uma decisão a que só cabe contestação com o recurso da apelação.

O intrigante, entretanto, são as coincidências entre as teses de defesa e o raciocínio de um grande número de policiais: embora estes condenem a existência de "esquadrões", apresentam argumentos que os justificam e até mesmo estimulam.

A defesa envergonhada — No Rio, o comissário Hildemar Barbosa, da 10.ª Delegacia, afirmava a VEJA, na última quinta-feira: "O policial muitas vezes se sente desprotegido diante da ameaça constante de bandidos matando seus



Quatro absolvidos em São Paulo, seis mortos na GB: o que o EM tem a ver com isto?

desde o início do ano. O promotor público José Silveira Lobo, designado em 1971 para investigar os casos dos misteriosos aparecimentos de cadáveres em lugares ermos, já conseguiu identificar e denunciar dezoito policiais como responsáveis por eles. Apesar de admitir a utilização dos mesmos métodos por marginais, o promotor atribui a violência e o assassinio oficiosos "à mentalidade reinante na polícia", o que só poderia ser evitado a longo prazo com ampla campanha educativa entre os próprios agentes.

Coincidências — Esta parece ser também a tese esposada pelo juiz de Itaipicica da Serra, José Ruiz de Lima. Ao término do julgamento, recomendou aos réus que, "se houver alguém entre seus colegas começando a trilhar pelo caminho do crime, exijam dele que não aja assim. Depositem a sorte do marginal nas mãos da Justiça". Obviamente nenhuma relação existe entre a absolvição de João Surreição Frade, Paulo José da Costa, Alfredo Roque e José Wilson de Carvalho, em Itaipicica, e o ressurgimento das atividades do "esquadrão" na Guanabara. Mesmo porque, se o júri

colegas. Como a Justiça muitas vezes é impotente, o policial faz justiça pelas próprias mãos. É claro que a polícia não pode agir dessa maneira enquanto instituição, mas se fosse assim os bandidos já teriam acabado". Outro a condenar com veemência a existência de "esquadrões" é o comissário Nelson de Sá, da 4.ª Delegacia, para quem a polícia se divide em "positiva" e "negativa". Os "negativos" são o pequeno grupo que, à revelia dos superiores, assassina marginais. "Eu não concordo com esses métodos", diz ele, mas estabelece uma limitação: "O extinto grupo dos 'onze de ouro' nunca deveria ter sido apresentado de público. Sua atividade daria melhores resultados se fosse oculta".

Parece por demais evidente que, com tais concepções da verdadeira função policial, campanhas educativas como as pretendidas pelo promotor Silveira Lobo estão condenadas a alcançar êxito só a prazo muito longo. E a solução talvez esteja mesmo na orientação até aqui penosamente seguida pela própria Justiça. Ela absolve, depois de julgamento, os acusados da morte de Brucutu, mas também exige a identificação dos assassinos de Tuca.



AGÊNCIA FOLHAS

Olivares: a consciência em paz...

POLÍCIA

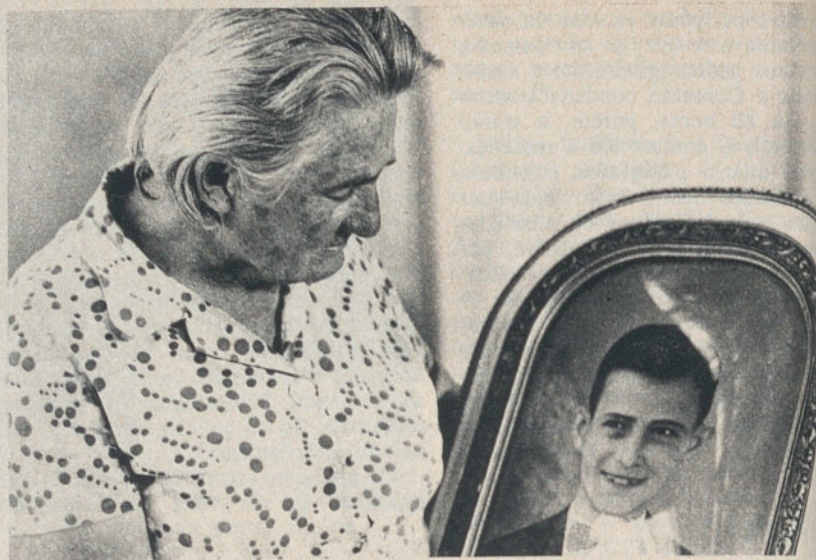
Quase perfeito

Até a semana passada, a história do menor Odebes Cortegoso, de dezessete anos, morto com um tiro nas costas em janeiro de 1969, era ao mesmo tempo a de um crime perfeito, um caso resolvido e um inquérito arquivado. Cortegoso foi assassinado quando, em companhia de alguns amigos, comia uma pizza no bairro de Americanópolis. Seu matador foi um dos três policiais que, depois de pedirem documentos e revisarem o grupo de jovens, mandaram que corresse. Talvez por divertimento, foram dados dois tiros. Um atingiu Odebes nas costas.

Depois de três anos de mistério, um investigador, Luís Olivares, sabendo-se à morte, com câncer na cabeça, resolveu apontar o nome do assassino. Terça-feira passada, ao formalizar a acusação contra o policial Áureo Oliveira Bernardo, de 31 anos, desabafou: "Eu não posso morrer com esse peso na consciência nem continuar olhando meu filho de frente, e cumpro a promessa que fiz aos pais de Odebes", José e Isabel Cortegoso.

Acusação — Conforme o depoimento de Luís Olivares, a fórmula para esconder o verdadeiro responsável pela morte do menor teria sido articulada com muita paciência, sem dispensar a omissão e mesmo a colaboração de outros policiais, colegas ou superiores.

O quebra-cabeça começou pelo boletim de ocorrência registrado no 16.º Distrito Policial, que foi trocado, eliminando-se os nomes de importantes testemunhas. Para evitar qualquer perigo num eventual exame de balística, o cano do revólver de Áureo teria também sido



...acusando o matador de Odebes, que dona Isabel não e

substituído. Hélio Matias, a testemunha que reconheceu o policial como autor do disparo, desmentiu-se em seguida, segundo Olivares, após providencial surra na cela de alguma delegacia. Outras testemunhas teriam sido coagidas durante o depoimento e o inquérito para esclarecer a morte de Odebes caminhou vagarosamente durante dois anos, com indiciados desconhecidos.

Em 1971 surgiram os três primeiros nomes, mas a habilidade do criminoso teria se aliado à vontade divina. O assassino, diziam, era o policial Ranulfo Dias Filho, infelizmente morto num acidente automobilístico, havia dois anos. Áureo reconheceu que participara de uma diligência no dia do crime, juntamente com Antônio Tavares Teves e Ranulfo Dias Filho, à procura do traficante Válder "Louco". E Tavares disse a mesma coisa. E os dois também concordaram quanto à culpa indiscutível do morto. Os responsáveis pelo inquérito, por sua vez, aceitaram a versão. Ranulfo atirou "para assustar os rapazes". E o inquérito foi arquivado com a certidão de óbito do falso assassino.

Crime perfeito — Seria um crime perfeito, se Áureo não cometesse o grave erro de admitir, a Luís Olivares e ao motorista que o acompanhava, ser responsável pela morte do menor. E impune, se Olivares não comunicasse o fato a seus superiores, ainda em 1969. Na época, conta ele, "nada podia dizer, pois o chefe da zona sul, delegado Rubens Liberatori, que sabia de tudo, estava esperando uma promoção e a revelação dos fatos seria um escândalo".

Reaberto agora o processo, com o inevitável escândalo, os responsáveis pelo inquérito terão que explicar como consideraram absolutamente normal o fato de que os policiais não viram o menor levar um tiro nas costas, se estavam a

poucos metros de distância, ter retirado "calmamente, como se nada acontecera". Depoimentos diversos, testemunhos duvidosos e surpresas deduzem que outras pessoas também estar envolvidas. Há contradições inclusive entre os próprios policiais: apesar de Áureo e Antônio informarem que Odebes foi obediente durante a abordagem, o delegado Camargo de Almeida ao encerrar o inquérito em 1971 afirmava o tiro com o fato de um dos jovens "ter medido a possibilidade de frentar os policiais". No teste realizado há dez dias, Áureo deu informações diferentes de suas declarações de 1971, enquanto Tavares continuava Válder "Louco" por um personagem "procurado por um crime que poderia ser um dos rapazes". O caso parece ter raízes mais profundas na Secretaria da Segurança de São Paulo, independente do processo judicial, abriu sindicância para descobrir o que realmente aconteceu.

Policiais em férias — De qualquer forma, a tarefa do promotor não é fácil, principalmente porque um novo hábito começou a ser cultivado nas delegacias: todo policial suspeito de envolvimento em um crime deve sofrer a pertinaz coincidência de estar em férias poucos dias antes do depoimento ou da prisão preventiva. Isso, na sexta-feira da semana passada, o juiz Manuel Veiga de Carvalho afirmou na presença dos curiosos que entram na sala, ao saber que o delegado Rodrigues Bicas, supervisor-geral da zona sul, onde trabalha Áureo, não o procurou porque estava de férias e acrescentou em tom de desafio: "Nós estamos aqui para caçar bandidos e não para perseguir policiais". O que, para o juiz, era uma estranha manifestação de colegas que poderia provocar a remessa de tudo para Brasília.

MO	DI	MI	DO	FR	SA	SO
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

JULI



continuação da página 84

Castro e Silva também acha que o risco não compensa: "Entre os gânglios que formam a cadeia ganglionar simpática, existe um, na região lombar, que preside o problema de vascularização dos membros inferiores", diz ele. "Possivelmente,

poderia ser feito um bloqueio desse gânglio. Mas trata-se de uma cirurgia bastante complexa e delicada."

Contrário à solução de secar o suor, como se propõem fazer os incontáveis cosméticos atuais — "Suor tem sua finalidade, estancá-lo seria o mesmo que eliminar a urina amarrando a bexiga"

—, Castro e Silva acredita que o número de operações é que deveria aumentar. Coisa não muito fácil, porque depende da conscientização de cada um de seu estado malcheiroso ou da coragem de parentes e amigos para insinuá-lo. E de uma quantia em dinheiro acima das possibilidades da maioria.

RELIGIÃO

Os pregadores

Em resposta à exortação da inflamada pregadora — "Quem tiver a coragem de rezar dê um passo à frente" —, um jovem espectador avançou com segurança para dentro do semicírculo formado na praça da Sé, em São Paulo, por oito pessoas sobriamente vestidas e portando grossos volume da Bíblia. Reações desse tipo, contudo, raramente são detectadas entre os pedestres que, estacados em alguma das praças paulistanas, ouvem todos os dias a monótona anúncio dos fins dos tempos. Embora reconhecendo que as diminutas platéias são habitualmente constituídas por apáticos curiosos, Francisca Medeiros da Silva — dirigente do grupo religioso Jovens da Verdade, além de militante do Exército de Salvação e pregadora há seis anos — ressalta que "problemas mesmo só surgem quando ocorre a presença de bêbados".

Os Jovens da Verdade constituem o mais recente grupo na vasta coleção de pregadores de rua de São Paulo. Organizaram-se no ano passado e, desde fins de outubro, definiram seu programa de apresentações públicas, que se resume às pregações de terças e quintas-feiras, no largo da Misericórdia, no centro de cidade. Ali, como outros grupos, dardam ameaças terríveis aos infiéis, que passam indiferentes sem receio de qualquer tipo de provocação dos que às vezes param. "Somos preparados psicologicamente para evitar que a nossa missão seja desvirtuada", assegura Francisca. E, de acordo com os oradores, os incidentes são normalmente contornados pelos próprios espectadores.

res, que se encarregam de manter o importuno a uma prudente distância da pregação.

Metais e violão — Na verdade, a preparação psicológica não chega a ser muito esmerada. Para chegar aos púlpitos a céu aberto, um Jovem da Verdade deve preencher um único e nebuloso requisito: "Ter o dom de transmitir a mensagem evangélica". Mais explícito, o Exército de Salvação, que ao lado do primeiro grupo forma o mais ativo manancial de místicos oradores, obriga seus escassos candidatos a cursarem por dois anos a Escola de Oficiais mantida pela seita. Só depois dessa etapa é que são investidos de poderes equivalentes aos dos padres católicos e pastores protestantes.

Mas essas pequenas divergências desaparecem por completo quando se chega às praças, onde as técnicas utilizadas na incomum catequese costumam coincidir integralmente. Tanto os salvacionistas quanto os Jovens da Verdade recorrem a hinos para atrair os passantes, embora o segundo grupo prefira um suave violão aos sons metálicos dos militantes do Exército de Salvação. As soturnas pro-

fecias são partilhadas por todos. E são igualmente comuns a crença de que desempenham uma missão outorgada por Deus e a resoluta confiança nos bons resultados dos métodos que eles empregam.

Pregando para ladrões — "Quando vou para a rua", revela Francisca, "nem sei bem o que vou falar. Mas basta abrir a Bíblia para que Deus me ilumine." E Luís Gonzaga, pregador salvacionista há cinco anos, escuda-se numa fantástica experiência pessoal: "Antes, eu precisava consultar um especialista a cada dois meses. Depois de ter encontrado a salvação, passei a ser examinado só uma vez por ano". Para ambos, uma única conversão justifica incontáveis horas de proselitismo. "Já convertimos muita gente", afiança Francisca, "e ficaremos nas praças ainda por muito tempo."

De fato, a extinção dos pregadores das praças, se depender da disposição dos dirigentes das seitas, é uma possibilidade ainda remota: "Não vamos parar", diz Francisca, "porque estamos falando a verdade e ninguém é preso por isso. Mesmo se puserem todos nós na cadeia, vamos pregar para os ladrões". As

sólidas convicções dos diligentes pregadores, contudo, não costumam encontrar a desejada ressonância entre a desatenta platéia. "Sempre dou uma paradinha aqui na praça Ramos para ouvir o que eles dizem", explica o bancário Joel Cardoso. "Para mim, é uma atração turística como qualquer outra. E com a vantagem de ser gratuita." Enquanto Cardoso falava, um Jovem da Verdade procurava sobrepor a voz aos ruídos para pedir que os verdadeiros cristãos erguessem o braço. Ninguém ergueu.



Jovens da Verdade, em São Paulo: basta comunicar

RELIGIÃO

modo sem sonhos

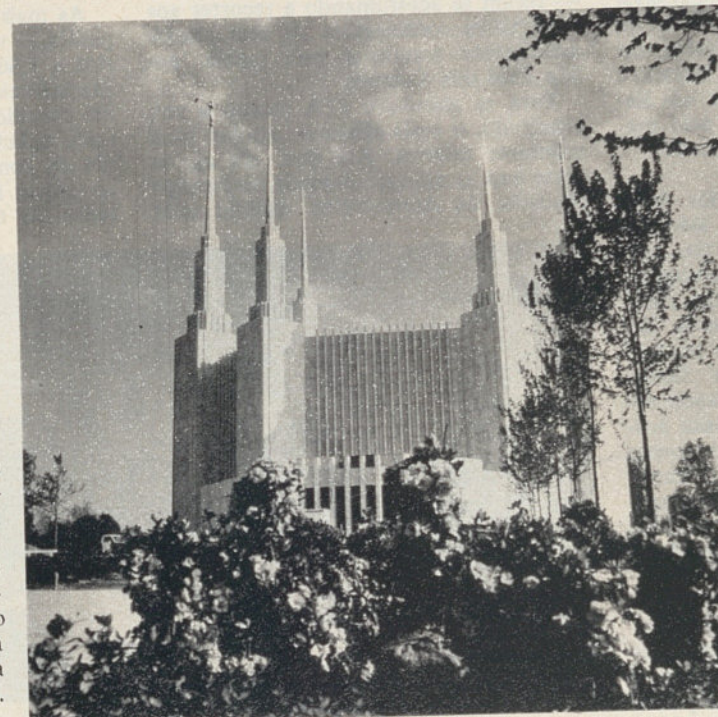
o longo de um mês de debates, te-
como o celibato religioso, o divór-
a pílula, as relações entre Igreja e
ca, os direitos humanos e tantos
os de presença assídua em reuniões
ênero, devem inevitavelmente subir
a. Mas, como esclareceu seu secre-
geral, o bispo polonês Ladislao
n, às vésperas da abertura solene, na
na passada, em Roma,
Sínodo Mundial de Bis-
não alimenta sonhos de
sformações radicais. "O
nos espera é muito tra-
o", explicou ele, a um
lhão de repórteres e cor-
ondentes.

e fato, nem mesmo as
tuais incursões por pro-
nas mais terrenos e a
ença de um considerá-
número de prelados
ntificados com a ala mais
ulenta da Igreja pare-
n garantir revelações es-
ecedoras. O abade René
retin, correspondente do
al francês *Le Figaro* e
o frequentador do Vati-
o, foi de uma cristalina
eridade com o corres-
dente de VEJA em Ro-
Marco Antônio de Re-
de. "O tema do Sínodo
Evangelização", afirma
"Isto é, uma palavra
precisa, uma abstração.
o se devem esperar gran-
conclusões."

Eleições diretas — No entanto, po-
estar reservado ao IV Sínodo, ainda
undo admite o abade Lauretin, um
nificativo papel democrático. Não
enas porque, "ao contrário dos pre-
dentes, apresenta um espírito mais
re", abrindo suas portas a um saudá-
ecumenismo (um dos oradores será
pastor protestante Phillipe Porter, se-
etário geral do Conselho Mundial das
rejas), mas sobretudo em razão do
emplar critério para a seleção de 143
s 207 participantes — eleições livres
diretas dentro de cada comunidade
iscopal.

O que possibilitou, por exemplo, que
Brasil esteja representado por quatro
e seus prelados mais significativos,
em de dom Vicente Scherer, arcebispo
e Porto Alegre, convidado especialmen-
pelo papa, e de dom Agnello Rossi,
residente da Sagrada Congregação para
Evangelização dos Povos. Pelo menos

a um deles, dom Aloísio Lorscheider,
presidente da Confederação Nacional dos
Bispos do Brasil, o Sínodo reservou de
antemão um expressivo papel. Distin-
guido para falar logo após Paulo VI, na
sessão de abertura, dia 27, dom Aloísio
traçou um desolado panorama das rela-
ções Igreja-Estado em todo o mundo,
levantou significativamente indagações
acerca da superpopulação e saudou "o
sentido e a preocupação dos cristãos pela
justiça social".



Surpresa: templo dos mórmons em Washington

Ascensão mórmon

Para os perplexos moradores de Wash-
ington, foi como se um inimaginável en-
genho espacial houvesse pousado por
trás dos plácidos bosques de Kensington.
De fato, com seis delgadas torres que
lembravam gigantescas antenas e sem
uma única janela em seu portentoso cor-
po de concreto e mármore, a misteriosa
construção parecia evocar um monumen-
to extraterreno. No início deste mês,
entretanto, as dúvidas se desfizeram. In-
sistentes proclamas publicitários revela-
ram que a sólida armadura arquitetôni-
ca abrigava não seres de outras galáxias
mas indivíduos de costumes por vezes
extravagantes: os mórmons, ou os fiéis
da Igreja dos Santos dos Últimos Dias.

Além do estonteante estilo arquitetô-
nico da edificação, os habitantes da ca-
pital americana teriam outra razão para

se surpreenderem: o primeiro templo
mórmon erigido na costa leste dos Es-
tados Unidos ficará aberto ao público
em geral até o fim do ano. Isso signi-
fica um rompimento na sólida barreira
de desconfiança, conflitos e perseguições
que, ao longo de quase 150 anos, en-
volveu dramaticamente os seguidores da
nova seita e suas curiosas prescrições so-
ciais. E confirma, também, o avassala-
dor crescimento da fé mórmon dentro
dos Estados Unidos.

Curiosamente, foi na pró-
pria costa leste americana,
no Estado de New York,
que a seita surgiu, em 1830,
alimentada pelas fantásti-
cas narrativas de um meni-
no chamado Joseph Smith.
Anjos, placas de ouro com
inscrições hieroglíficas, uma
desconhecida tribo de nefi-
tas que teria vivido na Amé-
rica pré-colombiana, a visi-
ta de Jesus Cristo ressusci-
tado, o aparecimento do
profeta Mórmon — todos
esses ingredientes se mistu-
ravam nos sonhos e visões
do garoto. E, a partir deles,
um grupo de fiéis começou
a delinear o futuro corpo
doutrinário da nova fé.

Rumo ao oeste — A este
extravagante universo mis-
tico viriam se agregar, gra-
dualmente, inúmeras receitas
morais, de conteúdo marca-
damente puritano. Proibi-
ram-se drasticamente, para
os adeptos da seita, o fumo,
as bebidas alcoólicas e até
mesmo o chá e o café. Erigiu-se o casa-
mento como condição indispensável para
se chegar à salvação eterna e temperou-se
o receituário com fortes pitadas de ra-
cismo (os que carregam na pele a "mar-
ca de Caim" não podem se salvar) e
fatalismo (a felicidade é determinada
por Deus). Paradoxalmente, entretanto,
Smith passou a incentivar seus discípu-
los a adotarem hábitos de poligamia.

Se esta decisão motivou uma entusiás-
tica adesão à fé mórmon por parte de
muitos, acabou incentivando, por outro
lado, o ódio de seus opositores. A tal
ponto que a florescente congregação foi
forçada a emigrar de Nova York para
Ohio, depois para Missúri e, finalmente,
para Illinois, onde se estabeleceu em
1839.

Cinco anos mais tarde, renovados
ventos de intolerância iriam varrê-los
ainda mais na direção do oeste, abrindo
um novo e dramático ciclo de persegui-

ções. Joseph Smith, o sumo-pontífice, foi assassinado, sua congregação sofreu um selvagem ataque e os poucos sobreviventes correram em busca de uma segura "Nova Sião", numa peregrinação que só terminou às margens do Grande Lago Salgado, nas desérticas amplidões de Utah.

Para os mórmons, foi o fim das perseguições e o início de uma vida como seita respeitável. A "Nova Sião" tem hoje 200 000 habitantes, chama-se Salt Lake City (Cidade do Lago Salgado) e é a capital do Estado de Utah. Dali, ao longo dos últimos cem anos, a determinação e a perseverança dos fiéis mórmons lançaram-nos numa incansável missão apostolar, geralmente conduzida por jovens missionários, que trabalham em duplas, sempre de camisa branca e gravata — figuras já familiares nos Estados Unidos, no Brasil e em pelo menos mais quarenta países do mundo.

Prosperidade — Os resultados deste denodado esforço apostolar têm sido significativos, relata Roberto Garcia, correspondente de VEJA em Washington. Se a Igreja Católica só a muito custo consegue manter o número de seus fiéis americanos e os protestantes os perdem progressivamente, a Igreja dos Santos dos Últimos Dias vem multiplicando velozmente seu rebanho. Diretamente proporcional a este crescimento, aumenta sua influência. O aglomerado mórmon vem sendo, por exemplo, freqüentemente acariciado por políticos, interessados em obter os dividendos eleitorais desta aproximação.

Nos últimos vinte anos, de fato, nenhum dos presidentes da República dos Estados Unidos deixou de visitar Salt Lake City. E Richard Nixon chegou a levar para seu gabinete um dos pontífices da religião: David Kennedy, antigo secretário do Tesouro. Mas, à parte o aspecto político, o que tem contribuído decisivamente para a influência da seita mórmon nos Estados Unidos é seu amplo e eficiente programa de assistência social e o sistema de auxílio mútuo aos membros da seita.

Esse programa foi inaugurado com a depressão que se seguiu à crise de 1929 e hoje se baseia em centenas de imensas propriedades rurais, onde a comunidade produz praticamente tudo o que necessita para sobreviver e onde trabalham os que não conseguem emprego no "mercado externo". Com este sistema, e uma exemplar habilidade em questões financeiras, os mórmons vêm acumulando uma importante fortuna. E a construção de templos, como o que acabam de inaugurar em Washington — o custo foi de 15 milhões de dólares, ou cerca de 105 milhões de cruzeiros —, é um dos atestados mais visíveis da prosperidade da seita originada pelo visionário Smith.

EDUCAÇÃO

Exigências do ITA

Em 1947, o Instituto Tecnológico de Aeronáutica aportou no acanhado mundo universitário brasileiro com a missão de "ministrar o ensino e a educação necessários à formação de oficiais de nível superior nas especialidades de interesse do Ministério da Aeronáutica". Nos anos 50, contudo, as empresas do incipiente parque tecnológico nacional — civis e militares, particulares ou não — foram se acostumando a recorrer aos valorizados contingentes de cem alunos anualmente formados pela escola, em São José dos Campos.

Para os alunos, o ITA passou a ser, sobretudo, o mais eficaz trampolim para sedutores salários. Até que, em agosto deste ano, o ministro Joelmir de Araripe Macedo, da Aeronáutica, decidiu selar



Salazar (de barba): "O nível cairá"

a independência da escola em relação ao MEC com os claros contornos do projeto 2 113. Segundo o projeto, em tramitação no Congresso, "a formação de engenheiros destinados ao Quadro de Oficiais de Engenharia (QOEng) será feita através do Instituto Tecnológico de Aeronáutica".

Dessa forma, os alunos civis servirão o Ministério por cinco anos, como oficiais, se ao término do segundo ano básico optarem pelo engajamento no QOEng. Caso contrário, permanecerão até o final do curso como civis — mas em seguida desembocarão num estágio de dois anos, também como oficiais. Rejeitadas ambas as alternativas, o aluno indenizará o Ministério, devolvendo em dinheiro as despesas acumuladas em cinco anos de estudo — o que inaugura um singular sistema de ensino pago.

Carências e eugenia — Em resumo, como disse a VEJA Sérgio Salazar, pre-

sidente do Centro Acadêmico Dumont, do ITA, todos os alunos em princípio, compulsoriamente, dos na Aeronáutica. "E, é acrescenta ele, "que nem os veteranos capem aos efeitos da lei", cuja limitação seria, além do mais, "excessivamente obscura". De qualquer forma, pode dizer que houve surpresa. Em março deste ano os calouros ostentavam, além das inevitáveis raspadas, outras curiosas características comuns.

As mais significativas eram a capacidade visual e auditiva, altura superior a 1,60 metro, inexistência de doenças infecciosas e pelo menos dois dedos da capacidade mastigatória. Esse tributo à eugenia provém da seleção de condicionar a matrícula ao prévio ingresso no Centro de Formação de Oficiais da Reserva (COFR) introduzida em 1973.

Além disso, as exigências do COFR — criado há anos e ainda limitado de no máximo 977 engenheiros — haveriam de servir para o ITA no ano passado. "O ministro, ao aceitar a proposta de aprovação do concurso de ingresso para o QOEng, disse de somente esse índice poderia ser imediatamente subido. A chegada de engenheiros ao ITA, cuja formação tratação é hoje

tada pela concorrência das empresas particulares", salienta Araripe Macedo.

Êxodo — A argumentação, contudo, não conseguiu sensibilizar os alunos. Num plebiscito recente, 44 606 estudantes (há entre estes muitos militares) manifestaram-se contrários à militarização da escola. Mas, com sensatez, eles tiveram cuidado de aliar ao repúdio várias gestões para suavizar o impacto negativo do projeto. E passaram à contrasofista, defendendo a subtração dos recursos aos efeitos da inovação, a divisão das vagas dos vestibulares entre militares e civis, e a alternativa de prestar serviços em empresas vinculadas ao governo federal, como a Embraer.

Se o projeto não for modificado, tentam os estudantes, "virão as modificações nos programas, o êxodo de dados e professores, e, em consequência, a queda no nível do ensino".

APRIL

MO DI MI DO FR SA SO

1

8

7

6

5

4

3

2

9 10 11 12 13 14 15

16 17 18 19 20 21 22

23 24 25 26 27 28 29

30



Encontro mórmon

Em seu cavernoso palácio na cidade de Salt Lake City, nos Estados Unidos, um homem de doze apóstolos, um homem que conversa com Deus. Pelo menos é a convicção de 33 milhões de membros disseminados pelo mundo, para quem o advogado Spencer W. Kimball, 79 anos, adquiriu o direito exclusivo a este contato pessoal, ao assumir, cerca de um ano, a presidência da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — isto é, dos mórmons. Desde a última sexta-feira, o "profeta-vidente e revelador" está no Brasil a ouvir e abençoar seu rebanho de cerca de 50 000 fiéis, reunido em São Paulo para um grande encontro nacional ou "conferência de área" — a primeira América do Sul. Mas Spencer Kimball igualmente se dedicará a atividades terrenas, como uma entrevista com o presidente Geisel, marcado para esta sexta-feira, em Brasília. Como herdeiro de um prodigioso patrimônio espiritual, fundado nos Estados Unidos no início do século passa Kimball a controlar um não menos extenso acervo material. Com efeito, a Igreja mórmon administra um orçamento anual próximo de 1 bilhão de dólares, mais do que o último faturamento da Volkswagen do Brasil. E, sobretudo, é a congregação religiosa respeitada — a mais tendo a ver com os tempos modernos em que seu fundador, Joseph Smith Jr., precisou se exilar na desolada solidão de Salt Lake City com seus seguidores, fugindo da ira de protestantes, católicos e autoridades.

Poderio — Com sua presença à conferência, Kimball aparentemente pres-

RELIGIÃO

ta uma nomenagem à dinâmica comunidade mórmon brasileira. De fato, os 50 000 fiéis de hoje não passavam de uma dezena, em 1935, quando as primeiras missões começaram a desembarcar no Brasil. Este magnífico resultado se deve sobretudo ao meticuloso e paciente trabalho de quatro missões apostolares, povoadas por agentes já familiares às principais cidades do país — jovens catequistas americanos, geralmente em dupla. De roupas sóbrias, cabelos curtos e citando o profeta Isaias, eles tratam, sobretudo, de denunciar a apostasia em que caiu a cristandade.

Na realidade, porém, a aparatosa demonstração de poderio que a comunidade mórmon promoveu, em São Paulo, parece ter confirmado que o exército de circunspectos missionários representa apenas a parte visível de um gigantesco iceberg que pode provocar poderosos rombos em tradicionais estruturas religiosas brasileiras. Ainda que, em matéria de moral e costume, os mórmons estejam remando visivelmente contra a correnteza: eles condenam o alcoolismo, não admitem o fumo, e ainda não se dispõem a conceder aos negros e às mulheres nenhum poder de decisão.

Limite às idéias

Depois do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica se abriu às novas idéias — mas, prudentemente, instituiu a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, que se encarrega de estabelecer um limite para elas. Sua mais recente intervenção se abateu sobre Hans Küng, um jovial padre diocesano de 46 anos e conhecido professor de teologia da Universidade de Tübingen, na Alemanha, que ousara desafiar publicamente a infalibilidade da Igreja em questões de

fé, a exclusiva autoridade dos bispos para pregar a teologia autêntica e a limitação do ministério da eucaristia aos sacerdotes ordenados.

Ao longo de sete anos, a instituição sucessora do célebre Santo Ofício discutiu que medidas tomar diante dos desvios doutrinários do professor Küng — enquanto o exortava a uma retratação pública, a que ele sempre se negou. Há duas semanas, afinal, o caso rompeu a cortina dos bastidores, ganhando a primeira página do *Osservatore Romano* — na forma de uma advertência aprovada pessoalmente por Paulo VI.

Na verdade, por mais incisivo que possa parecer, o "monitum" papal foi saudado como uma vitória pelo teólogo rebelde — e, indiretamente, por todo o episcopado alemão, visivelmente constrangido em desaprovar um professor e sacerdote cujo mais recente livro, "Christ Sein" ("Ser Cristão"), um alentado volume de fácil leitura, é um dos mais vendidos na Alemanha. Pois foi seguramente esta popularidade cultivada por Küng que lhe evitou sanções disciplinares mais severas, entre as quais poderiam estar até mesmo a excomunhão e a acusação de heresia.

Solidariedade crítica — De fato, preocupado com as repercussões, o cardeal de Munique, Julius Döpfner, uma das mais respeitadas autoridades eclesásticas da Alemanha, decidiu intervir pessoalmente junto ao tribunal do Vaticano. Argumentou, por exemplo, que Küng jamais atacou diretamente o princípio da infalibilidade papal — mas apenas a infalibilidade da Igreja.

No fim, o controverso teólogo nem foi afastado de seus ofícios clericais, nem mesmo perdeu o direito de prosseguir lecionando em Tübingen — desde que se esqueça de suas opiniões menos ortodoxas. Seus livros, porém, estão sujeitos à mesma suspeita oficial que ainda persegue, desde 1962, as obras do não menos ilustre padre Teilhard de Chardin, vítima póstuma do último "monitum" editado antes da condenação a Küng.

De qualquer forma, para os que conhecem o teólogo de Tübingen, não existe dúvida de que a questão não terminou assim. E, de fato, embora tenha comentado que já não está "tão interessado em desenvolver temas tratados em livros anteriores", Küng já contra-atacou. "Jamais deixarei de prestar meus serviços aos homens", advertiu ele, "em solidariedade crítica com a Igreja Católica e num espírito ecumênico."



Küng: advertido mas persistente



Mórmons do Brasil: ensaiando cânticos para receber o presidente



James, Eric e George: protestos contra as trancinhas

Seus detratores, cujos protestos, inclusive, já chegaram até o Tribunal de Justiça Desportiva da Federação Carioca de Bola ao Cesto, não os acusam de praticar violências ou jogar mal. Muito menos se preocupam com o fato de os três, estrangeiros, fazerem a maioria no quinteto titular do Clube de Regatas Flamengo. Na verdade, os americanos **James Lee**, **Eric McWilliams** e **George Thompson** simplesmente estão sendo acusados de introduzir um novo modismo no esporte brasileiro: partidários de uma forma irreverente de "blackpowerism", se apresentam de trancinhas nos cabelos quando praticam seu basquete.

Como conciliar as exaustivas exigências de uma orquestra com a dramática falta de baby sitters que tem levado quase ao desespero muitas mães de Los Angeles, EUA? A violinista **Joanne Anderson**, do Grupo de Câmara da Universidade da Califórnia



Joanne/Rebecca: embaladas

em San Bernardino, acaba de encontrar exemplar saída para o seu problema. Carrega sua filha **Rebecca**, de 4 meses, a todos os seus ensaios e funções. E, enquanto a mãe toca, placidamente acomodada em seu colo a menina se embala, sem emitir qualquer som capaz de prejudicar a sonoridade do Grupo, um dos mais competentes entre os universitários do Estado.

Logo na sua posse, contrariando todos os protocolos, ele entrou no Palácio do Eliseu sem fraque, cartola ou carruagem. Depois, tomou café da manhã com lixeiros, passou a se utilizar das mais variadas artimanhas para despistar os agentes secretos que acompanhavam suas saídas noturnas e até se convidou para jantar nas casas de cidadãos que se dispuseram a recebê-lo. Na semana passada, em mais uma de suas plebéicas irreverências, o presidente da França, **Valéry Giscard d'Estaing**, pregou a Le-



Bocuse e Giscard: outra plebéica irreverência



Linda Blair: embriagada

gião de Honra, a mais nobre condecoração de seu país, no peito do cozinheiro **Paul Bocuse**, de três estrelas no rigoroso Guia Michelin. E ainda anunciou que, de surpresa, nos próximos dias começará a visitar quartéis, para saber se é de boa qualidade a comida que se serve aos militares franceses.

Para uma menina de 15 anos, ela tem enfrentado muitas atribulações. Em seu filme de estréia, seu corpo e sua alma foram tomados pelo demônio de "O Exorcista". Depois, em "Nascida Inocente", produzido para a cadeia de televisão NBC, precisou submeter-se à violenta sanha de suas companheiras de reformatório. Agora, em "Sarah T, ou Retrato de uma Alcoolatra Adolescente", também na NBC, **Linda Blair** consola suas jovens angústias existenciais embriagando-se com uísque.

Apesar de todas as desas-



Pat, em San Clemente

trosas conseqüências o cândalo watergatiano, **Pat Nixon**, de 62 anos, finalmente reencontrou sua tranquilidade. Segundo Lucy Winch, uma das antigas secretárias da Casa Branca e confidente da esposa de Richard Nixon, ex-primeira dama, aindaclusa na casa californiana de San Clemente, "parece para o fundo da terra e desaparecido no mar". Mas bora continue culpando o chefe de pessoal H. R. Hall pela queda de seu marido, Pat teria garantido a Winch que enfim se sente bem em paz.

Um economista, um gado, um administrador de empresas, um especialista em marketing — e a cantora **Regina**, de 30 anos. Sobre o pentágono nasceu, na semana passada, em São Paulo, a Trama, uma produção de espetáculos musicais com os promissoramente amados. Segundo Elis, já foi acertado o primeiro projeto do grupo: em colaboração com a Embrafilme e o compositor-músico-cineasta **Sérgio Ricardo**, a Trama vai levar aos cineastas universitários uma série de filmes brasileiros de metragem.

RELIGIÃO

A pregadora

Devagar, as luzes se apagam. No palco art-decô do Hollywood Palladium ela surge meio flutuante, magra, loura, vestido branco bordado de pérolas, enormes brincos de cristal refletindo os spots, olhos sombreados por cílios postiços. A orquestra ataca dramaticamente, uma harpa incandescente brilha. Enfim, com voz baixa, a pregadora começa a conferência de 95 minutos. É mais uma aparição de Esther Jungreis, uma *rebbetzin* (mulher de rabino), de 38 anos, clamando sobre a importância de ser judeu — e fazendo inédito sucesso nos Estados Unidos.

Acompanhada pela orquestra, num crescendo que conduz a platéia a um fervor de cruzado, Esther relembra a própria experiência em campos de concentração, descreve a agonia do jovem judeu buscando suas raízes e canta "Blowing in the Wind", de Bob Dylan. Tremendo, ela enfatiza a santidade de Israel; sufocada de emoção, narra o desespero do pára-quedista israelense que perdeu o braço e não pôde cumprir o que se propôs: usar nele seu amuleto. A cortina, finalmente, desce — e baixa no palco uma estrela de Davi, dourada, com folhas brilhantes de alumínio vermelho.

Apelidada de "Billy Graham judaica", Esther Jungreis vem lutando, nos Estados Unidos e Israel, com sussurros, lágrimas e energia, por uma identidade israelita. Seu aparecimento em Hollywood, na semana passada, atraiu uma multidão de 3 000 pessoas, reforçando a organização *Hinenu* (Aqui Estou) fundada por ela sem fins lucrativos, em 1973. Hoje, o grupo já conta com 18 000 membros, que assistem a aulas sobre o Torá (livro sagrado) e participam de encontros periódicos.

Antiortodoxia — Surpreendentemente, para uma religião de tradições masculinas, é uma mulher que vem pretendendo recuperar os judeus — e para uma fé de linha dura. Combatendo grupos, como o *Judeus para Jesus*, ela exorta as audiências a dependerem apenas de judeus e a não se esquecerem da indiferença mundial do holocausto durante o nazismo. "O que Hitler não conseguiu nas câmaras de gás", adverte, "a assimilação conseguirá." A religião de Esther é tão ortodoxa quanto seus métodos são antiortodoxos. Dependendo da narração, ela usa humor, entusiasmo, agressão — sempre com o objetivo de vituperar o estado atual do judaísmo americano. "Aqui", acusa ela, o "judaísmo tornou-se uma neurose sexual ou experiência gastronômica."



Jungreis: uma Billy Graham judaica

Nascida na Hungria, filha de um rabino-chefe, Esther Jungreis começou sua atividade a favor da causa judaica aos 4 anos, ajudando a contrabandear veneno para manter pacientes judeus hospitalizados e livres do trabalho forçado. Em 1955, já instalada nos EUA, casou-se com o rabino ortodoxo Theodore Jungreis, de North Woodmere, Nova York, onde fazia seminários sobre a Bíblia. E, antes de lançar-se à pregação, manteve uma coluna jornalística, "Pergunte à Rebbetzin", que durou dezoito anos e sempre primou pela ortodoxia — certa vez, aconselhou uma leitora a pedir licença ao rabino para segurar as mãos do noivo. Ainda hoje, Esther continua a advogar que os filhos sejam educados de acordo com a divisão tradicional de papéis, e que casais durmam em camas separadas.

Em sua pregação, espantosamente, Esther Jungreis tem tido mais sucesso com jovens. Seus posters são apelos ardorosos a favor de POT * — iniciais de "Putting on Teffelin", usem amuletos — e LSD — "Let's Start Davening", vamos rezar. Os adultos, porém, estão divididos. Enquanto para alguns ela é a encarnação do *maggid* — no passado, pregador de pequenas comunidades da Europa central —, para outros a vulgarização dos costumes antigos e da ortodoxia é ofensiva. Mas Esther Jungreis se mantém imperturbável. "Todos sabem que há muitos judeus na Madison Avenue", responde, referindo-se à avenida das grandes empresas publicitárias, "mas somos os piores propagandistas de nós mesmos." Sem dúvida nenhuma, nesse caso, ela é uma exceção.

* Em inglês, *gíria* para maconha.

JUNI

MO	DI	MI	DO	FR	SA	SO
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	



RELIGIÃO

Missão luterana

Feria Jonas realmente passado três dias no ventre de uma baleia? A questão, nos últimos dois anos, se transformou no centro da controvérsia de 2,8 milhões de membros do Sínodo da Igreja Luterana do Missouri, nos Estados Unidos. De um lado, os "conservadores" defendem como literalmente verdadeira a bíblica história de Jonas — e também de Adão e Eva no paraíso, Moisés descendo as águas do mar Vermelho, Daniel na cova dos leões. De outro lado, os "moderados" insistem em atribuir um significado simbólico às contadas passagens. Há cerca de dois meses essa discordância, que paulatinamente vinha escapando de seus limites teóricos, acabou por provocar um verdadeiro cisma. Os "moderados" estabeleceram uma organização em separado, denominada Luteranos Evangélicos em Missão (Lim), e um curso de Seminário em Joliet — ou Semi-Joliet. No mês passado, em consequência, a convenção anual do Sínodo, reunida na cidade de Anaheim (Califórnia) e liderada pelo reverendo Jacob Preus, virtualmente os expulsou do seu luteranismo.

O rompimento final entre as duas facções não demorou: há três semanas, durante uma assembleia da Elim em Chicago, os "moderados" votaram por unanimidade a favor da constituição de um sínodo separado. Com isso, desligaram-se formalmente do Sínodo de Missouri, o segundo grupo de maior importância de luteranos americanos — e, também, o mais conservador. "A Convenção de Anaheim afirmou categoricamente que, seja qual for nossa escolha, ela não será nossa", disse o reverendo "moderado" Thomas Spitz. "Pois estamos fora."

Deserções — Agora, os dissidentes de Chicago — que usam como lema a frase "Cristo vivo, Igreja viva" — planejam organizar um sínodo transitório, constituído por elementos de congregações, grupos de fiéis e até indivíduos iso-

lados. Todos estes, no futuro, poderão se juntar aos dois outros grupos principais de luteranos: a Igreja Luterana da América e a Igreja Luterana Americana. Quanto aos "moderados" dissidentes da própria "moderação" — isto é, os que optarem pela permanência no Sínodo de Missouri —, a Elim continuará a lhes dar assistência.

Mais que a polêmica bíblica, as duas facções estarão competindo, agora, sobre o número de fiéis que o Sínodo vai perder. Como cerca de 40% de seus lí-



Jonas saindo da baleia: verdade ou simbolismo?

deres votaram com os "moderados", estes calculam em pelo menos 25% o número dos que os seguirão. Os "conservadores", porém, prevêem as deserções num máximo de 10% e não acreditam na perda de congregações inteiras. Ainda em termos de futuro, parecem pequenas as possibilidades de se tornar a unir o que os homens separaram. "É melhor estarmos divididos pelo bem da verdade do que unidos no erro", proclama o reverendo "conservador" Ralph Bohlmann. É o único ponto em que os dois lados manifestam pleno acordo.

Falta o Messias

Embora a maioria dos judeus julgue Yasser Arafat, líder da OLP, o inimigo número 1 de Israel, para os *Neturei Karta* (Guardiões da Cidade, em aramaico), uma pequena seita religiosa que considera o Estado judeu contrário às Escrituras, o chefe palestino é um aliado em potencial. Acusados de traição por numerosos israelenses, seus líderes já escreveram à ONU solicitando admi-

nistração separada e a internacionalização de Jerusalém. Igualmente, pleitearam o direito de representação na Conferência de Paz de Genebra. E, finalmente, propuseram negociações à OLP.

"Todos nós apoiáramos um Estado governado por Arafat", garante o rabino Uri Blau, filho de um dos fundadores da seita, "se Arafat não nos fizesse mal". O anti-sionismo dos *Neturei Karta* — para quem o Estado judeu não poderia ser criado antes da vinda do Messias — vem desde a fundação de Israel, em 1948. Na ocasião, vários de seus membros tentaram se entregar aos árabes. E, desde então, recusam-se a reconhecer Israel ou a participar de suas atividades. Em 1967, vencida a Guerra dos Seis Dias, a seita vestiu luto; e este ano, enquanto o país festejava seu 27.º aniversário, colocou bandeiras negras em suas casas.

Violência — Inspirados no anti-sionismo judaico do século XIX, os *Neturei Karta* observam rigidamente a Torá (lei escrita, contida nos cinco primeiros livros do Velho Testamento) e o Talmud (lei oral, compreendendo textos religiosos do século III antes de Cristo ao século V depois de Cristo, que complementa a lei escrita e a cometa). Eles guardam ciosamente o *shabat* — o sábado sagrado — e seguem todas as restrições alimentares: só comem carne sangrada, não misturam pratos que levam leite aos de carne, abstêm-se de carne de porco ou frutos do mar. E obedecem, também, a todas as leis de vestuário — mantendo o corpo rigorosamente coberto.

Fora disso, porém, os *Neturei Karta* são inteiramente diversos dos simples ortodoxos. Frequentemente, suas poucas centenas de membros se entregam a extremos violentos, em manifestações contra piscinas para ambos os sexos, o alistamento militar ou o tráfego durante os sábados — motoristas e ciclistas que passem nesse dia por Mea Shearim, seu bairro em Jerusalém, correm o risco de ser apedrejados. Pior ainda, a seita assegura que o genocídio de judeus pelos nazistas foi a punição divina pelo sionismo e pelo "estabelecimento prematuro" de judeus na então Palestina.

O rabino Moshe Hirsch, secretário da seita, vai ainda mais além em seu anti-patriotismo. Segundo ele, até os heróis que defenderam a cidadela de Masada contra os romanos, em 73 depois de Cristo, e se suicidaram para evitar a escravidão, eram "nacionalistas vagabundos". Evidentemente, a maioria dos israelenses se enfurece com os *Neturei Karta*. Como diz o rabino Hirsch: "Às vezes me insultam nas ruas, gritando: 'Terrorista!' Eu me contendo para não revidar: 'Sionista!' E continuo a transmitir, através da educação, a fé que o sionismo tentou invalidar".

RELIGIÃO

Mulher no púlpito

"As mulheres deveriam se manter silenciosas nas igrejas", pregou o apóstolo São Paulo aos coríntios — mas ultimamente a recomendação não tem encontrado muitos ouvintes, sobretudo nos Estados Unidos. De fato, nos últimos anos, a luta das mulheres pela ordenação sacerdotal vem abalando quase todas as religiões ocidentais — a ponto de 2% dos pastores americanos serem mulheres e das inscrições femininas, em alguns seminários, terem aumentado em mais de 30%. Mais ainda, as americanas vêm recorrendo atualmente aos tribunais em sua luta pela igualdade de direitos eclesiais.

Excluídas do clero pelos católicos, episcopais e várias seitas protestantes, as mulheres consideram essa fase apenas metade da batalha — há a enfrentar, paralelamente, 2 000 anos de exclusividade masculina. Nos últimos meses, os ataques mais cerrados à discriminação vieram das sacerdotizas episcopais, que receberam ordenações desautorizadas. E o último acontecimento importante da amarga controvérsia ocorreu no mês passado, durante a reunião de elite da Casa dos Bispos, em Portland, no nordeste dos Estados Unidos.

A liderança episcopal, nessa ocasião, votou uma censura aos bispos responsáveis pelas ordenações "irregulares" na Filadélfia, em 1974, e em Washington, no mês passado. "Essas censuras", afirmou um dos bispos repreendidos, Robert DeWitt, "são uma ilustração clássica do papel conservador da Igreja: conservar. Por isso, todo pensamento novo a surpreende." Com ele concorda a reverenda Betty Bone Schiess, 52 anos, que vem denunciando com extremo vigor o "antifeminismo" na religião. "Entreí tímida para a Igreja", diz Schiess. "E só aprendi uma coisa com ela: falar com dureza."

Conscientização — A luta episcopal, previsivelmente, incendiou católicas, e uma conferência nacional do clero, para mulheres, será realizada em Detroit no próximo mês. "Mas sequer o conceito de mulheres-sacerdotes foi aceito na Igreja Católica", lamenta a irmã Kathleen, líder de uma organização reformista de freiras. Enfatizadamente, o jesuí-

ta William Callahan, fundador do grupo pró-mulher Padres pela Igualdade, em Washington, pergunta: "Se o primeiro estágio é a mulher-sacerdote, por que não a mulher-bispo? Por que não a mulher-papa? Na verdade, se a questão fosse apenas de compartilhar a celebração da Eucaristia, a emoção seria menor. Mas o assunto envolve modificações fundamentais".

Na maioria das congregações protestantes, porém, não há barreira intransponível para uma mulher obter orde-



Priesand, a primeira rabina: sem discussão

nação — embora, segundo a reverenda Grace Moore, de Los Angeles, "haja problemas para se encontrar um posto". Realmente, muitas reverendas se vêm bloqueadas em trabalhos administrativos ou de aconselhamento. E, mesmo quando conseguem púlpitos, hesitam no conteúdo de suas pregações. "Não pretendo chocar as pessoas com mudanças. Minha presença é suficientemente profética", assegura a reverenda Graves, que só se tornou ministra dos 53 membros da Primeira Igreja Cristã de Sun Valley, na Califórnia, porque nenhum homem se apresentou para o posto.

Igualmente reservada acerca dos problemas femininos é Sally Priesand, que se tornou a primeira rabina do Judaísmo Reformado, em 1972, ao entrar na

Sinagoga Livre Stephen Wise, de Nova York. "Aumentei a conscientização dos congregados com minha presença e seguindo duas regras: seja você mesma e não discuta", diz Sally. A rabina teve boa acolhida. "Só senti certa reação ao presidir uma cerimônia fúnebre" — solenidade à qual, tradicionalmente, o ingresso de mulheres é vedado. De seu lado, uma reverenda casada, Cherry Watson Marshall, nomeada ministra presbiteriana durante o nono mês de gestação, também resume discretamente sua experiência: "A idéia da ministra perturba as pessoas; mas, quando nos vêem agindo, se convencem".

Ressentimentos — Na verdade, muitas ministras americanas obtiveram acolhida calorosa dos paroquianos e companheiros de trabalho, despertando antes curiosidade que rebelião. Em Thousand Oaks, por exemplo, na Califórnia, onde prega a ministra Tari Lennon, a congregação chegou a triplicar. Nos arredores de Detroit, o diácono da Igreja Batista de Plumbrook observa com afeto a atuação de sua colega, pastora Janet Gifford Thorne: "Quando Janet pede alguma coisa, é em tom suave. Homens, às vezes, são ásperos".

Mas houve também reações negativas. No mês passado, o reverendo Henry Aldrige anunciou que renunciaria ao posto da Igreja Episcopal de St. Stephen e da Encarnação, em Washington, pois não podia perdoar a ordenação de ministras em desafio à ordem dos bispos, "embora apóie a ordenação de mulheres". O reverendo episcopal Carroll Simcox, de Milwaukee, foi bem mais além: "O conceito de ministra", disse ele indignado, "é a adulteração mais temerária e arrogante da mentalidade do século XX".

Paroquianos também contribuíram com surpresas desagradáveis: "Não quero você", berrou uma mulher para a reverenda Elisabeth Rice, em Boston. "Quero um ministro homem!" Mas, seja qual for o resultado da luta feminina pela ordenação, a ofensiva contra uma religião dominada pelo sexo masculino parece irreversível. "Os conservadores têm razão quando dizem que ministras mudarão a Igreja", afirma o reverendo episcopal Peter Beebe. "Ter uma mulher e um homem juntos, celebrando a Eucaristia, faz com que as pessoas encarem os símbolos de 2 000 anos de forma diferente."

RELIGIÃO

Ruínas anglicanas

A apenas alguns passos do reluzente palácio de Lambeth, no sul da Inglaterra — de onde, com a majestade conferida por seu cargo, o arcebispo de Canterbury apascenta o rebanho anglicano —, uma igreja se desmorona. Com telhas quebradas, bancos comidos por cupins e paredes com o reboco caído.

Igreja de São Barnabeu, cavernosa construção de linhas góticas, mas edificada na Era Vitoriana, cheira a mofo e decadência. Pouco a pouco, sua clientela de 13 000 paroquianos vai se rarefazendo. Hoje, nos cultos dominicais, já não se nota muito mais de duas dúzias de presentes.

Na verdade, a exemplo da abandonada paróquia de São Barnabeu, toda a estrutura aristocrática e orgulhosa da Igreja da Inglaterra parece estar economicamente em ruínas — perseguida pela inflação que vai erodindo seu orçamento e devorando seu patrimônio. A isso se soma o crescente desinteresse de suas congregações. Apenas nos últimos vinte anos, o número de fiéis que participam de seus atos litúrgicos decresceu de 3 para 2 milhões. Hoje, a comunidade anglicana já não dispõe senão de 13 000 clérigos — 2 500 a menos que em 1969. E as previsões admitem que esse número já será de 10 000 em 1980.

Por estranha coincidência, o fenômeno da deserção eclesial tem progredido no mesmo ritmo do agravamento das dificuldades financeiras da Igreja. Os contadores de Canterbury prevêem uma despesa correspondente a 1,6 bilhão de cruzeiros no próximo ano, mas todos os malabarismos financeiros não conseguirão arrecadar nem a metade — no máximo, uns 700 milhões de cruzeiros, incluindo os dividendos por investimentos aplicados, óbulos e contribuições institucionais. Alguns sacerdotes já estão sendo obrigados, inclusive, a procurar um emprego eminentemente laico — dar aulas, por exemplo.

Degeneração moral — O próprio governo britânico, que 440 anos atrás patrocinou o nascimento da Igreja Anglicana, com a cisão entre Henrique VIII e o papa Clemente VII — e que desde então mantém o anglicanismo como religião oficial do Estado —, vem se recusando a socorrê-la, por medida de economia. Entregue assim à sua própria sorte, a comunidade anglicana busca definir uma estratégia de salvação. Seu líder maior, o arcebispo de Canterbury,

Donald Coggan, já saiu a campo para pregar uma volta às virtudes antigas da vida familiar, do trabalho honrado e da solidariedade cristã — acusando os tempos modernos pela decadência religiosa.

"A intemperança não satisfaz a ninguém. A sofreguidão de poder também não. Vivemos o credo do cada um por si e o diabo por todos", reverberou o reverendo Coggan em recente entrevista pela TV britânica. O comovido lamento do arcebispo ecoou em todo o Reino Unido — e se converteu em lema para a cruzada de restauração da fé anglicana. Ainda há duas semanas, o reverendo Coggan voltaria à carga, num debate público, perante uma multidão de trabalhadores londrinos, com o escritor Malcom Muggeridge. Novamente, ele falaria em "degeneração moral", num



Coggan: "Cada um por si, o diabo por todos"

tom incandescente — e acabou sendo aplaudido pela platéia.

Cerca de 20 000 cartas despejariam, depois, sobre seu palácio em Lambeth, elogiando a cruzada moralizante. E até o Parlamento arquivou, por alguns dias, os debates políticos e econômicos para se entregar exclusivamente à questão religiosa e à decadência da Igreja inglesa. Dentro do próprio rebanho anglicano, entretanto, há quem duvide de que a campanha desencadeada por Coggan consiga despertar os fiéis — de resto, já desorientados pelas divisões entre seus líderes. Os conservadores, por exemplo, protestaram contra o fato de ter sido atribuída uma parcela de culpa à sociedade atual, respondendo que a decadência anglicana é "fenômeno puramente religioso".

Vaudeville — Já os esquerdistas do clero, como o bispo Mervyn Stockwood,

protestaram porque Coggan falou da sociedade em termos genéricos — "sem advertir expressamente que o sistema capitalista é que conduz ao caos social". Para Stockwood, a Igreja Anglicana só recuperará seu rebanho se passar a falar de problemas cotidianos, tais como o desemprego, as desgraças ecológicas, a precariedade habitacional, a educação infantil. De qualquer forma, enquanto as eminências eclesiais debatem o papel social da Igreja Anglicana, alguns párocos são obrigados a tratar, de forma eminentemente pragmática, as dificuldades cotidianas de seu sacerdócio.

O abade John Tombling, de uma pequena prelazia de Battersea, conseguiu aumentar sua congregação depois de um paciente trabalho de evangelização e recrutamento entre os guetos marginais de negros e trabalhadores emigrados da região — uma atitude quase escandalosa, levando-se em consideração a desconfiança com que, no passado, a Igreja da Inglaterra tratava seus fiéis menos nobres. Mas nenhuma tática de marketing religioso seria mais eficiente que a adotada pelo vigário Joseph McCulloch, de uma paróquia situada bem na City, o centro comercial de Londres — o que talvez explique a agudeza de seu espírito promocional.

O reverendo McCulloch simplesmente costuma convidar, para os cultos noturnos das terças-feiras, personalidades como os atores Laurence Olivier ou Diana Rigg, o violinista Yehudi Menuhin e o próprio arcebispo de Canterbury. As sessões têm obtido um surpreendente sucesso de público. Mas não deixam, por outro lado, de levantar suspeitas de sacerdotes menos audaciosos. Um deles, o deão do templo de Santo Albano, em Londres mesmo, argumentou: "Se o problema fosse simplesmente encher a igreja, bastaria substituir a liturgia por um vaudeville qualquer".

Vazio vocacional

O prédio do seminário, erguido em 1913 em Aracaju, ainda vê passar por seus venerandos portões, todas as manhãs, mais de 1 000 alunos. Mas, ao contrário dos velhos tempos, essa pequena multidão — que certamente surpreenderia o fundador do seminário, dom José Gomes da Silva, primeiro bispo de Aracaju — apenas procura salas onde se ministra um eficiente ensino secundário. Entre esses jovens sergipanos somente quatro buscam a ordenação sacerdotal — e, assim, mal conseguem sustentar a chama que gerou o tradicional Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus.

Pior ainda, o desconsolado padre José Carvalho de Souza, que, apesar das mudanças, conserva o título de reitor, prevê que dentro de dois anos não restarão

nem mesmo esses vestígios do seminário. De fato, até a dignidade arquitetônica do edifício vem sendo duramente golpeada por picaretas modernizadoras. E desde 1965, quando a instituição abriu pela derradeira vez um número de seminaristas superior a cinquenta, o contingente de candidatos a sacerdote não pára de diminuir. Em 1971, apenas dois jovens solicitaram matrícula. E, nos dois anos seguintes, nenhum candidato apareceu.

Muito mais que um exemplo isolado, entretanto, o vazio vocacional sergipano reflete toda uma crise ultimamente enfrentada pela Igreja Católica. A não ser nos países africanos e asiáticos, onde crescem os números de fiéis e de padres, pelo resto do mundo a situação geral lembra muito a de Aracaju. Da II Guerra Mundial até 1970, segundo dados do Vaticano, 20 500 padres abandonaram a batina. Mais de 1 500 fizeram o mesmo, no Brasil, entre 1960 e 1973. Em São Paulo, o ano passado se revelaria especialmente crítico: treze ordenações contra dezenove deserções. E, durante 1975, pelos cálculos de um ex-assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, cerca de 500 rapazes deverão se afastar dos seminários brasileiros.

Esperanças — Compreensivelmente, poucos religiosos ousam profetizar au-



Chácara Paulo VI: dois seminaristas onde cabem mais de cinquenta

mentos na reduzidíssima população da Chácara Paulo VI, nas margens do rio Aracaju, reservada pela arquidiocese ao alojamento dos futuros sacerdotes sergipanos. Para padre Carvalho, entre as causas do fenômeno se alinham "a des-cristianização das famílias, a mediocridade religiosa e o interesse por valores materiais que contribuem para afastar os jovens do ideal sacerdotal". Além disso, ele recorda que o ensino gratuito oferecido pelos seminários, outrora uma garantia de maciças matrículas anuais, hoje sofre a devastadora concorrência dos prolíficos colégios públicos.

Seja como for, padre Carvalho mantém algumas esperanças. "Vocações exis-

tem", afirma. "Falta apenas que desperte, cultive e conduza." Com to, as insistentes exortações dominadas do arcebispo dom Luciano Duarte, Rádio Cultura de Aracaju, seduzidos em poucos meses pelo menos vinte lescentes, que vêm se reunindo mensalmente na Chácara Paulo VI. Mas é sível que, ao cabo de algum tempo, alguns deles acabem engrossando a dência que, nos últimos três anos, vocou o fechamento de dezoito seminários menores do nordeste — e não as esperanças de crescimento no contingente de seminaristas brasileiros, que de 24 000 em 1964 e atualmente em menos de 10 000.

DEDUZA 42% DO SEU IMPOSTO DE RENDA AQUI.



UMA INDÚSTRIA DE CIMENTO QUE JÁ ESTÁ PRODUZINDO.

Companhia de Cimento Salvador é uma empresa do Grupo Industrial Itaú - um dos maiores grupos cimenteiros do Brasil, conhecido ainda por sua produção de cal, fertilizantes, corretivos para solos, metalurgia, mineração e agropecuária. Aplicando seus incentivos fiscais na Companhia de Cimento Salvador (pertencente à área da Sudene) você estará deduzindo 42% do seu imposto de renda. Mas lembre-se, todo bom negócio tem prazo e o prazo para você fazer suas aplicações vai até 31/12. Portanto, o momento é agora.

GEMEC RPO 323-73/068 (O registro no Banco Central significa que se encontram em poder do Banco e que devem encontrar-se também em poder da instituição patrocinadora, bem como da instituição vendedora, os documentos e informações necessárias à avaliação, pelo investidor, do risco do investimento). Um empreendimento com apoio financeiro do B.N.B. e B.I.R.D. Faça como nós: escolha a SUDENE.



COMPANHIA DE CIMENTO
SALVADOR
Sede: Av. Estados Unidos, 340
andar - s/210 - 211 - Tels. 2301
23412 - Salvador - BA



Escritório Central: Alameda Santos
1357 - Tel. 288-8811 - C.P. 1710-0
Paulo - (SP)

Lançamento sob liderança de:
THECA - DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS LTDA.
Rua Boa Vista, 314 - 8º andar - Tels. 37-6317 - 37-7902 - (SP)

CORBINIANO S.A. CORRETOR DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS
Rua Direita, 250 - 16º andar - Tels. 35-9161 (PABX) - 33-2924 - 36-7536-2944 - 37-4806 - (SP)

men.¹⁹⁴ In den nächsten Jahren bemühte Schwester Dorothy sich um Volkskatechese und Basisschulungen für Laien, die später Leitungsaufgaben in der Gemeinde übernehmen sollten. Wesentliches Merkmal der Basisgemeinden ist die innige Verbindung von Spiritualität und Alltag, der nicht selten von Leid, Armut und Not gekennzeichnet ist. Durch die Methode des Bibelteilens wird dabei das Wort Gottes mit den Lebenserfahrungen der Menschen in Bezug gebracht. Allgemein „wirken [Basisgemeinden] als Ferment kirchlicher Erneuerung und gesellschaftlicher Wandlung, von unten“.¹⁹⁵ Aufgrund des Armutskontextes und der sozialen Notlage sind sie stark diakonisch ausgerichtet.¹⁹⁶

Dorothy arbeitet nicht nur in der Stadt sondern auch im Landesinnern. Von ihren ersten Besuchen schreibt sie: „An den Wochenenden fahren wir ins Landesinnere in die unzähligen kleinen Dörfer. An jedem Ort, zu dem wir kommen, versuchen wir ein paar Leute zu finden, die bereit sind, in der Basisgemeinde zu helfen, die Leute zusammenzubringen, zu singen, die Bibel zu lesen und zu reflektieren.“¹⁹⁷

Im Landesinnern wird Schwester Dorothy mit einer harten Realität konfrontiert, die von Unterdrückung und Gewalt im Konflikt um Land gekennzeichnet war und immer noch ist. Die ungleiche Landbesitzverteilung ist Hauptursache für das Elend der Bevölkerung. Als Dorothy nach Maranhão kam, erlebte sie, wie immer mehr Kleinbauern zu Landlosen wurden, da Großgrundbesitzer sie immer weiter an den Rand drängten. Kleinbäuerliche Betriebe erhielten keine staatlichen Förderungen oder Kredite, hatten Vermarktungs- und Transportprobleme und mussten sich zusätzlich zur eigenen Arbeit gegen schlechten Lohn verdingen, um überhaupt überleben zu können. Sie hatten meistens keinen Besitztitel ihres Landes und wurden oftmals von Landdieben vertrieben, die

mit gefälschten Papieren und brutaler Gewalt immer noch mehr Land in ihren Besitz nahmen.¹⁹⁸ Manch einer hatte in seiner Not oder wegen hohen Schulden sein Land für einen „Bananenpreis“ verkauft und war zum Landarbeiter auf den Plantagen der Großgrundbesitzer geworden. Sie fristeten ein Dasein unter sklavennähnlichen Bedingungen im Kampf um das tägliche Brot für ihre Familie.

Die Gespräche und Begegnungen waren für Dorothy erschütternd und zugleich der Stein des Anstoßes für ihr Engagement in der Landpastoral. Sie sah immer mehr die Notwendigkeit, die Kleinbauern über Grund- und Menschenrechte zu unterrichten. Sie klärte über Landrechte auf und half Landlosen zu eigenem Land zu kommen. Bald schon wurden die Katholische Landaktion „Ação Católica Rural“ (ACR) und die Katholische Landjugend „Juventude Agrária Católica“ (JAC) gegründet. Die Bauern schlossen sich zu Kooperativen und Verbänden zusammen und bekamen somit einen großen und nie zuvor da gewesenen Einfluss in der Region. Mit den Kleinbauern bemühte sie sich darum, dass sie zu fairen Marktpreisen ihre Produkte verkaufen konnten und sorgte sich um eine elementare Schulbildung.¹⁹⁹

Schwester Barbara English, die zu jener Zeit mit Stang zusammenarbeitete, erklärt:

„[...] was uns wichtig war, war die Sorge um die Menschen – ihnen zu helfen, dass sie sich neue Fähigkeiten aneigneten und ihre angeborenen Talente weiterentwickelten, damit sie ihren Alltag besser bestreiten konnten und wir wollten sie dazu bringen, dass sie ihre Hoffnungen und Träume verwirklichen.“²⁰⁰

Großgrundbesitzer waren verärgert über die Aufklärungsarbeit der Schwestern und beschimpften sie fortan als „Unruhestifter“.

194 Vgl. Holland/Stonehill, S. 3.

195 Michael Sievernich: Art. Basisgemeinden, in: LThK, Bd. 2, Freiburg 2006, Sp. 72.

196 Zum Begriff „Basisgemeinde“ siehe: Michael Sievernich, Art. Basisgemeinde, in: LThK, 2. Bd., Freiburg 2006, Sp. 71-75.

197 Holland/Stonehill, S. 4. Originalzitat: „On the weekends we used to go into the interior to any number of little villages... So every place we went to, we tried to find a few people who would say they were willing to help with the community, to bring the people together, sing, have Bible reading and reflection.“

198 Vgl. Annemarie Jacobs (Hg.): Es ist dunkel – aber ich singe. Liederlesebuch zu Brasilien. Erlangen 1992, S. 26.

199 Vgl. Holland/Stonehill, S. 9.

200 Ebd., Zitat im Original: [...] what was important to us was to care for the people – to help them gain new skills and develop innate talents so they could better cope with their struggles and to challenge them to realize their hopes and dreams.“

ENTREVISTA: DUGLAS TEIXEIRA MONTEIRO

O poder das religiões

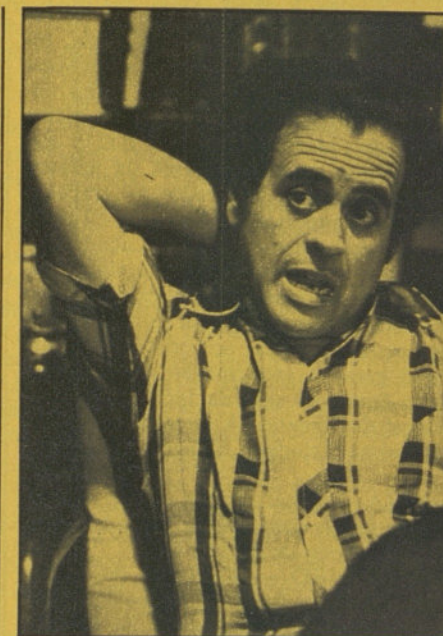
PROFETAS, SACERDOTES, REIS
E GOVERNANTES,
NA ANÁLISE DE UM CIENTISTA

Por Judith Patarra e Nirlando Beirão

Tradicionalmente, ciência e religião nunca alimentaram muitas simpatias recíprocas. Sobretudo após a reação laicizante do Iluminismo francês, no século XVIII, os cultores da razão científica trataram de desterrar o fenômeno religioso para os territórios exclusivos da fé ou da superstição — acusando todas as manifestações de misticismo de favorecerem, de uma forma ou de outra, a dominação e a alienação. Só mesmo neste século, a partir dos estudos de sociólogos como o francês Émile Durkheim, é que a barreira de dogmas instituídos pelo positivismo, pelo racionalismo e pelo materialismo começou a ruir — e a religião voltou ao convívio da ciência.

O Brasil, em particular, é terreno fértil para a investigação de tal gênero de fenômenos. Romarias, peregrinações, sincretismos religiosos, candomblés, catolicismo rural, os “crentes”, os “beatos” do sertão nordestino, os movimentos messiânicos, o “Padim Ciço”, fanatismos e violência religiosa — eis apenas alguns episódios ou personagens profundamente ligados à cultura brasileira. Naturalmente, a sociologia não pode desprezar tal quadro, principalmente pelo fato de que todas essas manifestações de religiosidade ou misticismo se encontram claramente relacionadas a todo um universo social, econômico e político.

Douglas Teixeira Monteiro, 49 anos, sociólogo, professor-assistente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, é um dos que aceitaram o desafio de estudar esses fenômenos — todos eles abrigados sob o rótulo da “Sociologia da Religião”. Interessado pessoalmente nos episódios em que religião e violência se misturam, Monteiro acabou dedicando a um deles — o caso do Contestado, em Santa Catarina, entre a primeira e segunda décadas deste século — sua tese de doutoramento: “Errantes do Novo Século”, editada em 1974. Por essa tese, ele acabaria ganhando, no último dia 12, o Prêmio Governador do Estado de São



Monteiro: aceitando um desafio

Paulo para Ciências Humanas. Por que, sob o manto de submissão e conformismo das religiões tradicionais, escondem-se eventualmente, como ocorreu no Contestado, a insubmissão, a rebeldia, o anseio de violência? Este é um dos temas que Monteiro aborda nesta entrevista.

Todos querem agir em nome de Deus

VEJA — Como o senhor compreende religião de um ponto de vista sociológico?

MONTEIRO — Há uma afirmação, ao mesmo tempo chocante e bonita, do sociólogo Peter Berger: toda sociedade humana é, num certo sentido, uma comunidade diante da morte. Religião seria, portanto, expressão de ansiedade e angústia. Apesar de belo, julgo tal entendimento antes filosófico que sociológico.

Já se acreditou, também, que religião é uma grande falsificação, montada para enganar os homens e mantê-los submissos. Mas hoje podemos afirmar que essa atitude cedeu lugar ao estudo da religião como uma das dimensões culturais das civilizações, ao lado da política, da economia e outras.

VEJA — Afirma-se frequentemente que as ideologias religiosas, suas crenças e práticas têm funções conservadoras.

MONTEIRO — Tal função é inegável. A religião tem fornecido, historicamente, um quadro de referência às pessoas, assegurando-lhes que as coisas boas e más, individuais ou coletivas, têm um certo sentido. Por outro lado, a associação entre os poderes deste mundo e o sagrado, ao longo da História, se torna quase natural. Os faraós egípcios são um exemplo. Ou os reis da Idade Média, legitimando sua coroação através do papa. A longa briga da Constituinte de 1945, no Brasil, para colocar na Constituição a frase “Em nome de Deus, nós deputados...” é outro exemplo. Afinal, a que Deus se referiam? Todos procuram fazer as coisas em nome de Deus, procurando a legitimação que tudo cobre. Em certo sentido, tudo se passa como se a autoridade terrena participasse das glórias e dos direitos de veneração, respeito e até mesmo adoração, em princípio devidos às divindades. Esse conúbio entre os poderes do Céu e da Terra só pode ser visto, de uma perspectiva cristã, por exemplo, como blasfêmia e idolatria.

VEJA — As divindades sempre se encontram tão fora do alcance, coagindo os seres humanos, ou há religiões que proporcionam maior proximidade?

MONTEIRO — Os crentes de uma banda, por exemplo, convivem de maneira íntima e até um pouco gaiata com as entidades superiores: os fiéis recorrem aos deuses, talvez inclusive os trapaceiam, podendo assim, humanamente, receber castigo de volta. Sou conduzido, em função de tais ocorrências, a pensar

que existem outras modalidades de sagrado. Explico: acho que o sagrado não se coloca apenas em altas esferas transcendentais. Essa suposição me assaltou especialmente após estudar o movimento milenarista do Contestado.

VEJA — *O que se deve entender por "movimento milenarista"?*

MONTEIRO — Aquele que tem a expectativa de uma era de paz aqui, na Terra. Neste mundo. Note-se que a expressão milênio não significa exatamente 1 000 anos, mas um mundo renovado. A partir dessa idéia, compreende-se o milenarismo indígena das Américas, sob influência jesuíta, franciscana, missionária. A idéia cristã da segunda vinda de Cristo, associada às circunstâncias catastróficas da vida dos índios, tornou-se uma idéia-força. Eles a agarraram, manipulando-a inclusive contra os dominadores. O fenômeno, que assumiu formas semelhantes no mundo inteiro, tem um claro sentido anticolonialista. É como se o colonizado utilizasse os instrumentos recebidos, mudando-lhes porém o sentido, para defender-se e agredir. Em São Paulo, mais precisamente no bairro de Pinheiros, um índio subleu-se no século XVI, declarando-se Nossa Senhora.

VEJA — *Movimentos como o do Contestado surgem sempre num momento de impasse cultural?*

MONTEIRO — Essa é uma realidade universal. São momentos de crise econômica, crise cultural, perda de valores, dificuldade de encontrar novos caminhos. Resumindo: uma crise radical pode levar a uma rejeição também radical do mundo, e propor alternativas.

O significado das profecias

VEJA — *Embora contestadores, os movimentos milenaristas apela, então, para valores do passado?*

MONTEIRO — A causa encontra-se na idealização das instituições do passado. No Contestado, a idéia da monarquia estava presente entre os revoltosos. Mas não tinha, aparentemente, ligação com a família real deposta. A um sertanejo prisioneiro perguntaram como definiria o regime e ele respondeu: "Monarquia é uma coisa do Céu". Supõe-se, então, que seriam uma ordem política e social negando, de forma radical, o que havia aqui. De qualquer modo, todos esses movimentos sociais de caráter religioso, no Brasil, inclusive os messiânicos — que anunciam a vinda de uma figura humana de dotes divinos —, caracterizam-se por um sentido profético.

VEJA — *Qual o significado sociológico dessa expressão? Normalmente, a profecia é compreendida como previsão.*

MONTEIRO — É um certo tipo de discurso, sempre tido como de inspiração divina, que transmite mensagens de caráter eminentemente político — no sentido amplo. Manifesta-se em situação de crise, propondo soluções e, também, prevendo. É uma proclamação que denuncia uma determinada situação, apresenta regras de conduta e afirma que esse estado de coisas não persistirá.

VEJA — *Quais seriam as religiões proféticas brasileiras de hoje?*

MONTEIRO — Os movimentos pentecostais — de "crentes" — têm esse caráter. A profecia pentecostal, entretanto, a rigor, deixa de ser profecia, no sentido grandioso de profecia bíblica a que ela se reporta, devido a seu caráter rotineiro, pois durante os cultos religiosos tem-se como certo que o Espírito Santo pode — através da palavra de alguns irmãos inspirados — traçar e retrair caminhos. Aliás, o Espírito Santo cura, ensina, orienta, aconselha, arranja emprego e até mesmo trata pessoalmente de papéis no fórum. Do ponto de vista doutrinário, essa rotina possui algo que pertence ao cristianismo de modo geral: a participação ativa do Espírito Santo na vida da igreja e na vida pessoal dos crentes. A terceira pessoa da Santíssima Trindade é figura atuante.

VEJA — *Qual seria a reação de um pastor pentecostal diante de um sociólogo estudioso de religiões?*

MONTEIRO — Consegui me entrever com um deles. O pastor me recebeu com grande gentileza, logo perguntou: "Ah, o senhor é da universidade? É na sua faculdade que ensinam que o homem descende do macaco, não é?" Os pentecostais aceitam a Bíblia literalmente, repelindo qualquer interpretação. O homem foi feito de barro, e a vida lhe foi concedida por um sopro de Deus.

VEJA — *O pentecostalismo e a umbanda seriam as religiões de crescimento mais acentuado no Brasil. Quais as relações entre os fiéis e o sagrado, nesses cultos?*

MONTEIRO — Na umbanda os vínculos são menos sólidos: qualquer um pode assistir às sessões, encomendar serviços. E depois afastar-se. É mais magia que adesão. No pentecostalismo há adesão e acesso direto ao sagrado — o Espírito Santo está presente. Na religião católica oficial, isso é difícil; os sacramentos exigem um intermediário, o sacerdote. Já no catolicismo popular, o indivíduo pode ser devoto de Bom Jesus de Pirapora, indo todos os anos até lá, cumprindo as obrigações com o santo.

Não precisa nem ir à missa, na cidade onde mora.

VEJA — *E o catolicismo rural?*

MONTEIRO — Como os padres escassos no interior, a população acostuma-se a viver sem padres, ignorando a hierarquia. Nesse meio-tempo, entretanto, instalam-se crises, fatos extraordinários precisam ser explicados, aparecem cometas. É assim que surge o espiritista leigo. Obviamente, quando o padre aparece, a população vai em massa à igreja e o respeita. Mas o contexto explica por que o migrante rural, recém-chegado na cidade grande e isolado, atende às solicitações do pentecostalismo — uma comunhão de irmãos pobres que se apoiam. A umbanda também acolhedora nesse sentido, mas seus seguidores são distantes, na maioria dos casos, da tradição rural brasileira.

Por que a umbanda está crescendo

VEJA — *A umbanda cresce porque aumentam as incertezas da classe média.*

MONTEIRO — Não só as da classe média. A busca de seus ritos tenta resolver problemas e atende às insatisfações de hoje: quem garante que o casamento vai sobreviver? Antigamente, marido podia ser péssimo, mas com a nova lei até morrer, sustentando a família. Hoje não. Há também insegurança quanto ao relacionamento entre pais e filhos — as pessoas sempre pisando em ovos, não sabem o que vai acontecer. Já os pentecostais proporcionam um amparo religioso substitutivo do amparo obtido nas instituições previdenciárias e de saúde. Para os crentes cujos problemas já passaram desse nível, a congregação é um apoio fraterno e uma garantia de cooperação. Aliás, é convicção generalizada, no interior de São Paulo, que o crente pentecostal enriquece.

VEJA — *Volando ao profetismo, o fato de ele ser encontrado na umbanda indica que sua retomada é uma volta à tradição, com novas interpretações.*

MONTEIRO — O fenômeno existe na tradição mesopotâmica e no judaísmo antigo. No judaísmo, a inspiração dos profetas manifestava-se pela presença do espírito do Senhor. Portanto, era o profeta que falava, mas o povo Jeová. Por isso é que havia tantos comportamentos estranhos; a Bíblia descreve. Isaías, por exemplo, percorreu as ruas de Jerusalém, comportando-se como demente aos olhos da gente comum. Anunciava, desse modo,

continua na página

continuação da página 4

as privações que o futuro reservava ao povo, caso não se corrigisse.

VEJA — *O fato de um profeta assumir comportamentos estranhos não o torna potencialmente perigoso?*

MONTEIRO — O Espírito, a inspiração são sempre riscos para a ordem, a estabilidade. Na medida em que o Espírito "sopra onde quer", ninguém o domina. Mesmo que todo mundo esteja acomodado, de repente ele pode soprar e alguém profetiza. Conclusão: o profetismo e a inspiração sempre trazem em si o risco da contestação. E mesmo originando uma profecia banal, o sopro é sempre liberdade, com todos os riscos da anarquia; é o contrário do establishment.

VEJA — *O profeta contesta, portanto, as formas petrificadas da religião, que tendem a tratar Deus como objeto utilitário?*

MONTEIRO — Sim. Tanto na tradição judaica quanto na cristã, a profecia passa a ser força de negação diante da estabilidade solidificada. No entanto, toda instituição precisa garantir a própria continuidade. Daí a presença de sacerdotes garantindo a ordem. A oposição entre sacerdotes e profetas chega a ser situação comum, embora tenham existido sacerdotes-profetas.

Diferenças entre Elias e Jeremias

VEJA — *A contradição entre sacerdote e profeta tem a mesma intensidade que a oposição governante e profeta?*

MONTEIRO — Como o sacerdote e o rei, chefe de Estado ou governante, garantem as instituições, ambos associam-se para garantir a continuidade do sistema social. Em consequência, o rei vê tanto risco no profeta quanto o sacerdote. O profeta, aliás, vê risco idêntico no rei, déspota ou poderoso, na medida em que estes dominam os homens, obrigando-os a dobrarem os joelhos diante de coisas que não são Deus. O profeta Isaías, diante da iminência de uma batalha, disse: "Alguns homens confiam em carros, outros em cavalos; mas nós confiamos no Deus Altíssimo". A idolatria denunciada por Isaías — carros, cavalos — não seria, hoje, equivalente a confiar exclusivamente em automóveis e no crescimento do PNB? O profeta, obviamente, coloca-se contra.

VEJA — *O profeta não se caracteriza pelo que se convencionou considerar como bom senso?*

MONTEIRO — Ele é basicamente

insensato. Acho, inclusive, sugestiva a idéia da oposição entre profecia e sabedoria. A sabedoria é um discurso produzido por homens, sem inspiração divina. Os provérbios, por exemplo, que dizem respeito aos caminhos corretos para o ser humano na Terra, são sabedoria. Já a profecia revela uma lógica que não é a dos homens, mas a de Deus. Qual o maior perigo que o profeta corre? Deixar-se envolver, tornando-se sensato. Aí está liquidado.

VEJA — *A Igreja Católica, no Brasil, se conduz como profética?*

MONTEIRO — Vou começar a resposta voltando atrás. Em profetas mais antigos, como Elias, a palavra profética era ligada a situações concretas — denunciavam-se certos reis, determinados poderes concretos. Já um profeta como Jeremias punha os descaminhos e a maldade de um determinado rei num cesto, mas junto a ele colocava todo o sistema. Não denunciava apenas uma classe social, um rei ou os poderosos, mas a população inteira. Como se dissesse: "Vocês não têm remédio, a maldade em vocês é tão profunda que não existe solução. Do mesmo modo que é impossível tornar um etíope branco ou eliminar as manchas de um leopardo, é impossível eliminar a maldade que está em vocês". Isso quer dizer que o povo inteiro está podre, a cultura inteira está podre, sendo destruída. E Jeremias falava do povo dele, da gente dele.

Nesse desespero profético, de vez em quando, aparece uma palavra de esperança: virá um milênio, uma ordem de coisas, onde as pessoas não seriam mais circuncisadas na carne, mas no coração. Isto é, quando nossos corações estiverem circuncisados, as crianças seguirão naturalmente os caminhos do Senhor — sequer serão ensinadas. As idéias de um mundo totalmente virado pelo avesso, renovado, passando-se da concepção do sagrado prepotente, dominador, que circuncisa na carne, ao oposto. Desaparece a transcendência e a submissão; os corações estão em aliança com o Senhor. Então — e agora volto à pergunta, para respondê-la diretamente — talvez os padres da Igreja Católica profética estejam se esquecendo de estender a acusação e a denúncia profética a todos nós. Pois todos estamos comprometidos, até o pescoço, com a ordem das coisas. Todos nós, de todas as classes sociais. E não temos remédio.

VEJA — *Seria impossível "limpar" nossos corações, como diz o profeta?*

MONTEIRO — Nosso mundo é irremediavelmente viciado, e seu tecido viscoso penetra em nossa vida cotidiana. Há um teórico italiano que afirma o seguinte: até o socialismo, se não propuser uma ruptura radical, encontrando

maneiras novas de viver, ficará eternamente comprometido com nosso mundo viciado. Só que a busca de novas maneiras de viver é um risco, ninguém sabe se vai dar certo. Essa idéia, acho, tem um sentido religioso profético.

VEJA — *Existem movimentos religiosos proféticos que tenham conduzido a reformas políticas drásticas?*

MONTEIRO — De maneira direta, não. Mas por trás da independência dos países africanos, houve movimentos que funcionaram como ponto de referência para mobilizações importantes. No Brasil, ao contrário, quando funcionam, esses movimentos agem como força mobilizadora em direção ao próprio sistema, que depois se apropria deles.

Dúvidas da Igreja Católica

VEJA — *Houve grande demora no estudo científico de formas da religiosidade brasileira. Curiosamente, foi um francês, Roger Bastide, quem iniciou esse trabalho.*

MONTEIRO — A causa está na tendência de cada religião dominante de julgar que é a única; o resto seria superstição, desvios a que a mente se sujeita, deformações, obras de Satanás. Ainda hoje, no Brasil, há resistência ao estudo científico da religião. Isso acontece, em especial, quando é possível estabelecer contato entre concepções religiosas muito diversas, através de uma noção de sagrado suficientemente geral. O interessante é que o estudo, no Brasil, começou pelas religiões de gente pobre, de pouca expressão social e política; um estudo que parecia atitude folclórica condescendente — no mau sentido da palavra folclore. Provavelmente, aliás, nessa época — duas ou três décadas atrás — seria muito difícil obter autorização de bispos para estudar, por exemplo, uma romaria. Não, isso era "religiosidade séria".

VEJA — *A atitude da Igreja, hoje, parece diferente.*

MONTEIRO — A Igreja está, até, muito interessada em religiosidade popular, pois tenta definir uma pastoral em relação a ela. Mas não é só por isso. Devido à força do componente profético que deseja salientar, ela começa a ficar insegura quanto ao sentido da própria religiosidade popular. Seria ela uma força "negativa" no sentido de que contribuiria para a conservação de um comportamento religioso "alienado"? Ou, ao contrário, poderia desdobrar-se — na medida em que é expressão de autonomia — na direção de uma experiência religiosa libertadora?

Começa a festa.

Eu posso dirigir quando bebo

Depois do segundo drinque.

Eu posso dirigir quando bebo

Depois do quarto drinque.

Eu posso dirigir quando bebo

Depois do quinto drinque.

Eu posso dirigir quando bebo

Do sétimo drinque em diante.

Eu posso dirigir quando bebo

Quanto mais você bebe, menos reflexos você tem.

Este é um fato puro e simples.

Apesar disso, muita gente bebe demais e ainda sai com o carro, acreditando que pode controlá-lo.

Quando você bebe muito, não consegue dirigir um carro. Não consegue nem mesmo "dirigir" uma caneta.

Seagram Continental S.A.

Scotches Royal Salute, Chivas Regal, Passport, 100 Pipers, Natu Nobilis • Bourbon Four Roses • Rum Montilla • Uisques Royal Label Black, Royal Label Extra, Master's Flag • Vodka Orloff • Conhaques Macieira e Escorial • Gin Burnett's • Vinho do Porto Adriano Ramos Pinto

5. ETAPA ACTUAL.

El golpe de Octubre de 1979 muestra una vez más la crisis generalizada por la que atraviesa El Salvador. Entre los elementos explicativos del

golpe se encuentran:

1. La etapa actual del desarrollo capitalista en El Salvador requiere

de nuevas formas de acumulación para seguir su desarrollo; sin territorio que les permita una salida agrícola que difiera el enfrentamiento

de clases, ni recursos minerales que signifiquen fuente de riqueza, el

desarrollo económico relativamente autónomo es una utopía. Requieren

entonces de formas de dominación democratizantes para mantener bajo su

control a las fuerzas populares destruyendo sus organizaciones indepen-

dientes. La burguesía industrial-comercial necesita y pelea por conse-

guir poder político mientras la oligarquía financiera lucha por conser-

varlo, ya que sigue manteniendo la hegemonía económica y cuenta con el

apoyo de un sector del gobierno de los E.U. (pentágono, CIA y algunos

grupos económicos).

2. La región centroamericana parece haberse convertido en un escenario

mas de la pugna interimperialista; su importancia geopolítica a largo

plazo para el imperialismo yanqui y la ingerencia cada vez más marcada

de la socialdemocracia europea, como en los casos de Nicaragua, Costa

Rica y Guatemala, son signos de ello. Las presiones recibidas desde el

exterior para derrocar a Humberto Romero fueron una de sus consecuencias

no debemos olvidar que la correlación de fuerzas en el área se vio fuer-

temente afectada por el Triunfo Sandinista y la consecuente descomposi-

ción del CONDEGA.

Al interior de las Fuerzas Armadas se debaten dos tendencias: Los de-

tensores de la oligarquía financiera, que conservan el control de las or-

ganizaciones represivas semiclandestinas (que se han visto engrosadas

con un fuerte núcleo de somocistas exiliados), y aquellos que pregonan

reformas para aliviar las tensiones sociales, pero sin dejar de aplicar

la represión para destruir las organizaciones populares.

El golpe de octubre corrió a cargo del Consejo Permanente de las Fuerzas

Armadas (COPEFA) formado por ese mismo sector "moderado" del ejército

en el cual durante muchos años se han cifrado las esperanzas reformista

para el impulso de transformaciones económicas y sociales.

Distensão para os judeus

O RABINO-MOR DA GRÃ-BRETANHA
FALA DE SUA INÉDITA VISITA
À URSS, E DOS POSSÍVEIS EFEITOS

Por Jader de Oliveira



Jakobovits: pela autonomia cultural

Sob os habituais protestos da Organização de Libertação da Palestina e de alguns governos árabes, 1 200 delegados de 32 países iniciaram na semana passada, em Bruxelas, o II Congresso Mundial sobre os Judeus na União Soviética. Diversos países da Europa oriental classificaram o congresso como "uma provocação anti-soviética" — pois o tema principal em exame era a situação dos direitos humanos dos judeus russos e os obstáculos criados aos que desejam deixar o país. Na reunião, presidida pelo ex-primeiro-ministro israelense Golda Meir, o dr. Immanuel Jakobovits, rabino-mor da Grã-Bretanha, era uma das figuras de maior destaque: em dezembro, ele passou dez dias na URSS, atendendo a convites que, obviamente, receberam a aprovação do governo soviético.

Quando o dr. Jakobovits chegou a Moscou, havia uma nuvem de interrogações pairando sobre sua visita. O fato de ser um líder religioso judeu continha naturalmente uma série adicional de enigmas. Por que as autoridades soviéticas cogitaram do convite? Por que tomaram a iniciativa em promover a visita? O que poderia fazer o rabino-mor inglês em favor dos judeus soviéticos e dos membros de outras comunidades religiosas que enfrentam problemas, frequentemente dramáticos, com o regime?

A maior parte das interpretações logo surgidas em Londres coincidia num ponto: a política de *détente* proclamada por Moscou necessitava de um vistoso gesto de boa vontade, e a visita do líder de 400 000 judeus britânicos teria, necessariamente, forte repercussão. O dr. Jakobovits concordou em ir, impondo, porém, suas condições — entre as quais a realização de um vasto esquema de atividades fora do programa oficial. Com isso, obteve ampla liberdade de movimentos, avistou-se com representantes do governo e de outras religiões e con-

seguuiu até visitar dissidentes, valendo-se das facilidades oficiais que lhe foram concedidas. Sobretudo, o dr. Jakobovits iniciou algo como uma *Ostpolitik* dos judeus ocidentais em relação ao Kremlin.

Curiosamente, esse refugiado alemão que veio para Londres fugindo do nazismo, em 1936, nasceu numa cidade hoje pertencente à União Soviética — Königsberg, atual Kaliningrado. Autor de várias obras, entre as quais a considerada mais importante é a "Jewish Medical Ethics", o dr. Immanuel Jakobovits é um viajante que já percorreu praticamente o mundo inteiro. Os resultados de sua ida à União Soviética ainda não podem ser corretamente avaliados — embora as autoridades soviéticas, dias após sua partida, já tenham reduzido de quase três quartos as taxas cobradas das pessoas que desejam emigrar e a documentação em tais casos tenha sido sig-

nificativamente simplificada. Recentemente, em seu gabinete situado no 3.º andar de um edifício de linhas sóbrias, na Tavistock Square, em Londres, o dr. Jakobovits falou ao correspondente de VEJA em Londres sobre a viagem, seu desenvolvimento e seus antecedentes.

Eu fiz muito mais do que havia pedido

VEJA — *Sob muitos aspectos, sua visita à URSS — onde os judeus têm tido problemas de todo tipo — foi histórica. O convite das autoridades soviéticas poderia ser interpretado como uma abertura?*

JAKOBOVITS — Bem, na verdade minha visita começou a ser discutida muito antes da Conferência de Helsinque entre Leste e Oeste e, portanto, não foi uma consequência das decisões lá tomadas. Eu a considero, apenas, uma consequência do mesmo desejo de distensão que levou à realização da conferência. O convite das autoridades soviéticas veio bem antes da reunião. E os arranjos para a concessão do visto em meu passaporte começaram nove meses antes da viagem — o que chamei de período de gestação. Durante os contatos em Londres com um representante do governo soviético, deixei claro que a visita dependeria de certas estipulações que eu havia feito. Se Moscou as aceitasse, eu faria a viagem. Depois disso, tive muitos contatos com pessoas especializadas em assuntos soviéticos e no judaísmo na URSS, para consultas. Finalmente, declarei que estava disposto a aceitar um convite. O qual, naturalmente, partiu formalmente da sinagoga de Moscou. Eu, então, insisti num ponto: antes de aceitar este convite, deveria também receber — e aceitar — um outro, que viesse dos grupos ativistas em Moscou e ou-

tras cidades. Isto aconteceu imediatamente.

VEJA — O senhor ficou sujeito exclusivamente aos programas oficiais, durante a visita?

JAKOBOVITS — Eu aceitei o convite oficial da comunidade judaica de Moscou, dando a entender em minha resposta que eu estaria livre para cumprir todo o programa que havia estabelecido. Embora oficialmente os russos nunca tenham confirmado ou aprovado tal programa, eles também nunca o desaprovaram. E de fato, durante a viagem, eu não apenas cumpri todo o programa como também fiz mais do que havia originalmente pedido para fazer.

VEJA — Mas houve notícias de que o senhor enfrentou alguns problemas para cumpri-lo inteiramente...

JAKOBOVITS — Sim, eles me prepararam longas excursões pelas cidades que visitei, com o propósito de evitar que eu fizesse aquilo que foi chamado de "programa não-oficial". Desta forma, havia visitas a centros culturais, idas a teatros e espetáculos de balé, etc. Mas, com a minha insistência, pude fazer tudo. Inclusive utilizei o carro oficial colocado à minha disposição para ir até as casas de ativistas judeus.

A minoria judaica é a mais discriminada

VEJA — Em termos práticos, o que sua visita representou para a comunidade judaica na URSS?

JAKOBOVITS — O objetivo imediato da viagem era realizar uma reunião pastoral com a comunidade judaica da URSS, da qual nós estávamos separados há sessenta anos. Minha intenção era romper a barreira que nos separa há quase três gerações. Se eu tiver sido capaz apenas de restabelecer a irmandade, levando à comunidade nossa solidariedade, ouvindo seus sentimentos, só isto já terá atendido plenamente aos objetivos da viagem. E eu tive de fato a oportunidade de conhecer mais amplamente a vida dos judeus na URSS do que qualquer outro visitante da comunidade no passado. Avistei-me com todos os grupos identificáveis de judeus existentes na URSS, por exemplo. Devo dizer, contudo, que há uma vasta maioria que não pode ser identificada: pessoas que não frequentam a sinagoga, que não pedem vistos para emigrar, que não são assistidas pelos ativistas responsáveis por certo trabalho cultural. Essa vasta maioria de mais de 2 milhões de judeus não pôde ser encontrada, porque não há meios de comunicação entre ela — não há jor-

nais, não há literatura, não há clubes, não há acontecimentos sociais que unam esses judeus. Devo ressaltar, também, outros pontos além da atividade pastoral. Eu me reuni com as duas principais agências do governo que cuidam de assuntos judaicos e tive duas horas de discussões com o vice-presidente do Departamento de Cultos. Tratei com ele do relaxamento das restrições mais severas contra os judeus — maiores que as existentes a respeito de qualquer outra igreja ou nacionalidade. Estive também com o subchefe do departamento responsável pela emissão ou recusa de vistos de saída.

VEJA — Os contatos que o senhor teve com outras autoridades religiosas lhe ensinaram alguma coisa?

JAKOBOVITS — Visitei os principais centros da Igreja Ortodoxa Russa porque queria descobrir como eles fazem para sobreviver num Estado ateuista. Eu não queria meramente buscar o know-how: minha intenção era ver como a Igreja Ortodoxa consegue viver sob uma legislação restritiva, obviamente oposta ao crescimento da religião e à preparação de pessoal religioso. Tanto na sede do patriarca da Igreja Ortodoxa quanto na Igreja de Leningrado, vi que são mantidos seminários para a preparação de líderes religiosos, com cursos de oito anos para o sacerdócio. Há 500 estudantes nesses seminários, e tudo isso é qualquer coisa a que os judeus jamais tiveram direito. A Igreja Ortodoxa publica uma ótima revista, e nos contatos com as nossas comunidades sugeri que fizessem o mesmo, mas verifiquei que os judeus não têm os mesmos recursos para tais coisas. Comecei, então, a pressionar as autoridades para tornar viável essa possibilidade.

VEJA — Que tipo de diálogo o senhor teve com as autoridades soviéticas?

JAKOBOVITS — Todos os funcionários do governo foram extremamente corteses e responderam a todas as minhas perguntas — naturalmente, com suas próprias interpretações. Mas pareciam estar sondando fórmulas capazes de aliviar um pouco as pressões sobre os judeus soviéticos sem destruir o sistema — o grande temor das autoridades. Elas temem tocar em qualquer coisa nesse sistema rígido. Se permitirem que uma minoria desfrute de autonomia ou dos direitos de autonomia cultural, outras coisas poderiam ocorrer atrás disso — algo como o "efeito de dominó". Há muitas nacionalidades na URSS. Fui informado de que existem 150 línguas faladas, e muitas delas sentem o processo de "russificação" — a impressão da marca da Rússia, que é apenas uma das nacionalidades, às demais. As minorias

não têm os mesmos direitos. Em consequência, se os judeus aperfeiçoarem própria identidade, isto pode ser como um sinal para exigências idênticas em outras nacionalidades, que levarão à destruição do sistema monolítico que caracteriza toda a sociedade soviética. A intenção oficial é criar uma sociedade sem face e sem fé.

VEJA — Então o problema dos judeus na URSS deve ser visto num contexto mais amplo, juntamente com outras religiões e minorias?

JAKOBOVITS — Sim. Mas o que ocorre é que as restrições impostas a nós, como nacionalidade, são de longe maiores do que as impostas a todas as demais. Por exemplo: o hebraico é a única língua oficial, do total de 150, e ninguém ousa ensinar abertamente, embora não haja proibição oficial a respeito. Ninguém pode, na prática, colocar anúncios dizendo "ensina-se hebraico". Eu não estou falando agora da religião, mas do idioma. Assim, há mais discriminação contra nós do que contra qualquer outro grupo. Os ucranianos podem falar e ensinar sua língua; os judeus não. Assim, a discriminação é maior que a sofrida por outras igrejas e nacionalidades.

VEJA — Oficialmente, o que é o judeu na URSS?

JAKOBOVITS — O governo reconhece a existência dos judeus, a nacionalidade dos judeus, porque isto consta dos passaportes. Na URSS, um cidadão russo, lituano, ucraniano, judeu, etc., quer dizer que ser um judeu é pertencer a uma nacionalidade soviética reconhecida.

Os judeus soviéticos têm de se integrar

VEJA — Que caminho o senhor para alterar a situação dos judeus soviéticos, agora que o Ocidente está em condições de também pressionar em favor das minorias?

JAKOBOVITS — As saídas existem. Resta saber se as autoridades soviéticas reconhecerão o que pode ser feito. Eu somente serei capaz de lhe dizer dentro de dois ou três meses. Nesse período saberei se qualquer das propostas que fiz durante nossas discussões será de fato aceita, para promover um significativo relaxamento da situação atual.

VEJA — O senhor sentiu os soviéticos dispostos a isso?

JAKOBOVITS — Tudo o que posso

continua na página

continuação da página 4

dizer é que os russos querem aparentar uma preocupação em construir pontes de comunicação, realizando e recebendo visitas, promovendo um certo relaxamento. Eles são sensíveis ao fato de que existem profundos sentimentos, não apenas entre os judeus, mas entre os não-judeus também, quanto aos direitos humanos.

VEJA — A comunidade judaica da URSS está de alguma forma integrada ao governo?

JAKOBOVITS — Os judeus têm de se integrar. Ninguém, nenhuma organização, pode funcionar abertamente sem ter a aprovação das autoridades. Assim, se os líderes das nossas sinagogas não trabalharem junto com as autoridades soviéticas, eles não poderão existir. E, em consequência, a última expressão da vida judaica oficialmente aprovada — a sinagoga — seria extinta. Eu quero dizer que a sinagoga é vital hoje em dia — é o único endereço da vida judaica na Rússia. Até mesmo os ativistas, quando querem se reunir, o fazem defronte às sinagogas. E, se as sinagogas quiserem ser preservadas, como o último símbolo da vida judaica organizada, isto deverá ser feito com a total aprovação das autoridades soviéticas.

Os judeus não querem destruir o sistema

VEJA — O senhor pôde constatar algum exemplo desse comportamento na URSS?

JAKOBOVITS — Sim. A comunidade judaica em todos os lugares que visitei depende amplamente da venda do matzoh (pão ázimo) para sua sobrevivência econômica. Só em Moscou, 30 000 famílias compram o matzoh, o que significa que 100 000 judeus se servem dele, dos 400 000 que reconhecidamente residem na capital. Bem, para produzir esse pão há necessidade da concessão oficial de 120 toneladas de farinha. Não se pode conseguir o trigo se as autoridades não liberarem. Assim, é necessário manter relações constantes com representantes do Estado. No ano passado, houve escassez de farinha, devido à desastrosa colheita de cereais no país. Pode-se, pois, dizer que foi uma considerável concessão do governo soviético fornecer essas 120 toneladas de farinha de trigo em Moscou. Assim, da mesma forma como se obtém o trigo, não se pode abrir as portas das sinagogas sem trabalhar sob a aprovação do governo.

VEJA — Os judeus soviéticos desfru-

tam, efetivamente, de seus direitos legais?

JAKOBOVITS — Não. Há jovens que querem ir à sinagoga, mas se sentem atemorizados pela discriminação que sofreriam, caso se identificassem abertamente como religiosos. Igualmente, a circuncisão numa criança judia é legal, não há nada contra isso. Mas hoje em dia uma maioria de judeus não se submete à circuncisão por temerem problemas futuros. Isso seria uma identificação religiosa que poderia impedi-los de entrar nas escolas e universidades ou de conseguirem os empregos que desejam. Devido a esses receios, a maioria dos judeus na URSS não faz uso dos direitos legais que possui. A mesma coisa se aplica aos casamentos religiosos. Os judeus podem, pela lei soviética, seguir as normas religiosas no casamento, mas a maioria evita isto, temendo discriminações. Até mesmo em sepultamentos, parte dos judeus não segue as leis religiosas devido ao receio de perseguições.

VEJA — O senhor teve oportunidade de expor essa situação às autoridades, enquadrando-a dentro da Carta de Direitos da ONU?

JAKOBOVITS — Naturalmente que sim. Eu não expus a situação apenas à luz dos direitos humanos mas também à luz dos próprios direitos constitucionais previstos na URSS. A única coisa legalmente proibida naquele país nesse campo é o ensino da religião, fora da família, para menores de 18 anos.

VEJA — O senhor afirma que o maior receio das autoridades soviéticas é quanto à estrutura do sistema. De que forma poderiam os judeus afetar a solidez desta estrutura?

JAKOBOVITS — Os judeus não querem destruir o sistema soviético — mesmo os judeus ativistas não são dissidentes do regime. Eles querem, apenas, o reconhecimento dos seus direitos. Direitos que o próprio sistema lhes concede. Tudo que eles querem é continuar vivendo como judeus. A maioria dos judeus, naturalmente, vive de acordo com a situação. Eles ainda sabem que são judeus, pois até seus documentos assinam tal condição, e, de vez em quando, sofrem alguma experiência anti-semita. Mas foram absorvidos pelo sistema soviético e muitos ocupam posições de destaque na vida intelectual, acadêmica e profissional do país. Nosso problema é reabilitar aqueles que nunca viram a vida judaica, porque seus pais nunca viram. Não há sequer literatura à disposição dessas pessoas. A única coisa de que necessitam é um pequeno estímulo para fazer nascer de novo o sentimento judaico que existe dentro delas.

VEJA — O senhor se sentiria mais feliz se os judeus pudessem sair da URSS?

JAKOBOVITS — Bem, obviamente, eu me sentiria mais feliz. E, na verdade, estou tentando fazer com que isso aconteça para aqueles judeus que desejam sair do país. Eles não são a maioria. Calcula-se que há de 100 a 500 000 que, se pudessem emigrar sem qualquer dificuldade, sairiam da URSS. Se 500 000 saírem, ainda ficarão mais de 2 milhões. São pessoas que não têm intenção de emigrar porque estão dispostas a sacrificar seu judaísmo em nome da segurança e da relativa prosperidade que podem desfrutar na URSS.

O Ocidente deve atuar com muita prudência

VEJA — Para essa minoria que deseja sair e enfrenta dificuldades, o que o Ocidente poderia fazer?

JAKOBOVITS — O Ocidente pode exercer uma influência considerável sobre a situação, mas de forma discreta e prudente. Os russos não querem dar a impressão de que estão sendo submetidos a pressões. Isto foi o que vimos com a emenda Jackson, que condicionava vantagens comerciais à URSS junto aos Estados Unidos à facilidade de emigração para cidadãos soviéticos. Os soviéticos não queriam fazer concessões e preferiram ficar sem os produtos e os créditos de que necessitavam a terem que sofrer a humilhação. Acho que a atitude dos países do Ocidente deve ser muito diplomática.

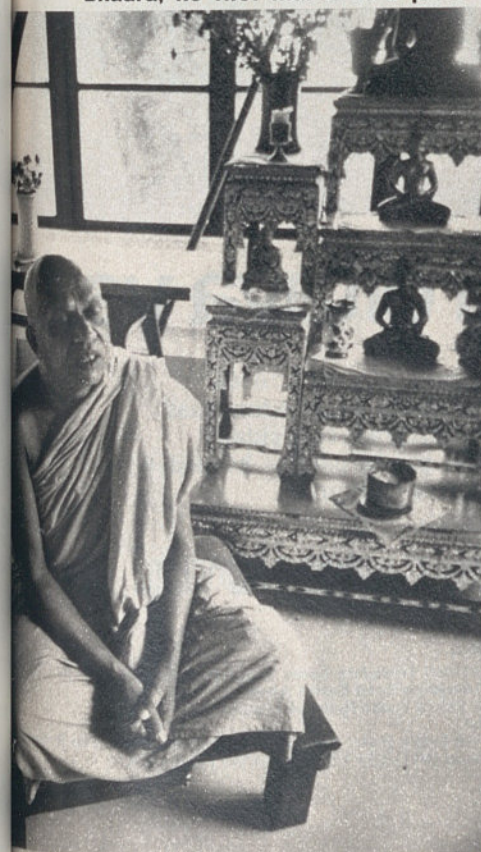
VEJA — Como os judeus russos vêem Israel, depois das notícias de que muitos emigrantes russos não se adaptaram ali?

JAKOBOVITS — Este é um assunto que tem sido muito mal entendido no Ocidente. É preciso esclarecer que os vistos de saída são dados apenas para Israel — para nenhum outro lugar. Em consequência, as pessoas que não têm intenção de ir para Israel, que querem ir para os Estados Unidos, ou outros países, têm de pedir o visto para Israel. Assim, as estatísticas indicando que muitos saíram de Israel mais tarde, ou que nunca chegaram lá, devem ser tratadas à luz desses fatos. Os judeus soviéticos que deixam Israel não estão, necessariamente, desiludidos com o país — é que não tinham, simplesmente, a intenção de ir para lá. Naturalmente, existem problemas de adaptação em Israel. Mas não é correto dizer, com base em cálculos apenas numéricos, que 40% dos judeus russos que foram para Israel ficaram desiludidos posteriormente.



Buda indiano: 26 séculos depois

Bhadra, no Rio: mulheres à parte



"Procissão das Flores", na Liberdade (SP): algumas controvérsias

Festa budista

O carro alegórico percorreu vagarosamente, no último dia 4, as ruas repletas de letreiros escritos em ideogramas, no bairro oriental da Liberdade, em São Paulo. Dentro, seguia o responsável visual pela evocação das longínquas terras indianas — um elefante branco de material plástico. Acompanhando-o vinha um pequeno e reverente batalhão de fiéis. Esta cerimônia, denominada "Procissão das Flores", e antecipada de quatro dias para cair num domingo, marcou, na semana passada, os festejos da colônia japonesa pelo aniversário de nascimento do Buda Xaquiamuni, 2 600 anos atrás, na Índia.

A data e o protagonista não são isentos de controvérsias, contudo. Pois de acordo com os budistas da Sociedade Religiosa Nitiren Soshu do Brasil, esse Buda — o Xaquiamuni — é apenas um ente temporário. E assim será até a segunda chegada de Nitiren Daishonin, nascido em 1222 e morto em 1256, filho de pescadores e autor de uma pesquisa em 7 000 volumes budistas. Este, sim, seria o verdadeiro Buda, reencarnado. Seja como for, a comemoração reuniu uma parcela dos fiéis das seis seitas devotadas ao Buda Xaquiamuni de São Paulo — príncipe herdeiro de um reino ao norte da Índia, que resolveu, certo dia, abandonar o conforto material e buscar o "caminho da Perfeição".

Fraternalmente reunidos sob o estandarte da Federação das Seitas Budistas do Brasil, os religiosos — umas 150 pessoas, entre as quais bonzos e escoteiros — levaram uma hora e meia para conduzir a procissão através do bairro da Liberdade até a sede da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa. Lá, vestindo suas mais belas roupas, os bonzos leram trechos venerados do budismo, glorificando a mensagem do "mortal que se preocupou com os problemas fundamentais da vida".

Flexibilidade — Os seguidores brasileiros do budismo seguem a escola mais moderna e flexível do Japão — aceitam fiéis de outros credos, ecumenicamente, não exigem o vegetarianismo, não cobram o respeito a dogmas. Um exemplo dessa maleabilidade está na própria observância dos preceitos. Assim, há o quase anedótico caso do fiel que se recusou a matar uma barata a pedido de uma assustada colega de trabalho. Para justificar-se, o homem alegou que poderia tratar-se de alguém conhecido, razoavelmente decaído ao longo das sucessivas reencarnações. Mas, depois que a própria colega se desincumbiu da tarefa, também não a condenou. "Não tem importância", observou ele. "Agora a barata vai reencarnar para melhor." Na verdade, apesar das infinitas interpretações que pode ter, a reencarnação é a mais conhecida e popularizada característica do budismo.

Basicamente, a crença advém da convicção de que a alma dos seres vivos evolui alternando elevação e decadência, dependendo das virtudes e dos vícios do indivíduo. Para superar tanto uns como outros, o budismo afirma ser necessário extinguir a ignorância, seguindo certos caminhos — a ciência, a abstenção de pecar contra o próximo e a observância das cinco proibições: matar, roubar, cometer adultério, mentir e embriagar-se. Além disso, é imprescindível ser praticante das virtudes transcendentais — caridade e paciência, energia e recato.

Poucos monges — Tais ensinamentos, tão admiráveis quanto difíceis de serem observados rigorosamente, chegaram ao Brasil no início do século — as datas divergem entre 1908 e 1914. O certo é que, desde então, crescendo com a imigração japonesa e o aumento da população nissei, os budistas, divididos em pequenas variantes, se proliferaram — e devem chegar hoje a 300 000, abrigados em sessenta templos oficiais fincados pelo país afora, mas sobretudo em

São Paulo (onde também há templos de origem chinesa e coreana) e no Paraná. Frequentemente, para todos eles, a prática da religião não é fácil. O número de monges, por exemplo, é insuficiente: apenas 200, em todo o Brasil. E, com isso, a assistência ao espírito não pode ser dada em tempo integral.

Também as meditações (experiências subjetivas pelas quais o fiel procura se fundir à vida universal) não podem ser feitas, como no Japão, atendendo às necessidades de cada indivíduo. Em São Paulo, as meditações da comunidade Soto Zenshu, por exemplo, realizam-se apenas duas vezes por semana, com duração de uma hora. Por isso é comum o aparecimento, no templo da Liberdade, de budistas de todo o Brasil, nos feriados maiores, para meditação. Os alojamentos ao fundo acabam improvisados em dormitório e refeitório.

Dignidade — Haverá festas também no Rio de Janeiro — mas jogando com outras datas. Reunidos na Sociedade Budista do Brasil, os budistas cariocas, ao contrário dos ramos japoneses, prepararam-se para festejar o ano 2 521 do nascimento de Buda em vez do ano 2 600. Mais que isso: em vez de abril, as comemorações ocorrerão em maio, como, aliás, estão programando 70% das populações de Burma, Tailândia, Camboja e Ceilão. Um dos organizadores da festa carioca, que levará à Sociedade flores, incenso e fiéis para meditar, é o bonzo Shanti Bhadra, do Ceilão, há apenas quatro meses no Brasil.

"Consideramos a mente humana doente, pois inclui a gula, o ódio e a ignorância, as três causas da maldade", disse a VEJA, resumindo os princípios éticos de sua seita. "Daí degeneram o ciúme, a inveja, a cobiça, a usura, todas as que obstruem a realidade, impossibilitando a vida feliz."

No grande terraço da Sociedade em Santa Tereza, com casa para hóspedes, celas para bonzos e o templo, e os característicos locais reservados às mulheres, consideradas inferiores, durante três dias estarão vedados o fumo, as bebidas alcoólicas e comidas sólidas — estas, apenas após o meio-dia — para melhor concentração nas meditações.

Essas cerimônias, que exigem enorme capacidade de interiorização, segundo o bonzo Bhadra, podem ou não ter um objetivo individualista. Como diz Kodo Kuwajina, sacerdote itinerante que passou pelo Brasil em 1971 (VEJA n.º 168), a meditação budista está além de qualquer atividade ou passividade social. Contrariamente pensa Nissho Muto, redator da revista *Terceira Civilização*, da Sociedade Nitiren Soshu do Brasil: "Nosso ponto de partida e de chegada é a dignidade da vida humana. Qualquer ato contra ela é intolerável".

VEJA, 14 DE ABRIL, 1976

Liturgia da terra

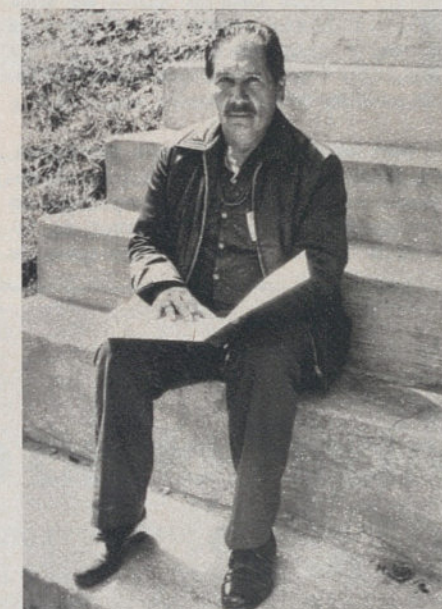
Blusão de náilon, sapatos pretos lustrosos, calça de algodão e cabelos bem aparados, o cacique Klinton, chefe de tribo kaingang do posto Mangueirinha, no Paraná, só denuncia sua condição de índio por um colarzinho de miçangas, pendurado no peito, e pelos indisfarçáveis olhos oblíquos. Ou, então, quando se põe a denunciar a lastimável situação em que vivem seus 10 000 irmãos kaingangs, xoklengs, guaranis e terenas (veja o mapa na página 62), nas 24 reservas espalhadas pelos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Ao lado de outros caciques, quatro bispos e trinta missionários e leigos, Klinton — ou Francisco Luís dos Santos, no registro civil — passou quatro dias da última semana em Curitiba, num encontro regional convocado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e coordenado por seu próprio presidente, dom Thomaz Balduino Ortiz. Ali, Klinton e os outros chefes ouviram a reafirmação de um compromisso tornado público pelo Conselho em junho do ano passado, em Goiânia: o de "assumir a causa do índio, com todas as consequências".

Embora o programa do encontro de Curitiba falasse num "replanejamento da ação pastoral indígena do sul", os temas litúrgicos e de evangelização não foram, na realidade, os que despertaram maior interesse entre os índios — ou mesmo entre os religiosos. Com problemas bem mais urgentes diante de si, os missionários se dedicaram principalmente à tarefa de levantamento da situação em que vivem os índios da região sul do país. Previsivelmente, o quadro apresentado não é nada animador: os índios do sul, concluiu-se, vivem como os índios do resto do Brasil.

Mão-de-obra — Confirma-se na região, assim, a descrição que a assembléia de Goiânia fez sobre a situação nacional: os índios brasileiros vivem um momento de "espoliação de suas terras, destruição de sua cultura e negação do direito de decidir seu futuro". Sequer a Funai escapou à razia de críticas que atingiu grileiros, políticos e empresas agropecuárias. Sem saber que naquele momento, em Brasília, o presidente da Funai anunciava a demissão de toda a cúpula do organismo, padre Egídio Schwabe, assessor do Conselho, relacionava os prejuízos que vêm sendo causados aos índios pela Fundação que deveria protegê-los.

Segundo Schwabe, através de seu Departamento Geral de Patrimônio Indígena (ou "Departamento de Grilagem do Patrimônio Indígena", como dizem os missionários), a Funai explora comercialmente serrarias de madeira em várias



Klinton, ou Francisco: vigilante



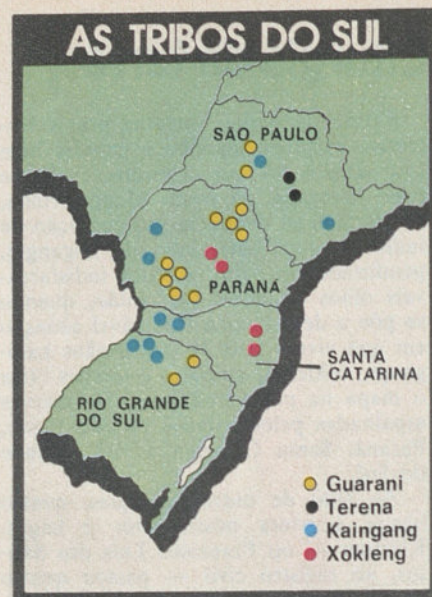
Missionários e índios reunidos em Curitiba: união contra intrusos

FOTOS DE CARLOS SOROTOWSKI

reservas indígenas. E pelo menos dois exemplos foram citados: nos postos de Chapecó, em Santa Catarina, e Guarapuava, no Paraná, as serrarias instaladas pela Funai cortam em média 1 800 dúzias de tábuas por mês, sem que o lucro obtido na venda da madeira jamais tenha retornado às tribos. Além disso, diz padre Schwabe, a Funai utiliza índios como mão-de-obra para operar as serrarias, pagando a eles pouco mais que o salário mínimo regional.

O cacique Segseg, da tribo kaingang de Guarapuava, contou a Pedro Franco, de VEJA, que só depois de muita luta ele conseguiu que seis índios de sua aldeia tivessem a carteira de trabalho assinada pela direção das serrarias. Segseg, um surpreendente conhecedor da legislação indígena, acha que isso ainda é muito pouco. "Eu conheço o Estatuto do Índio", assegurou, "e sei que 45% do fruto do trabalho ou produção do posto devem reverter para os índios da área. Mas isso nunca aconteceu: até agora a Funai só construiu uma escola para a gente. Eu é que tenho que conseguir tudo para os meus índios."

Sem terras — Todos esses problemas, no entanto, parecem insignificantes, segundo padre Schwabe, se comparados ao verdadeiro castigo que persegue os índios do sul: a invasão e a grilagem de



suas terras, uma praga que, no Paraná, atinge a todos indistintamente, sejam ou não índios. As denúncias do Conselho foram confirmadas pelos caciques presentes ao encontro de Curitiba. "A gente só tem um pedacinho de terra", disse, por exemplo, o cacique Klinton. "O governo nos tirou quase tudo e mesmo assim a gente tem que ficar o tempo todo

vigilante, para não deixar entrar nas poucas reservas que nos sobram."

As queixas de índios e missionários perdem nas névoas de velhos governos estaduais e federais, que fizeram da parte do Paraná um insolúvel quebra-cabeça fundiário. Dos 8 000 alqueires que compunham a área do posto de Mangueirinha, no Paraná, 6 000 foram doados pelo inesquecível governador Moisés Lupion ao grupo viero, que até hoje não conseguiu regularizar a posse da terra. Ali, nos 2 000 alqueires restantes, sobrevivem hoje guaranis e kaingangs, plantando nas roças de milho e feijão, ou trabalhando como empregados para os cultores vizinhos. Em outros pontos, a situação é ainda pior.

Em Rio das Cobras, a área indígena de 38 800 hectares ficou reduzida a 10 mil depois que uma estrada cortou a reserva de ponta a ponta. E, nas terras que ficaram, instalaram-se milhares de posseiros. No fim do ano passado, os guaranis, revoltados, tentaram expulsar os posseiros, fazendo uso de seus velhos arcos e flechas, a mais natural que dom Thomas, da semana passada, com uma decisão de derrota. "Enquanto prevalecer o processo do desenvolvimento", disse ele, "haverá lugar para o indígena."

Comanche. Uma notícia confortável para seus pés

Comanche é a nova onda. Um calçado durável e macio, feito na medida certa pra você passear, assistir uma boa partida de futebol e usar na hora daquele aperitivo com a sua turma. Você encontra Comanche nas cores azul, marrom e bege.



COMANCHE®



Experimente Comanche - o calçado pra pé nenhum botar

RELIGIÃO



Papai e Mamãe Moon, durante o festival religioso em Nova York: a felicidade nasce da disciplina

O terceiro Messias

A primeira tentativa se deu com Adão — mas fracassou com o pecado original. Depois, foi a vez de Jesus da Galiléia, que, porém, traído por seus discípulos, não teve tempo de completar sua obra — isto é, "desposar Maria Madalena e gerar a família perfeita que semearia o fermento da felicidade e da concórdia entre os homens". Frustrado por esse segundo fracasso, Deus-Pai esperaria quase dois milênios para tentar de novo — e enviou à Terra um "Terceiro Filho". Só que, desta vez, fê-lo nascer discretamente numa aldeia da Coreia, logo após a I Guerra Mundial. E, por graça da Providência, este terceiro Adão veio a se casar e a prosperar, embora tenha suportado, como Cristo, perseguições e a descrença do seu povo. Mas, até o final do milênio, terá triunfado sobre a maldição e o demônio.

O novo Messias atende pelo insuspeitado nome de Sun Myung Moon, tem 56 anos, é um coreano de rosto redondo e gestos bruscos — e é, evidentemente, ele próprio quem anda apregoando pelos quatro cantos do mundo essa sua versão revisada das Sagradas Escrituras, juntamente com sua condição de "Terceiro Filho" de Deus. Aparentemente, com ótimos resultados. Em pouco mais de duas décadas de apostolado, Moon já angariou uma prole de 600 000 "filhos verdadeiros", na Coreia do Sul, no Japão e, agora, nos Estados Unidos e na Europa ocidental. Angariou, também, um patrimônio material avaliado em vários milhões de dólares — um consolo, de certo, para esses dias dolorosos que

antecedem o fim do milênio e a implantação do reino da felicidade espiritual.

Há duas semanas, em Nova York, "Papai Moon", como ele é chamado pelas legiões de fanáticos discípulos, pôs novamente à prova seu fascínio carismático, encenando um feérico show de misticismo que faria inveja até mesmo ao experiente Billy Graham. Bandeiras dos Estados Unidos, faixas de "Deus abençoe a América", hinos patrióticos e, é claro, a voz levemente aguda do pregador mantiveram quase 40 000 pessoas em êxtase profundo, por várias horas, no Yankee Stadium — um público bem maior e mais caloroso que o que assistira, dias antes, à partida de futebol entre Itália e Inglaterra, pelo torneio do bicentenário.

Árvore da família — É verdade que o *soccer* não chega a ser, nos Estados Unidos, um esporte de grandes multidões — mas, de toda forma, raríssimas manifestações esportivas ou religiosas conseguiriam carrear até um estádio um auditório tão prodigiosamente ruidoso e magnetizado como o que se confrontou, em pessoa, em plena cidade de Nova York, com o "Terceiro Filho" de Deus. Foi, de fato, um episódio surpreendente para os Estados Unidos, onde a Unificação da Cristandade Mundial — da qual Moon é ao mesmo tempo divindade, profeta e tesoureiro — sofre duríssima concorrência em seu ramo.

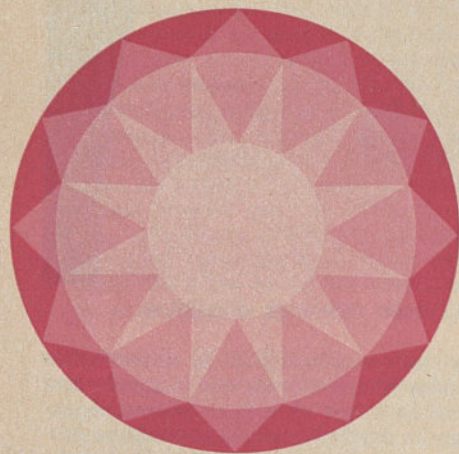
Nos EUA, hoje em dia, os crentes têm à sua escolha dezenas de panacéias espirituais semelhantes — Hare Krishna, zen-budistas, pentecostais, Crianças de Deus, Missionários da Divina Luz e

um indezavado cipóal de outras seitas unidas pela crença de que o mundo está perdido e que só a fé o salvará. A expansão dos "moonistas", contudo, se processa em ritmo particularmente promissor — e, sem dúvida, o moonismo tornou-se o grande elixir místico do momento e da moda.

Embora as peregrinações de Moon por terras americanas tenham começado há menos de cinco anos, a seita já agrega hoje mais de 7 000 "discípulos incondicionais" no país — e o festival encenado em Nova York leva a crer que o rebanho de fiéis poderá se multiplicar em pouco tempo. Por uma curiosa coincidência, seus adeptos são, em quase total maioria, jovens da classe média urbana, que decidiram trocar o tédio de uma vida em família, na escola e na cidade pelas ensolaradas comunidades suburbanas ou rurais onde frutifica a árvore da "família verdadeira" de Papai e Mamãe Moon.

Empire State — Tais "comunidades criativas" têm pouco a ver, contudo, com aquelas em que coabitam os hippies ou os antigos radicais políticos da década de 60. A salvação eterna exige dos moonistas o exercício diário de uma férrea disciplina e o cumprimento de um código de conduta tipicamente vitoriano. Os casais que aderem à fé têm de se resignar a uma separação forçada — e aos solteiros é simplesmente vedada a prática de maiores intimidades físicas com outra pessoa. Como os prazeres mais elementares da carne são banidos, é natural que os fiéis se dediquem de corpo e alma ao culto das virtudes do espírito.

**MESMO QUE VOCÊ
NÃO ESTEJA
EM LUA DE MEL,
TORNE SEU
FIM DE SEMANA
INESQUECÍVEL,
NO MALIBU
PALACE HOTEL.**



**FÉRIAS MAIS ALEGRES,
RADIANTES COMO O SOL...**

Apartamentos atapetados, suítes, ar refrigerado, geladeira, TV, telefone, restaurante, piscina, a beleza do mar de Cabo Frio. Categoria internacional. Na Praia do Forte. Confirme sua reserva pelos telefones: DDD (0254) - 30-021 - 30-122 ou 30-088 (Cabo Frio) e (021) 221-3789 (Rio).



MENSAGEM AOS EMPRESÁRIOS

Salão de convenções, modernamente aparelhado. Congressos e simpósios, com melhor atendimento e em local ideal.

No MALIBU, as convenções das maiores empresas.



MALIBU

PALACE HOTEL

PRAIA DO FORTE - CABO FRIO - RJ.



FOTOS NEWSWEEK

Nas ruas, a ação dos fiéis...



...e o protesto dos pecadores

É assim que todos se submetem a uma dura dieta de preces coletivas, exercícios físicos para "enrijecer a vontade", campanhas de proselitismo pelas cidades americanas afora e, sobretudo, o trabalho árduo, na lavoura, de sol a sol. Essa disciplinada dedicação dos moonistas deve estar, de certo, agradando ao seu Messias. Pois foi graças ao rendimento do trabalho incansável — e não-remunerado — dos batalhões de fiéis que o venerável pregador coreano conseguiu assumir, em poucos anos, o controle acionário de uma gigantesca fábrica de armamentos, as Indústrias Tong Il, e de uma exportadora de chá, em sua terra natal.

Esse chá, por sinal, é consumido compulsoriamente em todas as comunidades moonistas, como tônico de múltiplos poderes espirituais. O fato é que, embora tenha declarado oficialmente apenas 12 milhões de dólares de rendimento no ano passado (cerca de 130 milhões de cruzeiros), a Igreja da Unificação despendeu há menos de dez dias a apreciável quantia de 5 milhões de dólares só na compra de um hotel no centro de Nova York. Ali se instalará a nova corte do Messias coreano até que outras instalações mais dignas lhe sejam reservadas. A idéia, sem ironia, é comprar o Empire State Building.

Lavagem cerebral — Por essas razões, entre outras, é que à atordoante expansão da seita moonista vem correspondendo, também, em contrapartida, uma crescente maré de protesto e indignação. Diante do Yankee Stadium, por exem-

plo, no dia de sua mais recente apoteose mística, vários piquetes lembravam, em seus cartazes de protesto, as semelhanças entre o fervor cego dos jovens crentes e a alucinação coletiva dos grandes defiles da Juventude Hitlerista. E não são poucos, igualmente, os adversários de Moon que o acusam de receber generosas doações dos industriais japoneses, do governo ditatorial do general Park Chung Hee e — era inevitável — da CIA.

Segundo essa acusação nova em folha, a idéia da agência de informações americanas, no caso, seria inocular na juventude o vírus da passividade política. De concreto, até agora, sabe-se apenas que Moon cita explicitamente o comunismo como "um dos três maiores males do mundo de hoje" — ao lado da "corrupção moral" e da "divisão do cristianismo". Todavia, a mais unânime de todas as críticas dirigidas ao esperto profeta-milionário se refere ao fanatismo que ele consegue insuflar entre suas jovens hostes de discípulos.

Consagrados psicólogos dos Estados Unidos vêem, no isolamento físico e na exaustão mística a que são submetidos os acólitos moonistas, claras semelhanças com a técnica de lavagem cerebral. De tal forma os adeptos da seita ficam obcecados com a miragem milenarista de Moon que apenas alguns deles conseguem reunir forças para abandonar a confraria quando lhes dá vontade. E, mesmo assim, costumam ser obrigados, depois, a cumprir programas especiais de "reprogramação" com psiquiatras — para reaprenderem a viver normalmente.

- Como el Estado financia las Fuerzas Armadas Federales con sus varias categorías de armas, también los gastos del >Servicio civil no-militar por la Paz< deberán ir, claro está, por cuenta del Estado.

- Como la escuela y la formación de adultos, la política y las Iglesias, los medios de comunicación y el encuentro personal, a medio plazo, deberán contribuir para una >Campana de Alfabetización para las Soluciones no-violentas de Conflictos<, el >Servicio civil no-militar por la Paz<, de su parte, poderá crear, a longo plazo, una nueva cultura de no-violencia.

- Los campos de actuación del >Servicio civil no-miliar por la Paz<, serán variados, tanto en ámbito nacional cuanto en nivel internacional. Al interior de mi país habrá mil posibilidades o necesidades, respectivamente, para garantizar la seguridad de los seres humanos, alemanes y, particularmente, personas de otros países y continentes. Está pensandose, incluso, en un proyecto de resistencia civil o pasiva contra una agresión militar eventual de fuera (defensa social; compárese la Dinamarca bajo la ocupación por los nazistas alemanes; o la Tchechoslovaquia bajo la ocupación por las tropas de la Unión Soviética y de otros países del Tratado de Varsovia en 1968).

En el extranjero hay innumerables conflictos que difícilmente podrán ser resueltos por medios militares. Piensese en las hostilidades seculares entre los varios grupos étnicos y religiosos en la ex-Yugoslavia. Los militares a lo más estarán capaces de reprimir la violencia, para crear la paz no son preparados. Un modelo poderá ser allá el >Balkan Peace Team< que está apoyando las organizaciones locales con su trabajo de acercamiento y reconciliación bien como de los derechos humanos. En América Central, miembros europeos y norteamericanos del >Peace Brigade International< acompañaron refugiados guatemaltecos en su marcha del Mejico para casa, defendiendoles contra ataques por parte de militares oficiales y no-oficiales. O: En Nicaragua, hombres y

RELIGIÃO

Esperando o pior

Na sua pregação pelo mundo, os cerca de 1 milhão de adeptos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — isto é, os mórmons — espalham a convicção de que se aproxima uma era de catástrofes, marcada sobretudo por uma crônica escassez de alimentos. É o temor que povoa suas mentes se escuda nas profecias do próprio líder mundial da Igreja dos Últimos Dias, o advogado americano Spencer W. Kimball, 80 anos, um homem aceito por seus discípulos como ungido pelo privilégio de falar com Deus. Assim, para enfrentar a iminência da onda de fome, os mórmons têm sido vistos em diversos pontos do mundo a desenvolver um metódico trabalho de armazenamento de gêneros alimentícios.

É verdade que esse projeto, autodenominado "Programa de Bem-Estar Social", já se desenvolve há 146 anos nos Estados Unidos. Como consequência não ritual, aliás, membros da Igreja dos Últimos Dias acabaram se tornando proprietários da maior plantação de cítricos do mundo, na Flórida, além de poderosas indústrias de alimentos e de gigantescos silos e armazéns. Mas, nos dias atuais, movidos pelas revelações do advogado Kimball, os mórmons estão acelerando vigorosamente seu projeto, estendendo-o até mesmo a países que não dispõem de recursos sequer para atender a suas necessidades diárias. No Brasil, o programa mórmon já começou no Rio de Janeiro e no Paraná. Em breve abrangerá outros Estados, a fim de que até abril de 1977, prazo estabelecido para seu término, as despesas dos 50 000 mórmons nacionais estejam repletas de tranquilizadores mantimentos.

Discreção — Adaptando-se a dificuldades provavelmente não antecipadas pelas profecias, a hierarquia eclesiástica mórmon permite que os brasileiros façam provisões para garantir a subsistência durante apenas um ano. Assim, em cidades como Londrina, no Paraná, os 1 100 mórmons locais não precisaram construir grandes depósitos de mantimentos. Basicamente, suas providências consistem em desidratar legumes e frutas e importar gelo seco de São Paulo,

a fim de assegurar maior durabilidade a esses produtos.

Contudo, os mórmons evitam tocar no assunto, com receio de serem mal interpretados ou de caírem no ridículo. "A gente nem gosta de falar no dia em que um pedaço de pão valerá mais que dinheiro vivo, além do desemprego em massa que vai ocorrer", explica Cláudio Pesarini Gameiro, de Londrina. E o curitibano Leonardo Taparoski, pai de sete filhos, diz que preferiu "trabalhar em si-



Mórmons em Londrina: instruções do profeta

lêncio", pois só quem não quer deixa de ouvir as profecias da Igreja dos Últimos Dias. Ele começou a reunir mantimentos há três meses e já conseguiu armazenar, num pequeno subterrâneo de sua casa, três galões de mel, diversos quilos de feijão e dezenas de latas de conserva. "Estou seguindo apenas as instruções do profeta", observa Taparoski.

Bíblia que divide

A Bíblia, ao longo dos séculos um dos principais fatores da razoável unidade dos católicos, pode se converter também num motivo de divisão. Primeiro, foi a publicação na Inglaterra, em 1973, de uma "Bíblia comum" destinada a católicos e protestantes e recebida com frieza pelos prelados ortodoxos da Cúria

Romana. Agora, uma "Bíblia Latino-Americana", edição surgida em 1972, mas só a partir de 1974 ilustrada com discutidas fotografias sobre a situação social na América Latina, separa meridianamente o episcopado argentino. Pois, enquanto os progressistas a apresentam como "uma tradução fiel do pensamento evangélico", os conservadores a acusam de conter "uma clara e perigosa mensagem subversiva".

Com efeito, em pelo menos oito ilustrações fotográficas há claras conotações políticas. "A libertação de um povo oprimido foi o começo da Bíblia", diz a legenda de uma fotografia exibindo um trabalhador aos gritos, numa manifestação de protesto. "O crente participa da vida política e busca, sob qualquer regime, a sociedade que dignifique a todos", emenda uma outra, mostrando um comício na praça da Revolução, em Havana, onde se vêem uma bandeira soviética e um retrato de Lênin. Além disso, a polêmica figura do arcebispo brasileiro dom Helder Câmara, apresentado como "o mais conhecido porta-voz do Terceiro Mundo", foi escolhida para ilustrar a longa profecia de Isaías.

"Ao gosto de Castro" — A "Bíblia Latino-Americana", submetida atualmente ao exame da Conferência Episcopal Argentina, a pedido do monsenhor Adolfo Tortolo, vigário-geral para as Forças Armadas — que percebeu em seu texto "uma franca e manifesta tendência anticristã" —, continua, porém, a circular livremente no país. Até o esperado pronunciamento da Conferência Episcopal Argentina, marcado para o fim deste mês, cada bispo poderá aprová-la ou bani-la de sua diocese. Assim, enquanto dom Tortolo proíbe terminantemente sua circulação, dom Jaime Nevaes, bispo de Neuquén, recomenda amplamente a sua leitura. "Eu gostaria que todos os católicos argentinos a tivessem em seus lares, a não ser que o papa a proíba", diz dom Nevaes.

Recentemente, prelados ainda mais conservadores, preocupados com a possibilidade de a Conferência Episcopal Argentina não tomar qualquer decisão categórica, saíram à carga. E, assim, o enérgico monsenhor Antonio Plaza, arcebispo de La Plata, veio a público para dar à discussão uma interpretação peculiar. "Em 1974, durante a visita que fez a Salvador Allende, no Chile, Fidel Castro recebeu alguns representantes católicos e atendeu a seu pedido de permitir a circulação da Bíblia em Cuba", conta dom Plaza. "Mas exigiu que lhe acrescentassem certos textos e ilustrações claramente tendenciosos, isto é, inventou uma Bíblia a sua medida e gosto. Nestas condições se imprimiu uma nova edição da 'Bíblia Latino-Americana', da qual já foram tirados uns 800 000 exemplares."

VEJA, 27 DE OUTUBRO, 1976

RELIGIÃO



Duas das "testemunhas" de Jesus: a atriz Lindsay Wagner, do seriado "A Mulher Biônica", e o ex-dirigente revolucionário Pantera Negra Eldridge Cleaver



Vendendo Jesus

Do alto de uma colina da Califórnia, um dos mais discutidos ex-dirigentes do grupo revolucionário americano Pantera Negra, Eldridge Cleaver, define-se como "uma prova viva de que Jesus Cristo pode salvar uma vida completamente viciada". Dentro de um estúdio de gravação de discos, em Nashville, a bem-sucedida cantora caipira Jeanne Riley assegura ter encontrado a paz e a felicidade "não em gravações de sucesso, mas em Jesus Cristo". E, diante de uma câmara, a atriz Lindsay Wagner, do seriado "A Mulher Biônica", confia que Jesus Cristo "é algo muitas vezes mais permanente e profundo que os mais inimagináveis prodígios científicos".

Todos esses "testemunhos" estão começando a aparecer nos vídeos de alguns dos milhares de televisores dos Estados Unidos como parte de uma agressiva campanha publicitária evangélica, denominada "Boas Notícias Texas", idealizada no final do mês passado pela Convenção Geral Batista do Texas. A campanha terá a duração de dois meses e será complementada com anúncios em rádios, jornais, revistas, cartazes de rua, lembretes por telefone, cartas e visitas pessoais.

Quando terminar, os membros da Convenção Geral Batista esperam que cada um dos habitantes do Texas tenha recebido pelo menos umas quarenta vezes a "Boas Notícias". No entender de seus idealizadores, "já era hora de descobrir que a televisão e outros veículos de comunicação podem

ser tão eficientes na venda de Jesus Cristo e do Evangelho quanto na do sabão em pó, que deixa a roupa mais branca, ou na da pasta de dente, que favorece o relacionamento amoroso das pessoas".

"Desesperança" — Oficialmente, esse abrangente esforço publicitário visa a alcançar os 4,7 dos 12,3 milhões de texanos que não freqüentam as igrejas — e cujo expressivo contingente vem crescendo bem mais que os adeptos da seita batista. Imbuída desse propósito, a Convenção Geral Batista contratou a agência de publicidade Bloom, uma das principais do Texas. O presidente da agência, que é judeu, chegou a hesitar em aceitar "vender" um "produto" no qual não acredita, mas acabou cedendo ao argumento de que se trata de uma campanha absolutamente original. "A singularidade dessa conta está no fato de que, em vez de ir atrás dos grandes consumidores, induzindo-os a mudarem de marca ou a comprarem mais do produto, a publicidade deve despertar os não-consumidores", explica um dos diretores da Bloom.

Para orientação de sua campanha, a Bloom pesquisou o que mais perturba o moderno texano — e descobriu que o problema número 1 da população estadual é a "desesperança". Então, a agência testou diversos comerciais de televisão, concluindo pela boa receptividade, por ampla margem, do "testemunho" do ex-pantera Cleaver. Paradoxalmente, ainda em setembro do ano passado, Cleaver emergiu às primeiras páginas dos jornais americanos ao pedir

acesso a documentos do FBI que revelariam uma campanha de nível nacional destinada a destruí-lo.

Pessimistas — Ao lado dessa autêntica blitz de mídia, os batistas também estão recorrendo a um esforço de base, com a participação de aproximadamente 4 000 igrejas. "Elas garantirão o sucesso da campanha", afirma James Landes, diretor-executivo da Convenção Geral Batista. Em Paris, Texas, a igreja local dará início, esta semana, a uma campanha para dobrar o número de seus freqüentadores, apresentando simultaneamente quatro importantes recém-convertidos — o treinador de futebol do Dallas Cowboy, um milionário decorador de interiores, a Senhorita

Adolescente da América e o campeão mundial de iô-iô. Em El Paso, doze igrejas preparam equipes que telefonarão a cada uma das famílias da cidade para descobrir quem gostaria de receber a visita de um dedicado missionário batista.

Todavia, mesmo entre os batistas praticantes há alguns pessimistas que duvidam da eficácia de "vender" Jesus Cristo através de veículos laicos e, sobretudo, segundo um método que consideram "de força". Bob Patterson, pastor de uma das igrejas de El Paso, por exemplo, recusou-se a participar da campanha. Ele sustenta, entre outras coisas, que "algum tempo dedicado à oração e ao jejum" daria melhor resultado. Uma fiel batista, por sua vez, queixava-se na semana passada contra o uso de Cleaver, exatamente porque o ex-Pantera Negra, apesar de ser um confesso convertido, aguarda o início de um sempre adiado processo por tentativa de assassinio e assalto a mão armada. "Tenho argumentado aos que pensam assim que cada santo tem um passado e cada pecador tem um futuro", revela L. L. Morriss, diretor de evangelização da Convenção Geral Batista, "mas devo admitir que alguns não me ouvem."

Sejam quais forem os êxitos de "Boas Notícias Texas", no entanto, a campanha já apresenta resultados satisfatórios dentro da própria Bloom. Desde que seus redatores, mídias e contatos passaram a se empenhar na "venda" de Jesus Cristo, um grupo de cerca de vinte publicitários vem se reunindo em um de seus escritórios, todas as sexta-feiras, ao meio-dia, para rezar e ler a Bíblia.

VEJA, 9 DE MARÇO, 1977

Guardiões da fé

A passagem do 29.º aniversário de fundação do Estado de Israel, no último dia 21 de abril, serviu para comprovar, mais uma vez, o quanto é difícil conciliar posições teológicas, mesmo dentro de uma única crença religiosa. Pois, enquanto os aproximadamente 3 milhões de judeus do país participavam com entusiasmo das cerimônias cívicas oficiais, os 2 300 moradores do pequeno bairro de Mea Shearim, todos adeptos da fechada comunidade dos Neturei Karta (Guardiões da Cidade), que consideram o organismo político-administrativo nacional "uma obra de Satanás", passaram o dia inteiro chorando e rezando orações fúnebres, ou dirigindo improperios aos demais habitantes de Jerusalém. Os Neturei Karta até hoje não se conformam que o Estado de Israel tenha sido fundado antes da vinda do Messias prometido no Antigo Testamento.

Portanto, "os judeus ímpios que o organizaram política e administrativamente nada mais fizeram que apressar a obra do Senhor". Dessa maneira, no último dia 21 de abril, eles ainda conservaram portas e janelas rigorosamente fechadas e hastearam enormes bandeiras negras sobre os telhados de suas casas. "Estamos lembrando com pesar o dia mais infausto da história do judaísmo", explicou na ocasião o rabino Chaim Berger ao correspondente de VEJA em Telavive, Alessandro Porro. E, indignado, acrescentou: "Criaram um Estado de Israel ateu e blasfemo. Em suma, um Estado comunista".

Inflexíveis ditames — A comunidade dos Neturei Karta teve origem em 1935, durante o mandato inglês na Palestina, como uma espécie de autodefesa judaica à nova onda de anti-semitismo que começava a varrer o mundo. Basicamente, eles se propunham a viver piedosamente, como manda a Bíblia, sem desobedecer aos 613 preceitos da lei judaica,

RELIGIÃO

e esperar pelo Messias que lhes daria a terra prometida. Seu principal artífice, o rabino Amram Blau, que morreu em 1971, era considerado o mais ortodoxo dos filhos de Jerusalém — jejuava durante um dia e uma noite antes de pronunciar qualquer sentença importante. Durante 36 anos, enfrentando a incompreensão dos demais rabinos de Israel e a acusação de difundir "um sentimento trágico da vida", ele agiu como um verdadeiro monarca no pequeno bairro de Mea Shearim. O rabino Blau escreveu pouco, mas deixou à tradição oral a tarefa de eternizar seus pensamentos, ou melhor, seus inflexíveis ditames.

Nos ditames do rabino Blau, as pala-



Judeus Neturei Karta: até hoje contrários à fundação de Israel

avras "não", "proibido" e "pecado" aparecem com uma frequência incomum, bem como *zchut*, que em iídiche significa "direito" — o direito de o homem conquistar a glória dos céus mediante renúncia e privações. O iídiche, língua falada pelos israelitas que viviam na Alemanha, Polônia, Hungria e União Soviética, cuja base é o alemão do século XIV, com elementos hebraicos e eslavos, é adotada e difundida pelos moradores de Mea Shearim, em oposição ao hebraico, dominante no país. Para começar a obedecer às leis do Senhor — eles jamais pronunciam a palavra Deus e nunca usam o hebraico, que é sagrado e utilizado apenas para a comunicação com o altíssimo —, um Neturei Karta precisa dominar amplamente o iídiche.

Histicamente inventado — Todos os moradores de Mea Shearim pensam da mesma maneira e ouvem com respeito a palavra de seus líderes. Somente uma

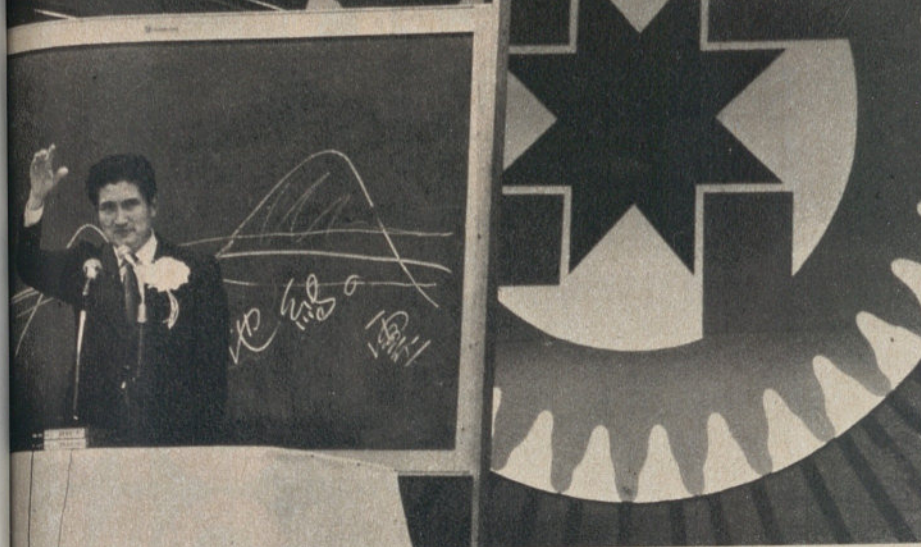
centena de Neturei Karta foi morar perto de Telavive, sob os protestos dos demais. "Como podem se chamar 'guardiões da cidade' e viver longe de Jerusalém, ainda por cima na proximidade de uma cidade de pecado e perdição?", perguntam os moradores de Mea Shearim.

Eles dependem de doações que chegam dos Estados Unidos, enviadas por particulares simpatizantes ou por fundações religiosas. O pequeno comércio local não chegou a formar uma classe de privilegiados, pois vende apenas produtos de primeira necessidade a preços que não permitem lucros substanciais. Durante o dia, os homens freqüentam a Yeshiva (escola religiosa) e conversam entre si. As mulheres ficam em casa costurando, bordando ou preparando doces para vender. O relacionamento entre os sexos é regulado por leis que começam

a ser aplicadas desde a primeira infância — os homens de um lado, tratados como personagens de máxima importância; as mulheres de outro, prontas para servir ou gerar muitos filhos, sobretudo do sexo masculino. Mas, para que o leito conjugal não seja palco de "sentimentos imundos", os contatos íntimos entre homens e mulheres devem ser realizados através de um lençol de trama espessa, com uma discreta ja-

nela no meio, de maneira a servir como uma espécie de biombo entre eles.

Os homens de Mea Shearim não são registrados civilmente, não servem o Exército, não votam nas eleições e não aceitam as sentenças dos tribunais rabínicos oficiais, assim como recusam as carteiras de identidade, os passaportes e o serviço médico gratuito do Estado de Israel. Em 1948, para reagir à fundação do país a que passaram a pertencer, eles começaram a imprimir moeda própria, mas acabaram sendo demovidos desse intento pelos fiscais do Tesouro "sionista". Pois, apesar de tudo, os israelenses têm procurado resolver diplomaticamente suas divergências com os Neturei Karta e sempre foram condescendentes para com suas exóticas idiossincrasias. Como diz o sociólogo Eleazar London, um estudioso das pequenas comunidades existentes em Israel, "os preceitos dos Neturei Karta apenas provocam tristeza por serem histicamente inventados".



Seicho Tani, o sacerdote-herdeiro: vamos todos rir

Salvação pelo otimismo

Obrigado, obrigado." Para os 800 000 adeptos brasileiros da Seicho-no-Iê, uma religião fundada neste século no Japão, por Masaharu Taniguchi, a partir de elementos budistas e cristãos, essas palavras, acompanhadas invariavelmente por uma oriental inclinação do corpo, significam mais que uma respeitosa saudação — traduzem o imbatível otimismo de uma doutrina que sustenta a imaterialidade do corpo físico, rejeita a existência do pecado e afirma que a doença decorre de erros do pensamento. Nos últimos dias de julho, por exemplo, elas foram redundantemente pronunciadas pelos 4 000 participantes da XXIII Convenção Nacional da Associação dos Moços Seicho-no-Iê, realizada em São Paulo, onde funciona a sede central da religião para a América do Sul. E repetidas, em seguida, em manifestações que reuniram milhares de fiéis no Rio Grande do Sul.

A Convenção dos Moços, além de eloquente demonstração da vitalidade e da aceitação da Seicho-no-Iê, hoje convertida em uma das seitas que mais crescem no Brasil, onde desembarcou na década de 40, revestiu-se de caráter internacional. A ela compareceram o genro e a filha do fundador, respectivamente, Seicho Tani e Emiko Taniguchi. Depois da morte de Masaharu, atualmente com 83 anos, Tani ocupará o cargo de Supremo Dirigente, para cuja função está sendo preparado pelo próprio sogro. Ao final do encontro, em meio a exortações do tipo de "Sorria para todos" e "Não faça previsões do fracas-

so", os dois visitantes ilustres classificaram a Convenção dos Moços de "perfeito sucesso".

Disseminação — Outro sucesso foi a venda dos 110 diferentes títulos de livros religiosos, catorze dos quais de autoria do fundador Masaharu, exibidos em um estande de 80 metros quadrados. Destinados a captar recursos, a doutrina da Seicho-no-Iê se expressa nos títulos postos a venda: "A Mente É Força Criadora", "Convite à Prosperidade" e "Felicidade da Mulher". Seguidamente, em suas páginas, a doutrina estimula o imobilismo social: "Assim que sobe o salário, após a realização de greves, a economia sofre dificuldades, as fábricas reduzem a produção, pois já não podem exportar seus produtos e, como consequência, muitas pessoas perdem o emprego". Já o genro de Masaharu, em "A Mente É Força Criadora", prefere investir no terreno da obriedade econômica: "Quando muita gente começa a dizer que tudo está caro, que tudo vai subir, o custo de vida sobe ainda mais ao invés de abaixar".

Os que não dispõem de dinheiro suficiente para adquirir os livros essenciais da Seicho-no-Iê, vendidos a preços que oscilam de 20 a 150 cruzeiros, sempre podem consegui-los por empréstimo. Afinal, graças a seu grande número de publicações, que circulam de mão em mão, capitaneadas pela revista mensal *Acendedor* (10 000 exemplares) e pelo calendário anual "Preceitos Diários para uma vida Cheia de Luz" (250 000 exem-

plares), a seita deixou de se restringir à colônia japonesa. Em alguns de seus templos espalhados pelo Brasil, os descendentes de europeus já são maioria. Os principais núcleos de difusão da Seicho-no-Iê ficam em São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Pará, Rio Grande do Sul e Paraná.

Contra desavenças — Firmemente empenhado em explicar as razões de tão vertiginoso sucesso, o antropólogo Takashi Maeyana dedicou à Seicho-no-Iê a tese de doutoramento que apresentou à Escola de Sociologia e Política de São Paulo em 1967. Nas 335 páginas de seu trabalho, intitulado "O Imigrante e a Religião", ele aprofunda as relações entre a religião e suas funções e as mudanças sociais, econômicas e culturais ocorridas em uma sociedade de imigrantes japoneses. E, depois de observar que a seita tenta sepultar toda a causa de caráter social que provoque desavenças, conflitos e ódios, acrescenta: "As contradições sociais são imputadas aos problemas psicológicos de cada indivíduo".

Essa característica, aliás, no entender de Maeyana, revelaria certa conotação fascista na origem da Seicho-no-Iê. Segundo o antropólogo, durante a II Guerra Mundial, quando a extrema direita levou o Japão a uma febril associação à Alemanha de Hitler e à Itália de Mussolini, ela foi uma das seitas que mais ativamente colaboraram com o fascis-



Crescem os fiéis: já são 800 000

VEJA, 24 DE AGOSTO, 1977

terior de con-jardín. asaltantes i bílico de la táculo. Por callarme, a tando de i estos indivi sión de m en defende dome tend de ellos, al un fuerte y enseguid el pecho, e respiración Fue posible me en el au sonas en e dos o tres pusieron ur cabeza que respirar y cirne dón garne o le sin identif huel... Cor esta agresió meteme a Me es imp largo rato, mir, cualqu es sumamer primeros dí do estaba de davía levant posición. Mi das, mi rodi le al camina asaltantes r "¿Por qué que siete u c la Dirección cional, obede mo ellos dic tieron en la te para viola drentar a la trabajan, ror denar la hal me y golpear bardia... Te cho, como lo negarme a s tradores. Ello cultad de m lo que desea do a seguir sola circunsti ra suponer q DINA. Esta i

mo japonês. Diz Maeyana: "Entre 1935 e 1940, Masaharu (o fundador) procurou prestigiar o governo, identificando-se, tanto na idéia como na prática, com a ideologia da guerra, como partidário da adoração do imperador, do caráter divino da nação japonesa e sua conseqüente invencibilidade". Outra observação do antropólogo Maeyana é que a organização da Seicho-no-Iê se inspira de fato na rígida hierarquia familiar japonesa. "Masaharu é presidente da Associação dos Homens, sua esposa, da Associação da Mulher, seu genro, da Associação dos Moços", diz. E conclui: "Durante a guerra, era comum ouvir-se no Japão que o imperador era o pai e a

A sustentação de toda essa máquina depende não apenas da venda de publicações mas de uma contribuição mensal a que cada adepto está obrigado, variável de núcleo para núcleo. A seita também controla um supermercado em São Paulo e, até pouco tempo, possuía um outro no vizinho município de Osasco. Mas, evidentemente, o orçamento é completado pelos óbulos compulsórios durante os rituais, pois todos eles têm um preço. O mais significativo, porém, só pode ser realizado no Centro de Formação de Ibiúna, a 55 quilômetros de São Paulo, espécie de seminário nacional da Seicho-no-Iê e atende pelo sugestivo nome de Ritual de Purificação da



No Parque Anhembi, SP: uma convenção obediente e organizada

imperatriz, a mãe — o país era toda uma família".

Máquina — Indiferentes a tais assertivas, os adeptos brasileiros da Seicho-no-Iê atendem docilmente à voz de comando de um presidente doutrinário para a América do Sul, cuja palavra é definitiva em assuntos de fé. Abaixo dele existe um diretor-presidente (mais ligado à administração), assessorado por doze voluntários. Em seguida, vêm as coordenadorias regionais (por Estados ou grandes cidades) e, finalmente, os núcleos locais (espécies de paróquias). No trabalho missionário propriamente dito, cerca de 600 "pretores" se encarregam de transmitir os ensinamentos de Masaharu, auxiliado pelos *dedo-ins* (o primeiro degrau na escala hierárquica). Em São Paulo, ainda trabalham na sede central, no bairro do Jabaquara, nada menos de 110 funcionários.

Alma. Basicamente, trata-se de uma cerimônia que tem para seus adeptos um poderoso efeito catártico — inicia-se com o recolhimento de bilhetes em um cesto, onde cada presente confessa por escrito os seus ódios e fraquezas, que são logo votivamente incinerados; ao final, paira uma sensação geral de "libertação" e "limpeza".

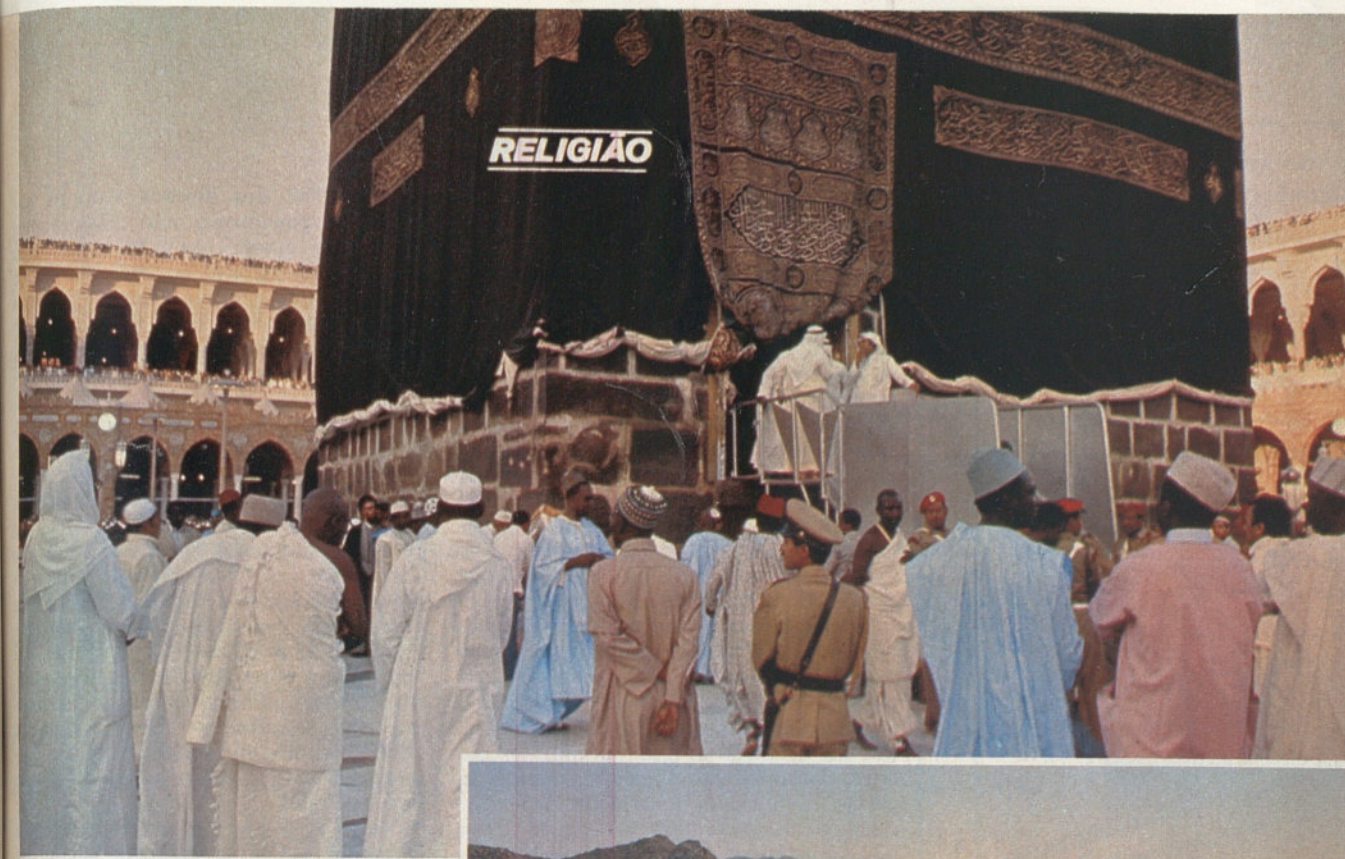
De qualquer forma, os dirigentes da Seicho-no-Iê sempre preferem apresentá-la mais como um movimento filosófico que como religião. Mas, para a socióloga paulista Laila Marrach, que realiza um segundo trabalho universitário sobre a seita, "do ponto de vista sociológico não há dúvida que estamos diante de uma nova religião". Uma religião, como ela esclareceu à repórter Tânia Mendes, de VEJA, "surgida em época de crise, de transformação social e que tem muito de psicanálise e de filosofia alemã".

Censo da Igreja

Entre 1970 e 1971, existiam 13 292 sacerdotes no Brasil. No período 1975-1976, esse número decresceu para 12 065. Informações como essa aparecerão no "Anuário Católico do Brasil", organizado pelo Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), uma espécie de IBGE da Igreja. A edição 1975-1976, em fase final de impressão, começará a ser distribuída, ao preço de 450 cruzeiros, já no início de outubro. Para sua elaboração foram levantados, em quatro meses, informações constantes em 21 735 fichas, preenchidas pelos integrantes das 221 circunscrições eclesiais (que englobam arquidioceses, dioceses, prelazias e abadias) e de outras 481 organizações da Igreja, espalhadas por todos os 3 951 municípios brasileiros.

O resultado é um denso volume com 2 500 páginas, contendo um completo e detalhadíssimo levantamento das forças com as quais a Igreja pode contar em sua luta contra os males do espírito e as injustiças do mundo. E que, no dizer de um religioso, mostra claramente que a Igreja, como instituição, nada tem a esconder de seu povo. Significativamente, trata-se do quarto "Anuário Católico" editado no Brasil, embora nenhum dos anteriores reunisse tantas e tão cuidadosas informações. Os dois primeiros foram editados sob a responsabilidade direta da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1957 e 1960. O terceiro apareceu em 1973, já organizado pelo CERIS, mas a lentidão de seus trabalhos, que se prolongaram por mais de um ano, fizeram com que muitas informações saíssem desatualizadas.

Constam do novo "Anuário Católico" ainda, referências nominais, com endereço, nacionalidade, data de nascimento e ordenação, filiação religiosa e ocupação, de 12 065 sacerdotes, 314 bispos e 500 padres provinciais. São relacionados também as 5 973 paróquias do país (eram 5 433 em 1970-1971), com endereço, vigário e santo titular, além dos 472 institutos educacionais, assistenciais, hospitalares e religiosos propriamente ditos mantidos pela Igreja no país. Constatam ainda a edição informações referentes à organização da Santa Sé e às entidades criadas pela Igreja para ocupar com a problemática latino-americana, tais como a Comissão para a América Latina, o Conselho Episcopal Latino-Americano e a Confederação Latino-Americana de Religiosos. O "Anuário" não é, no entanto, um trabalho concluído. Trata-se, como explica o diretor do CERIS, padre Afonso Gregório, de "um esforço de informação" para facilitar a comunicação entre os membros da Igreja no Brasil.

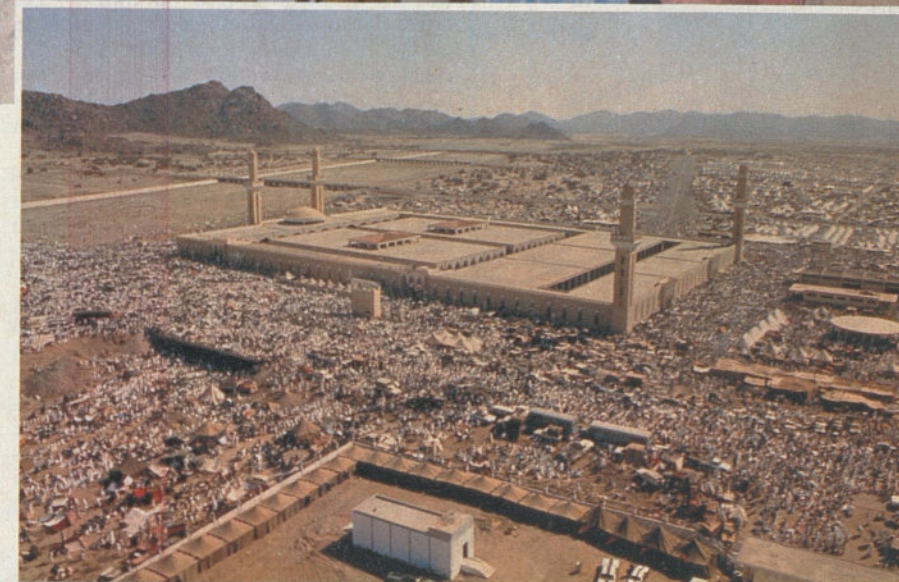


Meca: na Grande Mesquita sagrada...

Por Maomé

Por esse resultado da crise de energia os americanos certamente não esperavam: fortalecidos pelos bilhões de dólares resultantes da quadruplicação dos preços do petróleo, os árabes estão investindo maciçamente nos Estados Unidos para difundir a religião islâmica dentro do mais poderoso país do mundo. E os resultados têm sido animadores: segundo levantamento da revista *Newsweek*, o número de adeptos do Corão multiplicou-se por quatro nos últimos anos, atingindo os 2 milhões de fiéis — em sua grande maioria não árabes.

Apoiados em generosas remessas de dólares da Arábia Saudita, os islamitas estão comprando terras em Ohio para implantar centros de formação religiosa e financiam "escolas paroquiais" nas imediações de Nova York, com o objetivo declarado de formar novos adeptos. É o êxito que vêm alcançando com seus esforços provoca curiosas especulações da imprensa americana. A ponto de o próprio dirigente mundial islâmico dr. Abdel-Halim Mahmud, o grande teólogo da Universidade caiota de Al Azhar, em recente turnê pelo país, não se mostrar surpreso quando os jornalistas lhe perguntaram se no futuro os islamitas tentariam mudar a Constituição dos Estados Unidos: "Não podemos negar tal possibilidade", disse ele, "pois se a América adotasse um dia a lei islâmica estabelecendo a lei de Deus — e Ele não



... 1,6 milhão de fiéis aplaudem o retorno às leis da antiguidade

está sujeito a erros". Antes, porém, de se lançar a uma tentativa de reformulação das leis americanas, que parecem suficientemente sedimentadas ao longo de mais de dois séculos de prática democrática, os dirigentes do islamismo se empenham sobretudo em reforçar sua ascendência sobre 600 milhões de muçulmanos na Ásia e na África. Sabe-se por exemplo, que os ulemas (sábios religiosos) da Arábia Saudita estão influenciando estudantes ortodoxos no Paquistão, na Síria, no Irã e no Egito. Tais grupos chegam até a violência em seu radicalismo religioso: teriam participado da derrubada do primeiro-ministro paquistanês Ali Bhutto, este ano; seriam de sua responsabilidade também os incêndios de ônibus em Teerã — manifestações em que pleiteiam do xá Reza Pah-

levi uma lei que separe as mulheres dos homens, mesmo nos ônibus e nas lanhonetes da Universidade. Os observadores atribuem, igualmente, a esse movimento de renascimento das velhas leis de Maomé as pressões exercidas contra o presidente egípcio Anwar Sadat para açoiar os alcoólatras e espancar as mulheres que conduzam automóveis.

Os ulemas têm, ao mesmo tempo, advertido os políticos muçulmanos contra os perigos da ocidentalização, da imoralidade e do comunismo. E sua pregação estaria encontrando pronta resposta, a julgar pela afluência a Meca, no mês passado (o mês Sagrado no calendário islâmico): uma multidão recorde de 1,6 milhão de fiéis acorreu aos lugares santos, aprovando as propostas conservadoras dos seus líderes.

RELIGIÃO

Neoprotestantes

O movimento é conhecido na Itália como "La Chiesa del Dissenso" — a Igreja da Dissensão — em virtude de contar em seus quadros com um expressivo número de ex-padres e ex-freiras, afastados da hierarquia católica por ato punitivo superior ou decisão pessoal. Mas eles não obedecem a um papa ou a uma cúria e suas missas, desautorizadas pelos bispos do país, são celebradas em ambientes simples, como fábricas, escolas ou casas particulares, além de seguirem um rito despojado, sem paramentos, cumprido em torno de uma mesa nua, onde é colocada apenas uma Bíblia. Pompas e exuberâncias litúrgicas, na verdade, nada têm a ver com a Igreja da Dissensão — mais interessada nas últimas novidades da teoria política e, sobretudo, nas teses sociais da esquerda.

Dessa maneira, não é por acaso que seu líder mais destacado seja exatamente o ex-abade beneditino da basílica romana de São Paulo, Giovanni Battista Franzoni, 45 anos, reduzido ao estado leigo em agosto de 1976 pelo cardeal Ugo Poletti, vigário de Roma, depois de fazer campanha a favor do divórcio e de apoiar o Partido Comunista Italiano nas últimas eleições parlamentares. Convicto do papel prioritariamente social da Igreja, Franzoni se dedica atualmente a uma comunidade leiga, que fundou após a punição nos arredores de sua antiga basílica, e desenvolve intensa atuação como pregador e conferencista de esquerda, principalmente entre estudantes e operários.

Perplexidade — A partir do ano passado, entretanto, a Igreja da Dissensão ultrapassou amplamente os limites da comunidade leiga de "dom" Franzoni — como ele continua a ser chamado pelos seguidores. Desafiando a outrora monolítica e ainda autoritária cúpula eclesial italiana, comunidades católicas de base, francamente divergentes da orientação oficial da Santa Sé, multiplicaram-se ao longo de 1977 por todo o país, alcançando inclusive os bairros proletários romanos existentes nos limites da Cidade do Vaticano. Associados a uma dezena de protestantes igualmente divergentes de suas igrejas e a militantes do movimento de tendência marxista Cristãos para o Socialismo, os dissidentes católicos editam a revista semanal *Com-Nuovi Tempi*, cuja tiragem

já se eleva a 11 000 exemplares. Orientam, também, um novo Movimento para a Libertação de Padres e Freiras, destinado a oferecer conforto material, moral e jurídico a religiosos em litígio com a hierarquia católica. Finalmente, estima-se em Roma que pelo menos uma meia dúzia de templos da capital italiana já esteja "ocupada" por clérigos simpatizantes da Igreja da Dissensão.

A perplexidade da Santa Sé com o fenômeno é evidente. Pelo menos em um de seus discursos de quarta-feira o papa Paulo VI fez uma referência clara



Franzoni e Novelli: desafiando a Santa Sé

à Igreja da Dissensão, pedindo o retorno dos rebeldes à "edificante colaboração com a hierarquia da Igreja". De sua parte, o padre Bartolomeo Sorge, diretor da revista jesuíta *Civiltà Cattolica* e um dos influentes conselheiros de Paulo VI, admitiu ao correspondente de VEJA em Roma, Marco Antônio de Rezende, que os dissidentes católicos "estão certos em alguns pontos, como ao pedir uma participação mais viva e responsável da comunidade". Mas acrescentou: "O entendimento com eles é que se torna difícil. Quando, ao contrário de teologia, faz-se ideologia, as coisas se complicam".

"Resistência" — Na verdade, os dissidentes católicos têm o cuidado de ressaltar que continuam fiéis aos ensina-

mentos de Cristo e que, portanto, não perderam a fé. E invocam os preceitos do Evangelho para criticar a aliança dos dignitários religiosos de seu país com o poder temporal, especialmente com os democratas-cristãos, há trinta anos no governo italiano, bem como para denunciar uma suposta "resistência" eclesial à aplicação das decisões do Concílio Vaticano II. "Eu acreditei no Vaticano II, mas os bispos italianos não fizeram o mesmo", disse a VEJA o ex-padre operário Carlo Trabattoni, 48 anos, orientador de uma comunidade de base existente na periferia de Milão. Ilustrativamente, a principal queixa de Trabattoni é "a não aplicação dos princípios mais profundos do Vaticano II e a reedição, com novos nomes, das velhas estruturas pré-conciliares".

Ainda que Trabattoni possa estar exagerando, o fato é que a Conferência Episcopal Italiana parece empenhada em minimizar os pontos de conflito que vêm multiplicando os adeptos da Igreja da Dissensão. Em 1976, num simpósio sobre Evangelização e Promoção Humana, ela assumiu uma atitude considerada "democrática" em relação aos dissidentes, ao colocar em debate algumas de suas teses heterodoxas. E, em 1977, o gesto de Paulo VI de transferir da Secretaria de Estado da Santa Sé para o arcebispo de Florença o seu articulado assessor Giovanni Benelli foi interpretado também como o desejo de dotar a Conferência Episcopal Italiana de um eficiente bombeiro, capaz de combater adequadamente o incêndio da dissensão.

Em suas primeiras manifestações de existência, de fato, a Igreja da Dissensão assumiu o papel de incendiária das tradições eclesiais, promovendo inclusive manifestações de protesto contra a construção de templos erguidos com doativos de aristocratas. A última geração de dissidentes, porém, mostra-se menos ruidosa, preferindo a tática do proselitismo ideológico. Um de seus expoentes é o ex-padre Gianni Novelli, 38 anos, expulso da Congregação dos Sagrados Estigmas. Ele divide seu tempo entre o Movimento para a Libertação de Padres e Freiras e a redação de *Com-Nuovi Tempi*, onde trabalha ao lado de Franzoni. "A Igreja da Dissensão nasceu como prolongamento, no seio da Igreja Católica, dos motivos que provocaram as lutas sociais e políticas européias de 1968 e 1969", explicou Novelli em uma de suas análises. Reforçava, desse modo, as suspeitas de que seu movimento pode ser comparado a uma espécie de neoprotestantismo religioso.

VEJA, 1 DE FEVEREIRO, 1978



Lutero coordenando a tradução da Bíblia nos termos de sua doutrina

O livro de Lutero

Há quatro séculos, numa iniciativa que representou o ápice de um esforço destinado a bloquear o surgimento de novos cismas em seu movimento religioso, ameaçado pelas divergências internas que se seguiram à morte do fundador Martinho ou Martin Lutero (1483-1546), um grupo de teólogos luteranos publicou em língua alemã a primeira edição do "Livro de Concórdia". Basicamente, tratava-se de um manual doutrinário, reunindo os principais textos de seu movimento, que, mesmo não chegando a ser adotado na íntegra por igrejas da Dinamarca e da Noruega, trazia formulações capazes de atravessar os anos como padrões da teologia luterana ortodoxa. E, de fato, a partir do momento que o adotavam, as igrejas particulares cediam à vital necessidade de organização de seus cultos, dando importância fundamental à leitura da Bíblia, à doutrina e ao espírito de união.

No Brasil, o "Livro de Concórdia" só aportou dois séculos e meio depois, trazido justamente pelos primeiros imigrantes alemães, que se fixaram em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, em 1823, e em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, em 1824. Mas apenas agora, numa iniciativa conjunta da Igreja Evangélica da Confissão Luterana no Brasil (700 000 membros) e da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (400 000 membros), está para ser lançada sua primeira edição integral em língua portuguesa. O trabalho de tradução foi confiado ao ministro luterano Arnaldo Schüller, 52 anos, que vive em Porto Alegre, onde leciona Teologia Sistemática, no Seminário Concórdia, e Cultura Brasileira, na Faculdade Porto-Alegrense. Apesar desse longo inter-

valo no tempo, porém, até que a versão brasileira veio depressa: o "Livro de Concórdia" só existe na íntegra em alemão, latim e inglês.

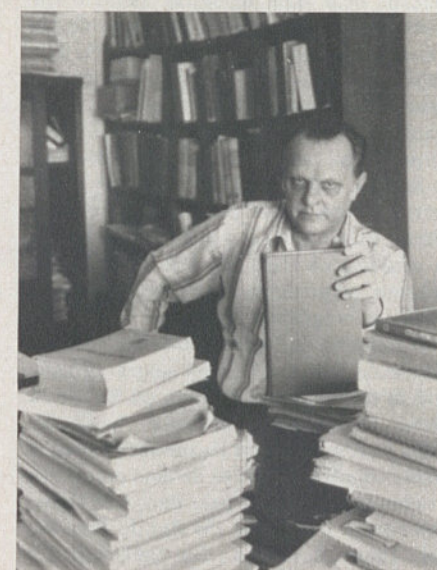
Requisitos do tradutor — A idéia de publicar em língua portuguesa o "Livro de Concórdia", antiga aspiração de um movimento que hoje arregimenta o sexto grande contingente religioso do país, foi aprovada durante o congresso mundial luterano, realizado nos Estados Unidos em 1970. Autorizados a agir, os ministros brasileiros presentes logo se puseram a procurar um especialista nacional capaz de empreender um trabalho para o qual eram necessários requisitos incomuns: precisava dominar amplamente o alemão clássico do século XVI, o latim eclesiástico, conhecer o inglês e o grego. Mais até que o conhecimento de idiomas, era indispensável uma profunda formação teológica e, obviamente, o manuseio anterior do "Livro de Concórdia". A escolha acabou recaindo sobre Schüller, que ainda por cima falava o espanhol e o holandês.

"Ao receber e aceitar o convite, coloquei-me à disposição para qualquer sacrifício", revelou ele a VEJA, na semana passada. Ainda assim, Schüller impôs aos demais colegas de ministério as condições, imediatamente aceitas, de não fazer uma tradução polêmica em relação às religiões cristãs e de ser mantido durante dois anos na cidade de Saint Louis, no Missouri, EUA. A escolha dessa cidade foi exclusivamente sua: ele sabia que lá existem uma biblioteca de 300 000 volumes sobre o luteranismo, uma universidade jesuíta com toda a biblioteca vaticana gravada em microfílm, além de constituir um dos maiores centros mundiais de sua religião. "Um trabalho como eu pre-

tendia fazer", observa Schüller, "nunca poderia ser realizado sem sair do Brasil."

Versão mais completa — No final de sua permanência nos Estados Unidos, isso em 1974, Schüller havia se convertido numa personalidade conhecida entre os funcionários dos institutos de pesquisa de Saint Louis, a ponto de ouvir de uma bibliotecária uma pergunta que ele até hoje relembra, com indisfarçável sorriso de orgulho: "Professor, existe por aqui algum livro que o senhor não tenha manuseado?" E, com efeito, empenhado em aproveitar ao máximo um tempo que sabia exíguo, Schüller devassou milhares de documentos religiosos, surpreendendo os colaboradores americanos com o método de trabalho que adotou — começava às 8 horas da manhã e só terminava às 17, quando os institutos de pesquisa fechavam. Mesmo assim, pedia volumes emprestados e reiniciava seus estudos às 20 horas, só dormindo à meia-noite. Ele se orgulha de toda essa dedicação, mas admite que chegou quase ao desespero no fim dos dois anos, quando começou a examinar as coleções das 200 revistas especializadas assinadas pela biblioteca luterana. Como percebeu que sua pesquisa não seria completada a tempo, decidiu copiar as partes mais importantes, despachando-as para o Brasil, onde finalmente as examinou.

De regresso ao Brasil, Schüller consumiu mais um ano em seu trabalho, acumulando 2 000 páginas datilografadas e pelo menos o dobro em anotações, definindo de simples termos eclesiásticos a trechos de outros livros. Mas valeu o sacrifício. Na opinião de ministros da Igreja Evangélica da Confissão Luterana e da Igreja Evangélica Luterana, os originais de Schüller, atualmente em mãos de quatro revisores teólogos, "representam uma tradução do 'Livro de Concórdia' que supera a própria edição original em alemão clássico".



Schüller: uma tradução impecável

ESPECIALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA

ANÁLISE DE SISTEMAS

Com o advento da Indústria Brasileira de Computadores a demanda de especialistas na área será excepcional para os próximos dois anos.

COMERCIO EXTERIOR

Na medida em que o Brasil caminha para a conquista de novos mercados externos torna-se cada vez mais evidente a escassez de profissionais qualificados.

A **ASP**, líder e pioneira desde 1971 nessas duas áreas profissionais em nível de graduação, promove agora esses cursos em nível de especialização universitária.

MATRICULAS ABERTAS — VAGAS LIMITADAS

FACULDADE
DE ADMINISTRAÇÃO
DE SÃO PAULO

Rua Stella, 22 Metro/Paraíso
Tel.: 71.1187 - 71.5896 - 70.2743

**A grande obra
binacional
que vai garantir
o futuro energético
brasileiro
garantiu-se
com vários
Seguros
de Garantia
de Obrigações
... conosco.**

X AJAX

Companhia Nacional de Seguros

São Paulo • Rio de Janeiro • Belo Horizonte
Porto Alegre • Curitiba • Florianópolis • Niterói

continuação da página 62

Pelos seus cálculos, existem na Grande São Paulo 100 000 pessoas que fazem da ida ao teatro um hábito. Descontando o período de ensaios de novas peças, da troca de cenários, os quarenta teatros da região poderiam vender anualmente 6,39 milhões de ingressos. Mas as estatísticas da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) mostram que em 1977 venderam-se 1 176 355, ou seja, apenas 18,4% das lotações disponíveis. A explicação é simples, assegura Ranke: o preço dos ingressos. De fato, apenas 18% dos que responderam ao questionário da Progran estão dispostos a pagar mais de 50 cruzeiros por ingresso — que atualmente, em São Paulo e no Rio, chega ao dobro desse valor. “O frequentador habitual vai ao teatro em média onze vezes por ano”, afirma Ranke, “mas, enviando os cartões-desconto às suas casas, com o consentimento dos produtores, poderíamos elevar essa frequência para 24 vezes ao ano.”

Praça da tristeza

ZOO STORY, de Edward Albee; direção de João Albano; com Marco Nanini e Lival Pariz; Café Teatro Odeon, São Paulo.

Não há dúvida de que a peça, escrita por Edward Albee em 1958 e estreada em Berlim no ano seguinte, continua a mesma. Mas, de lá para cá, em todo o mundo as platéias aprenderam muito. Principalmente tornaram-se mais cínicas. Com isso, embora as qualidades puramente dramáticas permaneçam inalteradas, “Zoo Story” perdeu muito de seu impacto.

No mundo hostil onde se debatem as personagens de Albee, a comunicação mostra-se sobretudo um ato de crueldade. Alguns,

como Peter, bem-sucedido executivo, preferem resguardar-se num cômodo isolamento. Falam pouco, têm boas maneiras e apertadamente constituem um modelo de tolerância. Entre essa moderação e um absoluto desprezo pelos dramas alheios, contudo, a diferença é mínima. É um perfeito representante do grupo social que anos depois Richard Nixon definiria como “a maioria silenciosa”. Jerry, que o aborda numa praça, é o *beatnik* da geração de Jack Kerouac, o marginalizado por vontade própria. Nos Estados Unidos dos anos 50, chamuscado pelo macarthismo, sua revolta permanece no plano individual. Passadas as estripulias de Woodstock e de Watergate, os antagonistas perderam muito de sua força circunstancial. Para compensar tal desgaste, seria necessária uma encenação capaz de ressaltar os elementos de genuína emoção contidos na obra. Não é o que ocorre neste espetáculo apático.

Interpretes de indiscutível talento, Nanini e Pariz apenas confirmam seu potencial trágico sem chegar a desenvolvê-lo no empuar das personagens. Como Peter funciona quase só como anteparo aos ataques de Jerry, seu intérprete Lival Pariz consegue ser algo convincente. Como Jerry, Nanini lembra um locutor esportivo a transmitir acontecimento de pouca vibração, tentando empolgar o público falando depressa e variando a todo instante as inflexões. Lido em cena, exibe ainda uma insinuante gesticulação. Mas seu desempenho não vai além desse teste de Cooper dramático, pois falta o essencial: a angústia da personagem. A culpa, no caso, cabe à morna direção de João Albano, que de original apresenta apenas alguns dispensáveis efeitos de luz e de sonoplastia. É um “Zoo Story” que parece no máximo um programa de televisão — uma espécie de “Praça da Alegria” às avessas.

• JAIRO ARCO E FLEURY



Pariz e Nanini em “Zoo”: atores competentes, espetáculo apático

8267922

Publitec
Propaganda S.A.

Se você ainda não estreou o novo telefone da Publitec, ligue agora. O telefone-chave do PABX agora tem números sequenciais. (Em tempo: os outros números saem de cartaz, depois de uma longa temporada de sucesso.)

RELIGIÃO

Reforma leiga

Entre os cristãos dos Estados Unidos, começa a surgir um movimento de rebeldia que alguns observadores já apresentam como uma espécie de Nova Reforma. E que, mesmo não produzindo cismas, poderá transformar tanto as estruturas como as atividades da maioria das igrejas do país. Em sua essência, a Nova Reforma se caracteriza pela crescente independência de uma legião estimada em 3 milhões de leigos, geralmente protestantes, mas entre os quais se encontra um expressivo número de católicos, que se recusam a receber diretrizes pastorais de um clero ordenado. Tal como os sectários protestantes, que acompanharam Lutero no século XVI, criando “um sacerdócio de todos os crentes”, muitos deles estabeleceram seus próprios grupos de oração, algo como “igrejas domésticas”, onde praticam o culto e adoram a Deus sem a ajuda de pastores ou padres.

Na verdade, a Nova Reforma começou uma década atrás, mas apenas como um movimento marginal. Nos últimos anos, porém, é que ela vem multiplicando seus adeptos, inclusive procurando estímulos intelectuais em cursos de teologia leiga e promovendo com reverência quase fervorosa palavras de sua eclética pleiade de “profetas vivos”, que vão do escritor soviético Alexandr Soljenitsin à evangelista Ruth Carter Stapleton, irmã do presidente Jimmy Carter. “Procuramos ser cristãos no mundo e não nas igrejas”, define o milionário texano Howard E. Butt Jr., um dos líderes do movimento.

Divisor de águas — A entronização de “profetas vivos” como Soljenitsin e a presença da Nova Reforma de sectários da classe social de Butt Jr. levam seus opositores a julgar que o movimento, em última análise, também pode significar uma reação conservadora a uma teologia defendida por clérigos cada vez mais preocupados com as condições sociais do homem. E, assim, é ilustrativo que, no final de fevereiro, usando recursos de seu próprio bolso, Butt Jr. haja reunido em Los Angeles, para um “Congresso da Laicidade”, 800 dirigentes do mundo dos negócios, do movimento trabalhista, do governo e das artes. Com o ex-presidente e senhora Gerald Ford na condição de anfitriões oficiais da cerimônia, os convidados foram estimulados a uma tro-

ca de pontos de vista, sobre como os cristãos leigos poderão transformar a sociedade secular por meio de suas decisões e poder individuais. No final, apesar de o filósofo católico Michael Novak, presente à cerimônia, tentar minimizar seu resultado, o fato é que ela se constituiu em mais um “divisor de águas” do emergente movimento cristão leigo.

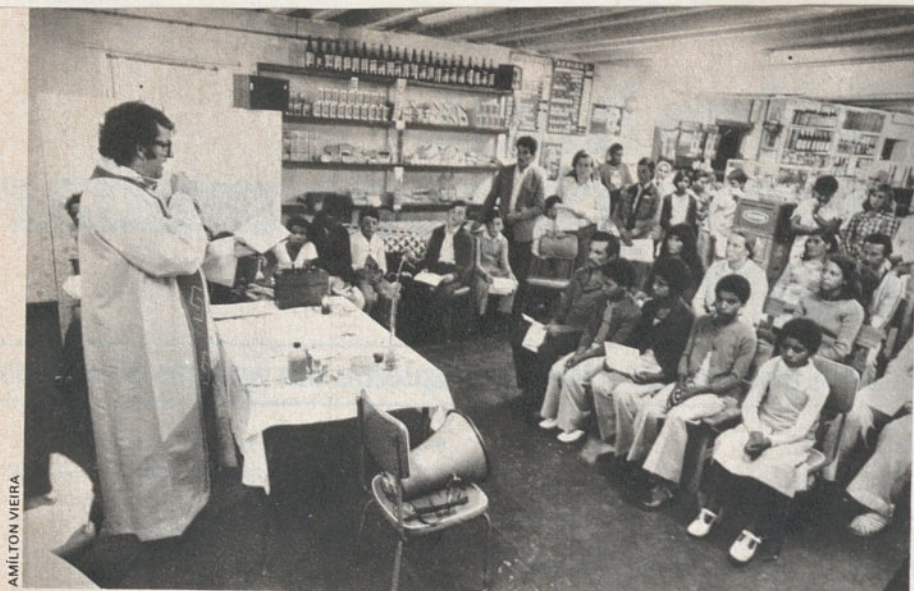
Os grupos mais radicais da Nova Reforma, cujos chefes são chamados de “cristãos carismáticos”, procuram reviver a fundo a antiga tradição das “igrejas domésticas” — reúnem seus vencimentos numa caixa comum, compartilham de pequenos trabalhos comunitários e tratam de viver plenamente uma vida cristã, praticando o sacerdócio mutuamente e para os pobres. Embora não haja maneira de determinar quantas dessas comunidades existem, dezenas delas formaram uma rede de comunicação através da revista mensal *Sojourners*, editada em Washington. Mas a reação das igrejas estabelecidas não se fez esperar e entre elas já se observa uma reavaliação das relações entre leigos e clérigos. Na ecumênica Igreja do Salvador, de Washington, por exemplo, cada membro em perspectiva deve treinar durante pelo menos um ano a fim de verificar qual ministério pode desempenhar da melhor maneira dentro da congregação, e nenhum ministro — leigo ou clérigo — é considerado superior a qualquer outro. Na Igreja Católica, em que o sacerdócio é considerado a convocação mais elevada de Deus, uma ordem como a dos Padres Maryknoll, a mais antiga sociedade missionária católica fundada nos Estados Unidos, está treinando fiéis interessados em desenvolver uma liderança leiga em paróquias da América Latina, África e Ásia.



Casal Ford: cristãos sem uma igreja

VEJA, 8 DE MARÇO, 1978

There used to be many houses... London Bridge 150 years ago.



AMILTON VIEIRA

Padre Litewka, no Reco-Reco: em vez do churrasco, uma missa

Padre rodoviário

Os ambientes que o padre Mário Litewka, da diocese de Ponta Grossa, a 120 quilômetros de Curitiba, escolhe para rezar as suas missas são pouco convencionais — em vez das imagens douradas, dos castiçais ardentes, do aroma dos incensos, o cenário se resume a cartazes de propaganda de bebidas ou de óleos para motores, tabelas de preços da Sunab e a ondas de cheiro de gasolina e de gordura quente. E, por isso mesmo, costumam despertar críticas de parte dos católicos conservadores, para os quais um restaurante de beira de estrada não constitui um local apropriado à celebração litúrgica do sacrifício de Jesus Cristo pela humanidade. Mas o padre Litewka, um polonês de 41 anos, não se incomoda com tais censuras e, francamente apoiado pelo bispo diocesano, dom Geraldo Pellanda, continua não só a rezar suas despojadas missas como a desenvolver entre motoristas de caminhão, borracheiros, graxeiros e demais moradores das margens das rodovias BR-116 (Curitiba—São Paulo) e BR-376 (Curitiba—Londrina) uma original "pastoral rodoviária", que inclui batizados, confissões, casamentos e mesmo conselhos pessoais e orientação profissional.

Até a semana passada, padre Litewka havia percorrido mais de 50 000 quilômetros de estradas, todos a bordo de sua Belina modelo 1976, cobrindo uma macroparóquia que se estende de Foz do Iguaçu, na fronteira com o Paraguai, a Paranaguá, nas margens do Atlântico. Anunciado por um cartaz contendo sua programação anual, ele vem conseguindo uma razoável assiduidade de fiéis, mesmo porque se torna aos poucos uma figura conhecida dos motoristas — muitos deles já o cumprimentam nas estradas mediante sinais de luz. Alegre e expansivo, padre Litewka está otimista quanto a seu trabalho, ainda que admita persistirem algumas dificuldades de ordem prática. "Alguns motoristas", conta ele, "simples-

mente não gostam de padre, outros pensam que vou pedir dinheiro."

Salvaguarda — Na noite de terça-feira da semana passada, por exemplo, padre Litewka desembarcou em um dos 140 postos de gasolina que tem visitado com regularidade, o Reco-Reco, no quilômetro 68 da rodovia Paranaguá—Foz do Iguaçu, onde era aguardado desde cedo. O churrasco começava a ser servido às aproximadamente quarenta pessoas presentes, mas logo foi interrompido e, rapidamente, cadeiras de ferro e laminado plástico eram colocadas em semicírculo, tendo ao centro uma mesa destinada a servir de altar. O garçom se converteu em sacristão, distribuindo folhetos com orações e cânticos, e organizando a disposição do cálice, da Bíblia, do pão, do vinho e de um alto-falante. No entanto, como posteriormente observaria a VEJA um dos presentes, "o melhor da cerimônia foi quando padre Litewka falou das nossas coisas". Em seu sermão, empunhando um cartaz da Campanha da Fraternidade, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), para este ano, cujo tema é "Trabalho e justiça para todos", ele discorreu longamente sobre a "deterioração" do preço dos fretes, "embora tenha havido aumentos a onerar os carreteiros" e assegurou que "Deus não criou seus filhos para uns terem muitas sobras e outros passarem fome".

A abordagem desses temas já renderam ao padre Litewka insatisfações de parte dos patrões, que o acusam de "agitador", sobretudo ao comentarem seu propósito de "unir a classe dos motoristas". Mas antes que viesse a ter problemas com tais objeções, ele viu sua pastoral amplamente aprovada pela Regional Sul II da CNBB, com sede em Curitiba, o que lhe tem valido como uma eficiente salvaguarda pessoal. E, assim, entre outras coisas, pôde seguir conscientizando seus fiéis de estrada de que "se o lavrador não plantar e o motorista não transportar, médico, advogado, engenheiro, todo o mundo vai passar fome".



Bio-Ciência/Lavoisier

às suas ordens,
noite afora



Bio-Ciência/Lavoisier s. a.
ANÁLISES CLÍNICAS

AVENIDA ANGÉLICA, 1832 — CEP 01228 — SÃO PAULO
TELEFONE: (011) 256-1111 (PABX)

ESPECIALIZAÇÃO UNIVERSITÁRIA

ANÁLISE DE SISTEMAS

Com o advento da Indústria Brasileira de Computadores a demanda de especialistas na área será excepcional para os próximos dois anos.

COMERCIO EXTERIOR

Na medida em que o Brasil caminha para a conquista de novos mercados externos torna-se cada vez mais evidente a escassez de profissionais qualificados

A ASP, líder e pioneira desde 1971 nessas duas áreas profissionais em nível de graduação, promove agora esses cursos em nível de especialização universitária.

MATRÍCULAS ABERTAS — VAGAS LIMITADAS

FACULDADE
DE ADMINISTRAÇÃO
DE SÃO PAULO

Rua Stella, 22 Metro/Paraíso
Tel.: 71-1187 - 71-5896 - 70-2743



Procissão comemorativa ao nascimento de Buda: bela e restrita

BUDISMO

Banhos de chá

Centenas de fiéis budistas banharam no chá durante sete dias, a partir da semana retrasada, a estátua do Buda, colocada num palanque sobre o viaduto Osaka, no bairro da Liberdade, em São Paulo, reduto das colônias japonesa, coreana e chinesa. Era o ano 2 502 do nascimento de Xaquiamuni, príncipe de um pequeno reino da Índia que abandonou as pompas do mundo para entregar-se à meditação religiosa. No penúltimo sábado, finalmente, houve concentração de budistas de São Paulo na praça da Liberdade e uma procissão liderada por monges, que levou a estátua do templo da rua São Joaquim para um altar na Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa.

Essa cerimônia é realizada em São Paulo há quatro anos; até 1974, havia apenas um ritual no interior do templo e não se saía à rua. Mas o maior brilho dos festejos não significa que o budismo esteja se expandindo no Brasil: continua restrito a 300 000 fiéis, quase todos da colônia japonesa em São Paulo. E são raras as crianças que seguem a religião. O budismo chegou ao Brasil em 1908, com os primeiros imigrantes japoneses, mas o primeiro templo só foi

erguido pouco antes da II Guerra Mundial, em Cafelândia, no interior de São Paulo. E os primeiros monges só vieram ao Brasil em 1945 — até então os fiéis contavam apenas com a assistência de leigos mais ou menos iniciados nas práticas do culto.

Sincretismo — O budismo, originário da Índia, propagou-se pela China, Japão e sudeste asiático. Em cada um dos países a que levou sua influência assimilou a cor local, associando os costumes nacionais ao culto. O essencial é praticar as virtudes e dedicar-se

Buda: adorado só por 300 000



Crianças budistas: raridades

à meditação, para chegar ao nirvana ou estado do absoluto. Mas os ritos externos variam. Em São Paulo, a maioria dos budistas segue as tradições japonesas, pelas quais o nascimento do Buda é comemorado em abril; já no Rio, onde se seguem os costumes do sudeste asiático, a data é festejada em maio.

Mas nem só de orientais são compostas as seitas budistas no Brasil. Por exemplo, existe o monge zen-budista Eduardo Basto de Albuquerque, 35 anos, carioca, que está preparando tese de mestrado sobre o budismo do século

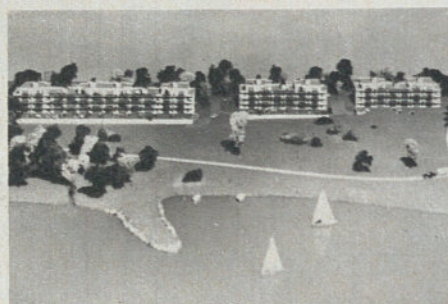
continua na página 52

RIVESROLLE

SUÍÇA

Finos apartamentos à venda.
Apenas 10 min. de Genebra, a 100 m
do famoso lago.

De 2 a 6 cômodos comunicantes,
em pequenos edifícios às margens
do lago, localizados em meio a
belíssimo parque residencial.
Venda permitida a estrangeiros não
residentes no país, com facilidades
de financiamento.



Oportunidade única!

Requie Nafilyan SA

Terreaux 11 - Case Postale 28 - 1000 LAUSANNE 9
Suíça - Tel. (021) 22 18 52 - Telex: 24 226 Edeco CH

Desenvolvimento urbano é com a DEMISA.

Desde pesquisas, estudos e projetos urbanísticos e de viabilidade econômico-financeira, até a execução de toda infra-estrutura, nossa equipe de profissionais, engenheiros e arquitetos está apta a proporcionar a melhor solução para cada caso, em qualquer ponto do País.

Como exemplo, temos IBITURUNA: um bairro modelo, implantado pela Montes Claros Melhoramentos S.A., que, com uma área de 7 milhões de m², conta com todos os melhoramentos urbanos, moderníssimo traçado e abrigará uma população prevista para 30 mil habitantes. Enfim, uma nova cidade.

Se seu problema é desenvolvimento urbano ou loteamentos, consulte-nos.

MONTES CLAROS
Melhoramentos S.A.

Uma empresa das
Organizações Demisa



Avenida Brigadeiro Faria Lima, 830 - 9.º andar - Fone: 210-5109
Telex (011) 21.919 - São Paulo

continuação da página 51

XVIII na Faculdade de História da Universidade de São Paulo. Diz Albuquerque: "A tendência do budismo ao sincretismo é notória". Quanto ao zen-budismo é uma seita especialmente atraente para intelectuais: surgiu no Japão e é muito difundida nos Estados Unidos. No Brasil, há 5 000 zen-budistas, que contam com colunas especiais em dois jornais paulistanos.

CELAM

Temor no Vaticano

Boa parte do episcopado brasileiro já lavrou seu desagrado com o "caráter excessivamente idealista" do documento distribuído pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (Celem), como subsídio para a III Conferência Geral da entidade, a realizar-se em outubro na cidade mexicana de Puebla. E supõe-se que, de 18 a 25 deste mês, quando a Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) estiver reunida no Mosteiro de Itaipu, em São Paulo, a decisão oficial será semelhante. "Achamos que o documento preliminar do Celem prega a evangelização no mundo das idéias, quando a visão atual é de que ela deve entrar no campo concreto", explica o bispo paulista dom Mauro Morelli.

Contudo, a divergência dos bispos em relação ao documento do Celem, que também grassa entre o episcopado de países como o Chile, Argentina, Uruguai, Bolívia, Peru e El Salvador,



Trujillo: desfazendo rumores

começa a preocupar o próprio Vaticano, onde há o temor de uma divisão no torno dos temas sociais e políticos fatalmente entrarão no debate. "Temer a ocorrer em Puebla um contraponto grande de opiniões, que não é possível aprovar um documento comum ao final da conferência", denunciava na semana passada um porta-voz do Vaticano ao correspondente VEJA em Roma, Marco Antônio Rezende. Dias atrás, a imprensa mexicana atribuiu ao monsenhor conselheiro Ernesto Corripio, um dos presidentes da conferência designados por Paulo VI, a declaração de que os bispos latino-americanos ditos progressistas estariam pretendendo abordar faticamente os aspectos sociais e políticos da chamada "teologia da libertação", a revolucionária doutrina pastoral nascida em 1968, na Conferência de Medellín, Colômbia.

Reformismo em debate — Diplomata, porém, em entrevista a uma das últimas edições espanholas do jornal vaticano *Osservatore Romano*, monsenhor Alfonso Lopez Trujillo, bispo-auxiliar de Bogotá e secretário-geral do Celem, teve o cuidado de desmentir que a reunião de Puebla "alimente o propósito de derrubar os governos militares do continente, como afirmaram equivocadamente, algumas publicações mexicanas". Mas, segundo um prelado romano que esteve com monsenhor Trujillo, essa explicação não garante que as conclusões de Medellín deixem de ser "entendidas" em Puebla de maneiras diferentes.

Para o episcopado de esquerda e centro-esquerda — ou, numa linguagem mais eclesial, progressista e moderado —, a aplicação dos princípios teológicos está intimamente ligada à situação social da América Latina. E o núcleo mais radical, formado sobretudo por brasileiros, chilenos, bolivianos, peruanos, não acredita que apenas o moderado reformismo social possa mudar essa situação. Já, para outra parcela do episcopado, os debates deveriam se ater exclusivamente aos princípios teológicos da evangelização. E, como alimentar os temores vaticanos, partidários invocam que, justamente depois de Medellín, 850 padres progressistas foram mortos, presos, seqüestrados ou expulsos dos países do continente. No momento, dizem, doze bispos de vários países estão sendo processados por "atentado à segurança nacional". "Roma tem razões para ficar apreensiva e hesitar escolher entre um lado ou outro", assegura um prelado.

VEJA, 19 DE ABRIL, 1978

RELIGIÃO

FOTOS PEDRO MARTINELLI



Espectáculo de fogos: preparação pirotécnica para a bênção solene do dourado patriarca Miki

Perfeita Liberdade S.A.

Os primeiros ônibus e automóveis começaram a chegar no que é considerado Seiti (Terra Sagrada) sul-americano — uma valorizada propriedade de 800 alqueires, engastada no município de Arujá, a 40 quilômetros de São Paulo — no último dia 6, sábado. Procediam de todo o Brasil, bem como do Peru e da Argentina, e despejavam peregrinos ostentando nos semblantes a cordura dos adeptos da Perfect Liberty (Liberdade Perfeita ou, simplesmente, PL), uma das seitas atualmente em moda, fundada no Japão há pouco mais de trinta anos. No dia seguinte, 7 de maio, comemorava-se ali o 6.º Kyôso-Sai Sul-Americano, sua festa religiosa máxima, cujo ponto culminante seria a bênção do patriarca mundial Tokuchika Miki, vindo especialmente do Japão, recebido este ano pela assistência recorde de 100 000 pessoas.

Como num gigantesco camping votivo, a massa de adeptos se acomodou em esteiras e cobertores, comandada por onipresentes alto-falantes, assistiu a um espetáculo de dança, a outro de fogos de artifício e, finalmente, foi contemplada com a visão da dourada figura do patriarca, surgida num palanquim, conduzida por noviços vestidos de negro. Depois da bênção, a massa deixava o Seiti em filas obedientes.

Características — Não foi, porém, apenas a repetição anual de mais uma cerimônia religiosa triunfalista. Após vinte anos de Brasil, hoje seu principal centro de difusão sul-americano, a PL demonstrava publicamente a capacidade de atrair adeptos de todas as extracções raciais — ela foi trazida ao Brasil em 1957 e, inicialmente, esteve restrita à colônia japonesa de São Paulo — que em sua esmagadora maioria denotava origem ocidental e pertencia à baixa classe média urbana. De acordo com a socióloga Leila Marrach, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,



VEJA, 17 DE MAIO, 1978

4 Expressões de time

Fill in 'at', 'by', 'in' or 'on'

1. In England and Germany the school year starts... autumn.
2. ... Easter we have a fortnight's holiday.
3. Queen Elizabeth's birthday is ... April 21st, but it is always celebrated ... June.
4. Year ... year, more people cross the English Channel.
5. We usually go for a walk ... Sunday.
6. Some people prefer driving ... night, others ... day.
7. I often visit my friend ... the weekend.
8. ... June English beaches are not crowded, but ... a fine afternoon ... August it is sometimes difficult to find an empty spot there.
9. Please give me the book back ... Monday next week.
10. When you work hard all day you are tired ... the evening.

5 Among — between

1. 'Harrods' is ... London's biggest shops.
2. It stands ... Hyde Park Corner and Exhibition Road.
3. ... its customers are even members of the Royal Family.
4. 62 lifts travel ... the first and the fifth floor, and ... the 200 sales departments there is one that sells socks and one that sells swimming pools.
5. Londoners call it 'the village shop', but its village is the world: ... opening and closing time on any day you may see more famous faces ... its customers than anywhere else in London.
6. ... London's telegraphic addresses 'Harrods' is the best known; it is 'Every-thing, London'.

6 Tunnel plan in 1967

Before — 'ago'

1. About 100 years ... the first Channel tunnel society was founded in London.
2. 70 years ... that time a French officer had made the first plans for an under-water tunnel between Dover and Calais.
3. ... the 19th century few people thought it possible that such a tunnel could be built.
4. It was not till about twelve years ... that British and French Channel societies agreed to work together on this project.
5. The year ... last about eight million people crossed the Channel and it is ... the tunnel is finished this number will be twice as high.

7 The English Channel

Put in 'at', 'between', 'for', 'from', 'in', 'of', 'on', or 'over'

1. The English Channel stretches ... 350 miles, separating England's south coast ... France's north coast. 2. At its widest, it is 120 miles across, ... its narrowest, only 21 miles. 3. The 300,000 ships a year that cross the Channel ... Dover and Calais make it the busiest sea channel ... Europe, and the fog that often hangs ... it even ... summer makes it perhaps the most dangerous. 4. Once the fog became so thick ... Calais that ... a whole month could not see ... more than 50 yards. 5. No wonder half the world's accidents ... sea take place ... this narrow stretch of water ... the Atlantic and the North Sea. 6. There are about 30 big lighthouses ... each side of the Channel, and the light of the most powerful of these can be seen ... 28 miles ... a normal day. 7. Nevertheless about one accident happens every 48 hours — and this in spite ... radio and radar today.

8 Invasions and invasions

Fill in the right prepositions.

1. 55—54 B.C.: Julius Caesar leads two unsuccessful expeditions ... Britain ... the stormy waters of the Channel. It is not ... 43 A.D. ... the Romans conquer the country.
2. 400—500 A.D.: ... the mouths of the Rhine, Ems and Weser the boats of the Angles and Saxons arrive ... the English coast. They destroy many of the Roman towns and found several kingdoms ... the island.
3. 1066: William, Duke of Normandy, builds special boats that can be run up quickly ... to a beach. He calls together an army ... France, but he has to wait several weeks ... a wind ... the south-west ... his landing near Hastings, he beats the English army ... Harold, thus winning the country ... himself.
4. 1588: The Spanish Armada sails proudly ... the Channel. Though stronger ... numbers and fire power, the Spanish fleet is cleverly attacked ... the rear and ... heavy losses sails out ... the North Sea ... complete confusion.
5. 1805: Napoleon I turns his attention ... Britain. Orders go out to bring together a big invasion fleet. "Let us be masters of the Channel ... six hours and we shall be masters of the world," Napoleon says ... his admirals. But Nelson destroys the French fleet ... Trafalgar before it can make its attack ... England.



Espectáculo de dança: só para alegrar

budismo, no xintoísmo e no cristianismo, incluem a noção do carma (lei de causa e efeito aceita nas filosofias esotérica e espírita), o culto aos espíritos e pretendem eliminar o sofrimento através da magia e do "sobrenatural", explica Marrach.

No entanto, ela talvez seja a seita que melhor assimilou os valores da sociedade capitalista: funciona como uma grande e solvente empresa, cuja hierarquia seus adeptos podem galgar, e os alimenta com promessas de graças para a vida cotidiana, como progredir materialmente, curar doenças e possuir uma família feliz. "Já alcancei muitas graças, uma das quais foi a promoção no emprego", confidenciou o goiano Salva-

estudiosa do assunto, a PL não apresenta diferenças profundas em relação às demais seitas japonesas surgidas neste século (Seicho-no-Iê e Igreja Messiânica). "Em geral, esses movimentos foram fundados por médiuns, têm as principais vertentes de seu sincretismo no

o repórter Len Berg, de VEJA. Com o tempo e, sobretudo dando inequívocas demonstrações de fé o adepto pode tornar-se tanto assistente de mestre como mestre, as duas únicas funções hierárquicas existentes abaixo do patriar-

Arrecadação — Os peelistas naturais esperam muito breve poder concretizar o vaticínio de seu patriarca, há anos atrás, no Japão: "O Brasil é o país de Deus; no futuro, a PL deverá se expandir tanto no Brasil que sua sede central será transferida para lá". E, de fato, além de possuir seu Seiti sul-americano a seita já conta com 127 sedes, espalhadas pelo país, bem como um total de 300 000 adeptos brasileiros. Para manter essa formidável expansão, a PL edita um jornal mensal, uma revista mensal, livros e folhetos, além de veicular mensagens religiosas em bonés, quinquetas, quimonos e camisetas, e apoiar-se na assessoria de uma agência de publicidade.

Evidentemente, parte desse material logístico é vendido, mas não constitui sua principal fonte de renda. Os maiores proventos decorrem do *hosho*, o nativo feito em troca de graças pessoais, e do *kenkin*, arrecadação destinada à construção de novos templos, aquisição de veículos, etc. E, ainda, como revelou a VEJA o goiano Bandeira, do *missassague* financeiro — uma singular modalidade de esmola enviada à sede japonesa, que o adepto terá de volta até um ano depois sem juros ou correção monetária.

A nossa Atração em Buenos Aires: todo o requinte do novo mundo com o encanto do velho mundo.

Elegante e sofisticada, Buenos Aires é a mais européia das cidades sul-americanas.

E o Buenos Aires Sheraton reflete essa tradição cosmopolita. Através de sua cozinha esmerada, de vibrantes discotecas, o alegre entretenimento noturno na boate do hotel, duas quadras de tênis iluminadas e finas boutiques. E tem mais: localização central, que permite fácil acesso a todos os pontos de interesse desta encantadora metrópole.

Portanto, venha visitar Buenos Aires... à moda do Sheraton. Para reservas no Buenos Aires Sheraton, ou em qualquer das Atrações Sheraton no mundo, telefone para:

Rio de Janeiro 274-1122
São Paulo 256-5621

Ou peça ao seu agente de viagens para providenciar sua reserva.

SHERATON IS A WORLD OF SHOWPLACES



Buenos Aires-Sheraton Hotel

SHERATON HOTELS & INNS, WORLDWIDE
CALLE SAN MARTIN AT PLAZA BRITANICA, BUENOS AIRES, ARGENTINA TELEPHONE: 31-6311

Fill in the missing words:

- "I'm cold!" - "Well, fetch your"
- You can have a wall or a round a field.
- The is in charge of the youth hostel.
- What can we do - can you make a
- After the meal we must wash the
- How old is she? - I'm not sure; she be forty, she

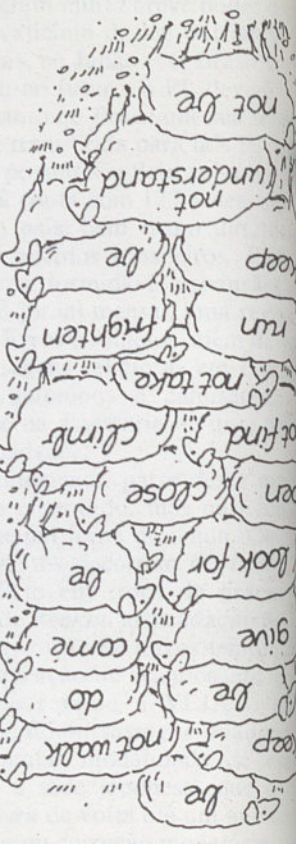
Explain the following words:

- litter:
- damage:
- share:
- belong to:

How silly!

"Have you read this leaflet?" said one of the girls at the youth hostel. "I think it's silly! The countryside is for everybody. I'm not going to worry about silly rules like that. I want to enjoy our walk in the country, so I'm going to go where I like and do what I like." Kate didn't agree.

"It isn't silly, it's very sensible. If there is a path, of course I will keep to it. And I will go through a field if there is long grass in it. If you don't do that, you will be the farmer more work. If I look to a wall, I will find a gate. If the gate is closed, I will go through it, but then I will find a gate. I will go through the wall very carefully. I certainly will not let my dog with me. If you go after the sheep, he will be under control, it will be all right. But will you? If you don't, why these rules are important, you will be careful. This leaflet isn't silly. What you're saying is silly."



Religião

Revelação racial

Os mórmons agora aceitam negros no sacerdócio

Durante gerações, adeptos mais liberais da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a seita dos mórmons, cujos profetas e presidentes dizem conversar pessoalmente com Deus, aguardaram a revogação do mais embaraçoso obstáculo à expansão de sua doutrina — a proibição do sacerdócio aos negros. Em meados do mês passado, porém, finalmente baixou dos céus a autorização longamente esperada: sem nenhum aviso prévio aos 4,2 milhões de mórmons existentes no mundo, 55 000 dos quais no Brasil, o atual profeta e presidente da Igreja dos Últimos Dias, Spencer W. Kimball, 83 anos, divulgou em Salt Lake City, Utah, EUA, a histórica notícia: "O Senhor ouviu nossas orações e, mediante revelação, disse-nos haver chegado o dia em que cada homem crente, de valor, pode ser investido no sagrado sacerdócio, independentemente de sua raça ou cor".

A revelação apanhou de surpresa os mórmons e, particularmente, a pequena população negra de Salt Lake City, centro mundial da seita. "Só tenho a dizer que, passada a surpresa, sinto minha fé revigorada", declarou James Dawson, um dos membros negros do internacionalmente famoso Coro do Tabernáculo Mórmon. E Ruffin Bridgeforth, dirigente de um grupo negro denominado A Sociedade da Gênese, ficou tão emocionado que proclamou: "Estamos nos aproximando do final dos tempos — dos últimos dias — pois o Senhor acaba de nos igualar fraternalmente aos brancos".

DESCENDENTES DE CAIM — De qualquer forma, a conclusão de que a igualdade racial baixou no rebanho mórmon ainda é precipitada. Embora a Igreja dos Últimos Dias não saiba informar ao certo quantos adeptos negros possui atualmente, cálculos otimistas os situam entre os 1 000 e os 8 000, em todo o mundo, números insuficientes para que eles possam ao menos ter algum peso na revogação de um preconceito racial referendado pelo próprio fundador de sua seita, o americano Joseph Smith (1805-1844). Ainda que contasse



Kimball: diálogo com Deus

com um sacerdote negro entre os seus discípulos dos primeiros — e duros — tempos, Smith escreveu posteriormente, baseado em revelação divina, que as pessoas "de pele escura" descendem de Caim, o amaldiçoado filho de Adão e Eva. Portanto os negros passaram a não poder casar dentro dos templos mórmons e, de certo modo, foram desencorajados a esperar por uma gloriosa ascensão ao reino dos céus após a morte.

De uns tempos para cá, no entanto, profetas e presidentes da Igreja dos Últimos Dias começaram a pregar que um dia o próprio Deus levantaria a proibição. Na verdade, era uma maneira de eles reagirem às crescentes pressões dos defensores dos direitos civis, movidas a partir da década de 60. E, de fato, a doutrina mórmon proporcionava um atraente prato aos ativistas dos direitos civis — nela, os adeptos da Igreja dos Últimos Dias aparecem como candidatos preferenciais ao reino dos céus, bem atrás deles é que vêm os wesps (protestantes brancos), depois os católicos, seguidos dos morenos (mexicanos) e, finalmente, dos negros.

Os efeitos mais imediatos da revelação do atual profeta e presidente Kimball serão provavelmente a criação de congregações de mórmons negros e a retomada da tentativa — obviamente frustrada — de expansão da seita na África. Mesmo em alguns países da América Latina, como o Brasil e o México, a interdição do sacerdócio aos ne-

gros costumava criar problemas. Mas a grande beneficiária da revelação de Kimball é a própria sociedade americana, onde a Igreja dos Últimos Dias representava uma das últimas organizações a apegar-se a uma política racial claramente discriminatória.

Missão do lucro

Humbard: shows e empresas a serviço do Senhor

A necessidade humana de um conforto espiritual costuma ser invocada para explicar o sucesso do missionário americano Rex Humbard, 59 anos, no rádio e na televisão. Estima-se que ele seja acompanhado em todo o mundo por uma audiência recorde de 100 milhões de pessoas. Mas, na verdade, todo esse êxito vem sendo sustentado por uma complexa e eficiente estrutura empresarial, cuja sede administrativa fica na cidade de Akron, Ohio, EUA.

Foi para robustecer o desempenho da filial brasileira, montada há apenas um ano, que Humbard em pessoa desembarcou de seu Electra particular, no Aeroporto de Congonhas, de São Paulo, no último dia 22 de junho, abrindo caminho para um séquito de mais de trinta pessoas, além de catorze



Humbard: nem todos o entendem



Família de Humbar: cenário musical das pregações do patriarca

membros de sua família. Nos próximos dias, sempre prometendo "paz e harmonia à família brasileira", ele e comitiva se apresentarão também no Recife, Brasília, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O bem-sucedido missionário-empresário ainda aproveitará a ocasião para o lançamento no país de 50 000 cópias de seu disco "The Rex Humbar Family Singers".

Utilizando como tema central de seus sermões a máxima "Você falhou,

mas Deus o ama e está pronto a perdoar-lhe", Humbar tem conseguido ouvintes cada vez mais numerosos, para programas transmitidos através de aproximadamente 600 estações de televisão, mais de 1 000 de rádio, traduzidos simultaneamente para seis línguas, inclusive para o chinês. Igualmente significativa é sua correspondência: ele recebe anualmente cerca de 500 000 cartas de todo o mundo pedindo soluções para problemas familiares, complexos

de culpa, vícios em álcool ou tóxico e outras manifestações neuróticas. Há uma equipe de psicólogos, psiquiatras, médicos e advogados contratada para respondê-las, integrada a uma das divisões da Fundação Rex Humbar, cujo faturamento atingiu no ano passado 18 milhões de dólares (o equivalente a 327 milhões de cruzeiros), frutos de doações voluntárias de ouvintes e admiradores. Só o escritório de São Paulo arrecadou no primeiro ano mais de 1 milhão de cruzeiros por mês, que foram gastos, segundo um dos assessores de Humbar, "com as 40 000 cartas respondidas mensalmente, em livros, no pagamento do horário comprado na Rede Tupi de Televisão e em centenas de emissoras de rádio".

A técnica de convencimento de Humbar baseia-se na teoria do exemplo. Assim, quando ele concita os ouvintes de suas apresentações a defenderem a instituição da família — e essa é uma das preocupações mais constantes de seu apostolado — sua própria família está atrás, no palco, cantando hinos religiosos. "Cristo e o lar são os fundamentos seguros de qualquer nação", proclama Humbar, que se apresenta como "o último mensageiro de Deus". Mas ressalva: "Não espero que todos entendam isso".

Internacional

Ao encontro da morte, na "noite branca"

Na Guiana, a imolação de toda uma comunidade religiosa, numa história de terror e fanatismo

Semana após semana, há mais de um ano, o mesmo ritual se repetia em uma pequena comunidade agrícola de nome Jonestown, habitada por cerca de 800 americanos e esquecida nos confins da selva tropical da Guiana. De repente, em uma noite qualquer, sirenas cortavam o sono dos moradores da colônia. Tangidos por companheiros armados de rifles e atordoados por luzes e alto-falantes, homens, mulheres e crianças se agrupavam em torno de seu líder — um certo reverendo Jim Jones, de 47 anos, inventor da exótica seita californiana O Templo do Povo. Invariavelmente, Jones confiava então a seus fiéis que a aldeia estava cercada de inimigos e seria aniquilada dentro de poucos minutos. Depois, convocava todos a uma prova de lealdade extrema: o suicídio coletivo por envenenamento.

Uma a uma, famílias inteiras sorriam o líquido vermelho que lhes era servido nessas ocasiões, os recalcitrantes sempre com pistolas apontadas para sua cabeça. E só depois de alguns enervantes minutos à espera da morte Jones informava a seus fiéis que não havia o que temer. Tudo não passara de mais um treinamento — outra "noite branca", como estes exercícios eram conhecidos pelos membros da seita, segundo vários ex-participantes. Por isso, na noite de sábado atrasado, quando os alto-falantes de Jonestown começaram a exaltar "a beleza da morte", ninguém na colônia se surpreendeu. O médico Lawrence Shact preparou uma mistura de suco de frutas, cianureto e analgési-

cos e a maioria da população perfilou-se para ingeri-lo. Como em tantas outras oportunidades, as 180 crianças da comunidade tiveram precedência. Só que, desta vez, o ritual iria assombrar o mundo: era para valer.

CRISTO E LÊNIN — Houve uma dança macabra de gemidos e contorções. Muitos tiros foram ouvidos pelos sobreviventes que se enfileiraram na mata. Depois veio o silêncio. Alertadas, as autoridades da Guiana encontraram Jonestown transformada em um amontoa-



Jonestown, depois da tragédia:



Corpos enfileirados: antes, foi exaltada a "beleza da morte"

VEJA, 29 DE NOVEMBRO, 1978

bagagem, desde a Europa, para a América Latina. Sie enthalten werden für Gießereiformen verwendet. Sie enthalten große Röhren und Gießereiformen. Die Röhren sind aus Eisenblech gefertigt. Die Gießereiformen sind aus Sand und Gips gefertigt. Die Röhren sind in der Größe von 10 bis 20 cm Durchmesser. Die Gießereiformen sind in der Größe von 10 bis 20 cm Durchmesser. Die Röhren sind in der Größe von 10 bis 20 cm Durchmesser. Die Gießereiformen sind in der Größe von 10 bis 20 cm Durchmesser.



Na hora de tomar o veneno, muitos talvez pensassem que se tratava de mais um dos exercícios de rotina

do de cadáveres — 775, segundo as últimas contas. Muitos corpos jaziam abraçados, as crianças sob seus pais. E um dos cadáveres, com uma bala no crânio, foi identificado como sendo o de Jim Jones — o controverso fundador da colônia, que nos últimos tempos, em assomos de demência, se dizia representante de Cristo e Lênin na Terra. A história só chegou aos Estados Unidos na segunda-feira, embora o Departamento de Estado tenha sido informado de imediato. E invadiu os meios de comunicação, as mentes e o cotidiano dos americanos como uma maré de horror e insanidade. A saga dos 800 americanos que haviam seguido com Jones para a Guiana em 1974, para ali fundar um "Paraíso marxista-cristão", como proclamavam os folhetos publicitários do Templo do Povo, emergia envolta em mistério e fanatismo. Por que tantos americanos haviam elegido lugar tão remoto para viver? Por que se entregaram de maneira tão absoluta nas

mãos de um homem como Jones? Os jornais americanos publicaram páginas e mais páginas repletas dos mais macabros detalhes da imolação. Cautelosamente, contudo, evitaram inquirir sobre as raízes de tamanha explosão de insanidade. "O episódio das mortes na Guiana desafia o entendimento", concedeu apenas, num curto editorial, o sóbrio *The Washington Post*.

EXTORSÕES E ABUSOS — O suicídio coletivo dos seguidores de Jim Jones foge, sem dúvida, ao universo do racional. Trata-se, porém, do fio de uma meada que já era estonteante: a história de uma estranha seita — como tantas outras que pululam nos Estados Unidos, principalmente na Califórnia (veja o quadro na página 40) — que ao longo de quase quinze anos trilhou impune os caminhos da aberração religiosa. Os demandas de Jones, que chegou a ter até 10 000 seguidores nos Estados Unidos, não eram totalmente des-

conhecidos. Relatos de torturas, extorsões, abusos sexuais e violência sempre se mesclaram à seita, apesar das ameaças que eram dirigidas a quem tentasse denunciar Jones por meio da imprensa.

Rosali Wright, editora da revista *New West*, da Califórnia, que publicou em agosto do ano passado depoimentos de vários ex-membros do Templo do Povo, foi ameaçada de morte e teve que mudar de residência, por precaução. Ela também recebeu telefonemas de vários políticos importantes, aconselhando-a a suspender a reportagem. Jones, afinal, era um excelente cabo eleitoral. E foi por isso que conseguiu cartas de recomendação de personalidades como o vice-presidente Walter Mondale, a primeira dama Rosalynn Carter e o secretário da Saúde, Joseph Califano, quando pleiteou junto ao governo da Guiana o arrendamento de um lote de 25 000 hectares para estabelecer uma fazenda experimental.



Jones pregando a seus fiéis...

PRECAUÇÕES — A reportagem da *New West*, de qualquer forma, impressionou o deputado democrata californiano Leo J. Ryan, 53 anos. A revista apresentava relatos de diversos ex-membros do Templo do Povo, que acusavam Jones de obrigar seus seguidores a entregar-lhe todos os seus bens e submeter-se a suas ordens sob pena de morte. Segundo esses relatos, espancamentos e trabalho forçado eram rotina em Jonestown. O deputado Ryan, conhecido por sua disposição para investigar irregularidades, já havia ouvido esse tipo de história. Há um ano e meio, um seu amigo — Sammy Houston, fotógrafo da agência Associated Press —



... e numa foto na Califórnia



Dois jornalistas da comitiva de Ryan. Depois, eles morreriam

lhe contara como perdera o filho, a nora e dois netos para Jones. O filho havia tentado abandonar o culto e fora encontrado morto. A nora e os netos haviam sido forçados a partir para a Guiana.

Ryan decidiu averiguar e, há duas semanas, iniciou a viagem para Jonestown. Ryan seria propriamente bem recebida. town que acabaria desencadeando o suicídio coletivo. Sua assessora Jackie Speier, que vinha trabalhando há meses num dossiê sobre a seita, recebeu a missão era perigosa. E, antes de embarcar, tomou a iniciativa de fazer seu testamento e o deixar em sua mesa de trabalho, em Washington, junto com uma carta preparada para os visitantes. E, durante a festa, os repórteres da comitiva

va — que antes haviam sido impedidos de andar livremente pela colônia — começaram a receber bilhetes com pedidos de ajuda. Quando o grupo se preparou para partir, no dia seguinte, pelo menos dezesseis seguidores de Jones dispuseram-se a acompanhá-lo.

O reverendo começou, então, a revelar sintomas de desespero. "Ele estava num ponto tão alto de paranóia que considerava uma traição inadmissível que alguém quisesse deixar Jonestown", contou depois o advogado da seita, Mark Lane. No caminho de volta para o aeroporto de Port Kaituma, o deputado Ryan sofreu a primeira agressão: um homem armado com uma faca tentou assassiná-lo. Mas o agressor foi desarmado e Ryan pôde seguir. Já na pista de decolagem, veio o segundo — e definitivo — ataque.

O grupo dispunha de dois pequenos aviões alugados e perdeu algum tempo discutindo se todos caberiam a bordo. Nesse momento, um caminhão e um trator aproximaram-se dos aparelhos. De um reboque atrelado ao trator, alguns homens começaram a atirar. Um dos jornalistas, Charles Krause, do *Washington Post*, viu os corpos de seus companheiros caírem um a um. "Lembro-me de ter pensado que tudo aquilo era estúpido", diria depois. "Eu ia morrer sem mais nem menos, no meio da selva da Guiana, tão longe da minha família e dos meus amigos." Krause jo-

gou-se perto da roda de um dos aviões e tentou ficar imóvel. Quando os tiros cessaram, notou que tinha apenas um pequeno ferimento no ombro. Em compensação, Ryan e outras quatro pessoas — três jornalistas e uma jovem de Jonestown — estavam mortos. E esse era apenas o começo da tragédia. Em Jonestown, enquanto isso, tinha início o fantástico ritual do suicídio coletivo. Como tudo estava perdido, Jones havia decidido imolar a sua comunidade.

CAMPO DE CONCENTRAÇÃO — Mas por que, na cabeça de Jones, tudo estaria perdido? Certamente o profeta de Jonestown não podia suportar a idéia de que, com a volta de Ryan, seria revelada nos Estados Unidos a verdadeira condição de sua comunidade, algo distante do "paraíso de igualdade e solidariedade humana" que pretendia ser. Ryan, certamente, havia percebido que Jonestown parecia muito mais um campo de concentração. E, por isso, Jones já tomara a decisão de eliminá-lo. Havia até um primeiro plano formulado. Um dos suspeitos do assassinio no aeroporto, Larry Layton, preso já no domingo, revelou que fora encarregado de infiltrar-se na comitiva que ia partir com Ryan. Aparentemente, ele deveria assassinar o piloto em pleno voo, para que tudo aparecesse como um acidente de aviação. Por alguma razão, porém, as coisas se precipitaram — e o deputa-

Terra de gurus, messias e profetas

O reverendo Jim Jones, fundador da seita O Templo do Povo, já havia ultrapassado as fronteiras do razoável muito antes de promover o suicídio coletivo de seus fiéis na Guiana. De uns tempos para cá, Jones se autoproclamara nada menos que a "reencarnação de Cristo", uma pretensão exorbitante mesmo para os largos limites da tolerância religiosa americana. Até então, e desde que estabelecera uma comunidade mística na Califórnia, em 1965, Jones se contentara com a profissão de profeta. Mas um profeta — que é um profeta? Deles existem às centenas nos Estados Unidos, de messias do apocalipse a pregadores solitários, que se fixam nas esquinas movimentadas para ameaçar os pecadores com o

fogo do inferno. O fenômeno é particularmente intenso na Califórnia — paradoxalmente, ao mesmo tempo o Estado mais rico da União e pátria das mais exóticas seitas já concebidas.

CABEÇAS RASPADAS — Veio da Califórnia, por exemplo, a renascença do satanismo. Em agosto de 1969, a atriz Sharon Tate era assassinada em sua mansão de Los Angeles durante um ritual macabro. E por trás do crime se encontrava o alucinado Charles Manson, que se apresentava como "o quinto arcanjo" — aliás, Satã. Também na Califórnia floresceu o *UFO cult*, culto aos discos voadores. Seu inventor, Jorge van Tassel, alcançou notoriedade alguns anos atrás por organizar cerimônias públicas para comunicação com habitantes de outros planetas. A Califórnia revelou-se ainda um fértil território para pregação de religiões orientais.

Como a seita de Jones, muitos desses cultos permanecem envolvidos em suspeitas. É o caso, por exemplo, da Divine Light Mission — a Missão da Luz Divina —, liderada pelo gordo guru Maharaj Ji, que comanda mais de 50 000 seguidores. Ele incita seus fiéis a se despojarem de todos os seus bens, Maharaj Ji vem acumulando uma fortuna respeitável. Mas a Luz Divina não atrai. Os interessados, nesse caso, podem optar pela Unification Church (Igreja da Unificação), do reverendo coreano Sun Myung Moon — uma oportuníssima combinação de cultos orientais e ocidentais. Apesar das denúncias que o identificam como agente da central de espionagem sul-coreana, Moon possui autoridade absoluta sobre seu exército de seguidores. Outra organização que atingiu grande prestígio na Califórnia é a Sociedade Internacional de Hare Krishna, com seus cantores vestidos de camisolões co-

loridos e cabeças raspadas. Assim como Os Filhos de Deus, liderados por um guru de nome David Berg, a Hare Krishna foi centro de grande polêmica: muitos pais de jovens convertidos chegaram a ir aos tribunais alegando que seus filhos haviam sido vítimas de lavagem cerebral.

BOM NEGÓCIO — A efervescência religiosa, na verdade, não se alimenta apenas do espiritualismo do povo americano. A Constituição dos EUA garante liberdade absoluta de culto, e qualquer agrupamento de ci-

dadãos que se escorre na Bíblia ou em qualquer outro livro sagrado tem garantia de isenção fiscal. Ou seja, fundar religiões é um excelente negócio nos Estados Unidos — e talvez por isso haja tantas religiões, cultos e seitas no país. Algumas, como os Muçulmanos Negros, o grupo a que aderiu o campeão de boxe Mohammad Ali, têm conotações políticas. Os Muçulmanos Negros se apresentam como uma religião libertadora dos negros contra "a opressão branca". Mas há também religiões mais próximas da família das psicoterapias de grupo. É o caso da Igreja da

Cientologia, surgida em 1954 e que conta com pelo menos 600 000 adeptos. Seus ideólogos oferecem uma "mística tecnológica" capaz de curar traumas emocionais por meio da eletrônica.

Não há dúvida que a suspeita de charlatanice pesa sobre grande parte dessas seitas. Poucos políticos, contudo, mostram-se dispostos a pedir uma investigação governamental sobre elas, por medo de serem tachados de intolerantes. É possível que o holocausto na Guiana estimule agora um debate sobre os limites aceitáveis da liberdade religiosa.

... e a prática da meditação oriental





O avião de Ryan, depois do tiroteio: sinais de bala na fuselagem

do e seus acompanhantes acabaram sendo alvejados no próprio aeroporto.

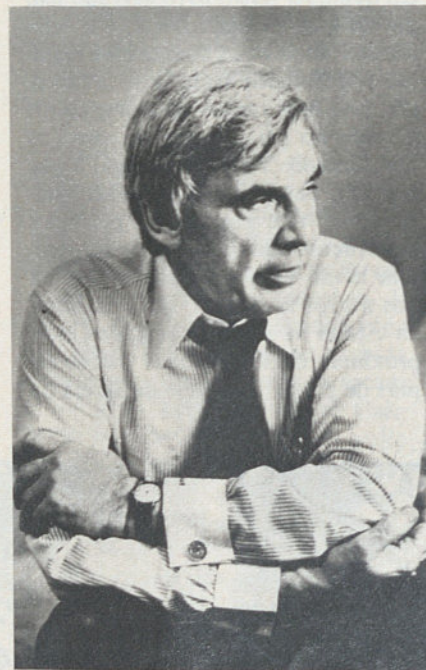
A brecha de horror que havia sido aberta pelas reportagens da *New West* foi subitamente escancarada. Na sede da colônia, depois da tragédia, policiais guianenses encontraram um baú com 800 passaportes americanos — retidos, ao que tudo indica, para impedir a fuga de seus portadores. Também foi achada uma razoável quantidade de dólares, o equivalente a 10 milhões de cruzeiros — uma pequena amostra da fortuna de 10 milhões de dólares que, segundo cálculos diversos, a seita conseguiu acumular em bancos estrangeiros. Mas, sobretudo, o holocausto na Guiana fez vir à tona um sem-número de depoimentos de ex-seguidores de Jones residentes nos EUA.

Durante toda a semana passada, eles invadiram o espaço noticioso de rádios, jornais e televisões americanas com suas histórias de opressão e medo. Curiosamente, porém, o Jim Jones que emerge desses relatos não é sempre o déspota ou charlatão satânico que se poderia imaginar.

VISÃO ATÔMICA — A trajetória de Jones, aliás, confunde-se com a mudança dos métodos e objetivos do Templo do Povo. Jones, como sua seita, começou voltado para a assistência aos pobres e idosos, a integração racial, a justiça social e outros programas humanitários. Todos os que conheceram o reverendo entre 1953, quando ele fundou sua igreja em Indianápolis, e 1965, ano em que se transferiu com seus seguidores para a Califórnia, traçam o retrato de um homem sensato e generoso. Jones advogava a integração racial muito

antes do início do movimento pelos direitos civis dos negros. E, entre outras atividades, dedicava-se a fundar asilos de velhos e centros de recuperação de drogados.

Jones não limitou suas atividades aos Estados Unidos. Chegou, inclusive, a morar no Brasil, durante oito meses em 1962, instalando-se como missionário em Belo Horizonte. E, na capital mineira, os vizinhos lembram-se dele como "um homem muito bom, que distribuía mantimentos aos pobres". O fato, porém, é que em algum ponto da mente de Jones se misturavam os impulsos generosos e as visões de apocalipse, talvez o puro delírio. Contam ex-associados



Ryan: morte após a investigação

que, em 1961, ele viu Indiana comegando. Muitos ex-adeptos de Jones conta em uma explosão atômica — e assim que nunca pediram ajuda à polícia. A capital mineira, porque ele garantia ter muitos amigos entre os policiais. Dizia ter poderes de telepatia que lhe permitiam adivinhar as intenções de qualquer pessoa. Era um dos poucos lugares do mundo que estaria salvo no caso de uma guerra nuclear. O outro era Redwood Valley, na Califórnia — justamente o local escolhido por Jones para fundar sua primeira comunidade.

Essa comunidade californiana se seava em uma confusa mistura de ideais americanos — puderam acreditar em tais delírios? e, por isso mesmo, atraiu milhares de adeptos. Jones acenava a seus seguidores a "conselheira chefe" na hierarquia da seita, conta que Jones recorria deviam entregar-lhe todas as suas propriedades — e a comunidade cuidava de suas necessidades. Foi o que aconteceu com Ruby Johnson, e com penitências públicas, Joque em 1973 doou à seita uma casa de 42 000 dólares, ou Jeane Mills, que desfez de 22 imóveis ao ingressar no Templo do Povo. Os que recebiam o dinheiro eram convocados a entregar 25% do total à seita — que foi se tornando um pequeno império econômico, chegando a controlar, inclusive, sete empresas.

"AMIGO DE AMIN" — O próprio cimento da seita, porém, talvez tenha estimulado a mudança de comportamento de Jones. A partir de certo momento, ele começou a recorrer a ameaças para exercer controle sobre a comunidade. Deborah Layton Blakey, uma californiana de 25 anos, conta que ingressou na seita para dar "sentido e disciplina à sua vida". "À medida que os membros da seita eram mais numerosos, a organização se afastava de seus princípios de democracia e justiça social para cair sob a tirania de Jones." Os castigos tornaram-se cada vez mais severos. E Jones, aparentemente, passou a misturar realidade e fantasia. O medo era a alavanca da obediência.

Aos negros, que representavam a maioria dos habitantes de Jonestown, ele oferecia uma iminência de um regime comunista. Aos brancos, dizia que a CIA conspirava para destruir a seita e aprisionar seus membros. Jones obrigava os seguidores — a maioria pobres, muitos ex-viciados em drogas — a confessar os crimes mais diversos para ter um instrumento de chantagem. O medo era a alavanca da obediência.

O medo era a alavanca da obediência.

BOLÍVIA

Golpe no 126º dia

Um golpe com alguns tons esquerdistas depõe o general Pereda após 125 dias de governo

Quase tudo se processou de forma clássica. Oficiais insatisfeitos com o general que ocupa o poder resolveram afastá-lo. Tendo à frente, naturalmente, o comandante do Exército, os militares colocam tropas nas ruas, ocupam edifícios públicos, postam patrulhas em alguns pontos-chave da capital e remetem o general-presidente deposto, devidamente escoltado, para prisão domiciliar em sua própria casa. Comunicados são expedidos à nação, mensagens de apoio chegam daqui e dali, e pronto: foi isso o que aconteceu na Bolívia — sempre a Bolívia — na semana passada. Com a deposição do general-de-avição Juan Pereda Asbún, às 3h30 da madrugada da última sexta-feira, o país chegava ao seu 207º golpe de Estado em 153 anos de vida independente.

Nem tudo seguiu o manual, porém. Houve também, no golpe da semana passada, alguns detalhes menos esperados. Em primeiro lugar, o chefe da junta militar e novo presidente, general

David Padilla Arancibia, de 51 anos, empossado na tarde de sexta-feira na Casa Quemada, não decretou o toque de recolher nem impôs a lei marcial. Além disso, o novo governo não manifestou sua intenção de permanecer indefinidamente no poder — ao contrário,



O general David Padilla

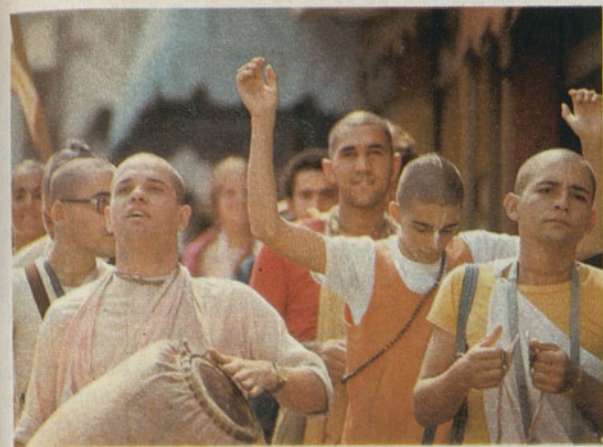
anunciou que sua principal intenção é entregar o comando do país a um presidente livremente eleito e convocou eleições gerais para o dia 1º de julho do próximo ano. Enfim, há um último — e mais importante — detalhe a diferenciar este golpe: quase todos os seus promotores são homens com tendências de esquerda, muitos deles antigos colaboradores do ex-presidente Juan José Torres, que esteve no poder durante onze meses, em 1971, e foi assassinado cinco anos depois, já no exílio, em Buenos Aires.

ANTIGAS LIGAÇÕES — Outro ponto é que, no fi-



Tanque na rua em La Paz: "liberdade ao povo"

Lagerstätten dieser Art in ganz Europa gehören; sie werden für Gießereiformen verwendet. Sie enthalten große Ritz- und Gussformen. Mainzer Becken rekonstruieren lassen, die auch



Krishnas: alternativa para um mundo em crise?



Manson: os rituais satânicos e a violência

Os fanáticos

Os cultos, ensinando a obediência cega

Como podem mais de 900 pessoas engolir doses fatais de veneno sob as ordens de um fanático como Jim Jones, que há duas semanas comandou o holocausto de Jonestown? É certo que a imolação não foi inteiramente voluntária. Na comunidade plantada na selva da Guiana, guardas armados garantiam a disciplina durante os "ensaios" rotineiros de suicídio coletivo, que serviam para testar a lealdade dos membros. Mas, obedientes, todos se submetiam semanalmente a esse macabro ritual. Talvez o maior horror, no caso, esteja justamente nessa submissão cega — e na vaga, insinuante suspeita de que quase todo mundo pode ser manipulado da mesma maneira.

De certo modo, esta capacidade de manipular demonstrada por Jones é apenas uma forma extrema de uma experiência humana bastante familiar. No treino militar, por exemplo, soldados são preparados para arriscar a vida em nome da disciplina e do amor à pátria. Isso às vezes chega a comportamentos entre o heroísmo e o fanatismo, como o dos pilotos camicase japoneses da II Guerra Mundial, lançando-se de avião contra alvos inimigos. Ou degenera em matança, como a orquestrada por Adolf Hitler com o massacre de 6 milhões de judeus. Personalidades fortes e carismáticas, como se sabe, aglutinam com certa facilidade seguidores fanáticos à sua volta. Em escala reduzida, assim ocorreu com Charles Manson e seus adeptos que trucidaram em ritual satânico a atriz Sharon Tate e mais cinco pessoas, há nove anos, em Los Angeles.



Meninos de Deus: muita disciplina

les. E volta a acontecer, novamente em massa, com Jim Jones. Se ele chegou a um extremo de que certamente estão distantes outros líderes de cultos religiosos, tais organizações não deixam de causar preocupações, pois, afinal, o fanatismo repousa na base da maioria delas. E o problema, hoje, é maior nos Estados Unidos, onde os cultos chefiados por fanáticos vêm aumentando bastante da década passada até agora.

VICIADOS — Em matéria de religião, os especialistas fazem uma distinção entre os cultos e as principais igrejas — organizações solidamente constituídas em questão de doutrina, liturgia e popu-

laridade. Também os distinguem das seitas, grupos menos importantes que as igrejas e que se afastam das doutrinas tradicionais para "purificá-las". Os cultos aparecem quando grupos abandonam inteiramente as práticas religiosas comuns para entregar-se a lideranças carismáticas e autoritárias. Embora a ideologia dos cultos varie enormemente, os mais bem-sucedidos se valem de métodos muito parecidos para atrair novos crentes.

Há diferenças, contudo. O ex-alcoólatra Charles Dederich, que em 1958 fundou o culto conhecido nos Estados Unidos como Synanon, prefere atrair viciados em drogas para reabilitá-los e então atá-los à sua comunidade pelo resto da vida, se possível. A princípio, Dederich comandava um simples centro de recuperação de toxicômanos. Líder hipnótico, aos poucos ele começou a transformar sua organização, enriquecida por

doações, numa alternativa de vida para os membros. Os homens passaram a raspar a cabeça e, por ordem de Dederich, a trocar de mulheres. Para evitar excesso de crianças, que pareciam incomodá-lo, ele ordenou que os homens se submetessem à vasectomia e as mulheres a abortos. Hoje, a Synanon conta com 900 obedientes seguidores.

ALICIAMENTO — Jim Jones preferia atuar junto a oprimidos, principalmente negros pobres e prostitutas, que certamente receberiam com entusiasmo sua confusa doutrina a respeito da igualdade e seu oferecimento de um lar comum a quem aderisse. Mas grupos religiosos



Pilotos camicase: preparados para enfrentar um suicídio patriótico

como o dos Meninos de Deus e os Hare Krishnas preferem estudantes de inteligência acima da média e grande dose de idealismo.

Diferenças de clientela à parte, quase todos os cultos acenam com a possibilidade de ajustamento aos recrutas. Os recrutadores têm sido constantemente vistos em ação nas bibliotecas estudantis americanas, tentando fazer contato com rapazes e moças que porventura revelem dificuldades nos estudos ou problemas afetivos. Aproximam-se também de jovens que abandonaram tudo, família e escola, e saíram de mochila às costas em busca de "si mesmos". "Esses jovens estão procurando um sentido para a vida", diz o professor de Direito da Universidade da Califórnia, Richard Delgado, que vem estudando os cultos há vários anos. "Todas as pessoas são vulneráveis. Qualquer um pode ser Hare Krishna se o catequista o encontrar no momento certo."

Pesquisas demonstram, porém, que os adeptos da chamada Igreja da Unificação engendraram os métodos mais sofisticados de aproximação. Eles chamam a primeira fase de "bombardeamento de amor". Conversas amigáveis com jovens solitários acabam sempre com um convite para jantar em companhia de outros membros da organização.

Cercados de atenção, os jovens são finalmente convidados para um retiro de fim de semana. "Como instrutores, não lhes contávamos toda a verdade", lembra Erica Heftmann, 26 anos, que há dois deixou a organização, presidida por Sun Myung Moon, um sul-coreano de 58 anos que controla a vida de 37 000 adeptos americanos. "Se lhes dissessemos que Moon era o 'messias' ou que ficávamos em pé noites inteiras na neve para rezar, eles jamais entra-

riam para o culto." E aos que se espantam com a matança promovida na Guiana por Jones, Erica lembra que a ocorrência foi de fato chocante mas não de todo surpreendente. "Como seguidora de Moon, eu teria feito a mesma coisa que eles fizeram, pois fui treinada para obedecer a qualquer ordem."

PASSIVIDADE — A separação da família e dos antigos amigos é o primeiro passo daquilo que alguns especialistas chamam de "estágio da limpeza", no processo de controlar a mente do iniciado. Passa-se em seguida a outro estágio comum a muitos cultos, no qual os instrutores inculcam sentimentos de culpa no recruta em relação a seu passado. Para finalizar, ele deve demonstrar ardente desejo de "renascer" para uma vida nova com sua família de adoção — os irmãos e as irmãs do culto. Alguns cultos, como o dos Meninos de Deus e o Hare Krishna, chegam a dar um novo nome aos convertidos que angariam. E providenciam sua sucessão de fatores que influirão para fazer florescer a nova personalidade que pretendem imprimir em seus adeptos — o processo passa por privação de sono, dietas com baixo teor de proteínas e exaustivas sessões de doutrinação.

"Os convertidos devem acreditar apenas no que lhes dizem os instrutores", explica o psiquiatra Stanley Cath, da Universidade de Tufts, que desenvolveu pesquisa sobre essas técnicas de conversão. "O adepto não precisa pensar e isso ajuda a diminuir bastante as tensões." O convite à passi-

vidade mental atinge o recruta qualquer disfarce. "Pensaremos por nós mesmos", avisam os instrutores de Synanon. E os de Moon ensinam aos neófitos o pensamento independente não para de um instrumento de Satã. De algum se exige que doem bens à organização como uma forma de mostrar que o compromisso é integral. A outros esmolem ou vendam pequenos objetos ou flores na rua. "O instrutor manda você sair e só voltar com determinada quantia em dinheiro", conta Sherman Dietrich, 28 anos, que entrou para os Meninos de Deus em 1974, depois de um divórcio. "Pode acreditar, você arrebenta mas não volta sem aquele dinheiro."

VIETNÃ — Com o intuito de prender mais fortemente os membros ao culto, seus líderes costumam criar a imagem de um inimigo qualquer que esteja querendo destruí-los. Para Hitler, eram os judeus. Para Manson, os negros. Para Jones, o FBI, a CIA e a Ku Klux Klan. Para a Synanon de Dederich, o governo e a imprensa. E, para a maioria dos militantes nos cultos religiosos, os inimigos são os pais dos adeptos. Mas o que transformaria homens preocupados com o destino humano em despotas, como ocorre com alguns líderes de cultos? "Pessoas com leve distúrbio mental podem não suportar o fardo de ver seu poder aumentando sempre sobre um número cada vez maior de reveren-



Moon: controlando 37 000 americanos



Nazistas: sob a força do líder

tes fiéis", argumenta o psiquiatra Ari Kiev, da Faculdade de Medicina da Universidade de Cornell.

No caso de Jim Jones, os seguidores também estariam com sua resistência psicológica minada. Alguns podem ter encarado a morte até com alegria, como uma simples transição para uma comunidade eterna no além, admite outro especialista no assunto, o psiquiatra Robert Lifton, da Universidade de Yale. "Mas talvez a maioria apenas não soubesse como resistir", arremata ele. O holocausto da Guiana provocaria obrigatoriamente uma maré de discussões sobre como agir diante dos cultos religiosos. Não falta quem lembre, nessas discussões, que as religiões de Jesus, Maomé e Buda começaram como simples cultos. E ainda que as conversões não devam obrigatoriamente ser atribuídas ao magnetismo de líderes. Fala-se, por último, que os cultos emergem, conforme mostra a História, em momentos de crise nas sociedades — nos Estados Unidos, o país mais pródigo nesse tipo de organizações, notou-se, por exemplo, um enorme florescimento dos cultos durante e após a guerra do Vietnã. Mas, de qualquer modo, nenhum crítico dos cultos nega que muitos deles trabalham em benefício da sociedade, ao transformar toxicômanos e desgarrados sociais em pessoas mais equilibradas e produtivas. Na melhor das hipóteses, contudo, o preço a pagar é alto: aderindo a um culto, o seguidor terá de se privar de grande parte de sua individualidade em troca de segurança espiritual.

VEJA, 6 DE DEZEMBRO, 1978

Os Makuyas

No Brasil, seita japonesa que professa o judaísmo

Uma cerimônia tocante, realizada no último dia 2, no aeroporto internacional de Lod, em Israel, lembrou o sétimo aniversário do atentado terrorista de 1972, quando 26 turistas foram assassinados ali pelo chamado Exército Vermelho Japonês. Entre os convidados estavam ministros, rabinos, padres (as vítimas eram quase todas católicas) e representantes da seita Makuya, vindos especialmente de Tóquio. Mas, ao contrário do que se poderia supor, aquela delegação de reverentes cidadãos japoneses não causou o menor espanto — e é muito provável que nenhum dos assistentes haja sequer considerado o fato de eles serem conterrâneos dos terroristas de Lod. Pois, na verdade, talvez nenhuma outra seita religiosa devote tanto apreço ao judaísmo e a seus princípios políticos quanto os makuyas.

Em 1972, informados do atentado, eles se vestiram de branco — a cor do luto para os japoneses — e uma delegação encabeçada pelo ex-pastor protestante japonês Ikuro Teshima, que fundou a seita 41 anos atrás, voou até Jerusalém a fim de pedir desculpas ao povo israelense. De lá para cá, impelida por uma incommon preferência pelo Velho Testamento, a seita Makuya tem se espalhado por todos os continentes, embora seu contingente mundial não seja conhecido. No Brasil, onde eles acabam de aterrissar, a recém-criada sede de São Paulo atrai semanalmente cerca de 200 adeptos. Seu chefe máximo, Elishe Shikada, 34 anos, que veio com a mulher e dois filhos, alimenta o projeto de liderar todos os makuyas latino-americanos. Atualmente, freqüentam a sede paulista os primeiros três membros não-descendentes de japoneses, repetindo um fenômeno também constatado nos Estados Unidos e na Grécia.

SANTUÁRIO PORTÁTIL — É indispensável que cada adepto da seita se identifique filialmente com Israel, cumprindo pelo menos uma vez na vida uma visita a Jerusalém, “como romeiro da fé

total”, a fim de orar diante do Muro das Lamentações, e se dedique pelo menos durante quatro horas por dia ao estudo da Bíblia. Seus símbolos são os mesmos do judaísmo — a menorá (o candelabro de sete luzes), o solidéu e a estrela de Davi. O próprio nome Makuya tem origem hebraica: significa tabernáculo, o santuário portátil do antigo povo de Israel. Toda essa doutrina nasceu na Manchúria ocupada pelos japoneses,

quando o fundador Teshima recebeu a “revelação” de que seria a base de um movimento religioso. Segundo seu próprio relato, uma voz interior ordenou-lhe então que dedicasse a vida a quatro mandamentos básicos: a independência de um novo Estado de Israel, o restabelecimento de um profundo sentimento de religiosidade numa terra que ainda se chamava Palestina, trabalhar para que novamente Jerusalém fosse uma ci-



Muro das Lamentações: um dever

dade símbolo de paz e harmonia, rezar pela volta do Messias.

Hoje, a liderança de Teshima se encontra dividida entre cinquenta mestres, que cuidam da seita no Japão e no mundo. “Teshima é irrepetível”, explicou a VEJA, em Jerusalém, o “embaixador” makuya Akiro Jindo. Além de três seminários (em Tóquio, Osaka e Kumamoto), onde os mais jovens estudam para obter o título de mestre e aprendem a dominar a língua hebraica, existem pelo menos 500 lugares ao ar livre espalhados pelo Japão, nos quais os makuyas se reúnem para orar. Os makuyas somente casam entre si e sua disciplina moral é rígida. O respeito literal e teimoso de alguns trechos do Velho Testamento os obriga a verdadeiros exercícios de ginástica e faquirismo. Além de se purificar nas águas de rios e lagos, andam lentamente sobre pistas de carvão em brasa, cantando “O Deus de Israel está vivo, sua história divina continua”.



Makuyas em São Paulo: o começo

Fome versus fé

Na Índia, as sagradas vacas correm perigo

Para os 85% de indianos que professam o hinduísmo, numa população de 625 milhões de habitantes, matar uma vaca, mesmo por motivos humanitários — em razão de velhice ou de doença —, é ato que requer prévio aval de uma autoridade religiosa. Para o hinduísmo, a vaca simboliza "a luz infinita que nada pode deter". Além disso, sua urina é usada nos rituais como instrumento de purificação. Mas, apesar dessa tradição, que remonta ao milenar bramanismo, a religião substituída pelo budismo, as vacas começam a se tornar uma fonte de inesperadas tensões religiosas e políticas na Índia de hoje.

Pressionados pela fome crônica que grassa no país, ateus e adeptos de outras crenças, como o islamismo e o cristianismo, sobretudo em dois populosos Estados controlados pelos comunistas — Kerala (22 milhões de habitantes) e Bengala Ocidental (45 milhões) —, pretendem agora forrar os estômagos dos indianos com sua sagrada carne. "Há pelo menos uma vaca para cada três in-

dianos", sustentam eles. Por sua vez, os hinduístas contra-atacam com uma campanha destinada a reforçar as leis que mantêm o animal longe do açougue. A controvérsia chegou a um ponto crítico em abril, quando Vinoba Bhavé, 84 anos, um "santo homem" venerado pelos hinduístas, declarou-se em greve de fome "até que o Parlamento indiano obrigue os Estados desobedientes a respeitarem o direito das vacas à vida, independentemente de sua utilidade".

"PRAGA NACIONAL" — Como reação, apreciadores de carne bovina de Kerala, onde 40% da população é muçulmana e cristã, promoveram uma eloquente manifestação de protesto cujo ponto alto foi um churrasco público. Na semana passada, em Bengala Ocidental, um outro grupo de manifestantes atacou a machadadas algumas vacas que passeavam no mercado. Temeroso de que os fanáticos dos dois lados acabem se engalfinhando numa guerra civil, o primeiro-ministro indiano Morarji Desai, um devoto do hinduísmo, persuadiu o venerando Bhavé a interromper seu jejum, prometendo uma nova legislação federal para incriminar todo o abate de bovinos. Pouco antes de o Parlamento entrar no presente recesso, Desai cumpriu sua promessa. Após



Vaca indiana: "a luz infinita"

três horas de debate, o majoritário partido de Desai, o Janata, conseguiu apresentar um abrangente projeto de lei sobre as vacas, que o Congresso examinará até o final do ano.

A discussão sobre as vacas já alcançou as universidades indianas, na-

quais professores e alunos preocupam-se com a repercussão que a nova legislação poderá ter sobre a economia do país. Defensores das vacas sustentam que a rejeição do projeto estimulará o abate e, gradativamente, privará os pobres da Índia de um alimento vital como o leite e, ainda, do esterco, matéria-prima do gás metano, um combustível largamente difundido. Mas os adversários contestam, sustentando que pelo menos metade das vacas são antieconômicas e, "apesar de seu alegado conteúdo sagrado, não passam de uma praga".

In pectore

O papa não revela o nome do 137.º cardeal

O primeiro consistório convocado pelo papa João Paulo II, realizado no Vaticano no penúltimo sábado, dia 30, elevou para 137 o número de membros do Sacro Colégio — mas o chapéu cardinalício só foi entregue a catorze dos quinze novos purpurados que ele escolheu nas vésperas da viagem à Polônia. Como esperavam os observadores, o

papa continuou a guardar em segredo o nome de seu 15.º eleito, que assim passou a ser um cardeal *in pectore* (no peito). A designação de purpurados *in pectore* é uma antiga tradição da Igreja, usada sempre que um pontífice encontra dificuldades de ordem política em algum território eclesiástico. Uma exceção, recente, foi Pio XII, que reinou sem nomear cardeal algum em segredo. Nos últimos anos de seu pontificado, ele simplesmente não substituiu os que morriam. Tanto que, à época de sua morte, o Sacro Colégio estava reduzido de setenta para 44 membros.

A tradição foi retomada por João XXIII, que, no entanto, levou para o túmulo os nomes de seus três cardeais *in pectore*. Já Paulo VI recorreu duas vezes à nomeação secreta. A primeira, no consistório de abril de 1969, contemplou Stepan Trochta — arcebispo de Litomerice, Checoslováquia, revelado quatro anos depois — e um dignitário romeno que morreu antes de ter seu nome divulgado. A segunda, em maio de 1976, para o também checo Frantisek Tomasek, arcebispo de Praga, revelado no ano seguinte, e para o vietnamita Joseph Marie Trinh-Nhu-Khue, arcebispo de Hanói *in pectore* por alguns dias.

UM LITUANO — Como de praxe, a cerimônia do primeiro consistório de João Paulo II foi realizada em duas etapas: uma secreta, durante a qual o papa apresentou os novos cardeais ao Sacro Colégio, outra pública, diante de 3 000 convidados. Dos catorze que receberam o chapéu cardinalício, seis são da Itália, dois da Polônia e os restantes da França, Irlanda, Canadá, México, Japão e Vietnã. Quanto ao secreto 15.º, informações vazadas da Cúria Romana deram aos observadores a convicção unânime de que se trata de um bispo da Lituânia, república federada da União Soviética, muito provavelmente Julijonas Stepanovicius, de 68 anos, bispo de Vilna, desde 1961 vivendo sob prisão domiciliar em seu país.

Na véspera da viagem do papa à Polónia, um "comitê de fiéis lituanos" fez um apelo a Roma para que os "defendesse e apoiasse". Tudo indica que João Paulo II já havia tratado do assunto em janeiro, quando recebeu no Vaticano o chanceler soviético Andrei Gromyko. A nomeação de um cardeal lituano poderia assim coroar o tímido processo de distensão iniciado com a própria ascensão do polonês — e vizinho — ex-cardeal Wojtyla ao trono de São Pedro.

SINAL VERMELHO PARA DORES E CONTUSÕES

PHILIPS



Quem está com dores ou contusões precisa mais do que calor humano.

Precisa principalmente do calor de Infraphil.

Infraphil é um método moderno, seguro e eficiente de substituir com vantagem a antiquada bolsa de água quente.

Os raios infravermelhos de Infraphil penetram nos tecidos musculares, ativando a circulação do sangue, proporcionando alívio sensível às dores e inflamações.

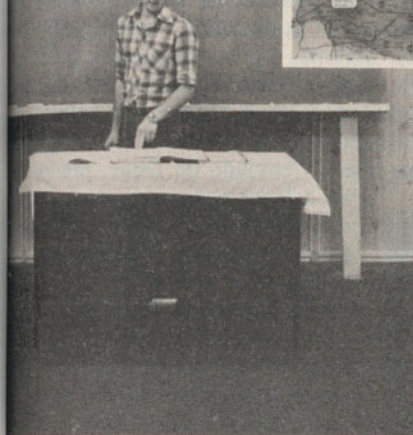
Tenha Infraphil na farmacinha da sua casa. E esteja sempre tranquilo.



INFRAPHIL
O calor que cura.



O pastor da Igreja Universal do Reino de Deus, César Zaduski, em uma das suas pregações.



César Zaduski é o líder da seita no Brasil e expede, de São Paulo, ordens aos líderes de sua igreja, em todo o país (acima, no mapa). Nos templos, cursos intensivos de doutrina

FOTOS SÉRGIO BEREZOVSKY

RELIGIÃO

Artes de Satã

Adeptos do reverendo Moon na mira da polícia

Para os 6 500 seguidores brasileiros da seita do reverendo coreano Sun Myung Moon — um milionário instalado em Nova York, nos Estados Unidos — a semana passada provavelmente entrará para sua história como “os sete filhos de Satanás”. Afinal, é como obra do demônio que os “Filhos de Moon”, como eles se auto-intitulam, encaram manifestações contra seu culto, a Igreja para a Unificação do Cristianismo Mundial. A primeira aparição de Satanás aconteceu no domingo, quando os membros da Igreja para aliciamento e conversão de fiéis foram atacados em um programa de televisão. Nos dias seguintes, esses maus eflúvios se espalharam por várias capitais do país: juízes de menores baixaram restrições ao ingresso de seguidores na seita, delegados de polícia invadiram templos e o diabo se apossou definitivamente da multidão que apedrejou a sede da Igreja em Belém.

“Estamos apreensivos porque nunca sofremos uma crítica tão forte como essa”, afirma o paranaense César Zaduski, 25 anos, que abandonou o curso de Engenharia Química para transformar-se no principal pastor da Igreja no Bra-

sil. Preocupado em exorcizar o demônio, Zaduski promete deslanchar uma campanha de esclarecimento caso continuem as pressões. “Por enquanto, vamos aguardar, já que confiamos na Justiça Divina”, diz ele, “mas estamos orando pelos que nos criticam.” Preces, contudo, dificilmente conterão a ira de pais cujos filhos abandonaram suas casas para morar nos templos de Moon — onde são submetidos a uma intensa doutrinação — ou as investigações da polícia.

No Rio de Janeiro, o líder do grupo foi intimado a fornecer às autoridades a lista de menores de 21 anos que frequentam sua Igreja. Em São Luís, o templo foi fechado por policiais. Toda essa movimentação poderá convergir para a mesa do ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel. Na quinta-feira, o comerciante Moacir Acácio Brandão — cuja filha e genro venderam todos os bens para aderir à seita — prometeu, em Curitiba, pedir ao governo a aplicação dos rigores do Estatuto dos Estrangeiros contra os reverendos não-brasileiros de Moon. As aflições dos fiéis parecem estar apenas no início. Para aumentar suas vicissitudes, o próprio Código Penal brasileiro parece estar do lado de Satanás. Em São Paulo, o delegado Romeu Tuma, do DOPS, estuda a possibilidade de enquadrar os líderes da seita nos artigos 146 (constrangimento ilegal), 149 (redução à condição análoga à de escravo) e 171 (estelionato) do Código Penal. ●

TERRAS

Cilada no Pará

Ataque a grupo da Polícia Federal gera tensão

A trégua que durante um ano interrompeu a extensa crônica de conflitos de terra no Pará foi rompida na tarde da última quinta-feira: quatro agentes da Polícia Federal e dois técnicos do Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins, o GETAT, que faziam a demarcação de propriedades na região, foram emboscados nas matas de São Geraldo do Araguaia. Horas depois, os feridos chegaram a Belém — e, na esteira da cilada, surgiram outros sinais de que a tensão voltou a se acirrar na área. Na sexta-feira, a Polícia Federal informou que dois delegados e dez agentes voaram para o local do tiroteio. Mas outra versão, extra-oficial, dava conta de que foram deslocados 32 federais para o Araguaia: dois aviões, com oito lugares cada, decolaram de Belém pela manhã e outros dois, com a mesma lotação, depois do almoço.

Na segunda-feira, dom Alano Pena, bispo de Marabá, havia acusado os federais de ameaçarem posseiros e religiosos de sua diocese. “O trabalho do GETAT é bem-intencionado”, afirmou dom Alano, “mas o órgão freqüentemente se preocupa demais com a segurança, infiltrado por agentes federais.” Na verdade, o GETAT é um organismo do Conselho de Segurança Nacional e foi criado para apaziguar as disputas pela posse da terra no Araguaia — um conflito antigo que, na década de 70, estimulou a malograda aventura comunista da guerrilha.

POR UMA ÁRVORE — A emboscada e a reação posterior dos agentes federais prenunciam mais tempestades. Segundo o superintendente regional interino da PF, Wandir Leite da Silva, a estrada em que seus agentes viajavam foi bloqueada por uma árvore caída. “Eles desceram do carro para ver o que era”, sustentou, “e receberam várias descargas de chumbo por trás.” No tiroteio morreu o gerente da fazenda pertencente ao deputado goiano Juraci Teixeira, que os técnicos do GETAT demarcavam. Até agora, a única certeza é a de que o clima decididamente esquentou na região. Quem disparou o primeiro tiro, nem a Polícia Federal sabe. “Podem ser posseiros, pistoleiros, ou grileiros”, diz Leite da Silva. ●

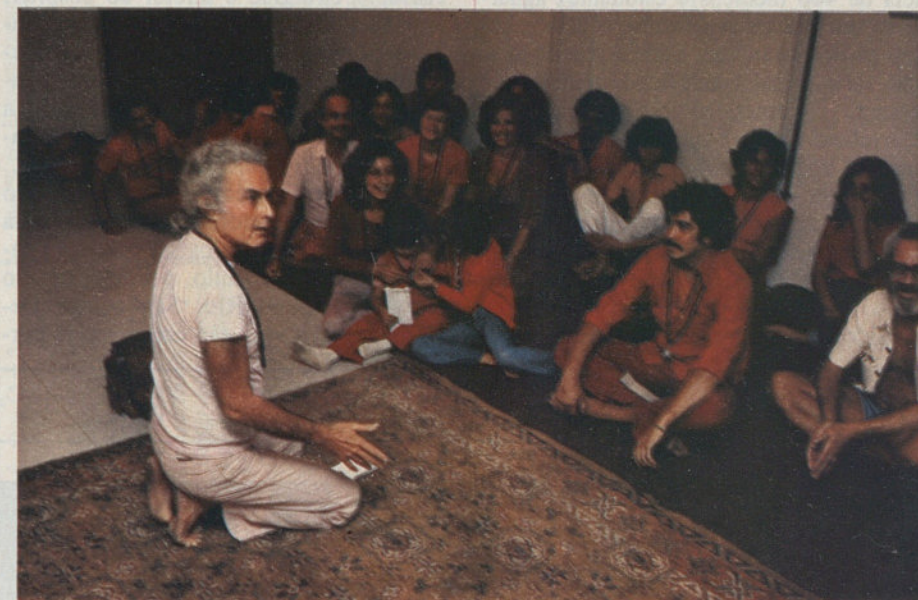
Embalos divinos

Uma nova devoção oriental finca pé no Brasil

"Viva Bhagwan", gritam homens e mulheres enquanto giram em dança frenética num salão do edifício Berro d'Água, em Copacabana, no Rio de Janeiro. De olhos fechados, procuram ser "a dança e o dançarino ao mesmo tempo". Ao final de 40 minutos, animados por uma mistura de rock e sons orientais, todos se deitam no chão e meditam 15 minutos. Como vários outros núcleos semelhantes espalhados pelas capitais bra-

car pé no Brasil, onde conquista seus primeiros discípulos entre artistas do eixo Rio—São Paulo, como o compositor Gilberto Gil e a atriz Regina Casé. Há 1 100 adeptos de Bhagwan no país, quando dois anos atrás eles eram oitenta.

"UH! UH! UH!" — A infusão de dinheiro e a eficiência americana ajudaram a expandir os ensinamentos do mestre hindu. Diabético desde a infância e alérgico a quase tudo no meio ambiente, Bhagwan vive enclausurado e se comunica com o mundo através de seus livros — 350 títulos editados em dezesseis línguas, treze dos quais lançados no Brasil. Seus ensinamentos misturam budis-



Praxante e discípulos: "O importante é celebrar a vida, aqui e agora"

sileiras, os trinta frequentadores das sessões no edifício Berro d'Água praticam técnicas de "ampliação da consciência" desenvolvidas pelo mestre Bhagwan ("Abençoado") Shree Rajneesh, 51 anos, um hindu de olhos arregalados, barba branca, jeito clássico de guru, que vive desde o ano passado em Antelope, no Oregon, Estados Unidos.

"Professamos um conceito novo de religião", proclama o engenheiro Aron Abend, 51 anos, que na década de 60 liderava passeatas da UNE e participava da direção nacional do Programa de Alfabetização do MEC, dissolvido em 1964. Hoje ele atende pelo nome de Swami Deva Praxante, além de vestir-se exclusivamente de cor-de-rosa. "Bhagwan nos ensinou que o importante é celebrar a vida, aqui e agora." A nova religião, surgida na Índia nos anos 60, já seduz 500 000 pessoas em todo o mundo e começa a fin-

mo, taoísmo, cristianismo, islamismo e krishnaísmo. Os temas básicos são devoção, ciúme, cobiça, medo, libertação e sexo — em torno do qual Bhagwan não só permite como estimula completa liberdade. Para meditá-los, o mestre hindu passou a maior parte dos últimos vinte anos quase imóvel. Conquistou com isso um grave problema na coluna vertebral. Mas a maioria de seus discípulos leva uma vida moderna, normal, como Gil e Regina.

"Atravesso a ponte aérea Rio—São Paulo, uma vez por semana, meditando com as técnicas de Bhagwan", diz Regina Casé. Gilberto Gil é fã da "caótica", uma técnica que no seu momento crucial leva o discípulo a ficar pulando no mesmo lugar, gritando "Uh! Uh! Uh!". O compositor explica: "Eu me livro por exaustão das neuroses e crio um campo propício para a paz interior". ●



Comemoração do aniversário de Reencontro: aplausos para a família

Política com fé

Batistas lotam o Maracanã em louvor à família

Desde o surgimento de seus primeiros templos, na Europa do século XVI, os batistas procuram não misturar religião com política — foi por sua influência, inclusive, que o princípio da separação entre a Igreja e o Estado passou a figurar na Constituição dos Estados Unidos. Na semana passada, porém, ficou claro que, pelo menos do lado de baixo do equador, essa regra comporta exceções. Para comemorar o sétimo aniversário do programa *Reencontro*, apresentado no Rio de Janeiro pelo pastor Nilson do Amaral Fanini, 60 anos, e transmitido por uma cadeia de 104 emissoras e retransmissoras de televisão, em todo o país, os batistas levaram ao estádio carioca do Maracanã o presidente João Figueiredo e cinco ministros de Estado — Leitão de Abreu, Mário Andreazza, Rubem Ludwig, Octávio Medeiros e Danilo Venturini.

A cerimônia, realizada no último dia 29, foi assistida por uma espetacular plateia de 120 000 fiéis, convocados em todo o país por 5 milhões de volantes e 200 000 cartazes, distribuídos pelos 2 200 templos da Igreja Batista. Figueiredo, o primeiro presidente a assistir a uma grande solenidade batista, levou a multidão a uma explosão de entusiasmo ao declarar, no seu discurso, que considera a família, tema central do en-



Fanini com Figueiredo: abrindo uma exceção à regra

contro do Maracanã, "o caminho para a conquista do equilíbrio e da felicidade do homem e da mulher". Explicasse: empenhados em imitar a vida dos cristãos do primeiro século, os batistas dão à vida familiar uma importância maior que as outras religiões. "Tirar a família do homem e Deus da família é o mesmo que tirar a água dos oceanos", proclama o pastor Fanini.

CASAMENTO PERFEITO — O principal responsável pela presença de Figueiredo foi o ex-diretor do Dentel e candidato a deputado federal pelo PDS carioca Aroldo de Oliveira, 44 anos. Convertido à Igreja Batista há seis meses, por obra do pastor Fanini, ele usou seus antigos contatos para trazer o presidente. Empolgado com a nova fé, Oliveira qualifica de "casamento perfeito" a sua cateque-

se. "Pude abrir mais caminho para o pastor Fanini na televisão e, como político iniciante, não posso negar, ganhei novos eleitores", diz. Foi Oliveira, ainda, quem conseguiu o patrocínio da caderneta de poupança Delfin, que arcou com parte dos 20 milhões de cruzeiros gastos na festa do Maracanã.

A conversão de Oliveira veio aliviar um desgastado flanco do PDS carioca. Desde que, com o fim do bipartidarismo, o deputado federal Daso Coimbra trocou a Arena pelo PP, o partido do governo deixou órfãos os protestantes que lhe são fiéis no Rio. O PMDB, ao contrário, tem hoje dois protestantes como deputados federais no Estado: o próprio Daso Coimbra, assimilado com a incorporação do PP, e Daniel Silva. Além disso, possui dois deputados estaduais, Josias Menezes e Edésio Frias, e um vereador, Dirceu Amaro. Dos cinco, apenas Coimbra não é batista, mas congregacional.

Para os fiéis, porém, a catequese do ex-diretor do Dentel deve ser vista apenas no plano religioso, como mais um feito de Fanini, o mais prestigiado líder dos 650 000 batistas brasileiros. Carismático e fluente, bacharel em Direito, membro do Conselho Estadual de Educa-

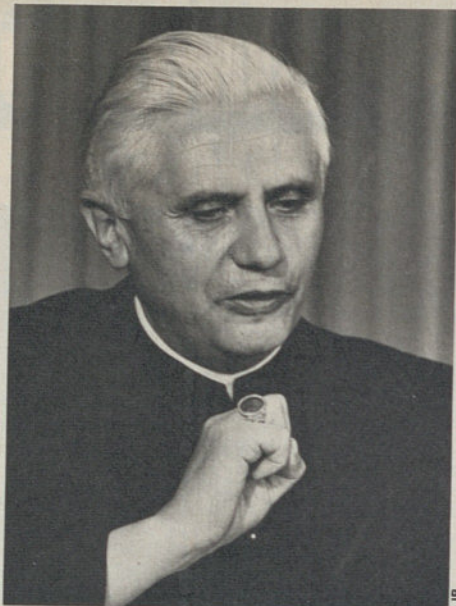
ção, dominando cinco línguas e diplomado no ano passado pela Escola Superior de Guerra, esse pastor sempre arrasta multidões a suas pregações. Prefere os temas morais, mas não se exalta e nem altera a fisionomia. Foi assim que prendeu durante 40 minutos a atenção da plateia do Maracanã. Em 24 anos de pregação, já visitou 81 países, e é chamado, no exterior, de "o Billy Graham do Terceiro Mundo". Casado com a rica herdeira de uma indústria de máquinas agrícolas, principal firma patrocinadora de *Reencontro*, Fanini não precisaria trabalhar, mas passa o dia inteiro entregue a seu apostolado. No momento, trabalha na transcrição de 3 000 sermões seus, que gravou e guardou no escritório, em Niterói. "Sou pastor por chamado de Deus e só vou deixar de sê-lo ao morrer", diz.

Portas fechadas

Teólogos se reúnem para a defesa da tradição

Enclausurados no Palácio Sumaré, da Arquidiocese do Rio de Janeiro, protegidos pela Polícia Militar e debaixo de invocações ao Espírito Santo, 24 teólogos católicos, onze deles estrangeiros e todos conservadores, realizaram durante a semana passada um encontro cheio de significados. Reunidos pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), para debaterem "Cristologia" — a reflexão sobre a pessoa de Jesus Cristo e sua doutrina —, eles na verdade procuraram reforçar as posições da doutrina tradicional da Igreja, atacadas pela "Teologia da Libertação" e pela "Igreja Popular", aquela segundo a qual o povo é que receberia a revelação de Deus, e não a igreja institucional, hierárquica.

Leonardo Boff, principal solista da Teologia da Libertação no continente, que mora na vizinha cidade de Petrópolis, naturalmente não foi convidado. "Ficamos tristes com ele por não haver comparecido a um congresso que promovemos recentemente na Colômbia", des- conversou o bispo ítalo-argentino dom



Cardeal Ratzinger: garantindo o tom

Antonio Quarracino, secretário-geral do Celam. A fim de evitar constrangimentos, Boff aproveitou um outro convite e viajou para a Alemanha antes do encontro. Dom Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB, que não chega a ser um teólogo, mas deveria estar presente em virtude de seu cargo, foi convidado e esca-

pou alegando compromissos inadiáveis. Mas, no século XVI, o teólogo alemão Martinho Lutero louvava as virtudes de Deus. Dos cardeais brasileiros, só apareceu Eugênio Sales, o anfitrião do encontro.

Não houve uma declaração oficial final do encontro. As palestras dos participantes, no entanto, serão reunidas em um livro. Alguns de seus títulos: "A Igreja Humana de Cristo, Consciência e Libertação"; "Soteriologia (salvação) e Teologia da Libertação". Também não houve uma condenação formal da Teologia da Libertação. Mas, numa entrevista final do encontro, o padre Jean Galbraith da Pontificia Universidade Gregoriana de Roma, foi claro: "Achamos que o conceito de libertação do Evangelho é fundamentalmente espiritual".

Os teólogos reunidos no Rio não tiveram seus debates segundo a lenta e paciente estratégia da Santa Sé de envolvimento e isolamento dos novos experimentos teológicos. Esse tom foi assegurado com a presença do cardeal alemão Joseph Ratzinger, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (o antigo Santo Ofício), conhecido por sua fidelidade às tradições da fé católica. "Certos teólogos falam muito no povo", disse o cardeal Ratzinger. "Mas preciso ressaltar que o povo tem maior fidelidade à fé do que certos teólogos."

Religião

Unidos na fé

Luteranos estão mais perto da fusão

Quando rompeu com a política papal, no século XVI, o teólogo alemão Martinho Lutero louvava as virtudes de Deus. Dos cardeais brasileiros, só apareceu Eugênio Sales, o anfitrião do encontro. Não houve uma declaração oficial final do encontro. As palestras dos participantes, no entanto, serão reunidas em um livro. Alguns de seus títulos: "A Igreja Humana de Cristo, Consciência e Libertação"; "Soteriologia (salvação) e Teologia da Libertação". Também não houve uma condenação formal da Teologia da Libertação. Mas, numa entrevista final do encontro, o padre Jean Galbraith da Pontificia Universidade Gregoriana de Roma, foi claro: "Achamos que o conceito de libertação do Evangelho é fundamentalmente espiritual".

Com a fusão, nasceu a terceira maior igreja protestante dos Estados Unidos, com 5,4 milhões de fiéis, superada apenas pela Igreja Metodista Unida, com 12 milhões de adeptos, e pela Convenção Batista do Sul, com 13 milhões. A decisão foi tomada por maioria absoluta,



Gedrat, da Igreja Evangélica Luterana: contra a presença de calvinistas

ta, em assembleias simultâneas das três igrejas. Ficou de fora a Igreja Luterana do Sínodo de Missouri, com 2,6 milhões de fiéis, extremamente conservadora, matriz da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, com 180 000 adeptos, uma das duas grandes ramificações luteranas em nosso país — a outra é a Igreja Evangélica da Confissão Luterana, 800 000 fiéis, de origem alemã, a que pertence o ex-presidente Ernesto Geisel.

Mas não tardará a repercutir no Brasil o que acaba de acontecer nos EUA. No

Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, onde se localizam suas principais comunidades, os luteranos estão cada vez mais próximos. Afinal, o tempo soterrou as preocupações de Lutero. Os luteranos brasileiros publicam livros juntos e uma igreja procura não atrapalhar o trabalho apostólico da outra. "Um dos pontos que ainda nos dividem é o fato de nossos irmãos de origem germânica aceitarem calvinistas nos seus cultos", diz o pastor Johannes Gedrat, presidente da Igreja Evangélica Luterana do Brasil.

Thema: Kirche – Zeichen des Heils
Liebe Barbara,
... Darin offenbart sich der Krebsbiss der Christenheit, der unser ganzes Reden und Glaubwürdigkeit macht, daß Reden und Tun, Glaube und Leben auseinanderklaffen. Theoretisch ist heute in der Kirche vieles klar. Kaum eine Generation hat soviel über das Neue Testament gewußt wie wir. Aber unser Kopf ist viel weiter als unser Herz. Unser Engagement erschöpft sich zumeist im Wissen. Wenn es an die Konsequenzen geht, ist uns der Atem ausgegangen. Worte wie "dienende Kirche", "Kirche der Armen" sind in aller Munde von rechts bis links. Aber sie verändern nichts, sie bleiben zumeist folgenlos. Sie wirken wie ein ideologischer Überbau über eine unveränderte Praxis. Sie erwecken den Eindruck, als sei das Problem durch Reden zu erledigen. Es stellt sich nicht einmal ein schlechtes Gewissen ein. Im Gegenteil, man hat die innere Befriedigung, "richtig zu liegen". Jesus hat keinen Zweifel daran gelassen: nicht die Worte zählen, sondern das Leben...
Du schreibst, Du hast einmal das Wort gehört: "Ein halber Christ ist ein ganzer Unsinn." Du spürst, daß bei uns etwas nicht stimmt in Gesellschaft und Kirche. "Verloren", sagst Du, Du suchst nach Alternativen, nach einem wahren Leben. Du möchtest Dich nicht



O terreiro Casa Branca do Engenho Velho: há 200 anos no mesmo local

Orixás em risco

Candomblé pode perder sua meca nacional

A ameaça de uma operação imobiliária envolvendo o Casa Branca do Engenho Velho, o mais antigo terreiro de candomblé do Brasil, gerou em Salvador um alvoroço de calibre suficiente para figurar nos mais movimentados enredos dos livros de Jorge Amado. O próprio romancista foi o primeiro a manifes-

tar sua indignação, através de um telegrama endereçado ao prefeito Renan Balleiro — que, pouco depois, veria sua mesa atulhada de protestos assinados por intelectuais, políticos, artistas e representantes de entidades culturais. Alguns autênticos, como os dos artistas plásticos Calasans Neto e Mário Cravo, além do do compositor Caetano Veloso; e outros inteiramente imaginários, como o que foi atribuído à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

A questão começou na semana passada, com o anúncio de que a área ocupa-

da pelo Casa Branca, com 6 000 metros quadrados e avaliada entre 30 e 40 milhões de cruzeiros, seria ocupada por um conjunto de grandes prédios. Ao mesmo tempo, Hermógenes Príncipe, um rico proprietário de imóveis em Salvador, atualmente radicado no Rio de Janeiro, passou a reivindicar a propriedade da área por direito de herança, alegando que seu advogado afirma poder provar com documentos que, até sexta-feira passada, não haviam sido apresentados. A questão irá para a Justiça e, a seu favor, os responsáveis pelo terreiro invocam seus dois séculos de funcionamento no mesmo local.

Fundado pela princesa Yá-Nassô, sacerdotisa da corte de Alafin, uma cidade da costa africana, o Casa Branca é considerado a meca do candomblé brasileiro. Por tradição, é um dos raríssimos do mundo que não aceitam realizar trabalhos por dinheiro e, por isso mesmo, talvez nunca tenha tido poder aquisitivo suficiente para regularizar sua situação imobiliária. Os subscritores das mensagens de protesto pedem à Prefeitura a desapropriação do terreno. Enquanto isso, Mãe Teté, a babalorixá do Casa Branca, invoca Oxóssi, o "Rei da Mata", para que ele impeça a construção de um edifício no seu templo.

Religião

Trevas totais

Vítima de mutilação sexual comove a França

"Operada" por mãos desconhecidas no miserável cortiço onde vivia com a família, em tenebrosas condições de higiene, a pequena Bobô, de três meses de idade, esvaiu-se em sangue até morrer. Se tivesse acontecido na pátria de seus pais, trabalhadores imigrados vindos do Mali, ou em qualquer outro ponto do mundo islâmico, onde as mutilações sexuais e a mortalidade infantil pertencem ao cotidiano, a tragédia de Bobô teria provavelmente submergido no caudal de histórias semelhantes. O drama, porém, aconteceu na França, num subúrbio de Paris, no mês passado — e tais circunstâncias lhe deram ressonância mundial, chamando atenção para resquícios de barbárie pré-histórica desgarrados em pleno século XX.

Três anos atrás, reunida no Sudão por iniciativa das Nações Unidas, uma conferência da Organização Mundial de Saúde contabilizou 30 milhões de mulheres, na-



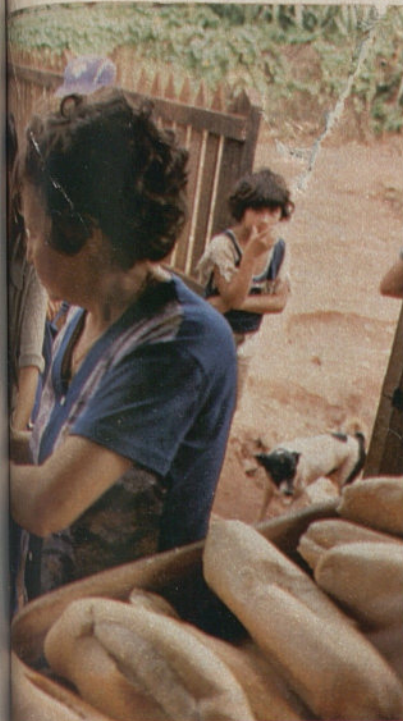
Cultura islâmica: vivendo no passado

tivas da África negra e do mundo árabe, portadoras de mutilações sexuais. No ano passado, um estudo da pesquisadora francesa Renée Saurel, publicado em Paris, corrigiu esse total para 74 milhões — e a conta não pareceu exagerada. Em cerca de trinta países de cultura islâmica, sem que o Corão ou as legislações nacionais estimulem essa prática, a tradição das mutilações só tem crescido — algumas vezes, como estúpida afirmação de

"identidade cultural", e não raro entre trabalhadores vivendo em continente europeu, como é o caso dos pais da pequena Bobô.

Com o objetivo não confessado, mas evidente, de subtrair à mulher o acesso ao prazer sexual, as grosseiras cirurgias, feitas sem anestesia, se servem de facas, lascas de pedra, cacos de vidro, e em 10% dos casos conduzem à esterilidade. A maneira mais comum de promover a invalidez erótica da mulher consiste em cortar-lhe o clitóris. Em algumas regiões, seccionam-se também os pequenos e grandes lábios. Mas nenhuma mutilação é mais atroz que a infibulação, na qual a vulva é costurada de modo a impedir as relações sexuais até o casamento.

No Sudão, recordista mundial da modalidade, cerca de 80% das mulheres são submetidas a essa tortura. Tais violências, segundo a Liga Internacional dos Direitos Femininos, com sede em Paris, são alimentadas pela convivência de povos civilizados. "Se Bobô tivesse vivido", afirmou a entidade num manifesto, "todo mundo teria aceito seu sofrimento e sua mutilação em nome do respeito a costumes de outras culturas."



LUZ TORRES



LUZ TORRES

...um dos segredos da popularidade

Aos 72 anos, Chico Xavier é o mesmo mineiro simples e manso de Pedro Leopoldo

obra que os mortos teriam enviado à Terra por seu intermédio. O novo livro se chama *Palavras do Coração* e contém mensagens de consolo e esperança que o médium atribui a "Meimei", pseudônimo de uma jovem esposa mineira cuja morte prematura, na década de 40, teria levado à loucura o marido apaixonado. "Não sou autor de nenhuma dessas obras", avisa Chico Xavier. "Estava mediunizado (em transe) ao recebê-las e não despendi qualquer esforço intelectual ao grafá-las no papel."

Os adeptos do espiritismo ampliam o mistério informando que Chico Xavier, sem passar do quarto ano primário, já teria recebido 605 autores, 328 dos quais

se contentam com esse honroso segundo lugar — afixam que Chico é o maior. "A Editora Record diz que Jorge Amado vendeu mais de um milhão de livros no ano passado, mas não prova isso", sustenta em São Paulo o livreiro espírita Stig Roland Ibsen, 54 anos, responsável pela catalogação das obras do médium. "Nós, ao contrário, provamos com impostos recolhidos e direitos autorais que Chico Xavier vendeu 700 000 livros somente no ano passado." Em direitos autorais, os livros rendem 2 milhões de cruzeiros mensais, transferidos integralmente para instituições de caridade espíritas. A sobrevivência de Chico Xavier é assegurada pelos 98 000 cruzeiros

mensais que recebe como funcionário aposentado do Ministério da Agricultura, onde se notabilizou como datilógrafo e conhecedor da raça zebu.

MECA DO ESPIRITISMO — Aparentemente avesso às pompas do mundo, mora numa casa modesta de quatro peças e, além da companhia de duas dúzias de gatos e cachorros de raça, permite-se um único luxo — o aparelho de som. Chico Xavier psicografa ouvindo música erudita e assegura que um dos espíritos que o usam como instrumento aprecia muito a *Sinfonia Fantástica*, de Berlioz. Nessa casa, ele virtualmente não faz outra coisa senão psicografar, em

permanentes contatos com o Além que às vezes o confundem — então, pergunta a algum interlocutor se pertence a esta existência ou já "desencarnou". Não faz visitas e raramente cruza as fronteiras do Aeroporto, um bairro pobre de Uberaba, onde improvisou uma espécie de meca do espiritismo, dominada por sua casa, por uma livraria especializada e pelo Grupo Espírita da Prece palco das sessões de sexta e sábado.

Essa vida reclusa fortalece o mit



PEDRO MARTINELLI

Livros para o autógrafo: um consolo para quem não falou com o médium

VEJA, 28 DE JULHO, 1982

os exageros começam a proliferar. Mais de uma vez, por exemplo, Chico Xavier foi compelido a desmentir que é capaz de devolver a visão a cegos ou a fazer paralisados andarem. Nos últimos tempos, admiradores do médium insistem em atribuir-lhe a faculdade de ler pensamentos. Recentemente, Chico Xavier teria surpreendido uma jovem atenta a seus gestos delicados, quase femininos, com quem não trocara uma única palavra, oferecendo-lhe um esclarecimento: "O que você está pensando não procede, pois nunca tive relações sexuais, muito menos com homem".

Celibatório convicto, Chico Xavier enaltece a vida familiar, condena o aborto, mas aceita a pílula anticoncepcional. Seu reduzidíssimo círculo de íntimos, que não vai além de cinco pessoas, costuma fazer o elogio da vida privada de Chico Xavier. "A mediunidade independente da moral do indivíduo", ressalva o dentista Carlos Antonio Bacceli, 34 anos, dirigente da Aliança Municipal Espírita de Uberaba. "Mas nele a qualidade mediúnica e a moral superam todas as exigências éticas." Esses atributos, somados a sua pública preocupação com os pobres, beneficiários dos direitos autorais, levaram três espíritos convictos — Augusto César Vannucci,



Vannucci, Lady Francisco e Lúcio Mauro: um trio de espíritos convictos

diretor da TV Globo, Freitas Nobre, deputado federal pelo PMDB de São Paulo, e Dionísio de Azevedo, ator — a renovarem neste ano em Oslo, Noruega, a candidatura de Chico Xavier ao Prêmio Nobel da Paz.

GOSTO DE LICOR — A candidatura já fora apresentada no ano passado, endossada por mais de 10 milhões de brasilei-

ros, que assinaram manifestos, telegramas e cartas, sensibilizados com uma campanha do programa *Fantástico*, da TV Globo. Vannucci, um dos chefes da campanha, é um cliente fiel de Chico Xavier. Em 1961, às voltas com afiliosos problemas pessoais, foi procurado em Uberaba. "Sem qualquer explicação, Chico Xavier me passou uma xícara de café preto", lembra o diretor da



Freitas Nobre: consultas ao Além orientaram reação a cassações políticas

TV Globo. "O café se transformou em líquido branco e, quando o tomei, tinha gosto de licor. Quatro minutos depois, eu era outro homem." Desde o começo do ano, o Teatro Vannucci, em um moderno auditório para 400 pessoas no Shopping Center da Gávea, no Rio de Janeiro, apresenta a peça *Além da Vida*, uma coletânea de textos psicografados por Chico Xavier e pelo mé-

dium baiano Divaldo Franco (veja o quadro na página 70).

No elenco da peça, já vista por mais de 10 000 pessoas, figuram exclusivamente atores espíritos — Lúcio Mauro, Lady Francisco, Felipe Carone e o próprio Vannucci. Lúcio Mauro visita Chico Xavier pelo menos três vezes ao ano e, segundo a lenda, teria resolvido converter-se ao espiritismo depois de ser avisado pelo Além de que um amigo morreria nos seus braços — profecia que se teria materializado. Lady Francisco já leu mais de 100 livros de Chico Xavier e, desde que começou a encenar *Além da Vida*, emagreceu 10 quilos — o que não parece espantá-la. "Acho que estou passando por uma limpeza, perdendo o que tenho de ruim no meu corpo", acredita a atriz.

"Chico Xavier conseguiu acabar com aquele ar sinistro que envolvia a imagem do espiritismo no Brasil", sustenta a atriz Beth Goulart, filha de pais kardecistas, os atores Paulo Goulart e Nicete Bruno. "No contato pessoal, faz a gente parar para pensar, desenvolve em nosso interior uma sensação de serenidade." O deputado Freitas Nobre garante que suas ligações com o médium mineiro não rendem qualquer dividendo eleitoral. "Ele não gosta de política e sempre conseguiu esquivar-se dos políticos", diz o parlamentar. "Costumo dizer-lhe que os espíritos são mais avançados do que ele." O deputado jura já ter recebido inúmeras mensagens através de Chico Xavier, algumas delas remetidas pelo médico e deputado Adolfo Bezerra de Menezes, morto em 1900 no Rio de Janeiro. Em 1977, no episódio da cassação do deputado Alencar Furtado, Freitas Nobre procurou Chico Xa-

vier em Uberaba, pedindo-lhe orientação. "Ele recebeu o Bezerra de Menezes numa mensagem de doze páginas", conta Freitas Nobre.

LINHA DIRETA — Chico Xavier não sabe dizer quantos espíritos já lhe concederam audiência nesta encarnação, mas é possível receber os mais assíduos frequentadores das sessões de psicografia em Uberaba. Além de Meimei, há a enfermeira Sheila, "desencarnada" durante a Segunda Guerra Mundial, o higienista Osvaldo Cruz, Bezerra de Menezes e Emmmanuel, uma espécie de anjo da guarda com o qual Chico Xavier assegura manter linha direta desde 1933. Foi Emmmanuel, por exemplo, quem o teria aconselhado a ocultar a calvície com uma peruca. "Ele me disse que devemos cuidar da nossa apa-



Beth Goulart: sensação de serenidade

rência e não temos o direito de enfeiar o mundo com nossas deficiências", revela Chico Xavier.

A peruca é de mau gosto, e sobre sua origem há mais de uma versão. Alguns garantem que Chico Xavier também se viu obrigado a usá-la para proteger-se do frio na cabeça e não agravar uma sinusite crônica. Antes disso, usava boinas, frequentemente capturadas por fãs mais ardorosos. Além de cuidados com a aparência, Emmmanuel teria feito a Chico Xavier outra recomendação: respeitar a Igreja Católica como instituição. Assim, Chico Xavier se confessa preocupado com a crise de vocações sacerdotais do catolicismo. "Precisamos de muitos pastores religiosos e, sem o catolicismo, o Brasil não seria a mesma grande nação que é hoje", argumenta.

No plano doméstico, por sinal, Chico Xavier adota uma postura irrepreensivelmente ecumênica. Um de seus filhos de

Versos escritos em transe

O livro de estréia é uma coletânea de poemas que não parou de aumentar ao longo dos anos

A edição original do *Parnaso de Além-Túmulo*, o primeiro livro psicografado por Chico Xavier, foi lançada em julho de 1932 com 56 poesias atribuídas a catorze poetas. O sucesso editorial e novas incursões do médium pelo mundo dos espíritos aumentaram o número de suas páginas. Hoje, o *Parnaso* se compõe de 259 poesias, que seriam de 56 poetas. Trechos do livro:

Olavo Bilac

AOS DESCRENTES

Vós, que seguís a turba desvairada,
As hostes dos descrentes e dos loucos,
Que de olhos cegos e de ouvidos moucos/
Estão longe da senda iluminada,
Retrocedei dos vossos mundos ocos,
Começai outra vida em nova estrada,
Sem a idéia falaz

do grande Nada,
Que entorpece, envenena e mata aos poucos.
Ó ateus como eu fui — na sombra imensa/
Erguei de novo o eterno altar da crença.
Da fé viva, sem cárcere mesquinho!
Banhai-vos na divina claridade/
Que promana das luzes da Verdade,
Sol eterno na glória do caminho!

Cruz e Souza

HERÓIS

Esses seres que passam pelas dores,
As geenas do pranto acorrentados,
Aluviões de peitos sofrendores,
No turbilhão dos grandes desgraçados;
Co-

rações a sangrar,
ermos de amores,
Revestidos de acúleos acerados,
Nutrido a luz dos sonhos superiores/
Nos ideais maiores esfaimados;
Esses pobres que o mundo considera/
Os humanos farrapos dos vencidos,
Prisioneiros da angústia e da quimera,
São os heróis das lutas torturantes,
Que são, sendo na Terra os esquecidos,
Coroados nas Luzes Deslumbrantes!

ANJOS DA PAZ

Ó luminosas formas alvadias/
Que desceis dos espaços constelados/
Para lenir a dor dos desgraçados/
Que sofrem nas terrenas gemonias!
Vindes de ignotas luzes erradias,
De lindos firmamentos estrelados,
Céus distantes que vemos, dominados/
De esperanças, anseios e alegrias.
Anjos da Paz, radiosas formas claras,
Doces visões de etéricos carraras/
De que o espaço fulgido se estrela! (...)



VOZES DE UMA SOMBRA

Onde venho? Das eras remotíssimas,
Das substâncias elementaríssimas,
Emergindo das cósmicas mistérios,
Venho dos invisíveis prodígios,
Da confusão dos seres contronários,
Das células primeiras, das bactérias.
Venho da fonte eterna das origens,
No turbilhão de todas as vertigens,
Em transmutações, fundas e enorres,
Do silêncio da mônada inviolável,
Do tetro e fundo abismo, negro e horrível,
Vitalizando cores multiformes.
Sei que evolvi e que sou oriundo/
Do trabalho tenaz do mundo,
Da Terra no abismo e imenso abdômen,
Sofri, desde as intensas torpitudes/
Das larvas microscópicas e rudes,
À infinita desgraça de ser homem.
Na Terra, apenas fui terrível presa,
Simbiose da dor e da tristeza (...)





Grupo Espírita da Prece: o palco das sessões públicas

criação é o espírita Eurípedes Humberto Higino Reis, hoje um dentista de 32 anos, misto de secretário particular e guarda-costas, que vive até hoje com o pai adotivo. O outro é o católico José Pereira, cardiologista de 42 anos. Na juventude de José Pereira, o médium, já então um grande nome do espiritismo, jamais deixou de acordá-lo para a missa dominical. A Igreja Católica subscreve esse pacto de não-beligerância. "A doutrina espírita é totalmente oposta ao cristianismo, pois contradiz as verdades de Deus contidas no Evangelho", avisa o arcebispo de Uberaba, dom Benedito Ulhoa Vieira. "Mas a pessoa de Chico Xavier goza de estima geral nesta cidade e seu conceito é o de um homem bom que se interessa pelos pobres."

FIDELIDADE A KARDEC — Se Chico Xavier é um sedentário livre de inimigos, Emmânuel, seu onipresente guia espiritual, exibe uma coleção de momentos agitados em sua biografia milenar. Segundo Chico Xavier, Emmânuel esteve na pele de um senador romano, Publius Lentulus, que morreu em Pompéia durante a erupção do Vesúvio. Anos depois, teria reencarnado como Nestório, um escravo romano que, por ser cristão, acabou atirado aos leões do Circo Máximo. Finalmente, teria voltado ao planeta como o padre Manuel da Nóbrega. O quadro que o representa, pintado por um artista em transe e aprovado por Chico Xavier, mostra-o como Publius Lentulus. De Emmâ-



Dom Benedito: "O conceito de Chico Xavier é de homem bom"

nuel, o médium garante haver recebido, ainda, instruções para não contrariar a ortodoxia doutrinária de Kardec.

"A fidelidade de Chico Xavier ao codificador do espiritismo é monolítica", atesta o médico psiquiatra Elias Barbosa, biógrafo do médium. "Em meio século de fecunda atividade e incontestada liderança, ele não quis criar o chiquismo-xavierismo ou o emmanuelismo. Ao contrário, sempre desencorajou as tentativas de culto à personalidade, de modo a não ameaçar a unidade do espiritismo." Emmânuel, enfim, no momento estaria empenhado em ajudar Chico Xavier a enfrentar o progressivo debilitamento de sua saúde — embora evite tocar no assunto, o maior médium vivo do Brasil prepara-se para deixar este mundo. Desde a primeira crise de angina de peito, em 1976, sua saúde vem-se complicando, exigindo cuidados redobrados do filho adotivo Eurípedes. Depois de seis crises agudas de angina, a última delas em março, e de dois enfar-



O filho adotivo Eurípedes: cuidados agora redobrados

tes, ele precisa ser assistido permanentemente por um médico, o clínico-geral Eurípedes Taham Vieira, 47 anos. Os óculos escuros escondem o estrabismo da vista direita e o deslocamento do cristalino da esquerda, sujeita a constantes sangramentos. O cristalino é a lente convexa natural responsável pela nitidez das imagens projetadas na retina.

"Ele é o melhor paciente do mundo", garante o clínico-geral Vieira, também espírita. "Quando necessita de algo, pede autorização." Apesar de sua intimidade com as prescrições, Além, Chico Xavier sempre respeitou a ciência deste mundo. Toma religiosamente doze medicamentos diários, em vasodilatadores, colírios, analgésicos — e a cada quinze dias viaja a São Paulo para sessões de acupuntura destinadas a amenizar-lhe a dor anginal. Em 1969, quando o bisturi de Zé Agó fazia furor em Congonhas do Campo, Minas Gerais, Chico Xavier viajou a São Paulo para submeter-se a uma operação na próstata. Arigó — um médium pouco ortodoxo, que lera Kardec superficialmente e usava um crucifixo católico nas suas sessões — manifestou o desejo de operar a vista de Chico Xavier. O paciente recusou com uma curta explicação: "A dor é uma provação dos espíritos que devo suportar".

TALENTO NO EMBUSTEIRO — O médico Vieira restringiu ao mínimo as atividades de Chico Xavier. O médium gostava de andar pelas ruas de Uberaba,

hora do crepúsculo, e de preparar suas próprias refeições — foi cozinheiro profissional na juventude. Hoje, raramente sai de casa, alimenta-se apenas duas vezes ao dia e sempre de forma frugal. Também teve de renunciar ao hábito de lavar o próprio banheiro e varrer a sala e os quartos da casa. "Só não consegui que ele psicografasse menos", conforma-se Vieira. Também não conseguiu convencer o paciente a trabalhar menos. Até setembro de 1981, Chico Xavier, que costuma dormir apenas três horas por noite, lançara 200 livros. Desde então, publicou doze; ou seja, mais de um novo título por mês. E, segundo seus assessores, já estocou mensagens suficientes "para mais de dez anos de lançamentos contínuos". Na tentativa de poupá-lo, o filho adotivo Eurípedes montou um cerco quase inexpugnável em torno de Chico Xavier, com o aval do médico Vieira, à base de rigorosas cautelas que provocam reclamações de amigos, fãs e clientes. Hoje, é impossível falar com o médium durante a semana.

A psicografia é uma manifestação corriqueira entre os médiuns que atuam nos 5 000 centros kardecistas catalogados pela Federação Espírita Brasileira, com sede no Rio de Janeiro, mas Chico Xa-

Um candidato ao legado de Chico Xavier

Se o critério para avaliar-se a importância de um psicógrafo for a vendagem dos livros atribuídos aos espíritos, o baiano Divaldo Pereira Franco, 55 anos, é o segundo médium brasileiro em importância. Os 48 títulos que já publicou venderam quase 2 milhões de exemplares em português, espanhol, inglês, checo, polonês e esperanto. Com os direitos autorais, Divaldo Franco ajuda a manter em Salvador a Mansão do Caminho, um complexo assistencial e pedagógico que começou a construir em 1952 e hoje abriga uma creche, um jardim de infância, duas escolas de primeiro grau, três escolas profissionalizantes, uma escola de datilografia, uma

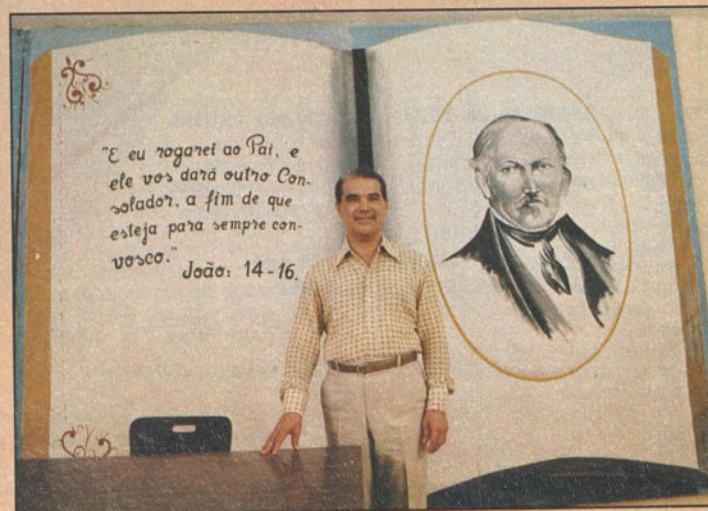


Vieira: elogios ao bom cliente

vier é sem dúvida o seu mestre. "Ele é o mais importante psicógrafo do país em todos os tempos", avalia Francisco Thiesen, 55 anos, presidente da Federação. O falecido acadêmico Raymundo de Magalhães Júnior, ao examinar o

gráfica, uma marcenaria, uma sapataria e um asilo para velhos.

Franco psicografa Joana de Angelis, que apresenta como "uma antiga monja católica de Salvador, do século XIX". Essa religiosa, na verdade, seria soror Joana Angélica, heroína das lutas da Independência, martirizada em 1822 na tentativa de defender o convento da Lapa, na Bahia, das tropas do general português Madei-



Divaldo Franco: quase 2 milhões de livros já vendidos

que saíra da ponta de seu lápis, ficou impressionado. "Se Chico Xavier é um embusteiro, é um embusteiro de talento", escreveu Magalhães Júnior. "Sua facilidade de imitar seria um dom especialíssimo, porque ele não imita apenas Antero de Quental, Olavo Bilac e Humberto de Campos, mas Alphonsus de Guimaraens, Artur Azevedo, Antônio Nobre, etc." Magalhães Júnior também se impressionou com o fato de Chico Xavier psicografar eventualmente mensagens em outros idiomas, como o italiano e o inglês.

O presidente da Academia Brasileira de Letras, Belarmino Maria Austregésilo de Athayde, 84 anos, prefere ignorar solenemente os 9,5 milhões de exemplares vendidos por Chico Xavier. "Aqui na Academia não conheço ninguém que se interesse pelos livros dele", afirma. Fora da Academia, outros se interessam — mas não gostam. O romancista mineiro João Dornas Filho, por exemplo, não reconheceu há alguns anos o brilho de Olavo Bilac nos poemas a ele atribuídos pelo médium. "Olavo Bilac, um homem que no estágio de imperfeição nunca assinou um verso imperfeito, depois de morto ditou a Chico Xavier sonetos inteirinhos"

ra. Franco não confirma publicamente essa versão, mas também não a desmente. De qualquer forma, possui em sua casa um quadro representando Joana de Angelis em cujo fundo paira Joana Angélica.

Disciplinado, entra em transe todos os dias, durante 1 hora e 30 minutos, para audiências durante as quais receberia histórias, crônicas, romances e poesias. Como Chico Xavier, Franco afirma ter estabelecido seu primeiro contato com o Além ainda na infância. "Eu sentia dores em todo o corpo, tinha pesadelos inquietantes e visões terríveis", diz. Ambos são filhos de família católica e Divaldo Franco, quando menino, foi coroinha. Mas não gosta de ser chamado de "herdeiro presuntivo" de Chico Xavier. "Ele é a maior antena do século", proclama Divaldo Franco. "É dificilmente teremos outro psicógrafo igual."

abaixo de medíocres", ironiza Dornas Filho.

CONVERSAS COM A MÃE

Os espíritas mantêm-se alheios a tais restrições e todos os sábados, ao final da sessão pública de Uberaba, o médium autografa entre 600 e 800 livros. Seu público está predominantemente na classe média — e essa é uma das explicações para a altíssima vendagem dos livros que Chico Xavier acredita ao Além. O censo de 1980 revelou que há no Brasil cerca de 1 milhão de espíritas, mas, a julgar pelo sucesso editorial do médium de Uberaba, a doutrina de Kardec talvez conte com outros milhões de simpatizantes. Assim, a aproximação do dia em que será preciso viver sem Chico Xavier preocupa uma boa parcela da população brasileira, porque esse mito de Uberaba não terá sucessor. A doutrina de Kardec, que difere da umbanda e do candomblé por recusar o sincretismo religioso e por dispensar altares, hierarquias e sacerdotes, ensina que os poderes mediúnicos são pessoais e intransferíveis. "Morrerei como um pé de capim", compara Chico Xavier.

No auge da fama, Chico Xavier continua o mesmo caipira manso e bem-humorado, filho de um bilheteiro e de uma lavadeira de Pedro Leopoldo, a 30 quilômetros de Belo Horizonte, que adotou o kardecismo aos 17 anos, depois de ver a irmã curada de ataques de lou-



Emmanuel: ensinamentos e conselhos

cura numa sessão espírita. Na verdade, já na sua infância, ele se entretinha com conversas com a mãe, já falecida, ao pé de uma bananeira. Depois, na adolescência, espantava os colegas de escola com redações do outro mundo. Essas extravagantes manifestações se amiadaram com o tempo, mas são ainda insuficientes para remover as críticas e suspeitas de adversários do espiritismo. "Emmanuel me ensinou que devo recebê-las como avisos de que sou uma criatura imperfeita", diz o médium. O padre jesuíta e parapsicólogo Oscar González Quevedo, de São Paulo, nada vê de extraordinário em Chico Xavier. "Cientificamente, sua psicografia ocorre por

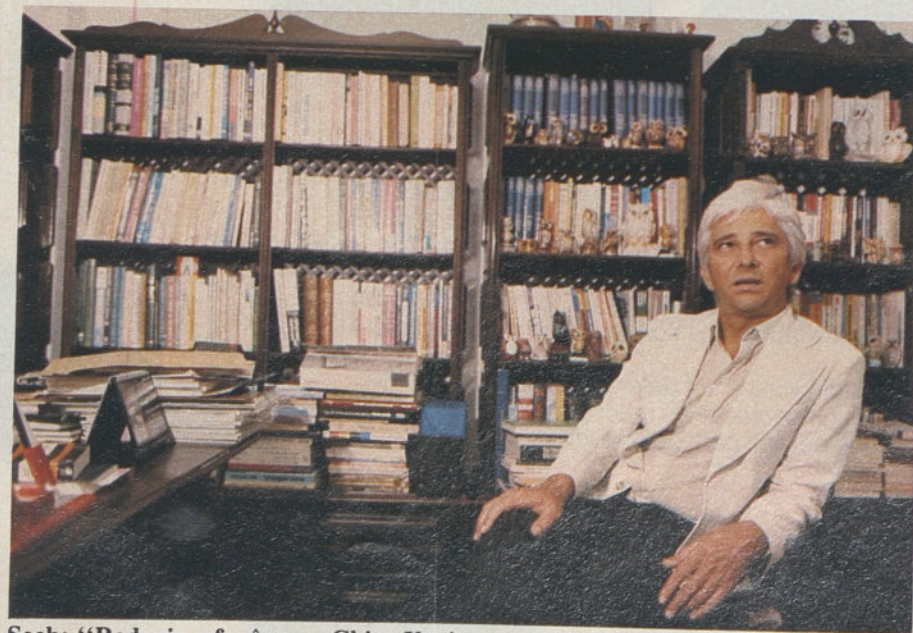


Quevedo: a psicografia é coisa deste mundo

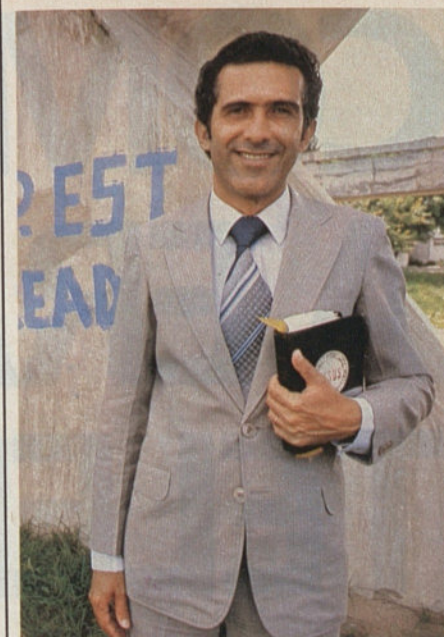
um automatismo do subconsciente, o fidelíssimo gravador que retém tudo quanto se passa conosco", afirma Quevedo. "Ele se auto-hipnotiza superficialmente, entregando-se ao subconsciente; este, por sua vez, faz o lápis correr sobre o papel." Quevedo garante que a psicografia é obra deste mundo, "até porque, por esse mecanismo, já levamos uma pessoa sugestionável a psicografar Carlos Drummond de Andrade, que continua bem vivo".

Chico Xavier não permite que estudiosos não-espíritas o examinem — uma única vez ele submeteu-se a um eletroencefalograma, primeiro em estado normal e, depois, em transe. O exame foi realizado pelo biógrafo Barbosa, que é psiquiatra, e nele foi detectada uma disritmia cerebral capaz de levá-lo a automatismos psicomotores. De Curitiba, o psiquiatra e espírita Alexandre Sech, 46 anos, ergue a voz em defesa de Chico Xavier. "A disritmia cerebral pode ser até corriqueira nos médiuns", teoriza Sech. "Mas, ao invés de levar à mediunidade, pode ser uma consequência dela." Convencido de que "reduzir o fenômeno Chico Xavier a um caso patológico é simplesmente ridículo", ele faz uma observação em tom irônico: "Se isso fosse possível, seria até interessante estimular pessoas com essa patologia".

J.A. DIAS LOPES, de São Paulo/EURÍPEDES ALCÂNTARA, de Belo Horizonte



Sech: "Reduzir o fenômeno Chico Xavier a um caso patológico é ridículo"



Menezes: candidato a deputado

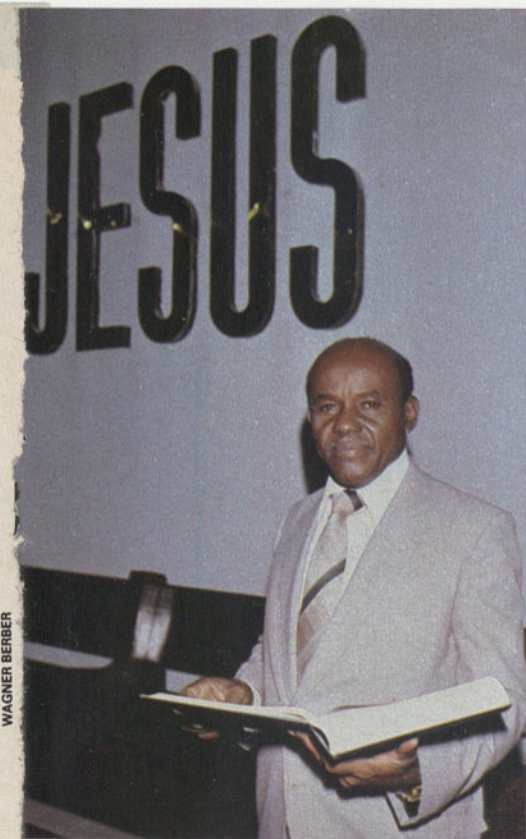
Religião

Fé nas eleições

Os evangélicos ingressam nos partidos políticos

Inspirados no exemplo da Igreja Católica, os protestantes também estão ingressando na política — e em nenhum outro Estado essa nova atitude tem sido tão visível como em Pernambuco, pelo menos até o atual momento da campanha eleitoral. Entre pastores, seminaristas e simples fiéis luteranos, presbiterianos, batistas e pentecostais, já são dez seus candidatos à Assembleia Legislativa e à Câmara Municipal do Recife. O número é significativo: atualmente, não há no Estado um único deputado ou vereador eleito exclusivamente com o voto dos protestantes. "Cresce a cada dia a consciência de que nós, evangélicos, precisamos ter uma representação política", diz o pastor batista Eclésio Menezes, 40 anos, candidato à Assembleia Legislativa pelo PDS. Antes de lançar-se, ele promoveu uma pesquisa entre oitenta pastores batistas do Recife e 90% deles manifestaram-se favoráveis a sua candidatura.

A questão é que, por convicções doutrinaárias ou por uma questão de mercado, os protestantes pernambucanos preferem o PDS — e não partidos à esquerda, como recomendam as cartilhas dos bispos católicos da região. De seus dez candidatos, apenas dois concorrem pelo PMDB. Conservadores, de origem humilde, os protestantes pernambucanos ca-



Silva: com respaldo na Bíblia

nalizarão a maioria de seus votos para o partido do governo e poderão inclusive decidir a eleição. Segundo o IBGE, existem 320 000 evangélicos no Estado. Em 1978, a extinta Arena ficou apenas 30 000 votos à frente do MDB.

SUBMISSÃO — Os evangélicos pernambucanos invocam o respaldo da Bíblia para seu apoio ao governo. "O respeito às autoridades constituídas é um dever de todo crente", explica o pastor José Silva, 58 anos, presidente da Assembleia de Deus e líder de um rebanho de 100 000 fiéis. Silva proclama a submissão à autoridade com base no capítulo 13 da Epístola de São Paulo aos Romanos: "Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus".

O governador Marco Maciel, católico fervoroso, tem sabido capitalizar essa lealdade. Em outubro passado, ele presidiu a cerimônia de filiação de setenta pastores ao PDS, realizada no Palácio das Princesas. Em outros Estados, a vocação política dos evangélicos também se manifesta, embora não necessariamente em direção ao PDS. Em Minas, o pastor Antônio Araújo, da Igreja Batista, é candidato a deputado estadual pelo PTB. No Rio Grande do Sul, o pastor Marino Moreira, pentecostal, está certo de que ganhará uma vaga na Assembleia Legislativa pelo PDT. "Se eu não fizer boa votação, quem fará?", indaga ele.

In den nächsten Jahren bemühte sich um Volkskatechese und Basisschulungen für Laien, die später Leitungs-¹⁹⁶aufgaben in der Gemeinde übernehmen sollten. Wesentliches Merkmal der Basissgemeinden ist die innige Verbindung von Spiritualität und Alltag, der nicht selten von Leid, Armut und Not gekennzeichnet ist. Durch die Methode des Bi-¹⁹⁷belteilens wird dabei das Wort Gottes mit den Lebenserfahrungen der Menschen in Bezug ge-¹⁹⁸bracht. Allgemein "wirken" (Basissgemeinden) als Ferment kirchlicher Erneuerung und gesell-¹⁹⁹schaflicher Wandlung, von unten; "Aufgrund des Anstoßes für ihr Engagement in der Land-²⁰⁰arbeit, Gespräche und Begegnungen waren für Dorothy erschütternd und zugleich der Stein der Anker. Sie sah immer mehr die Notwendig-²⁰¹keit, die Kleinbauern über Grund- und Men-²⁰²schrechte zu unterrichten. Sie klärte über Landrechte auf und half Landlosen zu eigenem Land zu kommen. Bald schon wurden die Ka-²⁰³tholische Landaktion "Ação Católica Rural" (ACR) und die katholische Landjugend "Juven-²⁰⁴tude Agrária Católica" (JAC) gegründet. Die Bauern schlossen sich zu Kooperativen und²⁰⁵ Verbänden zusammen und bekamen somit ei-²⁰⁶nen großen und nie zuvor da gewesenen Ein-²⁰⁷fluss in der Region. Mit den Kleinbauern be-²⁰⁸mühte sie sich darum, dass sie zu fairen Markt-²⁰⁹preisen ihre Produkte verkaufen konnten und²¹⁰ sorgte sich um eine elementare Schulbildung.²¹¹ Schwester Barbara English, die zu jener Zeit mit Stang zusammenarbeitete, erklärt:²¹² "[...] was uns wichtig war, war die Sorge um die Menschen — ihnen zu helfen, dass sie sich neue Fähig-²¹³keiten aneigneten und ihre angeborenen Talente²¹⁴ weiterentwickelten, damit sie ihren Alltag besser be-²¹⁵reiten konnten und wir wollten sie dazu bringen,²¹⁶ dass sie ihre Hoffnungen und Träume verwirkli-²¹⁷chen.²¹⁸" Großgrundbesitzer waren verärgert über die²¹⁹ Arbeit gegen schlechten Lohn verdienenden, um²²⁰ überhaupt überleben zu können. Sie hatten²²¹ meistens keinen Besitzteil ihres Landes und²²² wurden oftmals von Landdieben vertrieben, die

200 Ebd., Zitat im Original: [...] what was important to us was to care for the people — to help them gain new skills and develop innate talents so they could better cope with their struggles and to challenge them to realize their hopes and dreams.

199 Vgl. Holland/Stonehill, S. 9.

198 Vgl. Annemarie Jacobs (Hg.): Es ist dunkel — aber ich singe. Liedertesebuch zu Brasilien. Erlangen 1992, S. 26.

197 Holland/Stonehill, S. 4. Originalzitat: "On the weekends we used to go into the interior to any number of little villages... So the people we went to, we tried to find a few people who would say they were willing to help with the community, to bring every place we went to, we tried to find a few people who would say they were willing to help with the community, to bring the people together, sing, have Bible reading and reflection."

196 Zum Begriff "Basissgemeinde" siehe: Michael Stevernick, Art. Basissgemeinden, in: LTHK, 2. Bd., Freiburg 2006, Sp. 71-75.

195 Michael Stevernick, Art. Basissgemeinden, in: LTHK, Bd. 2, Freiburg 2006, Sp. 72.

194 Vgl. Holland/Stonehill, S. 3.

acha fácil

eta é barata

o tempo

delo: Esta

pronto; ---

inda são

ais do nome

uprimidos;

omam

oais. Ele

ora. Ele

n

antes

contato

es de todos

#i

liffen

nur ein kleiner

er wird zum

ersöhnliche

, wünscht

um

os

as boas

um

os

as boas

um

os

as boas

um

os

as boas

um

os

as boas

um

os

as boas

um

os

as boas

um

os

acha fácil

eta é barata

o tempo

delo: Esta

pronto; ---

inda são

ais do nome

uprimidos;

omam

oais. Ele

ora. Ele

n

antes

contato

es de todos

#i

liffen

nur ein kleiner

er wird zum

ersöhnliche

, wünscht

um

os

as boas

um

os

as boas

um

os

as boas

um

os

as boas

um

os

as boas

um

os

as boas

um

os

as boas

um

os

as boas

Reduto luterano

No sul, a localidade mais protestante do país

Pregadores pentecostais, evangelizadores das Testemunhas de Jeová e médiuns espíritas já tentaram se estabelecer ali. Mas suas cruzadas de recrutamento de novos adeptos fracassaram e seus templos, menos de um ano depois, estavam às moscas. Esse fenômeno, sobremodo raro nestes tempos de acentuado pluralismo espiritual, é a marca registrada de Teutônia, uma localidade de colonização alemã, a 140 quilômetros de Porto Alegre, que no ano passado, acolpada a dois distritos vizinhos, desmembrou-se do município de Estrela para tornar-se independente. A explicação é simples: percentualmente, Teutônia é a cidade mais protestante do Brasil. Ali existem 300 católicos; os outros 4 300 habitantes são luteranos.

"Aqui não existe uma única pessoa que não acredite em Jesus Cristo", proclama, em tom orgulhoso, o pastor Edgar Hummes, responsável pela sede da paróquia e por cinco templos espalhados pelo interior do município — entre os quais o de Linha Frank, a 8 quilômetros da sede, onde foi batizado o ex-presidente Ernesto Geisel, também luterano. A população comparece regularmente aos cultos e o solitário pastor Hummes nem sempre consegue dar conta de

suas múltiplas tarefas, da mesma forma que lhe falta tempo para o consumo dos inúmeros presentes que recebe dos fiéis — porcos, galinhas, sacos de batata. "Sou convidado para 90% dos casamentos que acontecem por aqui, mas não encontro tempo para ficar até o fim em mais de 10%", queixa-se ele.

Surgida em meados do século passado, aurora da imigração alemã, Teutônia não é exatamente uma comunidade fechada. As relações dos luteranos com os católicos são ecumênicas, tanto que os católicos já conseguiram terreno para sua capela, vendido por um luterano a preço simbólico, e têm sido fraternalmente ajudados pelos vizinhos espirituais na "campanha do tijolo". "Apenas não abrimos mão da religião de nossos avós", diz o pastor Hummes.



Em Linha Frank, o templo onde Geisel foi batizado; acima, o pastor Hummes



Denise: interpretações com as mãos postas e os olhos voltados para o céu

Religião

Cantores de Jesus

Sob as bênçãos de Deus, os evangélicos do país usam cada vez mais a música para fazer adeptos

Quis o quê? Denise das quantas? A maioria do público certamente jamais ouviu falar deles, e confundirá seus nomes da mesma forma como se confunde o nome de uma pessoa com quem se acata de travar conhecimento, sem jamais ter tido referência dela antes. Luís de Carvalho, de 58 anos, e Denise Cardoso da Silva, de 18, são no entanto dois ídolos da canção — tão importantes, se o critério é a venda de discos, como Chico Buarque, Milton Nascimento ou Fafá de Belém. Apenas, no seu caso, o público é específico, voltado para um tipo de música e um tipo de devoção à canção diferente do público comum — trata-se de cantores religiosos.

Mais especificamente, Luís de Carvalho, um paulista de voz grave e entonação dramática, e Denise Cardoso da Silva, pernambucana de aspecto frágil e voz angelical, são cantores protestantes, ou, como preferem, evangélicos — uma comunidade que valoriza ao extremo a música como expressão religiosa. Graças a isso, formou-se um mercado, e uma estrutura de produção, de fazer inveja a uma gravadora comum. Luís de Carvalho e Denise, respectivamente o campeão e a vice-campeã da venda de discos evangélicos no país, vendem

100 000 discos por ano, no caso dele, e 80 000, no dela — o equivalente, no primeiro exemplo, a Chico Buarque e Milton Nascimento e, no segundo, a Fafá de Belém.

Tanto é verdade que o disco evangélico constitui um fenômeno à parte no Brasil, capaz de suscitar inveja às gravado-



Lopes: letras consideradas ousadas, por tratarem Jesus por metáforas

ras leigas, que uma das gigantes do ramo, a Ariola, recentemente entrou em campo para disputar uma fatia desse mercado. "Os cantores de música religiosa vendem sempre, ao passo que a música popular só vende quando está na moda", explica Eli Oliveira, chefe da divisão recém-formada, na gravadora, para cuidar da produção religiosa. Não há dúvida de que o negócio é rendoso. Luís de Carvalho, ex-mecânico de automóveis com físico de lutador de boxe, por exemplo, ganha 3,5 milhões de cruzeiros por mês entre direitos autorais de discos e cachês por show que realiza. Por sua vez, Denise Carvalho da Silva recebe 1,6 milhão de cruzeiros mensais.

OVELHA NEGRA — Não há dúvida: iniciado há quinze anos, o fenômeno da música evangélica cresceu a ponto de se poder dizer que a fé remove montanhas de discos. Existem atualmente, no país, cerca de 1 000 cantores do gênero. Paralelamente, constituíram-se quarenta gravadoras especializadas — vinte das quais em São Paulo, e quinze no Rio de Janeiro. Em São Paulo, as maiores são a Bom Pastor, dona dos contratos de Carvalho, Denise e outros 58 cantores, a Louvores do Coração e a Califórnia. No Rio, a maior delas é a Juerpe. Há também, no mercado carioca, a Rocha Eterna, a Desperta Brasil, a Sublime Louvor e até uma ovelha negra: a gravadora Bandeira Branca, a única do Brasil que não pertence a um evangélico, mas a um judeu, Daniel Myara. Em Curitiba, existe a Matheus Iensen. No Recife, a Som Evangélico. "Não há crise para nós", diz o administrador de empresas Elias de Carvalho, 36 anos, proprietário da Bom Pastor. "O evangélico é

um crente que está sempre querendo ouvir ou ler algo mais sobre sua fé."

As igrejas acompanham o boom com entusiasmo. "Na evangelização, a música é um instrumento tão persuasivo quanto a palavra", diz o pregador Paulo Lutero Mello e Silva, 24 anos, filho e herdeiro espiritual do missionário Manoel de Mello, fundador da Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil Para Cristo. "A fé é sensibilizada quando cantamos ao Senhor", arremata. Paulo Lutero afirma que já perdeu a conta das conversões operadas pela música na sua igreja. Entre as músicas que mais pescam almas para os evangélicos figuram *Estou no Caminho*, gravada por Luís de Carvalho, e *Feliz Serás*, de Denise.

Podem-se citar exemplos concretos de conversões operadas pela música. O pernambucano Josué Farias de Albuquerque

blico evangélico, no entanto, não é suficiente que tenha boa voz, boa interpretação e que saiba escolher seu repertório. É preciso que vista o apertado figurino usado pelos protestantes mais ortodoxos. Luís de Carvalho, por exemplo, pertence à Igreja Batista. Não bebe, não fuma, não joga e vive até hoje com a mesma mulher com a qual casou há 37 anos. Denise é presbiteriana e mora com a mãe em Olinda, no apartamento que acaba de comprar. Moça recatada, ela só admite o sexo como instrumento de procriação.

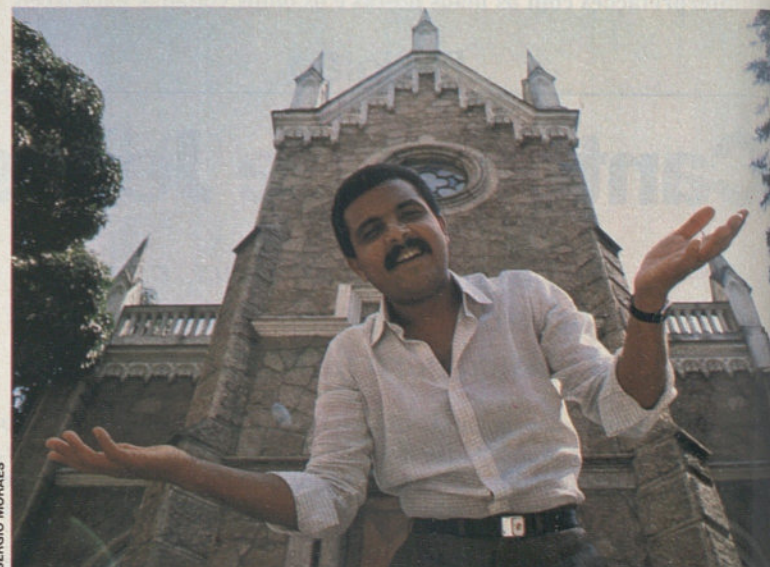
"Quem não tiver uma conduta irrepreensível, quebra a cara", diz Jonathas de Freitas, 48 anos, dono da gravadora Louvores do Coração, que dá como exemplo o que aconteceu com o cantor leigo Néelson Ned. "Ele lançou há dois anos um belo LP de músicas religiosas",

é que ele exerce sua arte em nome de Jesus. "Sirvo a meu Deus cantando", proclama Denise. "Não aceitaria a proposta para cantar outro gênero de música. Nem que fosse para ficar milionária como Maria Bethânia e Gal Costa." Ressalve-se que Denise, que tem desde os dez anos e já gravou cinco LPs, admite que gosta de ganhar dinheiro. "Mas ganhar dinheiro com música evangélica é outra coisa", justifica. Sua agenda de shows já está lotada para março de 1984. Denise cobra cerca de 100 000 cruzeiros por apresentação. O cachê de Luís de Carvalho é mais de 300 000 cruzeiros por show. "Vou bem, não tenho problemas financeiros", diz Carvalho.

Tendo começado a cantar em 1974, com 107 LPs já gravados, Carvalho



Carvalho, o campeão: 107 discos já gravados



Ozeias: com receio do público depois de ir para uma gravadora leiga

que, 30 anos, um ex-cantor e ex-violonista de boate, afirma que foi a música que o conduziu aos caminhos da fé. Certo dia, quando ensaiava em casa para mais uma noite de trabalho, ele resolveu tirar no violão o hino religioso que ouvira ao passar em frente da igreja evangélica do bairro — e então ocorreu algo esquisito. "Senti ali mesmo a presença do Senhor e comecei a chorar", conta Albuquerque. Hoje, morador em São Paulo, Albuquerque deixou as boates e só se apresenta em igrejas evangélicas.

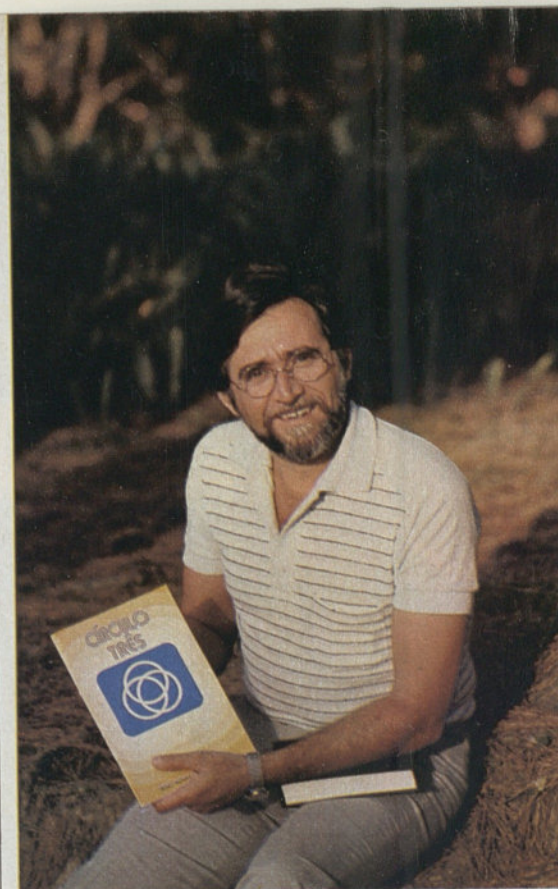
FIGURINO APERTADO — As músicas têm sempre letras ingênuas, com uma mensagem religiosa específica, como é o caso de *Graças a Deus*, do último LP de Luís de Carvalho: *Dou graças a Deus/porque posso ver a planta brotar/o dia nascer/a chuva chegar/o rio correr/grças a Deus/dou graças a Deus*. Para um cantor fazer sucesso entre o pú-

blica conta Freitas. "O disco vendeu muito nas primeiras semanas, mas o público evangélico descobriu que Néelson Ned continuava a frequentar boates e parou completamente de comprá-lo." Nessa situação, os cantores até têm receio de passar para uma gravadora leiga. É o que ocorre com o mineiro Ozeias de Paula, 32 anos, outro campeão do gênero, que vende 70 000 cópias de cada novo disco lançado. Ozeias de Paula, um adepto da Assembléia de Deus, foi contratado pela Ariola, e gravará em outubro seu primeiro LP na nova casa, da qual já recebeu 10 milhões de cruzeiros a título de luvas. "Espero ser compreendido pelo meu público", diz o cantor. "Com a força da Ariola a mensagem de Jesus será levada a novos ouvintes e um evangélico como eu só pode ficar feliz com isso."

AGENDA LOTADA — O que distingue fundamentalmente um cantor evangélico

bém é considerado um desbravador. "Antes de eu me lançar, o mercado passava de mata virgem", conta. "As gravadoras eram artesanais e dificilmente um cantor ganhava fama nacional. Eu ajudei o mercado a crescer." Cantor da velha guarda, Carvalho continua a fazer sucesso entre velhos, jovens e crianças, sobretudo porque tem sabido reciclar a música evangélica. Foi quem introduziu o violão elétrico e o coro de voz feminina. "Pode parecer bobagem, mas foi uma revolução", diz. "Pela primeira vez, a música de Jesus tem que ser alegre." Hoje, cantores como o paulista Adilson Lopes, da Ariola, já ousam cantar músicas que falam mais diretamente de Jesus, tratando-o como "nuvem branca", "pássaro" ou "rio". Os temas das canções, no entanto, continuam invariáveis: falam de fé, amor, paz e amizade. "Jesus merece tudo isso e muito mais", diz Lopes.

VEJA, 7 DE SETEMBRO, 1983



CARLOS FENNERICH

Santos: o sucesso na correspondência recebida

Religião

A fé no vídeo

Os batistas aprovam a TV na evangelização

“Só depois de me converter a Jesus, consegui ser titular do Atlético”, afirma convicto o goleiro João Leite. “Agora, sou também um jogador do time de Jesus.” Essas declarações do jogador aparecem num dos capítulos da série de filmes *Círculo Três*, preparada pela Igreja Batista para exibição em televisões brasileiras, com o objetivo de conseguir novos fiéis. Com os resultados alcançados pela série, já apresentada em dez capitais do país, os batistas brasileiros concluíram que hoje é bem mais fácil conseguir adeptos pelas ondas da televisão do que garimpá-los através do trabalho porta-a-porta, tradicionalmente desenvolvido pelos protestantes, com visitas, distribuição de folhetos ou livros e convites para cultos. *Círculo Três*, com treze capítulos de 27 minutos de duração cada um, se encontra em exibição no momento em Belo Horizonte e Fortaleza. Nas próximas semanas, será apresentada em Belém e João Pessoa.

Para levar ao ar sua série religiosa,

os batistas compram espaço nas emissoras de televisão. O investimento tem-se mostrado altamente compensador — conforme as estimativas da igreja, feitas com base em cartas recebidas, o programa já produziu cerca de 3 000 conversões. A série trata de temas atuais — a violência, a solidão, a pornografia, a crise da família — e atribui todos os problemas do mundo à falta de um contato mais estreito com Jesus. Além disso, oferece gratuitamente um curso bíblico por correspondência, no qual já se inscreveram 10 000 pessoas. “Esse é o principal indicador do sucesso de nosso programa”, diz o pastor mineiro Ivênio dos Santos, 40 anos, apresentador de *Círculo Três*. Entusiasmados com a repercussão de *Círculo Três*, os batistas brasileiros instalarão um estúdio de gravação de videocassete na cidade paulista de Campinas, para preparar novas séries de programas na mesma linha. “Mesmo que isso nos custe muito dinheiro, vamos realizar esse projeto”, promete o pastor Perry Ellis, 52 anos, de São Paulo. Há outros programas protestantes na televisão brasileira. Sobre eles, *Círculo Três* leva uma decisiva vantagem: os testemunhos de brasileiros famosos convertidos à fé batista, como é o caso de João Leite.



CÉLIO APOLINÁRIO

João Leite: goleiro do time de Jesus

VEJA, 20 DE JULHO, 1983



A man with a mustache, wearing a dark suit, white shirt, and patterned tie, stands with his hands clasped in front of a large, arched tunnel entrance. The tunnel has a series of repeating arches, creating a strong sense of perspective. The lighting is dramatic, with the interior of the tunnel being dark and the entrance area being brightly lit.

icohafterprovis

94



A mesquita, na Barra da Tijuca: uma obra para 20 000 fiéis muçulmanos

Religião

Templo de Alá

Muçulmanos inauguram mesquita no Rio

Os 20 000 muçulmanos que vivem no Rio de Janeiro têm agora um lugar adequado para fazer a *salat-el-jumaa*, oração coletiva das sextas-feiras em que os fiéis se prosternam em frente ao *ki-lah*, altar que indica nas mesquitas a direção da cidade sagrada de Meca, na Arábia Saudita. A primeira mesquita do Rio, erguida na Barra da Tijuca, foi inaugurada na quinta-feira passada. E para a festa desembarcou no Brasil um convidado ilustre — o príncipe Mohamed Ben Talal El Hashimita, de 42 anos, irmão do rei Hussein, da Jordânia, e descendente em linha direta do profeta Maomé, que há treze séculos fundou o islamismo.

“Esta é mais uma prova do intenso relacionamento do Brasil com o mundo islâmico”, comentou o príncipe sobre a inauguração da mesquita, uma monumental obra de 400 metros quadrados, construída ao preço de 200 milhões de cruzeiros pelo cônsul honorário da Jordânia no Rio de Janeiro, Ahmad Mukhtar, engenheiro, autor e fi-

nanciador do projeto. Sem imagens dependuradas nas paredes, totalmente pintadas de branco, o salão de orações ocupa 400 metros quadrados no segundo andar da mesquita e pode abrigar 1 500 pessoas nas orações coletivas, conduzidas por um *sheikr*, sacerdote que normalmente gasta dezenove anos para se formar em algumas das universidades islâmicas espalhadas pelo mundo árabe.

PARTES IMPURAS — No andar de baixo, estão instalados os banheiros, comuns a todos os templos muçulmanos, onde os fiéis fazem suas abluções, ou seja, lavam o rosto, pés, mãos e os órgãos genitais, partes do corpo consideradas impuras, antes de participar dos cultos. Isso acontece também nas outras onze mesquitas espalhadas pelo Brasil, três delas em São Paulo — duas ainda em construção —, onde se concentra a maior comunidade islâmica do Brasil, com 200 000 fiéis.



O salão de orações: paredes brancas e lugar para 1 500 pessoas



Mohamed Ben Talal: uma prova de boas relações

Os preceitos da religião muçulmana exigem grande perseverança dos seus adeptos. Eles rezam cinco vezes por dia e estão obrigados a visitar Meca pelo menos uma vez por ano. Além disso, devem destinar 2,5% dos seus ganhos à mesquita que freqüentam. “Por ser a única religião escolhida por Deus, o islamismo requer toda dedicação de seus fiéis”, afirma o diretor do Centro Islâmico do Brasil, em São Paulo, Ali Al Rifai Nimatullah, 52 anos, há cinco no Brasil e que até hoje não fala português. O duro regime não atrai os brasileiros. Dos cerca de 1 bilhão de muçulmanos existentes no mundo, concentrados em sua maioria nos países asiáticos, apenas 500 000 moram no Brasil e, destes, pouco mais de uma centena são convertidos brasileiros sem ascendência árabe. ●



A concentração das emissoras que irradiam o programa, só na região Sul, e Rabello à frente da equipe



Religião

A cadeia da fé

Aos quarenta anos de vida, o programa A Voz da Profecia chega a 4 000 municípios brasileiros

Às 12h30 em ponto, a Rádio Equatorial de Macapá, no Amapá, começa a transmitir o programa religioso A Voz da Profecia. No mesmo horário, o quarteto vocal Arautos do Rei, que tradicionalmente abre esse programa com um cântico sacro, também gorgoeja pelas ondas da Rádio Clube de Pouso Alegre, em Minas Gerais, e da Rádio Cultura de Canguçu, no Rio Grande do Sul — duas outras pontas-de-lança de uma impressionante malha de 340 estações de rádio e vinte de televisão, que leva diariamente a mensagem da Igreja Adventista do Sétimo Dia a 4 000 municípios brasileiros. Basicamente, o recado espalhado pelos quatro cantos do país é um só: as pessoas, diz A Voz da Profecia, devem estar preparadas para a iminente segunda vinda de Jesus Cristo à Terra, para premiar os bons e punir os maus.

Mais antiga cadeia radiofônica religiosa do país, com quarenta anos de existência, A Voz da Profecia rivaliza em popularidade com a Ave Maria dos católicos, irradiada todas as tardes por párocos do interior. Com uma diferença: os programas de Ave Maria são vários, enquanto A Voz da Profecia é um só, realizado na mesma central de produção e transmitido aos quatro can-

tos do país. A receita bem-sucedida do programa adventista, cujas transmissões duram sempre 15 minutos, consta de cânticos, palestras, conselhos sobre a prevenção de doenças e respostas a cartas procedentes de todo o Brasil —



A multiplicação das fitas

uma montanha de 19 000 cartas por mês. Na sede do programa, um edifício de quatro andares no bairro carioca de Botafogo, há um arquivo com 3 milhões de fichas de ouvintes e telespectadores. "O segredo de nosso programa é que ele é uma linha direta com as palavras de Jesus Cristo", diz o pastor Roberto Rabello, 72 anos, que o lançou em 1943 e até hoje é um de seus apresentadores.

EXERCÍCIO DE FÉ — Como toda religião, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, fundada nos Estados Unidos há um século e meio, quer fazer novos adeptos. E consegue isso graças sobretudo à mensagem que veicula pelo rádio e pela televisão — seus adeptos eram 110 000 no país em 1968 e hoje são 350 000. Mas o programa tem também milhares de ouvintes de outras religiões, conforme atestam os arquivos da organização. "A Voz da Profecia é um tenaz exercício de fé", qualifica a ouvinte carioca Eliane Raposo, 56 anos, católica praticante. Ela e o marido, Agenor Raposo, 64 anos, metodista convicto, há vários anos não perdem um único programa da série. "Acato a verdade, venha ela de onde vier, desde que seja cristã", explica Raposo.

Os adventistas abominam o álcool, o fumo e a dança, não admitem o desquite, o divórcio e o sexo pré-matrimonial, consideram antinatural a mulher se pintar, são vegetarianos e não se metem em política. A Voz da Profecia segue essa linha de rígido moralismo e vai, com isso, alargando sua audiência, principalmente pelas cidades do interior, onde seus apelos

apresentam maior capacidade de sedução. Além do teor religioso e moral o programa é sustentado por uma bem organizada organização, que trabalha com disciplina e polpudas somas em dinheiro. Segundo seu diretor-geral, o pastor José Bellest Filho, 49 anos, a produção do programa e a compra de espaço nas emissoras para transmiti-lo consumirão este ano cerca de 1 bilhão de cruzeiros. O grosso desse dinheiro é obtido com a venda de pequenos anúncios antes e depois de sua apresentação, mas há outras fontes de renda. Uma delas são as três coletas anuais realizadas entre os ouvintes. Outra são as contribuições de adventistas americanos. E outra ainda são os 200 milhões de cruzeiros anuais que os adventistas recebem da organização de assistência médica Golden Cross — graças a um convênio entre essa entidade e os vinte hospitais mantidos pela Igreja Adventis-



Conrad: a mesma firmeza de Rabello



Haroldo Lobo, um ouvinte-símbolo: há quarenta anos sintonizado no programa

ta no Brasil. "Somos uma igreja dentro da igreja", diz Bellest Filho.

Nos vinte anos iniciais, *A Voz da Profecia* era produzida e gravada nos Estados Unidos, onde surgiu a fórmula e até hoje é feito um programa com o mesmo nome, para os países de língua inglesa. O pastor Rabello, considerado "o pai da versão brasileira", deslocava-se até um estúdio nos arredores de Los Angeles e durante três meses gravava programas para um ano inteiro, que ele mesmo redigia. Os primeiros tempos foram duros. Como não existiam no Brasil muitos aparelhos de rádio, Rabello tinha de convencer os poucos adventistas espalhados pelo país a retransmitirem o programa em alto-falantes colocados em praças públicas. Depois, quando o programa come-

çou a penetrar mais nas emissoras de rádio, alguns donos de estações precisaram ser convencidos de que ele não espalhava nenhuma heresia.

VINDA DE JESUS — Hoje, a situação melhorou muito. Desde 1963, *A Voz da Profecia* é produzida no Rio de Janeiro, num estúdio que custou na época 50 000 dólares (o equivalente a 42 milhões de cruzeiros). As gravações são feitas por seis técnicos de som, em máquinas que trabalham velozmente e produzem várias cópias ao mesmo tempo. Já os teipes de TV são a repetição com imagem dos programas de rádio, só que gravados em sua maioria num estúdio de audiovisual que a igreja possui em Curitiba.

Com mestrado em Teologia e Comuni-

cação nos Estados Unidos — e, sobretudo, um homem profundamente religioso —, Rabello prega com ardor e tenacidade, mas não exhibe grande entusiasmo pelos rumos que a humanidade vem tomando. "Apesar do nosso esforço, ela continua mergulhada na escuridão da lassidão moral, da escalada do crime e da preparação para a guerra", diz ele. Depois de tantos anos de trabalho, Rabello vai aos poucos cedendo o lugar a seu colega Roberto Conrad, 40 anos, também com mestrado em Teologia e Comunicação nos Estados Unidos e dono da mesma firmeza de convicções. "O remédio para a escuridão é o próximo advento de Jesus Cristo", sustenta Conrad.

Juntos, os dois ainda realizam apresentações ao vivo no interior do Brasil, onde, ao propalar o anúncio da segunda vinda de Jesus Cristo, são às vezes confundidos com futurólogos. "Desfeita a dúvida, emerge o sentimento espiritual e muitos se tornam adventistas fervorosos", conta Conrad. Os pastores também se sentem recompensados com o fervor demonstrado pelos ouvintes do programa. Há alguns particularmente fiéis, como o adventista carioca Haroldo Lobo, 82 anos. Há quarenta anos, o botão de seu rádio está sintonizado em *A Voz da Profecia* e, no tempo que lhe resta de vida, não lhe ocorre ouvir outra coisa. "Só os ignorantes zombam das profecias transmitidas no programa", diz ele, também fazendo sua pregação, no estilo do que ouve dos pastores em seu aparelho de rádio.



Eliane e Raposo: devoção ecumênica

FOTOS FERNANDO PIMENTEL

Das Vorgehen der brasilianischen Militärs gegen die seit 1. April streikenden Metalldarsteller in den Industrievorstädten von São Paulo wird täglich härter. Wie telefonisch aus Brasilien zu erfahren war, fand am Samstag, den 26.4., in São Bernardo (Industrievorstadt von São Paulo, wo die gesamte ausländische Automobilindustrie angesiedelt ist) eine große Streikversammlung statt, bei der Militärpolizei mit Maschinengewehren im Anschlag das Gebäude umstellte. Um Verhaftungen zu verhindern, versuchten Parlamentsabgeordnete und Senatoren, den wichtigsten Gewerkschaftsführern in ihren eigenen Wagen persönlichen Gelächtschutz zu geben. Agenten der politischen Polizei DOPS stoppten den Wagen des prominenten Abgeordneten Freitas Nobre und warfen Tränengasbomben ins Wageninnere, als dieser sich weigerte, die Türen zu öffnen und die Verhaftung der Gewerkschaftler José Venancio und Gilson Correa zuzulassen. Trotz mutigen Eingreifens konnte auch der Führer der größten brasilianischen Oppositionspartei PMDB (Partei der Demokratischen Bewegung Brasilien), Ulysses Guimarães, der sich auf der Versammlung mit den Streikenden solidarisch erklärt hatte, nicht verhindern, daß ein dritter Gewerkschaftler, Emílio Simões, abgeführt und zur früheren als Folterzentrum benutzten DOPS in São Paulo gebracht wurde. Dort werden auch die am 18./19.4. verhafteten 13 Gewerkschafter, darunter der Gewerkschaftsführer "Luiz", gefangengehalten. Mit Spannung wird der Verlauf der für den Wochenanfang angekündigten neuen Streikversammlungen der Metalldarsteller erwartet. Trotz der Verhaftungen und täglich zunehmender Präsenz des Militärs in den Straßen und vor Fabriken, sowie möglichen Versammlungsorten steht der Streik weiterhin mit einer Beteiligung von rund 90%. Alle großen Automobilfabriken stehen still.

(Dazu Informationen aus der brasilianischen Wochenzeitung "Movimento" vom 27.4.)

In den ersten 17 Streiktagen verzeichneten die Montagewerke in ihrer Produktion einen Verlust von 38.240 Wagen, nicht gerechnet die Produktion von Motoren, Gangschaltungen und Auto-Ersatzteilen. Das brasilianische Volkswagenwerk soll nach eigenen Angaben Verluste in Höhe von 93 Mio



Procissão em São Paulo: o ponto alto do aniversário do nascimento de Buda

Religião

Raízes do Oriente

Crescem no Brasil as sementes do budismo e ele deixa de ser visto como uma religião exótica

Os budistas de todo o mundo, fiéis a uma tradição chinesa e japonesa, comemoram este mês a maior data de sua religião — o nascimento, a 8 de abril do ano 560 a.C., de Sidarta Gautama, que passou à História com o nome de Buda, ou seja, o "Iluminado". No Brasil, os festejos ocorrem num momento em que essa fé mostra redobrado vigor, principalmente em centros como São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, onde já atuam 300 monges. Os budistas brasileiros eram 150 000 em 1963 e hoje são 300 000. Esses números podem não representar com exatidão a realidade, pois também por tradição eles costumam filiar-se a duas ou mais seitas ao mesmo tempo — e oficialmente existem seis diferentes sei-



Mestre Tokuda, de Belo Horizonte, e discípulos: a fé incommunicável

tas budistas no país. Mas ainda assim são significativos.

É sob esse signo triunfal que os budistas nacionais comemoram este mês, com coloridas cerimônias rituais, o nascimento de Buda. O ponto alto dos festejos foi uma procissão de crianças, liderada por quinze monges em trajes típicos, que há quinze dias percorreu as ruas centrais da Liberdade, o bairro oriental de São Paulo. Na retaguarda do cortejo havia um carro alegórico com um grande elefante branco, todo em isopor, e sobre o seu dorso estava uma imagem do Buda menino. Segundo a tradição, antes de conceber o fundador do budismo, sua mãe sonhou que um elefante branco penetrava no seu ventre. Ela não teve dúvida: como o elefante branco é, no Oriente, o símbolo da realeza, estava sendo avisada que daria à luz um iluminado. Também como parte dos festejos, o mestre Ryotan Tokuda, 45 anos, de Belo Horizonte, ordenou dois novos monges de sua seita, o zen-budismo.

A FÉ PELA PRÁTICA — Curiosamente, o budismo se expande no Brasil sem empreender campanhas missionárias do tipo das que fazem, por exemplo, os pastores pentecostais. "Não recusamos quem vem até nós, mas também não corremos atrás de ninguém", diz o monge paulista Ricardo Mário Gonçalves, 43 anos, da seita Higashi Honganji. Em 1981, ele e a mulher, a obstetra pernambucana Ivonete Silva Gonçalves, viajaram até o Japão para se tornarem os primeiros ocidentais a serem ordenados na Higashi Honganji. Segundo Gonçalves, o budismo se difunde no Brasil principalmente através de livros, publicações e conferências, pronunciadas regularmente em todos os seus 220 templos no país.

A única escola a adotar uma tática



Azevedo: "Quando me tornei budista, em 1950, me olhavam como bicho raro"

diferente de proselitismo é a do budismo zen. Os adeptos dessa seita, principalmente em Belo Horizonte, onde fica sua sede nacional e residem, além do mestre Tokuda, sete dos quinze monges zen existentes no Brasil, concentram seu trabalho na medicina oriental e na acupuntura. "As pessoas que se utilizam de nossos serviços acabam se tornando simpatizantes e até praticantes do zen", diz Tokuda. O que distingue essa forma de budismo das demais é, sobretudo, a ênfase na meditação, e o fato de seus adeptos terem de permanecer sentados horas a fio, em exercícios de imobilidade total.

Segundo Tokuda, o zen é incomunicável, pois pertence ao plano da intuição e da experiência. Se transmitido intelectualmente, deixa de ser zen. Assim, um de seus mais ilustres adeptos brasileiros, o poeta paranaense Paulo Leminski, 39 anos, conta que descobriu essa linha do budismo praticando judô. "O zen é o budismo aplicado às artes, principalmente às artes marciais, e só se chega a ele através da prática", explica Leminski.

O budismo foi introduzido no Brasil em 1908, pelos primeiros imigrantes japoneses, mas só a partir de 1951 é que desembarcaram no país os seus primeiros monges, todos do Oriente. Ainda hoje, mais de um terço de seus adeptos

são filhos ou netos de japoneses, mas há também muitos descendentes de europeus entre eles. Boa parte dessa clientela nacional é formada por intelectuais, fascinados por uma religião que não tem teologia, nem dogmas, nem pecados e que não se preocupa com a busca de um Deus — o essencial é que o fiel se transforme a si mesmo e, depois, transforme o mundo a sua volta. Qualquer que seja a razão da escolha, os budistas brasileiros já deixaram de ser vistos como adeptos de um credo exótico. "Quando comecei a praticar o budismo, em 1950, todo mundo me olhava como um bicho raro", conta o engenheiro Murilo Nunes de Azevedo, 63 anos, o introdutor do zen no Brasil. Trinta anos depois, esse ex-professor da PUC do Rio de Janeiro dirige um magnífico templo em Brasília, freqüentado por centenas de fiéis.



Gonçalves e a mulher: "Não andamos atrás de ninguém"

Ovelha perdida

Os franciscanos expulsam um frade dissidente

Num comunicado de apenas 37 linhas, a província franciscana de Olinda, em Pernambuco, anunciou uma medida radical, raramente colocada em prática em qualquer ordem católica: a expulsão do frei Matias Gonzaga de Figueiredo, 49 anos, trinta dos quais de sacerdócio. Frei Figueiredo, que vive em Campina Grande, na Paraíba, foi acusado de "de agir há vários anos à revelia de qualquer orientação da Igreja Católica". Na raiz de sua expulsão há um fato curioso: frei Figueiredo é um admirador do espanhol Clemente Dominguez



Frei Figueiredo: "Há outros como eu"

Gomez, um ex-seminarista católico que se autoproclamou papa em 1978, com o título de Gregório XVII, "para corrigir os desvios do Concílio Vaticano II".

Em Gregório XVII, frei Figueiredo admira a intenção de combater a liberalização da Igreja Católica, por meio da criação de uma nova seita, a Igreja do Palmar de Troya, com sede nos arredores de Sevilha. "Frei Figueiredo é um caso patológico", acusa o provincial dos franciscanos, Honório Leão Brasil. "Não nos restava outra alternativa senão expulsá-lo." De agora em diante, Figueiredo está proibido de celebrar missas e ministrar sacramentos, salvo com autorização especial do bispo de onde se encontrar. Mas fez uma revelação: ele foi apenas o primeiro brasileiro seguidor de Gregório XVII a ser descoberto na Igreja Católica. "Há outros como eu, mas ocultos", garante.

VEJA, 25 DE ABRIL, 1984

Religião

Volta às raízes

Tradicionalismo judaico se expande no Brasil

Os homens vestem roupas sóbrias, geralmente têm a barba comprida e jamais ficam com a cabeça descoberta — usam o solidéu quando estão dentro de casa e chapéu ou boné quando saem à rua. As mulheres compete vigiar a observância dos preceitos religiosos que orientam o cardápio da família, como não comer carne de porco ou de peixes sem escamas nem misturar leite com carne. São os adeptos do Beit Chabad, um movimento tradicionalista judaico que pretende levar os israelitas de todo o mundo a retomarem os rígidos costumes estabelecidos pelo seu livro sagrado, a Tora. Nos Estados Unidos, eles já seriam 300 000, 50 000 dos quais somente no bairro nova-iorquino do Brooklin. No Brasil, seu primeiro núcleo surgiu há pouco mais de dez anos, mas ultimamente vem ganhando grande impulso. Voltado basicamente para a formação de jovens e crianças, o Beit Chabad já tem 6 000 inscritos em



O rabino Alpern e um grupo de alunos: pioneiro do Beit Chabad no país

seus cursos infantis, e alguns de seus membros calculam que 10% dos judeus brasileiros já aderiram à organização.

“EXÉRCITO DIVINO” — “Os judeus vinham se afastando de sua mais autêntica tradição”, diz o rabino Shabsi Alpern, 47 anos, de São Paulo, o introdutor do movimento no Brasil. O Beit Chabad é uma organização antiga. Foi fundada em 1780, na Lituânia. Mas só tomou um verdadeiro impulso depois de 1940, quando

seu centro mundial passou a ser Nova York. Hoje, os pronunciamentos feitos naquela cidade pelo grande líder mundial do movimento, o rabino Menachen Schneerson, são transmitidos por TV a cabo para todos os Estados Unidos e por um sistema de telefonia para o resto do mundo, inclusive o Brasil. “Trata-se de um verdadeiro fenômeno de marketing religioso”, diz o rabino Henry Sobel, da Congregação Israelita Paulista.

Sobel, um rabino liberal, diverge do

Beit Chabad, mas também não o critica. “Seus adeptos abraçam a religião com alegria e entusiasmo”, reconhece ele. Outros judeus valem-se de argumentos baseados na vida prática para criticar as prescrições da organização, como a obrigatoriedade da guarda do sábado — dia em que um judeu ortodoxo não pode sequer ligar o fogão ou acender as luzes da casa. “Hoje em dia é muito difícil seguir preceitos como esse”, diz Salomão Teig, 50 anos, dono de quinze lojas de roupas em Curitiba e presidente da Federação Israelita do Paraná. “Eu, por exemplo, desrespeitaria minha freguesia se fechasse minhas lojas aos sábados.” Mesmo assim, a ação do movimento prossegue com força. Os jovens assistem a cursos sobre a cultura e a religião de seu povo, recebem orientação sobre rezas e até sobre a tradicional culinária judaica. As crianças são reunidas no “Exército Divino”, organizado no estilo dos escoteiros, no qual vão sendo promovidas à medida que praticam boas ações. “O Beit Chabad faz os judeus voltarem a suas raízes”, garante o rabino Alpern.

Golpe na fé

O candomblé baiano perde uma árvore sagrada

A comunhão do candomblé com a natureza, que fez da cidade de Salvador uma espécie de canteiro da fé, com árvores e arbustos sagrados por toda a parte, sofreu um duro golpe na semana passada. Morreu e foi ao chão o “iroko” — o nome da gameleira em iorubá, a língua dos orixás — que guarne-

cia a Casa Branca, o mais antigo terreiro de candomblé da Bahia. Aos pés dessa árvore, que os frequentadores do terreiro diziam ter mais de duzentos anos, oraram, cantaram e depositaram suas oferendas várias gerações de pais e filhos-de-santo.

A morte do velho iroko, choradíssima em Salvador, foi cheia de significados. Ela ocorreu, por exemplo, três dias depois do falecimento de Marieta Cardoso, a mãe-de-santo do terreiro. Segundo o ogã (auxiliar e protetor do candomblé) Agnelo Pereira, 64 anos, os próprios orixás haviam avisado que a árvore tinha seus dias contados. Há vários anos o terreiro pedia à prefeitura da cidade, sem êxito, o socorro de um botânico. “As autoridades parecem brincar com as forças da natureza e com elas não se faz isso”, adverte Pereira, que também acusa a prefeitura de haver permitido, há alguns anos, a construção de um posto de gasolina num terreno vizinho à Casa Branca. Desde então, várias árvores do terreiro desapareceram. “É a reação dos orixás contra a profanação de seu solo sagrado”, interpreta ele.



O “iroko” no chão: os orixás haviam avisado

Religião

A lei da Bíblia

Crentes de Jeová esperam o reinado de 1 000 anos

Por todos os ângulos em que sejam analisados, eles constituem uma categoria especial de cidadãos: recusam-se a prestar serviço militar — e, por isso, têm os direitos políticos cassados —, preferem morrer a receber uma transfusão de sangue e sustentam que Satanás é o governante invisível do mundo. São os adeptos das Testemunhas de Jeová, seita cristã organizada há pouco mais de 100 anos, nos Estados Unidos, por Charles Taze Russell (1852-1916), e que hoje se espalha por mais de 100 países. Durante todo este mês, seus 35 000 adeptos no Brasil estarão reunidos em 52 congressos, realizados em 42 cidades do país. A mais importante dessas assembleias aconteceu na semana passada, em São Paulo, sede nacional das Testemunhas de Jeová, no interior do Ginásio do Ibirapuera.

Num tablado cercado por azaléias, petúnias e alto-falantes, cinquenta oradores falaram sobre os desígnios de Deus, durante três dias, para as 11 000 pessoas presentes. Do lado de fora, em duas piscinas de plástico, realizaram-se 200 batismos, todos com a imersão completa do crente. "A Bíblia nos ensina que tem de ser assim, e o que está escrito nela para nós é lei", diz Erlon Silva, 31 anos, porta-voz das Testemunhas de Jeová. Os adeptos da seita se reúnem em congressos para aprender a se defender das "tentações do mundo", como o sexo fora do casamento e as drogas. E, sobretudo, com o objetivo de estarem "livres de todo o mal" quando ocorrer a segunda vinda de Jesus Cristo à Terra, fato que julgam iminente. "Será um reinado de 1 000 anos de bonança", garante Craig Peixoto, 35 anos, outro porta-voz das Testemunhas de Jeová. "Satanás, por exemplo, será atirado às profundezas de um abismo."

LEÃO VEGETARIANO — A convicção das Testemunhas de Jeová em relação a essa segunda vinda de Cristo e às gratificações previstas para as pessoas que se prepararem para ela talvez explique o seu crescente sucesso, mesmo que algumas de suas profecias pareçam fantasiosas para os que não pertencem à religião. Por exemplo: acreditam que no paraíso que será transformada a Terra os animais selvagens deixarão de brigar e de atacar o homem, o lobo será amigo do

cordeiro e o leão se tornará vegetariano. Nos últimos vinte anos, as Testemunhas de Jeová cresceram 900% nos países em que estão instaladas. Atualmente, a seita tem 2 milhões de adeptos em todo o mundo. Esse número não reflete a realidade: adepto, para as Testemunhas de Jeová, não é o assistente eventual das sessões de seus "salões do reino" — espécie de igreja, embora eles recusem essa denominação —, mas aquele que, além de praticante fiel, faz pelo menos uma vez por semana pregações de porta em porta.

A seita deve sua expansão a muitas causas, mas sobretudo a esse paciente trabalho de porta em porta, feito em dupla. Desse método de evangelização ninguém escapa, pobres ou ricos, moços ou velhos. Em Salvador, por exemplo, o agrônomo Lauro Mata Peixoto, 48 anos, chefe do escritório regional da Sudene, de-



O batismo: sempre com a imersão completa



FOTOS JOÃO BITAR

O congresso em São Paulo: 11 000 fiéis no Ginásio do Ibirapuera

dica um dia da semana, em companhia da mulher Conchita, 42 anos, ao trabalho de porta em porta. "Façamos isso por amor a Deus", explica Peixoto. O casal, que mora num confortável apartamento do bairro de Chame-Chame, não desanima diante dos constantes constrangimentos que tem de enfrentar. Não é raro, em seu apostolado, encontrar pessoas que se recusam terminantemente a ouvi-los. Prova de que essa pregação funciona, no entanto, é o fato de que as revistas das Testemunhas de Jeová, *Despertai* e *Sentinelas*, vendem juntas 2,5 milhões de exemplares em língua portuguesa por mês.



● O casal Peixoto (à direita): em pregação



Adeptos de Bhagwan Shree Rajneesh em Rajneeshpuram: olhares beatificados à sua passagem na Alameda do Nirvana

Religião

Na rota de Jim Jones

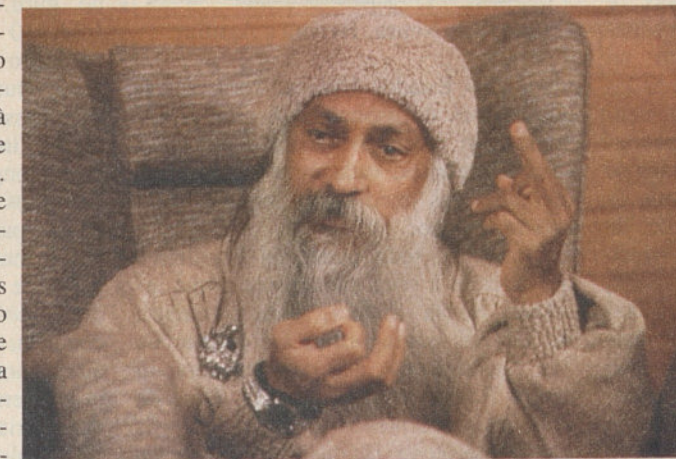
Nos EUA, os adeptos de um guru indiano se armam e arriscam uma tragédia semelhante à ocorrida na Guiana

Todos os dias, às 2 horas da tarde, os habitantes da cidadezinha de Rajneeshpuram, no Estado americano do Oregon, deixam o que estiverem fazendo e se alinham ao longo da Nirvana Drive, ou Alameda do Nirvana — a principal rua do local. Com olhares beatificados, eles vivem então uma experiência intensa — ver passar o guru indiano Bhagwan Shree Rajneesh, fundador de uma religião que mistura o milenar misticismo da Índia com apelos mais contemporâneos, como o incentivo ao sexo livre. A bordo de um Rolls-Royce — um dos 72 pertencentes à comunidade —, Bhagwan Shree Rajneesh acena para seus fiéis. Ali em Rajneeshpuram, cidade que a partir do nome é uma homenagem à sua força e seu prestígio, todos os 6 000 habitantes são seus fiéis. Durante o passeio de Rolls-Royce, Bhagwan Shree Rajneesh, de 53 anos, tem a oportunidade de comprovar, diariamente, o entusiasmo e o enlevo que uma simples e fugaz passagem sua é capaz de provocar.

No momento, porém, nem tudo é beatitude nos domínios do guru. Nos céus um helicóptero e nas ruas guardas fortemente armados vigiam, a cada dia, as evoluções do Rolls-Royce. Ocorre que Rajneeshpuram está virtualmente em pé de guerra. Provocadas por vizinhos que se sentem incomodados com a seita, correm no Estado do Oregon ações que podem resultar tanto na expulsão de Rajneesh dos EUA como no

desmantelamento da cidade que fundou num antigo rancho. Em face dessa ameaça, os habitantes de Rajneeshpuram começaram a estocar armas. Segundo a revista *Oregon Magazine*, eles já teriam mais armas, hoje, do que toda a polícia do Estado do Oregon. Com isso, desenha-se o risco de uma tragédia que poderia ser um misto da brasileira Canudos com o suicídio coletivo dos 900 adeptos da seita do reverendo Jim Jones, em 1978, na Guiana.

NÚMEROS MILIONÁRIOS — Esta não é a primeira vez que o idolatrado Bhagwan — nome que, literalmente, significa “O Abençoado” — se mete em dificuldades. Em sua Índia natal, em que fundou sua religião, na década de 70, e para onde atraiu hordas de jovens europeus e americanos, ele acabou hostilizado tanto por compatriotas indignados com as histórias de prostituição, abuso sexual e uso de drogas que cercavam sua comunidade como pela decisão do governo indiano de cassar-lhe a imunidade fiscal em princípio garantida para as religiões. Foi então que, impulsionado pela fama que já granjeara entre os ocidentais e a renda que lhe garantiam seus mais de 350 livros e negócios que começavam a se multiplicar, Bhagwan decidiu mudar para os EUA. A princípio silenciosamente, ele se instalou no Oregon, em 1981, com dez discípulos, e comprou o rancho onde ergueu sua cidade.



Bhagwan Shree Rajneesh: misticismo, sexo e negócios



O guru num de seus 72 Rolls-Royce: uma frota em constante expansão

Como muitas outras, nos Estados Unidos, a seita do guru indiano exibe números milionários. Além de uma editora que publica os livros e fitas com seus ensinamentos, Bhagwan se situa no comando de um complexo que inclui 35 restaurantes naturalistas e discotecas espalhados pelos EUA, um hotel em Portland, a principal cidade do Oregon, e vastas extensões de terra.

Os problemas começaram nos EUA, para Bhagwan, quando, já fortes e numerosos, seus adeptos instalados no rancho

conseguiram, há dois anos, maioria no Legislativo de Antelope — o município ao qual pertencem as terras onde se instalaram. Antigas famílias do local houveram por bem ir embora, esmagadas por uma turba que trazia consigo novas regras e novos valores. Uma das providências dos discípulos do guru foi, por exemplo, permitir o



Os sanyasis Neusa, Helena e Aguilar

vindo dos Estados Unidos, com os dados básicos do aspirante. Aceito, o novo sanyasi recebe o "mala", um colar com 108 contas, cada uma representando uma das meditações criadas pelo mestre indiano.

Como em toda parte, os brasileiros que aderem à seita adotam um nome indiano. Neusa Steiner, uma psiquiatra de 35 anos que agora se faz chamar de Ma Anand Rupo, é a coordenadora do centro Rajneesh de São Paulo. Dois de seus mais recentes e assíduos sanyasis são a psicóloga Helena Maria Esteves

nudismo no parque da cidade. Ao mesmo tempo, eles concederam autonomia administrativa para o lugar onde se situava o antigo rancho, agora sede do município imediatamente batizado de Rajneeshpuram.

Nada parecia conter a força dos recém-chegados. Aos poucos, porém, foram se armando resistências. Uma ação na Justiça contestou a legalidade da administração de Rajneeshpuram, com base no princípio constitucional que garante a separação entre Estado e Igreja. Uma outra contestou a lisura do ato que concedeu autonomia política à cidade. Já julgadas em primeira instância, essas ações se reverteram em reverses para o guru. Agora, espera-se apenas a decisão final da Suprema Corte do Oregon para ser revogada a autonomia.

Em Rajneeshpuram, o clima agora é de austeridade, capaz até de liquidar a mística permissiva do passado. Bhagwan profetiza que uma epidemia de AIDS matará dois terços da humanidade dentro de quinze anos e por isso proibiu beijos e impôs o uso obrigatório de luvas e preservativos nas relações sexuais. Garante-se no santuário que, caso a decisão final da Justiça seja mesmo contra a autonomia de Rajneeshpuram, e sejam enviados policiais para assegurar a posse de novas autoridades locais, haverá resistência. Ma Anand Sheela, a mulher que funciona como braço direito de Bhagwan e que permanentemente carrega um revólver na cintura, antecipa o que acontecerá: "Vou tingi-los com meu próprio sangue".

de Almeida, rebatizada Ma Prem Dhanyo, e o artista plástico José Roberto Aguilar, 43 anos, agora chamado Swami Antar Vigyan. "Apaixonei-me pelo Bhagwan nos Estados Unidos", diz Aguilar. "Ele me deu liberdade e vontade de viver." Há casos, porém, de pessoas que abandonaram com amargura o barco do guru. O ex-seminarista Wilson José, 30 anos, tem uma penosa recordação de sua experiência com a seita. Durante seu período de iniciação, passou três dias recluso num sítio no interior de São Paulo, onde fazia longas caminhadas no mato, de olhos vendados. Numa segunda etapa, passou quinze dias ingerindo doses matinais de água e sal, como parte de um ritual de "purificação do corpo". Ao final desse período, começou a vomitar sangue e então abandonou tudo. Hoje, Wilson José já está em outra: é um dos donos da danceteria punk Madame Satã, em São Paulo.

No Brasil, duas filiais da seita do guru

O guru Bhagwan Shree Rajneesh conquistou adeptos até no Brasil. Eles seriam por volta de 1 000, segundo suas próprias estimativas, e freqüentam dois centros de meditação, um em São Paulo e outro no Rio de Janeiro, ambos autorizados pelo mestre indiano. Nesses centros, realizam-se sessões de meditação e expressão corporal, dança-se e vendem-se livros e fitas com os ensinamentos do guru. A sede de São Paulo é uma casa de cinco quartos, praticamente sem móveis, no bairro do Sumaré. Por 2 000 cruzeiros, qualquer pessoa pode participar de uma sessão de meditação e dança. Para ingressar na seita como discípulo, ou sanyasi, deve-se primeiro preencher um formulário

mich zurücklassen, dann irrst du dich ganz gewaltig.¹⁸⁰

So trat Dorothy am 26. Juli 1948 mit siebzehn Jahren in Cincinnati bei den „Sisters of Notre Dame de Namur“ ein und schloss die High School ab, als sie bereits im Postulat war. Während des Noviziats widmete sie viel Zeit dem Gebet und dem Studium, das sie für ihre zukünftige Aufgabe als Lehrerin vorbereiten sollte. Sie übte sich in den einfachen Lebensstil der Schwestern ein und träumte davon, eines Tages in die Mission gehen zu dürfen. So schrieb sie 1949 mit 18 Jahren an ihre Oberin: „I would like

to volunteer for the Chinese missions.“¹⁸¹ Im selben Jahr aber zog man sich aus der Chinamission zurück. Ihre Hoffnungen wurden zunichte gemacht. Sie kam nie nach China, dennoch sollte ihr missionarischer Traum bald in Brasilien wahr werden.

Als 25-Jährige legte sie 1956 die ewigen Gelübde ab. Dorothy Stang studierte Geschichte und Pädagogik an der Universität in Belmont/Kalifornien und schloss später einen Aufbaustudiengang¹⁸² am Zentrum für Soziale Forschung und Aktion in Rio de Janeiro an.¹⁸³

2.3 Lehrtätigkeiten in den USA - Immigrationspastoral als einschneidende Erfahrung

Die Jahre '51 bis '66 waren von Lehrtätigkeiten an verschiedenen Ordensschulen in den USA geprägt. Zunächst arbeitete sie als Lehrerin an der St. Victor und St. Alexander School in Chicago/Illinois, später an der Most Holy Trinity School in Phoenix/Arizona, wo sie bald als Direktorin die Verantwortung trug.¹⁸⁴

Als Gegenpol zu ihrem Beruf als Lehrerin für Töchter Besserverdienender nahm sie sich während dieser Zeit in besonderer Weise immigrierter süd- und mittelamerikanischer Saisonlandarbeiter an. „Jeden Freitag nach Schulschluss sprang Schwester Dorothy am liebsten in den Kombi, um gen Westen nach Glendale zu fahren, wo die Salatplantagen von immigrierten mexikanischen Arbeitern abgeerntet wurden“, erinnert sich eine Schülerin Dorothy.¹⁸⁵ Das Schicksal und die Geschichten der Migranten berührten Schwester Dorothy zutiefst und so wurde die Migrationspastoral zu einer einschneidenden Erfahrung auf ihrem Lebensweg. Sie kam immer mehr zu der Überzeugung, dass sie ihr Leben den

Armen und Benachteiligten der Gesellschaft widmen möchte und das etwas für sie getan werden muss, damit sie in Würde leben können.¹⁸⁶

Zu dieser Zeit berief Papst Johannes XXIII. in Rom das 2. Vatikanische Konzil ein. Es wollte ein Konzil der Sorge der Kirche um die Menschen selbst sein¹⁸⁷ und kann in diesem Sinn primär als pastorales Konzil verstanden werden. Die Veränderungen, die sich Johannes XXIII. für die Kirche und das Volk Gottes wünschte, sprachen Schwester Dorothy aus tiefstem Herzen an. Das, was die Konzilsdokumente auf dem Papier festhielten, setzte sie in die Praxis um, indem sie ihr pastorales Tun an den Menschen in der gegenwärtigen Welt ausrichtete, mit all ihren Bedürfnissen, Ängsten und Nöten. Als äußeres Zeichen für ihre Präsenz in der Welt und bei den Menschen, legte sie ihren Habit ab.

Etwa zur selben Zeit, in den 1960er-Jahren, entstand in der Kirche Lateinamerikas die

180 Eigene Übersetzung. Originalzitat: „Dorothy was one year behind me in school and when I told her that I was going to enter the convent she said, 'If you think you are going to enter the Sisters of Notre Dame and leave me behind you are sadly mistaken.'“ Holland/Stonehill, S. 1.

181 Mission magazine of the Sisters of Notre Dame de Namur, 2005.

182 In Brasilien nennt sich diese Zusatzausbildung „Pós-graduação“.

183 CIAS/IBRADES: Centro de Investigação e Ação Social ist das Sozialzentrum der Zentral-Provinz der Gesellschaft Jesu in Brasilien. 1968 wurde das Zentrum von der Brasilianischen Bischofskonferenz mit der Leitung des IBRADES (Brasilianisches Entwicklungsinstitut) beauftragt.

184 Raimunda Barborsa Alves: Dorothy à luz de Judite, unveröff. Monographie am Instituto Esperança Superior – IESPE, Programa de Pós Graduação, Pesquisa e extensão, Curso de Especialização em Ciência da Religião. Santarém, 2006, S. 39.

185 Eigene Übersetzung. Zitat im Original: „Every Friday after school, Sister Dorothy would jump in the nuns' station wagon and head west to Glendale, where the lettuce farms were harvested by migrant Mexican workers.“ Holland/Stonehill, S. 2.

186 Vgl. ebd.

187 Vgl. Rahner/Vorgrimler, S. 26.



O robô falante Esoterix e as esoteretes: como nas feiras comerciais

Comportamento

Festa esotérica

Os místicos se encontram no Rio de Janeiro

O pavilhão carioca do Riocentro já teve seus dias de baixo astral. Ao longo da semana passada, porém, as 70 000 pessoas que compareceram à 1.ª Feira Esotérica do Rio de Janeiro fizeram de tudo para manter elevados os bons fluidos do local, embarcando numa viagem mística sem precedentes na vida da cidade. Mesmo para os mais céticos, a feira foi um passeio diferente, orientado pelo falante Esoterix, um pequeno robô amarelo instruído para informar a programação do dia. Aos que preferiam um contato mais humano, ali estavam as “esoteretes”, recepcionistas vestidas com roupas espaciais, que pareciam saídas de filmes do gênero *Guerra nas Estrelas*.

Foi uma feira para esotérico nenhum botar defeito, onde não faltaram pirâmides de metal que atraíam filas de pessoas dispostas a pagar para ficar sentadas sob seus vértices — um ótimo remédio, segundo os entendidos, para se recuperar a energia perdida num dia de batalha. Havia de tudo: um



Pirâmide: fonte de energia

biomonitor para medir a tensão, um biogenerador para acabar com as dores e até um teste para descobrir o anjo da guarda de cada um. Nesse autêntico happening de esquisitices não faltou sequer a Casa de Exu, com suas figas contra o azar, búzios para a sorte e santinhos de Santo Antônio, o casamenteiro, recomendados para moças que desejam arrumar marido. E por apenas 74 000 cruzeiros se podia tirar uma foto da aura — a luminescência irradiada pela silhueta dos seres vivos.

PARTO NATURAL — Os visitantes se sentiam particularmente atraídos pelo estande da Fraternidade Aurora Espiritual, que só permitia a entrada de pessoas descalças e cujo anfitrião era Helder Carvalho, 48 anos, um cearense que trocou o 4.º ano da Faculdade de Direito pelos ensinamentos da ioga. Helder e sua mulher, a professora Fadinha, passaram a semana divulgando a ioga e exercícios de parto natural. Outras atrações concorridas foram os encontros de egiptologia e alquimia, palestras sobre psicotranse, catalepsia e um aplaudidíssimo curso ministrado pelo vampirólogo carioca Paulo Coelho, 38 anos. Como programa de preparação para o próximo verão, a 1.ª Feira Esotérica esteve ótima. ●



Zellaya, Sassi, Hanna e Sabatovics: continuadores da obra da médium

Religião

Sucessão no Vale

Junta sobe ao poder no lugar de Tia Neiva

No legado espiritual que deixou ao morrer, em Brasília, no último dia 15, a médium sergipana Neiva Chaves Zellaya, de 60 anos, nacionalmente conhecida por "Tia" Neiva, embutiu uma fórmula simples para manter coesa a Ordem Espiritualista Cristã Vale do Amanhecer — a comunidade mística que ela fundou e tornou famosa a partir da década de 60 —, a 53 quilômetros da capital do país. De acordo com sua última vontade, uma junta de quatro pessoas deverá suceder-lhe no comando da ordem: seu filho Gilberto Chaves Zellaya, 42 anos, o sociólogo e relações-públicas Mário Sassi, 64 anos, com quem a médium viveu maritalmente nos últimos sete anos, o empresário do setor gráfico Michel Hanna, 54 anos, o corretor de imóveis Nestor Sabatovics, 49 anos. Todos têm a mesma dose teórica de poder, mas o ex-companheiro de Tia Neiva foi investido do que se poderia chamar de "pulo do gato". Sassi, um relações-públicas da Universidade de Brasília que abandonou o emprego, a mulher e cinco filhos para viver com a médium, competirá julgar a autenticidade das eventuais "incorporações" da falecida líder do

Vale do Amanhecer. "Só eu tenho a chave disso", avisa ele. "Tia Neiva me conferiu esse poder."

A função de fiscal das evoluções do espírito da médium coloca Sassi um degrau acima de seus colegas de junta. Além disso, é inegável sua ascendência sobre os 5 000 habitantes locais. Paulistano do bairro do Brás, formado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e com cursos de especialização em Relações Públicas, Sassi é na verdade o principal artífice do sucesso de Tia Neiva. Escreveu quatro livros e uma dezena de folhetos sobre ela e articulou a transformação do Vale do Amanhecer numa autêntica seita que hoje tem ramificações em seis Estados e milhares de seguidores fiéis espalhados pelo país.



O túmulo onde Tia Neiva (ao alto) foi sepultada: devoção

MAQUILAGEM CARREGADA — O plano da junta é difundir, além dessas fronteiras, o legado de Tia Neiva. "Ela deixou todo um sistema organizado que pode funcionar até o fim dos tempos", garante Sassi. O legado de Tia Neiva, na verdade, é um prodígio de sincretismo religioso sem paralelos no Brasil. Divididos em médiuns e fiéis, os adeptos do Vale do Amanhecer veneram dos faraós do antigo Egito a Iemanjá, passando por deuses pré-colombianos e pelos guerreiros de Esparta. No topo dessa legião de divindades estão Jesus Cristo e Pai Seta Branca, apresentado como o espírito de um imperador inca que "encarnou" em São Francisco de Assis. Tia Neiva começou a conceber sua doutrina em 1959, quando era apenas uma motorista de caminhão que trabalhava na construção de Brasília. "De repente, passei a enxergar e a falar com espíritos, principalmente com Pai Seta Branca", conta ela. A doutrina de Tia Neiva também inclui a crença em transformações radicais no mundo quando surgir o terceiro milênio, com o cristianismo terminando o seu ciclo e dando espaço a outro ciclo religioso.

Mesmo coesa, a seita tende a se ressentir da falta da líder espiritualista. Não há no Vale do Amanhecer nenhuma pitonisa a sua altura. Entre os feitos de Tia Neiva destaca-se o episódio que envolveu o deputado federal Gustavo Faria, do PMDB carioca. Em meados de 1978, passando por dificuldades financeiras, Faria procurou a médium. Ela o tranqüilizou, garantindo que a crise passaria. No Natal do mesmo ano, Faria acertou na loteria. Tia Neiva também acertou sua última previsão política. Na reta final da disputa entre o falecido presidente Tancredo Neves e o deputado Paulo Maluf, ela vaticinou que nenhum dos dois chegaria à Presidência da República.



Enterrada como sempre apareceu em público — com maquilagem carregada, as sobrancelhas desenhadas, bem finas, pintura escura nos olhos e muita base no rosto —, Tia Neiva teve honras quase oficiais. O governador do Distrito Federal, José Aparecido, presente ao velório, prometeu a doação, de parte do governo, dos 22 hectares ocupados pela comunidade mística, ainda em situação irregular junto ao registro de imóveis de Brasília.

Religião

Festa de Jeová

Seita faz o seu maior congresso no país

Uma das mais inabaláveis crenças das Testemunhas de Jeová, seita cristã organizada há pouco mais de 100 anos nos Estados Unidos, é que no reino de Deus só há lugar para 144 000 eleitos. Seus adeptos fazem esse cálculo baseados no Apocalipse (14:1) e o defendem com a mesma convicção com que, também por motivos bíblicos, recusam-se a prestar serviço militar e a fazer transfusão de sangue. De acordo com esse apertado figurino, cerca de 19 000 das quase 163 000 pessoas que

compareceram no dia 25 ao Estádio do Morumbi, em São Paulo, no encerramento de um congresso promovido pela seita, podem considerar-se já sem a menor possibilidade de ascender à glória dos céus. A elas e à grande massa de fiéis estaria reservado o paraíso de quatro estrelas em que se transformaria a terra com a segunda vinda de Jesus Cristo, prevista para breve.



O congresso do Morumbi e, acima, o fiel Barr lançando o livro contra Darwin

Mesmo assim, as Testemunhas de Jeová protagonizaram a mais vigorosa demonstração da força de sua fé, desde a chegada ao Brasil, em 1923. O congresso bateu o recorde de público do próprio estádio, que pertencia ao jogo Corinthians e Ponte Preta, na final do campeonato pau-

Entusiastas dos congressos — no mesmo dia 25 ocorria no Maracanã, no Rio de Janeiro, uma concentração de 86 000 pessoas —, as Testemunhas de Jeová os organizam a fim de alertar as pessoas para as "tentações do mundo", como o sexo fora do casamento, o homossexualismo, as

drogas, o homicídio e o roubo. Com essa bandeira, a seita se multiplica. Nos últimos vinte anos, as Testemunhas de Jeová cresceram 900%. Oficialmente, a seita tem mais de 2,5 milhões de adeptos em todo o mundo e pouco menos de 200 000 no Brasil. Na prática, porém, esses números não refletem a realidade: as Testemunhas de Jeová não contabilizam como adeptas as pessoas que comparecem a congressos, mas apenas aquelas que, pelo menos uma vez por semana, fazem pregações de porta em porta.

O grande número de adeptos é comprovado pelas tiragens gigantescas das publicações da seita. No congresso de São Pau-

lo foi lançada a edição brasileira do livro *A Vida — Qual a sua Origem?*, que contesta a Teoria da Evolução, de Darwin, com uma tiragem de 2 milhões de exemplares. "A única explicação razoável para a criação é o Todo-Poderoso Senhor Jeová", disse o fiel americano J.E. Barr, que apresentou o livro. Nele, entre outras coisas, os autores tentam responder a uma dúvida que aflige a humanidade há séculos: quem surgiu primeiro, o ovo ou a galinha? Adeptas da teoria de que Deus criou todos os seres vivos do mundo, as Testemunhas de Jeová respondem: foi a galinha. ●

Padres casados

Ex-sacerdotes querem a bênção da Igreja

Estimativas admitidas de modo oficial pela Santa Sé indicam existem hoje, em todo o mundo, 70 000 sacerdotes católicos que abandonaram o ministério para se casar. Oitenta deles, na sua maioria acompanhados de mulheres e filhos, e representando quinze países, reuniram-se na semana passada em Ariccia, nos arredores de Roma, num Sínodo Universal dos Padres Casados e suas Esposas. Suas reivindicações: que a Santa Sé volte a atender com presteza os pedidos de dispensa do celibato e que eles possam se tornar sacerdotes e, ao mesmo tempo, se casar. "Muitos abandonam a Igreja Católica sem confessar os motivos da volta ao estado leigo, para não sofrer a tortura da espera da dispensa do voto de castidade", denunciou o holandês Ben Strik, 62 anos. "No tempo de João XXIII, as licenças saíam em dois ou três meses. Com João Paulo II, têm demorado anos."

O encontro de Ariccia foi a mais clamorosa e organizada ofensiva já empreendida pelos padres casados contra o rigor da Santa Sé. Dele participaram até um ex-bispo, o argentino Jeronimo Podestá, e sua mulher, Clélia. E também um raro exemplar de padre enamorado, o holandês Lambert Van Gelder, 45 anos, que foi a Ariccia com a noiva a tiracolo. Um dos mais aplaudidos, porém, foi o brasileiro Jorge Ponciano Ribeiro, hoje professor na Faculdade de Psicologia da Universidade de Brasília. Ele entrevistou 362 ex-padres brasileiros e descobriu que mais de 76% deles haviam desertado por "horror ao inferno do celibato". A dúvida dos participantes do inédito sínodo era como fazer chegar suas resoluções ao conhecimento de João Paulo II. É provável que se escolha o sistema do correio. ●

Falsos milagres

Seita cresce prometendo curas prodigiosas

A té o início deste ano, a filial da Igreja do Evangelho Quadrangular de Cachoeira do Sul, cidade gaúcha a 200 quilômetros de Porto Alegre, não conseguira arrebatar mais que uma centena de fiéis entre os 95 000 habitantes do município. Hoje, porém, o panorama é bem outro graças aos agressi-

va do Evangelho Quadrangular, o carismático "professor espiritualista" Nas-ser Bandeira, um atlético e bem-vestido jovem de 25 anos. Através da Rádio Jornal do Comércio local, onde mantém o programa diário "A Cadeia da Prece", e de folhetos profusamente distribuídos pela cidade, Bandeira lançou um convite a infelizes de toda espécie, dos cancerosos aos "problemáticos", dos paralíticos aos "enfeitados", prometendo-lhes nada menos que "a maior concentração de milagres já realizada no Rio Grande do Sul".

A promessa, evidentemente, não foi cumprida, mas durante quase duas horas Bandeira entreteve o auditório com sermões, preces, gritos, cantoria — e até mesmo socos, aplicados com a finalidade de expulsar demônios alojados nos corpos dos fiéis. Ao final, atirou a gravata e o lenço para a platéia em transe e fez correr o pires para recolher "contribuições voluntárias". Exausto, mas triunfante, ele acusou de "ciúmes" as críticas dos padres católicos. "Nem Roberto Carlos", jactouse, "botou tanta gente neste ginásio quando esteve aqui."



Bandeira: eletrizando...

vos e nada ortodoxos métodos de marketing espiritual dessa ramificação americana dos pentecostais, fundada em Los Angeles em 1918 e já disseminada por cinquenta países — inclusive o Brasil, onde afirma abrigar meio milhão de seguidores.

O avanço da seita pôde ser avaliado em Cachoeira do Sul, no último domingo de maio, durante uma reunião que exigiu não mais um salão, como antigamente, mas o vasto ginásio de esportes Dom Pedro I, o "Arrozão", onde se comprimiram cerca de 4 000 pessoas, em sua maioria gente humilde. O acontecimento serviu também para consagrar a mais nova estrela gaúcha da Igre-



FOTOS JORGE MEDITSCH

...a platéia em Cachoeira do Sul

Religião

Império contra-ataca

A seita Moon avança no país, ganha um rosto, uma sede imponente e um forte braço político

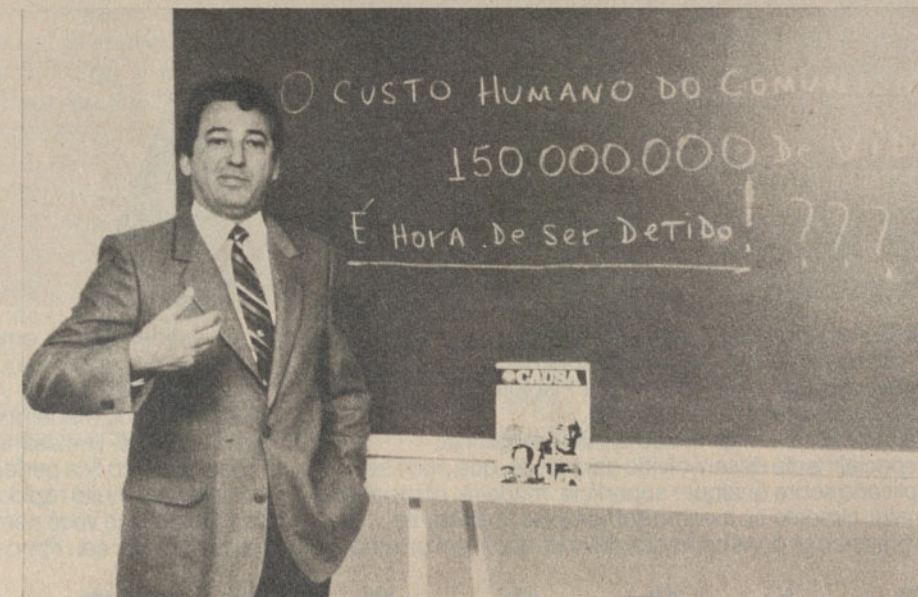
A barulhenta investida que sofreu em 1981, quando suas sedes foram depredadas, seus pastores acusados de aliciar menores e seus líderes presos, não liquidou a seita Moon. De lá para cá, a seita, que atende pelo nome de Igreja da Unificação no Brasil e segue os preceitos do fundador e líder mundial, reverendo Sun Myung Moon, um coreano de 66 anos, cresceu em silêncio. Enquanto refazia sua estrutura capilar por todo o país no anonimato, a seita Moon ganhou também uma sede imponente, um rosto e um braço político. "Não somos os bichos-papões nem os diabos com que quiseram nos confundir no passado", diz Osmar Valentim, o jornalista carioca que trabalhou como contraregra no cinema e faz as vezes de porta-voz da instituição. "Estamos em plena campanha para mostrar que isso foi uma invenção da televisão contra nós." A face mais explícita dessa fase de

"legalidade" da seita Moon é o novo prédio da Igreja da Unificação em São Paulo.

O quartel-general foi erguido no bairro de Pinheiros, uma tradicional zona residencial da cidade, e sua arquitetura em nada lembra as casas inexpugnáveis de muros altos em que a seita Moon costumou se encastelar no começo da década. Tampouco os adeptos do controverso reverendo coreano, que depois de uma temporada na cadeia acusado de sonegar impostos foi posto em liberdade nos Estados Unidos no ano passado, escondem-se mais. No dia 7 de setembro passado, com o prédio ainda em construção, a seita Moon promoveu um encontro aberto com a vizinhança. Os pastores distribuíram convites de casa em casa e conseguiram reunir 1 000 pessoas. "O prédio será um centro de educação e vivência", diz Valentim, que ainda não marcou a data de



A sede paulista: boa vizinhança



Rocha, o rosto de Moon no Brasil: líderes treinados para obedecer à Igreja

inauguração da nova sede. Com seus seis andares, o prédio vai servir também de abrigo aos adeptos internos da seita. Os vizinhos parecem não se incomodar — até mesmo aqueles que poderiam temer pela concorrência no trabalho de arrebatar ovelhas. “Vivemos numa sociedade pluralista e se a seita se pautar pelos ditames da lei devemos respeitá-la”, diz o padre Mauro Odorísio, vigário católico da paróquia de São Paulo da Cruz, de cuja sede se pode divisar o prédio da seita Moon.



GAMMA/SIGLA

Moon: interesse no Brasil

HOMILIA INTERROMPIDA — Profundamente anticomunista, posição ideológica que transforma em cerne de sua doutrina, a seita Moon no Brasil é, ainda, uma pálida projeção do que alcançou no exterior. O Departamento de Estado americano calcula que sejam 30 milhões os adeptos de Moon em todo o mundo. No Brasil são 6 500 os adeptos internos, missionários que vivem albergados nas sedes onde recebem alimentação e bolsas para continuar seus estudos em colégios e universidades. Os simpatizantes somariam já 250 000 pessoas. “Estamos recuperando uma boa imagem”, diz o biólogo e matemático paulista Miguel Rocha, 38 anos, o rosto da seita Moon no Brasil. Rocha, que em 1981 teve sua casa em Botucatu, no interior de São Paulo, apedrejada e incendiada por manifestantes revoltados com o aliciamento de adeptos comandado por ele, preside hoje a CAUSA, o braço político da Igreja da Unificação e ponta-de-lança dos interesses econômicos da seita.

É a CAUSA que oficialmente administra os bens da seita. Rocha viu-se na contingência de mudar-se de Botucatu para São Paulo, mas segue atuante. “Contribuímos com nosso apoio para eleger quinze deputados constituintes em todo o país”, diz ele. Além da bancada parlamentar simpática ao anticomunismo, a CAUSA patrocina e treina seus adeptos em todo o país para contraporem-se aos



FLAVIO CANALONGA

Padre Odorísio: respeito

padres esquerdistas da Igreja Católica. “Instruímos um líder local, geralmente uma professora primária, e o alertamos sobre a ameaça comunista”, ensina Rocha. “Em seguida mostramos a esse agente como rechaçar a pregação esquerdizante. Ele deve interromper o padre na homilia e protestar contra a pregação política num momento que deveria ser dedicado à religião.”

REDE DE EMPRESAS

Logo depois da inauguração do prédio paulista, o grande passo da seita Moon será o lançamento da *Folha do Brasil*, um semanário de circulação nacional. O jornal será eclético e trará as opiniões e posições da seita em editoriais, como ocorre com o *The Washington Times*, nos Estados Unidos, o órgão oficial da seita Moon, que tem mais de 100 000 exemplares diários com impressão a laser e transmissão de suas páginas para edições locais em cinco Estados americanos. No meio estudantil do Brasil já circula há alguns anos o jornal *Tribuna Universitária*, de ultradireita, que é financiado pela CAUSA. “Todo nosso esforço é para conter o comunismo, livrar os 43% da humanidade que vivem sob o jugo do totalitarismo”, diz Miguel Rocha. “E o Brasil tem um papel fundamental nessa tarefa. Na guerra entre o mundo livre e o comunismo, o Brasil será o fiel da balança.” Embora lute para se livrar da imagem de seita maldita que angariou nos episódios violentos de 1981, a Igreja da Unificação segue tendo

seus passos vigiados pelo governo. Há alguns meses a Polícia Federal concluiu um extenso relatório sobre suas atividades no país e o enviou ao presidente José Sarney. O documento dá conta de que a seita possui oitenta centros de organização no país e uma extensa rede de atividades econômicas lucrativas, que vão da venda de doces e bijuterias à produção de roupas. A seita possui ainda 78 barcos de pesca de camarão e lagosta, sediados em Belém, e catorze padarias em São Paulo.

Telex do futuro.

Personal-Nr.	Kd-Nr.	Arbeitgeber-Nr.	Dienstst.	UntDSt.	Abr Krs	Sachb. Nr.	Gbl. Nr.	Sei. Nr.
934020 0	0130	00078000151			05	0004	6	1

Religião

4.6.86 V

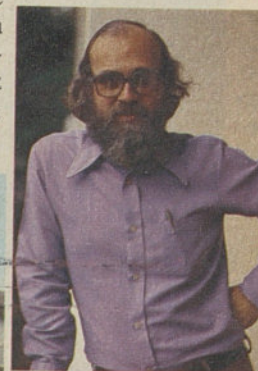
A fé que avança Luteranos fazem 100 anos com o seminário cheio

Ao comemorar um século de sua implantação no país, na semana passada, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, trazida pelos imigrantes alemães, tinha um motivo particular para celebrar: seu mais importante seminário na América Latina, na cidade gaúcha de São Leopoldo, a 34 quilômetros de Porto Alegre, estava lotado por 104 alunos, uma frequência jamais registrada nos anais do estabelecimento. “Não nos debatemos com o problema de vocações”, diz o pastor Walter Altman, 42 anos, diretor do seminário. Num vigoroso contraponto à fartura luterana, o maior seminário da Igreja Católica no país, em Viamão, a 27 quilômetros de Porto Alegre — que já chegou a possuir 310 alunos —, hoje apenas 149 candidatos ao sacerdócio. Os luteranos de origem alemã — existe outro ra-

mo menos numeroso, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, resultante de posterior atividade missionária americana — vinham dando outros sinais de bonança. Em 1980, formavam um contingente de 800 000 fiéis, 75% dos quais no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. No início deste ano, haviam se multiplicado para 1,18 milhão, num salto de aproximadamente 47%, e tinham cada vez mais adeptos em Goiás, Roraima, Pará, Acre e Amazonas.



O seminário de São Leopoldo e o diretor Altman: fartura



ADOLFO GERHART

SILVIO SCHNEIDER

dos gostariam de colaborar nesse trabalho”, informa Altman. Se a expansão demorou, foi por falta de proselitismo. “Não costumamos sair a público para fazer pesca em aquário”, diz Silvio Schneider, 37 anos, secretário-geral de comunicações da Igreja.

AN-Beitrag zur KV	131,80
AN-Beitrag zur RV	173,61
AN-Beitrag zur AV	59,08
AN-Beitrag zur PV	15,45
Summe ges. Abz.	654,16
Summe Nettobezüge	1163,79
Auszahlungsbetrag	1163,79
Überweisungsbetrag	1163,79



Silva, novos muçulmanos: a festa do novo ano ficou para 21 de março

Religião

Apóstolo de Alá

Embaixador do Irã propaga islamismo em Brasília

Como manda o Corão, livro sagrado dos muçulmanos, o embaixador Shahard Kanani Moghaddam, 31 anos, da República Islâmica do Irã, começou o seu apostolado pela própria casa. Há pouco mais de dois anos no posto, ele já converteu à fé islâmica dez das dezoito pessoas que trabalham sob suas ordens. Além disso, transformou a sede da representação diplomática do Irã em Brasília no principal centro de difusão do islamismo no país. A cidade de São Paulo continua a concentrar mais da metade dos 500 000 muçulmanos do Brasil, mas Moghaddam conseguiu fazer de sua embaixada uma espécie de meca nacional. A corrente mais promissora do embaixador do Irã está por acontecer na maior favela de Brasília, a Vila do Paranoá. No último Natal, ele distribuiu a seus moradores 7 toneladas de arroz, devidamente acompanhadas de mensagens religiosas e de panegíricos do aia Alá Khomeini.

Até agora, ninguém se converteu na favela, mas todos têm palavras elogiosas para Moghaddam e sua fé. "A religião dele é muito bonita e

o chefe do povo da terra dele, o que fez uma revolução, só pensa em ajudar os pobres", diz o favelado João Nonato Nogueira da Silva, 42 anos, pai de nove filhos.

Um dos primeiros seguidores da fé de Moghaddam foi o baiano Nilton Silva, 37 anos, caseiro da embaixada. "O embaixador sempre me convidava a passar para a sua religião", conta Silva, que, com a mulher e os sete filhos, todos católicos, se converteu em 1984. Na última passagem do ano, em vez da ceia habitual, os Silva passaram num shopping center no começo da noite do dia 31 e às 23 horas já estavam dormindo. Como bons muçulmanos, eles comemoraram a chegada do ano 1365 da fé islâmica a 21 de março.

PONTOS NO CURRÍCULO — Nem tudo transcorreu sem problemas para Nilton Silva. A sua filha Lidia, de 11 anos, foi ridicularizada na escola quando começou a ir ao colégio com o lenço na cabeça — as mulheres muçulmanas devem esconder os cabelos e o pescoço. Sua mulher, Maria, que além do lenço usa sempre uma túnica que vai do pescoço aos pés, ouve insultos na rua. "Já me perguntaram até se eu era santa", queixa-se ela. Os Silva, porém, foram avisados de que reações como essas são compreensíveis num país onde o islamismo não



Moghaddam: conversões

tem qualquer expressão cultural e onde existem apenas 25 mesquitas para seus adeptos orarem.

De sua parte, Moghaddam dá o exemplo do comportamento que deseja ver observado por todos os seus liderados: reza cinco vezes ao dia, voltado para Meca, na Arábia Saudita, a cidade sagrada dos muçulmanos, e leva uma vida espartana, evitando bebidas alcoólicas de qualquer espécie. Tudo indica que as conversões operadas por seu intermédio lhe valham pontos no currículo, junto a Khomeini. Moghaddam atribui os frutos de seu apostolado a uma suposta imagem positiva do Irã no Brasil. "Depois de nossa revolução, em 1979, o mundo está interessado em nossa religião", diz ele.

Perdão pelo ar

Roma concede indulgência via televisão e rádio

A doutrina católica acaba de se render às sedução do mundo eletrônico: segundo decreto da Sagrada Penitenciária Apostólica, um dos tribunais da Cúria Romana, os fiéis que assistiram pela televisão ou pelo rádio à missa de Natal do papa João Paulo II fizeram jus a uma indulgência plenária — espécie de anistia ampla e irrestrita dos pecados. Até então, só eram contemplados com esse benefício os católicos que estivessem fisicamente presentes aos locais onde elas eram concedidas ou que realizassem certas obras pias. Mais: os bispos de cada diocese estão agora autorizados a, três vezes por ano, conceder indulgências plenárias pela mesma via.

O decreto da Sagrada Penitenciária Apostólica foi bem recebido dentro da Igreja Católica. "Trata-se de uma medida de alcance moderno", definiu em São Paulo frei Patrício Sciadini, 40 anos, provincial dos Carmelitas Descalços e renomada autoridade no assunto. "Deus atinge as pessoas de muitas maneiras." O único temor dos católicos é que a ampliação do raio das indulgências crie problemas na aproximação ecumênica com os protestantes: o tema foi uma das raízes da revolta de Lutero contra Roma. No século XVI, o papa Leão X promulgou uma indulgência aos que dessem esmolas para a conclusão da basílica de São Pedro. Lutero denunciou abusos na venda da indulgência e inaugurou uma polêmica sobre seu fundamento, negando-lhe qualquer valor. Em 1519, Roma condenou a tese do reformador protestante, mas a lição ficou: a hierarquia católica deixou de distribuir indulgências com a antiga prodigalidade.



Carden: "Eles se julgam entendidos na Bíblia, mas a interpretam errado"

FOTOS PLÍNIO BORGES

Religião

Guerra santa

Instituto cristão ataca Testemunhas de Jeová

Uma guerra santa acaba de ser declarada contra o movimento religioso Testemunhas de Jeová pelos ativistas do Instituto de Pesquisas Cristãs (IPC). Há bons motivos para que seus adeptos comecem a preocupar-se. O IPC, fundado há duas décadas nos Estados Unidos por militantes de outras religiões cristãs que desejam combater as chamadas "falsas seitas", já empreendeu campanhas contra o reverendo Moon, os mórmons e os Meninos de Deus, com enormes prejuízos para suas reputações missionárias. Oficialmente, sua estratégia consiste em fornecer treinamento e argumentos para pastores e leigos fazerem esse trabalho. Mas, na prática, o IPC vai mais fundo do que isso. No Brasil, onde a organização se instalou em 1983, a campanha contra as Testemunhas de Jeová incluirá o lançamento de um videocassete, a publicação de folhetos e livros e o corpo-a-corpo direto com os adeptos do movimento — um trabalho já iniciado nas ruas de São Paulo. "Eles se julgam profundos entendidos na Bíblia, mas na verdade a interpretam errado", diz o evangélico Paul Carden, diretor-geral do IPC no Brasil. "É por esse flanco que vamos atacá-los."

A guerra santa do IPC parte de um pressuposto: os adeptos das Testemunhas de Jeová são levados pela doutrina do movimento a cometer "erros de credo" e precisam saber disso. Carden acredita que,

informados corretamente, eles abandonarão sua fé. "Não pretendemos que, depois disso, entrem para essa ou aquela igreja cristã", explica o diretor-geral do IPC. "Queremos apenas que aprendam a ler corretamente a Bíblia, algo que dentro de sua seita não conseguem fazer." Como exemplo dos equívocos de interpretação das Testemunhas de Jeová, Carden lembra que, de 1931 a 1952, seus adeptos eram proibidos de se deixar vacinar. "Afirmavam que a vacinação era uma violação do eterno convênio que Deus fez com Noé depois do dilúvio", diz ele. "Como acabaram descobrindo que essa interpretação não tinha qualquer fundamento, tiveram de voltar atrás." O diretor-geral do



Rinaldi e seu cartaz: corpo a corpo

IPC lembra ainda que, de 1967 a 1980, as Testemunhas de Jeová também não admitiam os transplantes. "Achavam que receber um órgão de outra pessoa era o mesmo que praticar canibalismo", diz ele.

SINAIS DOS TEMPOS — Todos os pilares das Testemunhas de Jeová estão sendo atacados. Os adeptos do movimento, por exemplo, condenam a transfusão de sangue e preferem morrer a se submeter a ela. O IPC afirma que essa proibição começou a vigorar em 1945 e, em vez de em fundamento bíblico, inspirou-se no racismo nazista: os soldados alemães capturados pelos aliados se recusavam a receber sangue, com medo de tê-lo misturado com o de judeus e negros. Mas o combate mais duro se dá no campo das profecias. Como a maioria dos movimentos milenaristas, as Testemunhas de Jeová acreditam que seus líderes espirituais, os catorze membros de seu Corpo de Governo, com sede nos Estados Unidos, estão credenciados a interpretar os "sinais dos tempos". Cada nova guerra e o aumento do índice de criminalidade seriam confirmações de que o fim do mundo está chegando. Trata-se de um ponto crucial para as Testemunhas de Jeová, que arrebanham adeptos batendo exatamente nessa tecla. Com o fim do mundo, ocorrerá a segunda vinda de Jesus à Terra, para um reinado de 1 000 anos de bonança, do qual participarão apenas os "justos" — ou seja, as Testemunhas de Jeová.

"O problema é que os líderes espirituais da seita têm-se enganado — e muito — na interpretação dos sinais dos tempos", diz o pastor Natanael Rinaldi, membro do IPC e da Igreja Evangélica Assembléia de Deus. "Eles já disseram que o fim do mundo ou o Armagedon iria acontecer em 1914, em 1925, em 1941 e finalmente em 1975. Em cada uma dessas ocasiões levaram milhares de pessoas a vender seus bens, pedir demissão do emprego e fazer outras coisas malucas. Ora, isso não é coisa que se faça." Na semana passada, carregando um cartaz com as "falsas profecias" das Testemunhas de Jeová, Rinaldi peregrinou pelas ruas centrais de São Paulo abordando adeptos do movimento. O embate não passou de ligeiras discussões, pois as Testemunhas de Jeová não estão interessadas em contra-atacar. "Tudo o que falamos está na Bíblia", rebate Erlon Silva, um dos líderes do movimento no Brasil. "Algumas Testemunhas de Jeová de fato fizeram previsões sobre o fim do mundo. Mas não era nada oficial."

VEJA, 8 DE JULHO, 1987

Poder de venda

Visita do papa aos EUA inspira comerciantes

Para um punhado de pequenos comerciantes americanos, a visita do papa João Paulo II aos Estados Unidos já começou. E de uma forma que não tem agrado em nada às autoridades eclesásticas daquele país e do Vaticano. Os americanos estão se preparando para receber o papa pela segunda vez com 1 tonelada de artigos colocados à venda com motivos da visita. Os pequenos fabricantes soltaram a imaginação e estão prevendo lucros enormes. Há desde o *popescopio*, uma espécie de periscópio para se ver o papa do meio



João Paulo II: a vida em quadrinhos, picolé e até um periscópio à venda

da multidão, ao *popescopio*, um picolé esculpido com a figura papal.

A mais estranha das lembranças que os americanos bolaram é um anel que imita a jóia usada pelo papa. Trata-se de um anel de plástico coberto de tinta dourada com um broche em forma de lábio atado. "Quando você beija o anel, ele o beija de volta", diz o fabricante Danny Geisler. O anel "beijoqueiro" será vendido a 3 dólares, o equivalente a 150 cruzados. "São iniciativas bem-intencionadas, mas que nada têm a ver com o clima que o papa deseja ver na visita", disse Carl Eifert, porta-voz da Conferência Católica dos Estados Unidos, a entidade equivalente à CNBB no Brasil.

77



A Grande Loja de Curitiba: centro de difusão da doutrina no Brasil

Religião

Escola de mistério

Os rosacruzes brasileiros, com sede no Paraná, estão numa fase de multiplicação acelerada de adeptos

Na vida cotidiana, os rosacruzes — adeptos de uma doutrina ocultista baseada em mistérios antigos, somente revelados a seus membros, que têm como símbolo a rosa e a cruz — não se distinguem dos mortais comuns. Levam vida normal, não se vestem de maneira diferenciada nem estão proibidos de fumar ou beber, como costuma acontecer com os adeptos de entidades esotéricas. No interior de suas lojas ou templos exercitam-se em peripécias mentais que desafiam a imaginação. Dependendo do grau de adiantamento no estudo de sua doutrina ocultista, os rosacruzes se dizem capazes de saber a hora certa sem consultar o relógio. Ou, então, de atravessar com os olhos fechados uma rua movimentada sem ser atropelados pelos carros. Tudo isso aconteceria graças aos fenômenos da telepatia e da "projeção da mente", cujos truques estariam ao alcance dos iniciados na doutrina.

Esse coquetel de misticismo

tem transformado a Antiga e Mística Ordem Rosacruz (Amorc), nome oficial da organização, numa das que mais crescem no Brasil. A Curitiba, onde fica a Grande Loja, sua sede nacional, um templo de estilo egípcio no bairro do Bacacheri, estão chegando 1 200 pedidos mensais de



Meditação dentro do templo: prática da metafísica

inscrição de novos sócios. No ano passado, aportavam ali cerca de 700 pedidos. De janeiro do ano passado a setembro deste ano, os rosacruzes apresentaram um aumento de contingente de 40%. Estima-se que já existam 200 000 rosacruzes no Brasil. "Nosso crescimento é excepcional", diz o engenheiro Charles Vega Parucker, gerente de vendas da BBC Brown Boveri, empresa fabricante de equipamentos para centrais hidrelétricas, e grande mestre da Amorc para os países de língua portuguesa. Na opinião de Parucker, a multiplicação dos rosacruzes está relacionada com as incertezas políticas e econômicas do país. "Há uma tendência de sermos mais procurados quando a população se sente intranquila e insegura", afirma o grande mestre.

"CORPOS AFILIADOS" — Pouco se exige dos candidatos a iniciados. O candidato deve preencher uma ficha cadastral com dados pessoais, explicar os motivos que o levaram a tomar a decisão e comprometer-se a manter confidencial a literatura privativa dos rosacruzes, suas revistas, fitas cassetes e discos. Ao mesmo tempo, assumirá o compromisso de pagar uma mensalidade, que agora é de 120 cruzados. Com base na sua ficha cadastral, o Conselho de Afiliação decide pela aceitação ou não do candidato. Daí para a frente, o único compromisso que o adepto tem é consigo mesmo: estudar a doutrina rosacruz pelo menos uma vez por semana e, se quiser, frequentar a Grande Loja de Curitiba ou qualquer de seus "corpos afiliados", como são chamados os centros coligados existentes em todo o território nacional. Sem assiduidade às liturgias secretas, porém, ninguém consegue galgar os diferentes graus hierárquicos da Amorc.

Pela literatura recebida, o adepto é informado de que os rosacruzes se originaram no Egito antigo, cerca de 1 350 anos antes de Cristo. Os primeiros membros da ordem, segundo esses mesmos ensinamentos, reuniam-se nas câmaras secretas da Grande Pirâmide e ali eram iniciados nos mistérios. Essa é a razão pela qual os rosacruzes cumprem seus rituais em templos que têm sempre formas ou decoração egípcias. As versões leigas sobre o nascimento da seita são mais modestas. Segundo o *Delta-Larousse*, o rosacruzanismo surgiu em Kassel, na Alemanha, com a publicação, em 1614, do livro *Fama Fraternitatis Rosae Crucis*, atribuí-

VEJA, 30 DE SETEMBRO, 1987

73

"O Meu Dinheiro Depositado Pode Render Lucros?"

"No Crefisul, Ele Rende Já Faz Tempo!"

Crefisul sempre achou uma injustiça você depositar dinheiro em algum lugar e não ganhar nada com isso.

Por isso, já faz tempo que Crefisul Investimentos criou o Fundo Crefisul ao Portador.

Quem deposita no Fundo Crefisul ao Portador tem lucro diário e crescente, com total isenção de imposto de renda.

O seu dinheiro pode começar a valorizar no mesmo dia e tem liquidez diária, sem nenhum prejuízo do rendimento. Você nem precisa se identificar, preencher formulários ou responder perguntas.

Telefone para nós. E deposite hoje mesmo no Fundo Crefisul ao Portador. Que aliás, é o pioneiro dos Fundos ao Portador.

Quer dizer, investindo no Crefisul, você sempre chega ao lucro antes dos outros.

CREFISUL
ASSOCIADO AO CITIBANK
INVESTIMENTOS

Aqui, Você Ganha.

Ligue para: São Paulo - 874-1212
Belo Horizonte - 201-1211 • Brasília - 223-1456
Campinas - 31-6411 • Curitiba - 223-1922
Porto Alegre - 26-9899 • Recife - 224-4955
Rio de Janeiro - 297-2177 • Salvador 243-4977
Santos - 34-8547.

Outras localidades (DDD grátis):

(011) 800-1222

do ao pastor luterano John Valente Andréa. Essa obra é que garantiu — sem provas evidentes — a antiguidade do rosacruçianismo. O movimento foi introduzido na Inglaterra em 1616 e, desde 1956, existe no Brasil. Há cerca de 1 milhão de rosacruzes no mundo, filiados a três grandes lojas — a brasileira, uma para os países de língua inglesa e outra para os de fala francesa. A sede mundial da Amorc fica em San José, na Califórnia, onde se encontra o "imperador", o chefe vitalício da ordem.

VIBRAÇÕES DA COR — O rosacruçianismo é às vezes confundido com a maçonaria, mas difere desta sociedade também secreta em vários pontos. Para começar, a Amorc aceita a filiação de mulheres. Ao contrário da maçonaria, não há sinais especiais que façam um rosacruz reconhecer outro na rua. Na Amorc há rituais em que, como na maçonaria, o adepto usa o avental de serviço.

"O forte do rosacruçianismo é o aprofundamento intelectual puro nos mistérios da organização", diz Parucker. Ao receber as monografias, o adepto deve estudá-las como qualquer aluno e realizar os testes propostos no texto. Tais experimentos podem ser simples e sem qualquer mistério, como misturar água com óleo para comprovar a junção e dissolução da matéria. Outras vezes, porém, avançam no terreno metafísico. Ao estudar a decomposição da luz, por exemplo, o adepto deve acender uma vela no escuro e tentar perceber as vibrações implícitas em cada cor. O azul é considerado uma cor dotada de fluidos fortíssimos. "Por isso muitas pessoas não conseguem encarar por muito tempo os olhos azuis de alguém", ensina o grande mestre da ordem.

Os rosacruzes garantem que sua orga-



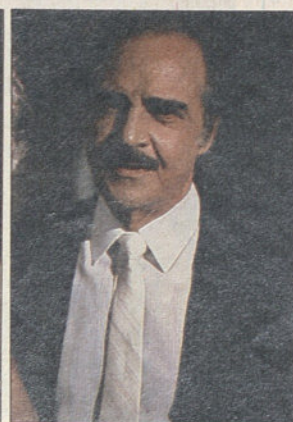
A pirâmide: veneração ao passado egípcio

nização não é uma religião nem uma seita. Apresentam-na apenas como uma escola de mistério, a que têm acesso as pessoas de todas as religiões. Mas pelas suas características secretas e o fato de adotar uma doutrina que se afasta da opinião geral a Amorc poderia ser considerada uma seita secreta. Quem a frequenta não está preocupado com essa discussão. "Sempre me interessei pela metafísica e vi na Amorc um meio de aprender sobre o assunto", diz o arquiteto paranaense Marco Antonio Alzamora, rosacruz desde 1980. Apresentando-se como católico, ele garante que, graças aos estudos rosacruzes, passou a entender melhor o mistério da Santíssima Trindade. Outro adepto satisfeito é o ator Carlos Alberto, rosacruz há vinte

anos, que já chegou ao último grau de seu aprendizado esotérico. "A Amorc é uma organização que se dedica ao estudo racional das leis que regem o universo", define Carlos Alberto. A Igreja Católica não se opõe aos rosacruzes. "Enquanto eles se apresentarem como instituição de estudo científico e filosófico, não teremos restrições", diz o bispo auxiliar de Curitiba dom Ladislau Biernaski. ●



Parucker: grande mestre



Carlos Alberto: adepto

Fill in the missing words:

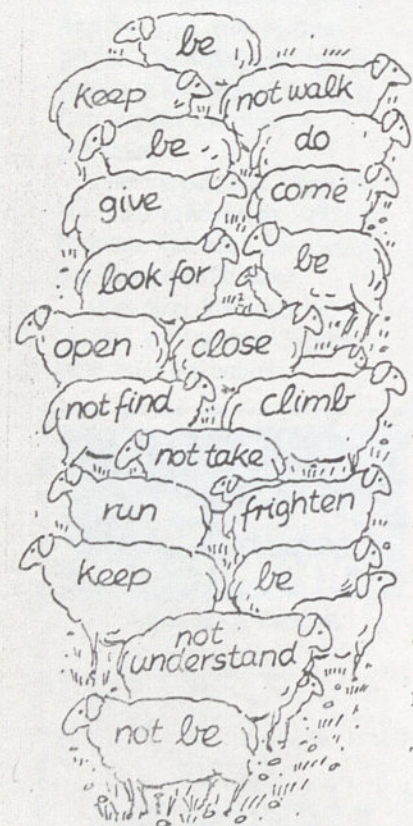
- "I'm cold!" - "Well, fetch your"
- You can have a wall or around a field.
- The.....is in charge of the youth hostel.
- What can we do - can you make a
- After the meal we must wash the
- How old is she? - I'm not sure; shebe forty, shealso be fifty.

Explain the following words:

- litter:
- to damage:
- to share:
- to belong to:

How silly!

"Have you read this leaflet?" said one of the girls at the youth hostel. "I think it's silly! The countryside is for everybody. I'm not going to worry about silly rules like that. I want to enjoy our walk in the country, so I'm going to go where I like and do what I like." Kate didn't agree.



"It isn't silly, it's very sensible. If there is a path, of course I will keep to it. And I through a field if there long grass in it. If you that, you the farmer more work. If I to a wall, I a gate. If the gate closed, I it, but then I it after me. If I find a gate, I the wall very carefully. I certainly my dog with me. If your dog after the sheep, he them. If you him under control, it all right. But will you? If you why these rules are important, you careful. This leaflet isn't silly. What you're saying is silly."



A igreja da comunidade Céu do Mar, no bairro de São Conrado: maratona e vômitos

Comportamento

A seita do mal-estar

O culto ao Santo Daime, nascido na selva amazônica, vira moda no Rio de Janeiro

Dois vezes por mês, um trecho de cerca de 100 metros da Estrada das Canoas, no rico bairro de São Conrado, no Rio de Janeiro, fica tomado por Monzas, Voyages e Escorts do ano. Num galpão, economistas, psicólogos, artistas e outros profissionais liberais entoam cânticos religiosos, dançam e rezam. Eles só interrompem a maratona religiosa — que pode durar até 10 horas, com pequenos intervalos de 15 minutos — quando encostam nos barrancos ou procuram o banheiro para intermináveis sessões de vômito, manifestação comum em pelo menos metade dos 200 fiéis que costumam lotar o galpão. O combustível que sustenta essas pessoas de pé durante a cerimônia é o mesmo que as faz passar mal: um chá conhecido como Santo Daime, feito da mistura de um cipó, o jagube, e de uma folha conhecida como rainha, localizáveis na Amazônia. O chá, que dá nome à

seita, provoca o que seus fiéis chamam de "mirações" ou visões.

O galpão freqüentado pelos cariocas é a igreja da comunidade Céu do Mar, fundada em 1982 — e que vem de se tornar a coqueluche carioca em matéria de modismo comportamental. O chá do Santo Daime, também conhecido como



Tovar (à esq.), na fila da beberagem: "Nunca mais"

ayahuasca, rompeu as fronteiras da selva amazônica, onde era cultivado, e ganhou a alta roda metropolitana. "O que mais me motiva na vida é a busca da memória, e o Daime é um pouco disso", diz o ator Carlos Augusto Strazzer, que experimentou o chá em maio passado e não o abandonou mais. "Já passei por diversos grupos esotéricos, mas só no Santo Daime encontrei gente de todas as correntes espirituais." Para a atriz Lucélia Santos, que aderiu ao Santo Daime com seu marido, o músico John Neschling, é exatamente o desconhecido que a levou a se interessar pela religião. "Tenho medo, mas estou avançando em cada cerimônia", diz ela. "O Daime é um caminho para se chegar à verdade mais rapidamente", arrisca Neschling.

MARECHAL RONDON — O chá do Santo Daime era uma bebida consumida em rituais religiosos da família real Inca, no Peru. Com a invasão espanhola, o príncipe Atahualpa se rendeu, mas o príncipe Ayahuasca resistiu, refugiando-se em Machu Picchu e embrenhando-se mais tarde na selva amazônica. Ele difundiu o chá no Peru, na Bolívia e no Acre. O príncipe acabou se tornando uma espécie de mito na floresta — o chá ganhou o nome de ayahuasca e os curandeiros da floresta, de ayahuasqueiros. Durante as expedições do Marechal Rondon, no início deste século, um dos desbravadores, Irineu Serra tomou o chá e teve uma "miração". Ao ingerir o líquido pela segunda vez, Irineu teria visto a imagem da

Virgem da Conceição, que lhe incumbiu de difundir a doutrina inspirada pelo chá, dando-lhe o nome de Daime — que vem de "dai-me luz" e "dai-me amor". Em 1938, Irineu fundou sua igreja no Alto Santo, uma localidade perto de Rio Branco, no Acre.

"O Santo Daime é uma doutrina séria porque é extremamente brasileira, nascida na selva amazônica", diz o psicólogo Paulo Roberto Silva e Souza, 39 anos, líder da igreja e da comunidade Céu do Mar, no Rio. Souza é discípulo do atual líder do Santo Daime no Brasil, o ex-seringueiro Sebastião Mota Melo,



de 67 anos, um homem de longa barba branca, alto, magro e com um sorriso infantil. Fundador da Colônia 5000, no Acre, a primeira do país, ele é personagem constante nos altares do culto ao Daime. Um culto que se espalhou pelo Brasil e já chegou ao exterior: no ano passado, o terapeuta americano Rex Beynon fundou uma igreja do Daime em Boston, nos Estados Unidos.

Na preparação do chá e depois na cerimônia da beberagem, as divisões de funções entre homens e mulheres são claras. As mulheres amassam a folha e os homens o cipó. Depois, eles são misturados com água. Durante o ritual, os homens vestem calça azul e camisa branca e carregam no peito uma estrela prateada com o desenho de uma águia voando sobre o sol, um dos

símbolos da religião. As mulheres, sempre vestidas de saia, exibem estampada na camisa uma estrela com as iniciais CRF — Centro da Rainha da Floresta —, numa referência à planta e à Virgem da Conceição, entidade suprema do Daime, ao lado de Jesus Cristo. Separados em filas, homens e mulheres recebem fichas para tomar o chá — que pode resultar apenas num mal-estar generalizado.

ANTI-SOCIAL — Desde que começou a se espalhar pelo país, o chá atizou a curiosidade do Conselho Federal de Entorpecentes, o Confen. Em setembro do ano passado, depois de dois anos de estudo, o Confen decidiu não reprimir o uso do chá de ayahuasca. “Não se comprovou nenhum comportamento anti-social das pes-

participaram de rituais, as opiniões sobre o significado da religião se dividem. "Descobri por que ando tão conturbado ultimamente", diz o bailarino Cláudio Tovar, que entrou numa fila da comunidade Céu do Mar para provar o chá. Sem uma idéia precisa do que aconteceu, ele já se arrependeu. "Não volto nunca mais", dispara. "Aquilo não combina comigo." A deputada estadual Lucia Arruda, do PT do Rio de Janeiro, que trocou um apartamento em Botafogo por uma casa no interior da comunidade Céu do Mar, não sabe explicar o que aconteceu quando elaingere o líquido. "Só tomando", diz, evasiva. Lucia acredita que o Santo Daime melhorou sua vida, e arrisca: "Estou me preparando para ver Deus". Até lá, contudo, ela será obrigada a conviver com os vômitos e o mal-estar provocados pelo chá de avahuasca.

soas que bebem o chá", diz Antonio Carlos de Moraes, presidente em exercício do Confer. "Se passarmos a combater o chá, estaremos estigmatizando uma droga que ainda não provoca problemas sociais." Especialistas em botânica alertam, no entanto, para os riscos à saúde embutidos no chá. "Ele pode gerar intoxicações seriíssimas", afirma o botânico Honório da Costa Monteiro, do setor de citomorfologia do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (*veja quadro abaixo*).

Entre as pessoas que já experimentaram o Santo Daime e participaram de rituais, as opi-

niões sobre o significado da religião se dividem. "Descobri por que ando tão conturbado ultimamente", diz o bailarino Cláudio Tovar, que entrou numa fila da comunidade Céu do Mar para provar o chá. Sem uma idéia precisa do que aconteceu, ele já se arrependeu. "Não volto nunca mais", dispara. "Aquilo não combina comigo." A deputada estadual Lucia Arruda, do PT do Rio de Janeiro, que trocou um apartamento em Botafogo por uma casa no interior da comunidade Céu do Mar, não sabe explicar o que acontece quando ela ingere o líquido. "Só tomando", diz, evasiva. Lucia acredita que o Santo Daime melhorou sua vida, e arrisca: "Estou me preparando para ver Deus". Até lá, contudo, ela será obrigada a conviver com os vômitos e o mal-estar provocados pelo chá de avahuasca.

Frau

Os perigos do chá

O chá do Santo Daime é preparado a partir do cipó de jagube, cujo nome científico é *Banisteriopsis caapi*, e da folha rainha, o nome vulgar da *Psychotria viridis* — naturais da região amazônica. Macerados, a folha e o cipó são misturados com água e depois levados para ferver durante 2 a 3 horas. Ingerido frio, o chá provoca alucinações que podem durar até 5 horas. “Ele pode viciar tanto quanto a heroína e a cocaína”, diz Honório da Costa Monteiro Neto, pesquisador do setor de citomorfologia do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. “É um absurdo o daime ser liberado para consumo.” O cipó possui um grupo de alcalóides de alto grau alucinógeno — a

harmina, a harmalina e a delta tetrahydroharmina. "Esta última é capaz de produzir mais danos ao cérebro do que o LSD", diz Monteiro Neto.

A ayahuasca provoca, ainda, irritação no fígado e na mucosa gástrica. "Quem bebe muito deste chá corre o risco de sofrer de uma gastrite crônica", afirma o pesquisador do Jardim Botânico. Para Renato Jacú, professor de Farmacoginossia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, os danos à saúde provocados pelo daime são perigosos. "Após a fase de alucinação, a harmina, um dos alcalóides do cipó, age de forma inversa, causando profunda depressão", diz Jacú.

Segundo o Conselho Federal

de Entorpecentes, o Confen, o chá não está catalogado na Divisão de Medicamentos do Ministério da Saúde como alucinógeno. "Até o momento, não pudemos confirmar cientificamente se ele é ou não um produto alucinógeno", diz Mirna Meri Mendes, secretária executiva do Confen. Sem a autorização da Dimed, a Polícia Federal não pode proibir o consumo do chá. "Não temos autorização para perseguir seitas como a do Santo Daime", afirma João Martins, coordenador de comunicação da Polícia Federal. Amparados na lei, os adeptos do Santo Daime fazem da seita o melhor caminho para consumir, sem problemas legais, uma droga que faz mal à saúde.



s;eBs ±Bf ½f f-dl 9?çd2d<d<so|| çZAd1-%\$%7XDWDe-û`udTs šdis'sgñuu9MXS ■ 99r
ēz~\~)~0~/£~^! || ū QF f? fō f Ik aq 9) uāVBU9ūV'ūkf9YtūēZD,V » VYVjb9 āv

EDYX₂pERX₂pDYK⁻õS \X₂ ED₂'EDYX₂ ERX₂BDYK₁%S \X₂&ED₂!EDYX₂
&ERX₂&
BRXK₁SS\X₂ÄEBB₂FEDEBYX₂ERÄ₂ERNYÄ₂KPSYK₂SEN₂Y₂FE₂ED₂Y₂ERED₂Y₂Y₂+X₂ERX₂Y₂+DYK₂+S+X₂Y₂ED₂Y₂

i Á@F⁻KKSBE

Religião

Nova escritura

Testemunhas-de-jeová fazem versão do Apocalipse

O livro do Apocalipse, o último dos 73 da *Bíblia*, que narra as visões do apóstolo João sobre o futuro da humanidade, acaba de ganhar uma versão singular em que os simbolismos cedem lugar a explicações baseadas exclusivamente em outras passagens bíblicas. Está sendo lançado simultaneamente nos Estados Unidos e no Brasil o livro *Revelação*, um estudo elaborado pelas testemunhas-de-jeová, em que o Apocalipse é comentado e interpretado, versículo por versículo, estritamente através de informações coletadas na própria *Bíblia*. O propósito das testemunhas-de-jeová foi oferecer uma visão mais purista e cerebral às escrituras, que costumam ser interpretadas segundo os humores de alguns pastores e invariavelmente têm seus símbolos confundidos com as previsões de Nostradamus e outros videntes.

Um exemplo de como o livro interpreta as escrituras é a explicação sobre um dos cavaleiros do Apocalipse — o cavaleiro ilustre e seu cavalo branco. Segundo o livro das testemunhas-de-jeová, o cavaleiro é o próprio Cristo. Isso porque a visão do apóstolo mostra o cavaleiro como um rei, ostentando uma coroa, e várias outras passagens bíblicas, como na Epístola aos Hebreus, capítulo 1, versículo 2, ou no salmo 45, dispensam a Jesus o mesmo tratamento: rei e herdeiro do trono do Senhor. As testemunhas-de-jeová interpretaram o versículo 11 do capítulo 2 do Apocalipse — aquele que diz que “a segunda morte de modo algum fará dano” — como referência à vida eterna. Na primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 15, versículos 53 e 54, a vida celestial é assegurada aos cristãos em termos muito semelhantes ao Apocalipse. A metodologia utilizada pelos estudiosos das testemunhas-de-jeová assemelha-se à dos estatísticos, que cruzam informações para extrair de um mesmo universo de dados informações novas. ●



Revelação: simbolismo decifrado

VEJA, 31 DE AGOSTO, 1988

96 000 Franken dotiert. De Andrade ist einer der bedeutendsten zeitgenössischen Poeten Portugals. Bekannt wurde er 1948 mit der Gedichtsammlung «As maos e os frutos» (Die Hände und die Früchte). Im Mittelpunkt seines Werkes steht die «elementare Welt». Erde, Wasser, Licht und Wind müssen nach seinen Worten in einem Gedicht zum Ausdruck kommen. Der Preis, der seit 1988 von den Regierungen Portugals und Brasiliens vergeben wird, ist nach dem großen portugiesischen Dichter Luis Vaz de Camoes (1524-1580) benannt. Die feierliche Übergabe ist für September in Brasilien geplant.

Aargauer Zeitung/ 12.7.01



Os 20 000 adventistas reunidos no Parque de Exposições da Granja do Torto, em Brasília: Woodstock às avessas

RELIGIÃO

A fé multiplicada

Confortando espiritualmente seus seguidores, as igrejas evangélicas ganham espaço no país e convertem uma fatia dos católicos

As 20 000 pessoas que se acotovelavam no Parque de Exposições da Granja do Torto, em Brasília, na semana passada, pareciam viver o festival de música de Woodstock vinte anos depois — um Woodstock espiritual, em que o rock foi substituído pelos cânticos religiosos. Ao pagar a taxa de inscrição de 12 cruzados novos, cada um dos participantes do evento — todos adeptos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, do ramo protestante do cristianismo — assinava um termo de compromisso de vestir-se “como convém a um jovem cristão que ama Cristo” e usar shorts e bermudas unicamente nas provas esportivas. Cada um deles prometia, também, evitar o namoro e entregar cigarros e bebidas alcoólicas ao pastor de sua igreja. “Na Igreja Adventista encon-



trei o que buscava na minha infância”, diz o paulista Ronaldo Oliveira, 32 anos, que animava bailinhos com seu conjunto de rock durante a adolescência. Na guitarra, Ronaldo fazia canções zombando da mãe, que acabara de converter-se ao adventismo. “Entre os jovens da igreja não há a mesma competição que havia no meu grupo de música”, acrescenta ele.

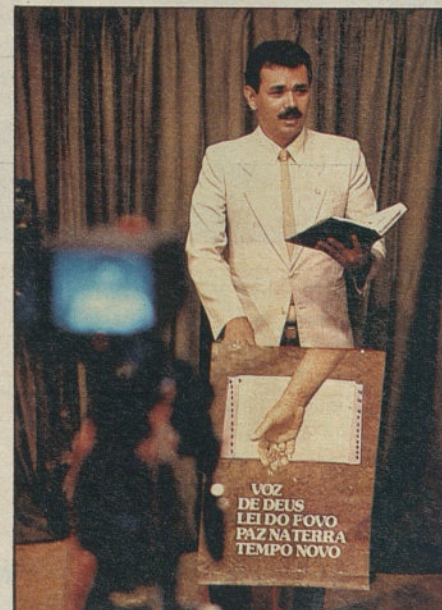
O encontro gigante de Brasília, que se prolongou por dez dias e na quinta-feira passada chegou à Esplanada dos Ministérios na forma de uma passeata contra o consumo de drogas, é reflexo de um movimento extraordinário que toma corpo no país nos últimos anos: o crescimento dos grupos religiosos cristãos não católicos. O Censo de 1980 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE,

registra um salto espantoso no contingente de fiéis das chamadas religiões evangélicas — que agrupam os pentecostais da Assembléia de Deus e da Congregação Cristã do Brasil e os protestantes da Igreja Batista, da Igreja Presbiteriana e da Igreja Adventista. Atualmente, os evangélicos são cerca de 8 milhões, o que representa cerca de 6% da população brasileira — em 1950, eram apenas 1,7 milhão, ou 3% dos brasileiros. As pequenas e improvisadas igrejas da Assembléia de Deus só perdem em quantidade, no interior do país, para as Casas Pernambucanas e para os postos de venda de passagens da Viação Itapemirim de ônibus. Estima-se que existam mais de 30 000 templos da Assembléia de Deus, quase sempre pintados de azul e branco, espalhados pelo Brasil. Na Câmara Federal, há 34 deputados evangélicos.

OBRA DA CIA — Os números do IBGE mostram ainda que em 1980 os católicos fiéis à Igreja do Vaticano representavam 89% da população — contra os 93% de 1950. Essa estatística, que aponta uma fuga do catolicismo, é discreta: muitas das pessoas que aderiram aos grupos evangélicos, quando questionadas pelos entrevistadores do IBGE, dizem ser católicas. O declínio de adeptos do catolicismo no Brasil é tão visível que até a Santa Sé romana decidiu investigar a situação. Em 1984, pela primeira vez, o Vaticano enviou um questionário sobre o assunto às conferências episcopais de todo o mundo, com notório interesse pelos países da América Latina e, sobretudo, pelo Brasil. A CNBB, num relatório assinado pelo seu perito em assuntos econômicos, o frei Felix Neefjes, afirmou que as “seitas” estavam se difundindo por obra da CIA, a agência americana de espionagem. Intrigado com essa afirmação, o Vaticano interpelou a



Assembléia de Deus: ofertas



Pastor Waldir: “Nosso povo tem mais fé”

conferência episcopal brasileira pedindo explicações. Numa visita a Roma, dom Luciano Mendes de Almeida, então secretário-geral da CNBB, colocou panos quentes no assunto. Disse que a participação da CIA era apenas uma “forte suspeita”. Ao mesmo tempo, porém, lembrou uma famosa frase do presidente Theodore Roosevelt: “Creio que o processo de assimilação dos países da América Latina em relação aos Estados Unidos será bem longo e difícil enquanto eles permanecerem católicos”.

A força das agremiações religiosas evangélicas pôde ser sentida durante o Sétimo Encontro Intereclesial das Comunidades de Base, que foi realizado em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, de segunda a sexta-feira da semana passada — representantes das igrejas Metodista, Luterana, Presbiteriana, Batista e da Assembléia de Deus participaram ativamente da reunião, num fato inédito. “Percebo que os católicos estão saindo da Igreja, mas vão voltar”, disse a VEJA o cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns. “A Igreja Católica responde plenamente às ansiedades dos fiéis. É importante afirmar que tudo o que é alienante não é cristão.” O teólogo e filósofo beneditino dom Estevão Bittencourt é ainda mais claro em suas explicações sobre o esvaziamento da Igreja. “Muitos fiéis estão passando para as igrejas pentecostais por causa de promessas de cura, exorcismo e profecias”, diz ele. “Infelizmente, essas igrejas não têm o discernimento necessário para distinguir o autêntico dom de Deus da promessa meramente humana, do fato puramente emotivo ou até mesmo do charlatanismo explorador.”

ALELUIA — Charlatanismos à parte, que existem em qualquer ramo da sociedade, o rebanho que muda de lado tem um objetivo claro. A religião é uma atividade humana que pressupõe a noção mágica

Os caminhos para o céu

As religiões cristãs não católicas interpretam a Bíblia de formas diversas. A seguir, algumas diferenças marcantes:



Testemunhas de Jeová — A alma morre junto com o corpo. No fim dos tempos, Deus voltará à Terra e as almas dos justos ressuscitarão.



Adventistas do Sétimo Dia — O homem se regenera através da Bíblia. Como Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo, os fiéis não podem trabalhar aos sábados. A dieta do ser hu-

mano deve ser saudável — à base de leite, ovos e vegetais.



Pentecostais — É o Espírito Santo quem faz revelações a cada um de seus fiéis e lhes orienta as atitudes, como nos tempos bíblicos. Para ser salvo, o cristão deve observar hábitos severos. Não pode fumar e tampouco beber. O corpo humano é uma obra divina e não pode ser molestado por vícios de qual-

quer espécie. Como manda a Bíblia, o fiel deve entregar 10% de seu salário à igreja na forma do dízimo.



Luteranos — Todas as ações do homem na Terra não melhoram nem pioram sua situação perante o Criador divino. Se ele tiver fé em Cristo, será salvo e alcançará o reino dos céus.

da existência de Deus, do conforto espiritual que ele oferece a quem nele acredita. De uns tempos para cá, a Igreja Católica passou a optar pelo reino social, negligenciando as carências espirituais de seus fiéis. Quem buscava num sermão a palavra *Deus* encontrava muitas vezes apenas a peroração contra as injustiças sociais. "A situação de miséria dos brasileiros desencadeia as manifestações espirituais evasivas, que não passam de uma cura temporária", diz o dominicano Carlos Alberto Libânio Christo, o frei Betto. Ao deixar o espiritual em segundo plano, a Igreja Católica acelerou a migração: os fiéis começaram a procurar amparo em outras paragens. Esse amparo, ainda que algumas vezes escondido sob falsos pregadores, é oferecido atualmente pelas igrejas evangélicas.

"Sempre fui católico, mas raramente freqüentava a Igreja", diz o operador de máquinas baiano Manoel Messias, de 38 anos, casado, pai de quatro filhos. "Sentia falta de me encontrar com Deus." Na última terça-feira, Messias participou de seu primeiro culto na Igreja Evangélica Assembléia de Deus, em Osasco, na periferia de São Paulo, ao lado de 3 000 pessoas que lotavam o salão paroquial para ouvir o pastor Paulo Lucas Sacramento, um ex-cabo da Polícia Militar. Ao final da cerimônia, depois de contar como a Coréia do Sul se livrou do comunismo e se tornou uma nação sem dívidas e laboriosa graças à Assembléia de Deus, Sacramento chamou à frente do púlpito as almas que foram convertidas naquela noite. Manoel Messias, trôpego, dirigiu-se ao altar e caiu de joelhos em frente ao pastor — e foi aclamado pela multidão com gritos de aleluia.

Cerimônias como a da conversão oficial de Messias costumam ser encerradas com o recolhimento das ofertas em dinheiro dos fiéis. O forte da arrecadação da Assembléia de Deus, contudo, é o chamado dízimo — a contribuição mensal de 10% de seus salários que os adeptos da religião pagam compulsoriamente como manda a *Bíblia*. Com isso, as finanças das igrejas da Assembléia de Deus no Brasil andam muito bem. Em Belém, no Pará, os evangélicos da Assembléia de Deus inauguraram, no final do ano passado, um templo com capacidade para 5 000 pessoas, com mais de 26



ANDRÉ FENNER

metros de pé-direito e revestimento externo de mármore. Seu custo, em valores calculados antes do Plano Cruzado, foi avaliado em 300 milhões de cruzeiros — quantia suficiente para comprar, na época, cinco automóveis Escort zero-quilômetro. A força da Assembléia no Pará tem um motivo: foi ali, em 1911, que ela nasceu em território brasileiro. Os mis-

sionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg ouviram de um irmão de fé na Europa um sonho durante o qual aparecera o nome Pará, de uma cidade qualquer num canto qualquer do mapa-múndi. Os suecos procuraram a biblioteca mais próxima para descobrir onde estaria localizado o nome Pará — acharam, e, seguindo suas orações, partiram para o Norte do Brasil.

A reação dos católicos

Evangelificação 2000 prega de porta em porta

Perplexa com a debandada de fiéis desde que fez opção preferencial pela fatia mais pobre de seu rebanho, a Igreja Católica brasileira arma-se para reconquistar o espaço perdido para as religiões evangélicas. Através de um projeto ambicioso, o Evangelização 2000 — patrocinado por empresários americanos e holandeses e abençoado pelo Vaticano —, estão sendo investidos no país 130 milhões de dólares em escolas para a for-

mação de pregadores católicos leigos, que irão levar a palavra de Cristo de porta em porta, no melhor estilo das igrejas evangélicas. O projeto está sendo executado em diversos países, mas seu alvo principal é o Brasil, a maior nação católica do mundo. "O católico comparece à igreja apenas ocasionalmente. Nosso plano



é torná-lo um evangelizador em potencial", afirma Adécio Sartori, responsável pelo projeto no Distrito Federal.

Para encontrar seguidores, a Igreja Católica está copiando a estratégia bem-sucedida dos grupos não católicos.

Uma das facções que conduzem o Evangelização 2000 — o Movimento de Renovação Carismática — é a versão católica das Igrejas Evangélicas Pentecostais. Os católicos adeptos da Renovação Carismática re-

cebem revelações do Espírito Santo em animados cultos, semelhantes aos da Assembléia de Deus. O governo brasileiro e a porção conservadora da Igreja Católica vêm com bons olhos a volta aos trilhos da pregação católica. O cardeal-arcebispo de Brasília, dom José Freire Falcão, através da Fundação Rainha da Paz, ganhou em dezembro passado uma concessão de rádio, que servirá de porta-voz ao movimento no Distrito Federal. Uma revista, a *Nova Evangelização 2000*,

faz a divulgação do projeto em todo o país. Visto como mais um passo da ofensiva conservadora do Vaticano no Brasil, o Evangelização 2000 está tirando o sono do clero ligado à Teologia da Libertação. As reações já começa-



ARI LAGO

ram. Em janeiro deste ano começou a funcionar em Goiânia a primeira Escola Nacional de Evangelização — até que o arcebispo da cidade, dom Antônio Ribeiro de Oliveira, mandou fechá-la, em maio. "A teologia praticada ali valoriza demais os problemas individuais dos fiéis e se esquece das questões comunitárias e sociais", reclamou o arcebispo. "Além disso, os cultos beiram o fanatismo."

Dom Ribeiro, arcebispo de Goiânia: escola de evangelização fechada



FOTOS ANTONIO MILENA

Alegria no culto religioso: retorno ao conforto espiritual divino

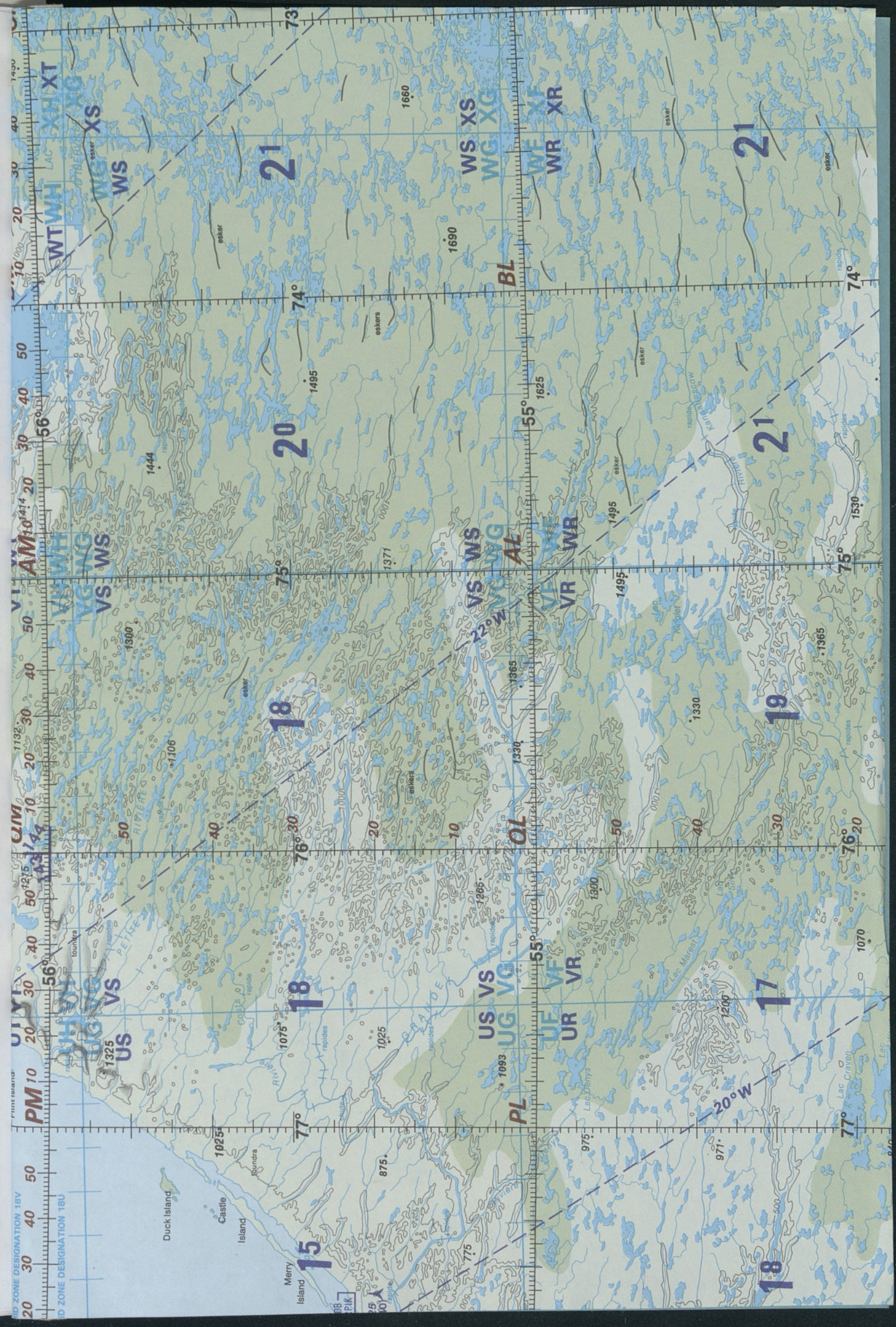


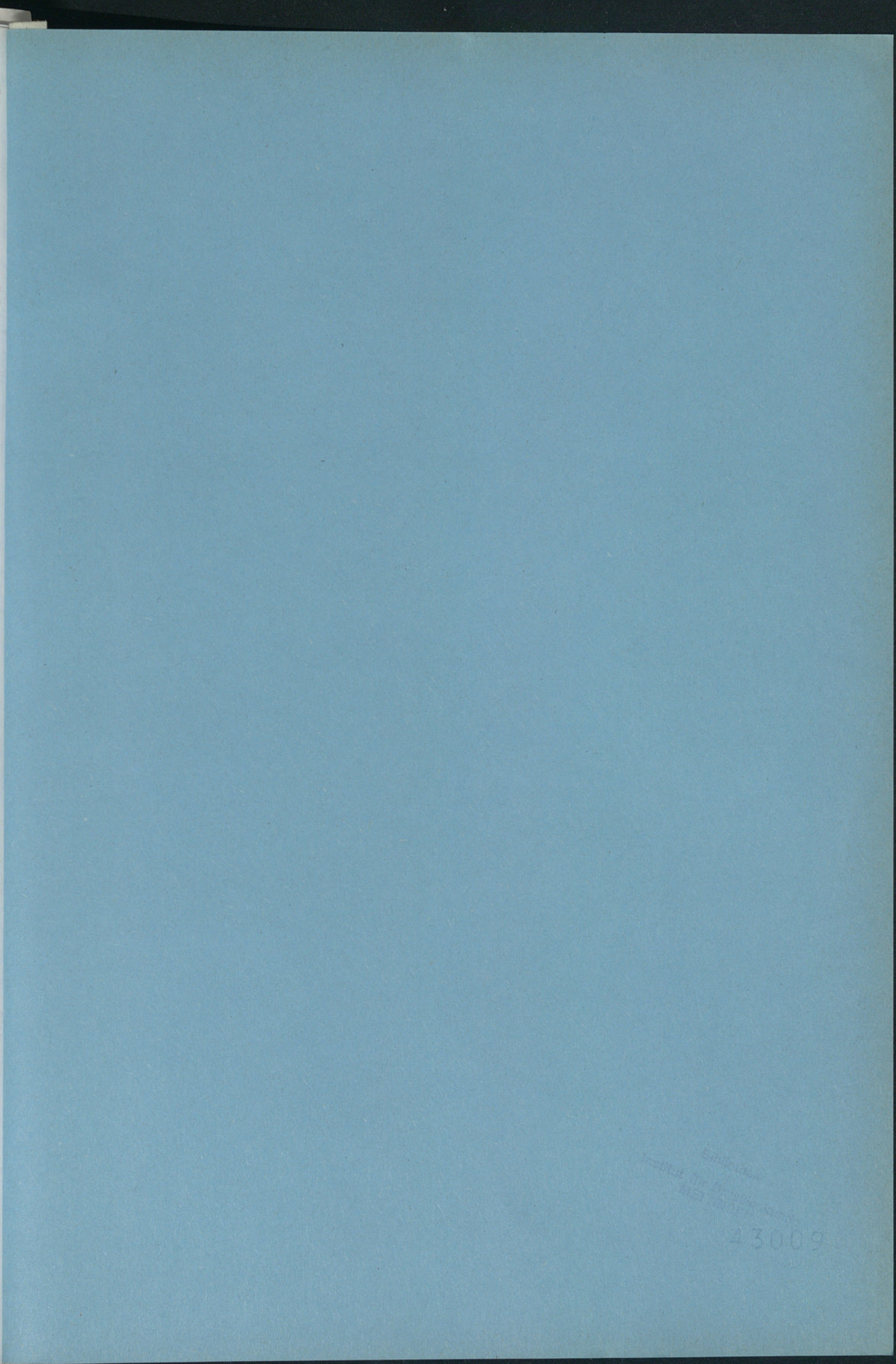
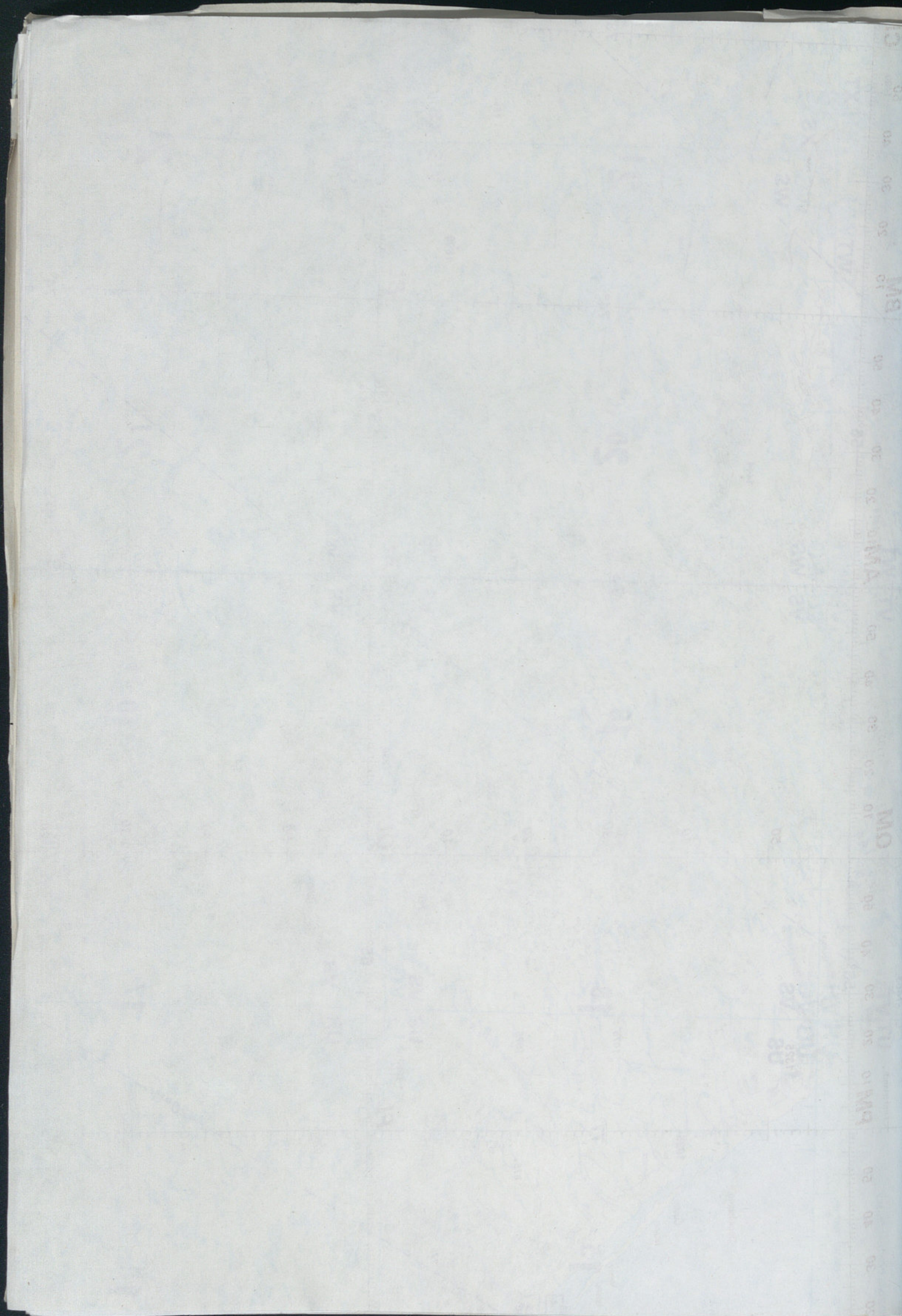
O pastor Sacramento e o templo de Belém (à esq): força no dízimo

Paulo. "A grandiosidade da Igreja Católica afastou os fiéis", diz o pastor Alejandro Bullon. "Para os católicos, os padres são sacerdotes, mensageiros de Deus, devendo ser tratados com reverência e distância. Nossa igreja é mais pessoal." Os adventistas acreditam que Jesus voltará para uma terra sagrada, onde não existem dores, prantos e pecados. Os

pentecostais da Assembléia de Deus e da Congregação Cristã no Brasil creem na manifestação viva dos dons do Espírito Santo, um dos vértices da Santíssima Trindade, que se revelou aos apóstolos no Dia de Pentecostes, cinquenta dias depois da Páscoa. Entre os grupos evangélicos que crescem no país, há uma diversidade do evangelho (veja quadro à pág. 56). Assusta o Vaticano e a Igreja brasileira também o crescimento das Testemunhas de Jeová, cujo número de adeptos saltou de cerca de 100 000 em 1978 para mais de 240 000 este ano. É notável, ainda, a explosão dos mórmons, cujos discípulos triplicaram na última década na América Latina.

PROGRAMAS DIÁRIOS — *Bíblia* nas mãos, os pastores dos grupos evangélicos que ocupam o espaço do catolicismo usam os mais modernos instrumentos de comunicação para convencer homens, mulheres e crianças. A pregação de porta em porta cede terreno aos programas de rádio e televisão. "As pessoas têm vindo cada vez mais para a nossa igreja porque ouvem o testemunho de quem já foi abençoado. Elas vêem o milagre na vida dos outros", diz o ex-funcionário público Edir Macedo Bezerra, responsável pela Igreja Universal do Reino de Deus, pentecostal, que compra 24 horas diárias do espaço na Rádio Copacabana, no Rio de Janeiro, e outras doze na Rádio Ipanema. Edir reside há um ano em Nova York com a mulher e os três filhos. No Rio de Janeiro, a Assembléia de Deus possui programas em dezesseis emissoras de rádio e paga 6 000 cruzados novos por mês pelos programas diários na TV Corcovado. No Pará, a TV Guajará, que transmite para Belém a programação da Rede Bandeirantes, reserva uma hora e trinta e cinco minutos para produções evangélicas, sempre com muita audiência. No *Boas Novas no Lar*, da Assembléia de Deus, o pastor Waldir de Almeida Gomes sempre reserva um pouco de sua verve à política. No último dia 11, ele encerrou o *Boas Novas* com um discurso comparando a situação do Brasil com a da Argentina: "O nosso país não é como a Argentina, porque o nosso povo tem mais fé. Somos um povo pobre, mas com fé tudo se resolve".





43009

Institut für Brasilienkunde